

# HOSPITAL



ARTHUR  
HAILEY

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Arthur Hailey

# **Hospital**

Tradução de Marisa Murray

# I

No começo da manhã de um ensolarado dia de verão, a vida no Hospital de Três Condados declinava e aumentava como as correntes da maré em volta de uma ilha. Fora do hospital, os cidadãos de Burlington, Pensilvânia, transpiravam sob uma temperatura de quarenta graus à sombra, com setenta e oito por cento de umidade. Mais abaixo, perto dos moinhos de aço e da estação ferroviária, onde havia pouca sombra e nenhum termômetro, a temperatura, se alguém tivesse se incomodado em tomá-la, teria sido bem mais alta. Dentro do hospital estava mais fresco do que fora, embora não muito. Entre os pacientes e os funcionários, somente os mais afortunados ou mais influentes escapavam ao pior do calor, nas salas de ar condicionado.

Não havia ar condicionado na recepção, no andar principal, e Madge Reynolds, pegando na sua mesa o décimo quinto lenço de papel daquela manhã, enxugou o rosto e decidiu que era tempo de sair para fazer outra aplicação de desodorante. Miss Reynolds, com trinta e oito anos, era a principal funcionária da recepção e também uma assídua leitora dos anúncios de higiene feminina. Em consequência, considerava-se uma perfeita higienista e nos tempos de calor mantinha um ativo serviço entre sua mesa e o toailete feminino, que ficava pouco além, no corredor. Primeiro, entretanto, ela decidiu que deveria selecionar os quatro pacientes que seriam admitidos naquela tarde.

Alguns minutos antes a lista de altas do dia tinha vindo das enfermarias mostrando que vinte e seis pacientes seriam mandados para casa, em lugar dos vinte e quatro com que Miss Reynolds contara. Isto, acrescentando-se às duas mortes que haviam ocorrido durante a noite, significava que quatro novos nomes poderiam ser tirados da longa lista de espera para imediata internação.

Em algum lugar, em quatro lares e nos arredores de Burlington, o quarteto de pacientes que estava esperando por esta chamada, esperançosa ou medrosamente, poderia agora arrumar uns poucos pertences essenciais e depositar sua confiança na medicina praticada em Três Condados. Segurando o seu décimo sexto lenço de papel, Miss Reynolds abriu um volumoso fichário, pegou o telefone em cima de sua mesa e começou a discar.

Mais felizes do que os funcionários da recepção no calor eram aqueles que esperavam tratamento nas clínicas para pacientes de fora, agora em pleno funcionamento na ala oposta do andar principal. Eles, pelo menos, poderiam deliciar-se com o ar condicionado, quando chegasse a sua vez de entrar num dos seis consultórios que davam para a sala de espera geral. Dentro dos consultórios, seis especialistas usavam os seus exclusivos talentos, completamente de graça para aqueles que não podiam ou não queriam pagar as taxas para pacientes particulares, que eram cobradas no consultório dos especialistas, no Edifício de Artes Médicas, no centro da cidade.

O velho Rudy Hernet, que trabalhava periodicamente como operário, quando sua família o tinha forçado a consultar-se, reclinou e relaxou seu corpo na atmosfera confortável e fresca, enquanto o Dr. Mc Ewan, o especialista de ouvidos, nariz e garganta, pesquisava a causa da surdez crescente de Rudy. Na realidade, Rudy não se incomodava muito com a surdez. Por vezes, quando os capatazes queriam que fizesse mais alguma coisa ou que trabalhasse mais depressa, achava que era até uma vantagem, mas seu filho mais velho tinha decidido que ele deveria mandar examinar os ouvidos, e aí estava ele.

Mc Ewan reclamou irritado ao retirar o otoscópio do ouvido do velho Rudy.

— Ajudaria um pouco se você costumasse lavar um pouco dessa sujeira — comentou ele acremente. Tal mau humor não era comum

em Mc Ewan. Esta manhã, entretanto, sua mulher tinha continuado na mesa do café uma briga pendente sobre as despesas da casa, que começara na noite anterior. Isto fizera com que, mais tarde, ao tirar o seu novo Oldsmobile da garagem, estivesse tão nervoso que amassara o para-lama direito traseiro. Entretanto, Rudy olhou para ele inocentemente.

— O que disse? — perguntou.

— Eu disse que poderia ajudar... Ora, não tem importância.

Mc Ewan estava conjecturando se o estado do velho seria devido à senilidade ou a um pequeno tumor. Era um caso intrigante e já o seu interesse profissional tinha superado a sua irritação.

— Eu não o ouvi — dizia o velho outra vez.

Mc Ewan levantou a sua voz. — Não foi nada, eu disse "esqueça".

Nesse momento ele estava feliz pela surdez do velho Rudy e levemente envergonhado do seu rompante. Na Clínica Médica Geral, o gordo Dr. Toynbee, acendendo um cigarro no que restava do último, examinou o paciente do outro lado de sua escrivaninha. Enquanto considerava o caso, ele sentiu uma leve dor no fígado e decidiu que devia deixar a comida chinesa por uma semana ou duas. De qualquer maneira, com dois jantares marcados para esta semana e com o Clube do Gourmet na próxima terça-feira, não seria muito difícil de suportar. Decidindo sobre seu diagnóstico, ele fixou os olhos no paciente e disse duramente:

— O senhor está com peso acima da média e vou pô-lo numa dieta.

É melhor parar de fumar também.

Cerca de cento e cinquenta metros de onde os especialistas mantinham consultas, Miss Mildred, a principal arquivista de Três Condados, transpirava abundantemente enquanto se apressava pelo corredor do andar principal. Mas, ignorando o desconforto, ela andava ainda mais depressa atrás de uma visão que há pouco desaparecera no corredor.

— Dr. Pearson, Dr. Pearson...

Quando ela conseguiu emparelhar com ele, o mais antigo patologista do hospital parou. Mudou o grande charuto que estava fumando para o outro canto da boca. Depois, disse irritado:

— O que é que há? O que é que há?

A pequena Miss Mildred, de cinquenta e dois anos, solteirona, um metro e meio apenas, apesar dos seus saltos muito altos, acovardou-se diante da carranca do Dr. Pearson. Mas os arquivos, as formas, as fichas eram a sua vida. Ela encheu-se de coragem:

— Estas autópsias precisam ser assinadas, Dr. Pearson. O Departamento de Saúde pediu cópias extras.

— Qualquer outra hora, agora estou com pressa.

Joe Pearson estava no seu pior humor. Miss Mildred manteve-se firme.

— Por favor, doutor, não lhe levará mais do que alguns minutos. Há três dias que venho tentando alcançá-lo.

Resmungando, Pearson cedeu. Pegando os protocolos e a caneta esferográfica que Miss Mildred lhe oferecia, ele se dirigiu para uma escrivaninha, murmurando enquanto garatujava assinaturas.

— Nem sei o que estou assinando. O que é isto? — É o caso Howden, Dr. Pearson. Pearson ainda estava irritado. — Há tantos casos... Eu não me recordo. Pacientemente, Miss Mildred tentou lembrar-lhe.

— É o trabalhador que morreu. Se o senhor se recorda, os seus patrões disseram que a queda deveria ter sido causada por um ataque do coração, porque de outra maneira as medidas de segurança a teriam evitado.

Pearson grunhiu.

— Sei.

Enquanto ele continuava assinando, Miss Mildred continuou o seu relato. Quando começava alguma coisa, gostava de terminá-la e

deixar tudo bem claro.

— A autópsia, entretanto, mostrou que o homem tinha um coração saudável e nenhuma outra condição física poderia ter causado sua queda.

— Eu sei disso tudo — atalhou Pearson. — Sinto muito, doutor, eu pensei... — Foi um acidente, eles terão que dar uma pensão à viúva.

Pearson atirou o seu comentário, depois ajustou seu charuto e rabiscou outra assinatura, quase rasgando o papel. Havia mais ovo do que de costume na sua gravata, pensou Miss Mildred, e imaginou há quantos dias o patologista não escovava o cabelo grisalho e desgrenhado. A aparência pessoal de Joe Pearson era uma piada e um escândalo no Hospital de Três Condados. Desde que sua mulher morrera, cerca de dez anos antes, ele tinha começado a viver sozinho, e seu modo de vestir tinha progressivamente piorado. Agora, aos sessenta e seis, sua aparência às vezes sugeria mais um vagabundo do que o diretor de um dos maiores departamentos do hospital. Embaixo da veste branca do laboratório, Miss Mildred podia ver um paletó de lã remendado, com casas de botões rasgadas e dois outros buracos, que eram, provavelmente, queimaduras de ácido; e calças cinza sem vinco caíam por cima de sapatos cambaios, que precisavam desesperadamente de graxa.

Joe Pearson assinou o último papel e atirou-o quase selvagememente para a pequena Miss Mildred.

— Talvez agora a senhora me deixe fazer um trabalho de verdade, pois não?

Seu charuto balançava para baixo e para cima, lançando cinzas, parte em cima dele mesmo, parte no linóleo encerado do chão. Pearson estava no Três Condados há bastante tempo para poder manter esta falta de polidez, que nunca seria tolerada num homem mais jovem, e também para ignorar os avisos de "É Proibido Fumar" que estavam postos em intervalos no corredor do hospital.

— Muito obrigada, doutor. Muito, muito obrigada.



Ele balançou a cabeça levemente, depois dirigiu-se para o hall principal com a intenção de tomar o elevador para o andar de baixo. Mas os dois elevadores estavam em andares acima. Com uma exclamação de aborrecimento, dirigiu-se a pé pelas escadas que levavam para a sua própria seção.

No andar de Cirurgia, três andares acima, a atmosfera era mais amena. Com a temperatura e umidade cuidadosamente controladas por todo o andar, os cirurgiões do corpo médico, os internos e as enfermeiras sob o uniforme verde esterilizado usavam um mínimo de roupa, e assim podiam trabalhar com conforto. Alguns dos cirurgiões tinham completado os seus primeiros casos da manhã e dirigiam-se para a sala dos médicos em busca de café, antes de começar as operações subsequentes. Das salas de operações que se alinhavam pelo corredor, asceticamente mantidas longe do resto do hospital, as enfermeiras estavam começando a levar os pacientes em suas macas, ainda sob anestesia, para uma das duas salas de recuperação. Lá ficariam sob observação até que estivessem em condição de voltar para os seus leitos no hospital.

Entre goles de café escaldante, Lucy Grainger, uma cirurgiã ortopédica, estava defendendo a compra de um Volkswagen que fizera no dia anterior.

— Sinto muito, Lucy — dizia o Dr. Bartlett —, acho que pisei nele quando vinha para cá, no parque de estacionamento.

— Não se incomode, Gil — respondeu ela —, você precisa do exercício que faz, andando em volta daquele seu monstro de Detroit.

Gil Bartlett, um dos principais cirurgiões do hospital, era famoso por um Cadillac creme, que não era visto a não ser em brilhante esplendor. Refletia, de fato, o esmero do seu proprietário, invariavelmente um dos mais bem vestidos entre os médicos efetivos do Três Condados. Bartlett era, também, o único membro da equipe a ter uma barba tipo Van Dyke, sempre corretamente aparada, que balançava para cima e para baixo enquanto ele conversava, o que Lucy achava fascinante observar.

Kent O'Donnell entrou para juntar-se a eles. O'Donnell era o chefe da Cirurgia e também presidente do quadro médico hospitalar. Bartlett saudou-o:

— Kent, tenho andado atrás de você. Vou fazer uma conferência para as enfermeiras na próxima semana sobre operação de amígdalas em adultos. Será que você tem alguns *slides* mostrando a aspiração traqueítica e pneumônica?

O'Donnell procurou recordar-se das fotos coloridas de sua coleção didática. Ele sabia a que Bartlett se referia – era um dos efeitos menos conhecidos que algumas vezes sucedia à extração das amígdalas em adultos. Como a maioria dos cirurgiões, O'Donnell sabia que até com o mais extremo cuidado na operação um pequeno pedaço de amígdala algumas vezes escapava do fórceps do cirurgião e era arrastado para o pulmão, onde formava um abscesso. Agora ele se lembrava de um conjunto de fotos que possuía, de traqueia e pulmão, mostrando esse processo; haviam sido tiradas durante uma autópsia.

Ele disse a Bartlett:

— Acho que sim. Vou procurá-los esta noite.

Lucy Grainger disse:

— Se você não tiver um da traqueia, dê-lhe do reto. Ele nunca notará a diferença.

Uma gargalhada percorreu a sala dos cirurgiões.

O doutor sorriu também. Ele e Lucy eram velhos amigos; de fato, ele algumas vezes imaginava se, com mais tempo e oportunidade, não se tornariam algo mais. Ele gostava dela por muitas razões, e não era a menor o modo como ela se comportava num mundo muitas vezes considerado como masculino. Ao mesmo tempo, entretanto, ela não perdia sua essencial feminilidade. A roupa grossa que estava usando agora tornava-a sem formas, quase anônima, como o resto dos outros. Mas ele sabia que por baixo estava um fino e esbelto corpo, conservadoramente vestido, porém

na moda.

Seus pensamentos foram interrompidos por uma enfermeira que tinha batido e depois entrado, discretamente.

— Dr. O'Donnell, a família do seu paciente está lá fora.

— Diga-lhes que irei em seguida.

Ele foi para o quarto de vestir e começou a tirar o seu uniforme de operação. Com somente uma operação programada para o dia, ele estava quites com a cirurgia no momento. Quando tivesse acalmado a família que o aguardava — tinha operado com sucesso, há pouco, uma remoção de cálculos biliares —, seu próximo dever seria ir ao escritório administrativo.

Um andar acima do cirúrgico, no quarto particular n.º 48, George Andrew Dunton perdera a capacidade de ser afetado por calor ou frio; estava a quinze segundos da morte. Quando o Dr. Malcolm segurou o pulso do paciente esperando que as pulsações parassem, a enfermeira Penfield virou o ar condicionado para "Forte\*" porque a presença da família tinha tornado o quarto inconfortavelmente quente. "É uma boa família", refletiu ela. "a mulher, o filho crescido e a filha mais jovem." A esposa estava chorando baixinho, a filha silenciosa, porém com lágrimas rolando pelas faces. O filho, virado de costas, mas seus ombros tremiam. "Quando eu morrer", pensou Helen Penfield. "espero que alguém derrame algumas lágrimas por mim; é o melhor obituário que há."

Quando o Dr. Malcolm abaixou o pulso, olhou à volta para os outros. Palavras não eram necessárias. Metodicamente, a enfermeira Penfield anotou a hora da morte. Eram dez e cinquenta e dois.

Ao lado do corredor, nas outras enfermarias e nos quartos dos doentes particulares, este era um dos mais sossegados momentos do dia. As medicações matutinas tinham sido ministradas, as rondas

estavam terminadas e havia uma calma até que a hora do almoço trouxesse outra vez o ciclo de atividades ao ponto máximo. Algumas das enfermeiras tinham escapado para o refeitório em busca do café; outras que permaneciam estavam escrevendo notas sobre os seus casos.

"Queixas de contínuas dores abdominais", escrevera a enfermeira Wilding na ficha de uma cliente feminina, e ia acrescentar outra linha, quando se deteve.

Peia segunda vez naquela manhã, Wilding, cabelos grisalhos, com cinquenta e seis anos, uma das mais velhas enfermeiras da equipe, buscou no seu uniforme e tirou a carta que já tinha lido duas vezes desde que fora entregue na sua mesa junto com a correspondência dos doentes. Um instantâneo de um jovem primeiro-tenente da Marinha com uma linda moça a seu lado caiu quando a abriu, e por um momento fitou o retrato antes de ler a carta outra vez.

"Mãe querida", começava, "isto será uma surpresa, mas conheci uma moça aqui em São Francisco e casamo-nos ontem. Sei que de certa maneira será uma decepção, pois você sempre disse que queria ir ao meu casamento, mas estou certo de que compreenderá quando eu lhe disser que..."

A enfermeira Wilding deixou seus olhos vagarem pela carta e lembrou o menino que ela vira tão poucas vezes. Depois do divórcio, tinha ela cuidado de Adam até a idade da universidade; depois ele fora para Anápolis; poucos fins de semana e breves férias; finalmente a Marinha; agora ele estava um homem e pertencia a outra pessoa. Mais tarde, nesse mesmo dia, deveria enviar um telegrama de carinho e votos de felicidade. Anos atrás, sempre dizia que, assim que Adam estivesse trabalhando, ela abandonaria a enfermagem, mas nunca o tinha feito, e agora a aposentadoria viria muito breve, sem apressá-la. Ela colocou a carta e a fotografia de volta no bolso do uniforme e pegou novamente a caneta. Depois, numa caligrafia cuidadosa, acrescentou na ficha: "Leves vômitos com diarreia. Dr. Hoygens notificado".

Na Obstetrícia, no quarto andar, nunca havia um só momento no dia que se pudesse prever que seria calmo. "Bebês", costumava pensar o Dr. Charles Dornberger, enquanto se escovava ao lado de dois outros obstetras, "têm o desagradável hábito de vir em bandos." Havia horas e até dias em que as coisas eram ordenadamente quietas e os bebês podiam ser entregues em arrumada sucessão. Porém, subitamente, os diabos se soltavam, com meia dúzia esperando nascer imediatamente. Este era um desses momentos.

Sua própria paciente, uma alegre e sempre animada negra, estava prestes a ter a sua décima criança. Como chegara atrasada ao hospital, já em trabalho de parto avançado, foi trazida numa maca de emergência. Enquanto ainda escovava as unhas, Dornberger podia ouvir parte do diálogo lá fora com o interno que a tinha escoltado para a Obstetrícia. Pelo visto, como era comum para um caso urgente, o interno tinha esvaziado o elevador lá embaixo no andar principal.

— Todos são tão bons saindo do elevador para me dar lugar — dizia ela. — Eu nunca me senti tão importante em toda a minha vida.

Nesse momento Dornberger ouviu o interno dizer à paciente para relaxar, e a resposta veio rápida.

— Relaxar, filho? Estou relaxada. Sempre relaxo quando tenho um bebê. É a única hora onde não há pratos, roupa para lavar e cozinha. Ora, eu fico ansiosa para vir para cá. São as férias que tenho.

Ela fez uma pausa quando veio a dor. Depois, com os dentes meio cerrados, murmurou:

— Nove crianças que tenho, e este será o décimo. O mais velho é do seu tamanho, filho. Espere, pois você estará cuidando de mim daqui a um ano. Eu digo que estarei de volta.

Dornberger ouviu quando sua voz diminuía, a enfermeira da sala de partos levando-a, enquanto o interno retornava para o seu posto, na Emergência. Dornberger escovou-se, vestiu-se, esterilizou-se, e, suando por causa do calor, seguiu sua paciente para a sala de partos.

Nas cozinhas do hospital, o calor não chegava a ser problema, pois o pessoal que ali trabalhava já estava acostumado. Hilda Straughan, dietista-chefe, provou um pedaço de torta de uva e fez um sinal de aprovação ao chefe dos pasteleiros. Ela suspeitava de que essas calorias junto com outras refletir-se-iam na balança do seu banheiro daí a uma semana, mas calou a consciência dizendo que era dever de uma dietista experimentar o máximo das comidas do hospital. Além disso, agora era meio tarde para Miss Straughan se preocupar com calorias e peso. O resultado acumulado de muitas outras provas causara o aumento na balança, até cerca de noventa quilos, a maioria dos quais estava em seus magníficos seios — dois rochedos de Gibraltar, famosos no hospital, o que a tornava semelhante à majestade de um porta-aviões precedido por uma escolta de encouraçados gêmeos.

Mas, tanto quanto pela comida, Miss Straughan era apaixonada pelo seu trabalho. Olhando em volta com prazer, ela considerou seu império — os brilhantes fogões de aço, as mesas de servir, os reluzentes utensílios, os brancos aventais dos cozinheiros e ajudantes. Seu coração se enterneceu à vista de tudo isso. Era um momento ocupado na cozinhas — o almoço era a refeição mais forte do dia e, assim como os doentes, havia toda a equipe do hospital para ser alimentada na cantina. Em vinte minutos mais ou menos as bandejas de dietas estariam saindo para as enfermarias e por duas horas seguidas o serviço de alimentação continuaria. Depois, enquanto a cozinha era limpa e empilhados os pratos, os cozinheiros começariam a preparar a refeição da noite. A lembrança dos pratos fez Miss Straughan franzir a testa pensativamente e ela se lançou para a seção atrás da cozinha, onde duas grandes máquinas de lavar pratos estavam instaladas. Essa parte do seu domínio era menos reluzente e menos moderna do que a outra, e a chefe das dietistas conjecturou, não pela primeira vez, como ela ficaria feliz quando esse equipamento fosse modernizado como o resto da cozinha. Era compreensível, entretanto, que tudo não pudesse ser feito ao mesmo tempo, e tinha que admitir que induzira

a administração à compra de um monte de novos e caros equipamentos nos dois anos em que trabalhava no Três Condados. De qualquer modo ela decidiu, enquanto ia verificar as mesas a vapor da cantina, que teria em breve outra conversa com o administrador sobre aquelas máquinas de lavar pratos.

A dietista-chefe não era a única no hospital cujos pensamentos pairavam na comida. Na Radiologia, no segundo andar, um paciente de fora — Mr. James Bladwick, vice-presidente de vendas de uma das três maiores distribuidoras de automóveis de Burlington — estava, como costumava dizer, com uma fome dos diabos.

Havia uma razão para isso. Por instruções de seu médico, James Bladwick estava sem comer desde a meia-noite, e agora era o seguinte na sala de raios X, para uma radiografia do estômago. Os raios X confirmariam ou negariam a suspeita de que dentro de Bladwick florescia uma úlcera duodenal. Jim Bladwick esperava que a suspeita fosse infundada; acreditava desesperadamente que nem uma úlcera nem nada semelhante pudesse prejudicá-lo, agora que o seu trabalho e sacrifício durante os últimos três anos, sua força de vontade em render mais e trabalhar mais tempo do que qualquer outro da equipe de vendas estavam finalmente sendo recompensados. Certamente que se preocupava; quem não o faria, quando tinha um contrato de cota de vendas para perfazer cada mês? Mas realmente não podia ser uma úlcera, devia ser qualquer outra coisa — algo trivial que podia ser curado rapidamente. Há somente seis semanas fora nomeado vice-presidente de vendas, mas, apesar da ressonância do título, ele sabia melhor do que ninguém que a conservação dele dependia de uma contínua habilidade de produzir. E para produzir ele precisava estar no ponto — forte, em forma, adaptado. Nenhum certificado médico compensaria um declínio gráfico de vendas. Jim Bladwick vinha adiando esse momento há algum tempo. Já se tinham passado provavelmente dois meses desde que sentira um mal-estar e dor na região estomacal e reparara também que estava arrotando demais e

em momentos estranhos, com fregueses à volta. Tentou fingir que não havia nada de extraordinário, mas finalmente buscou conselho médico, e esta consulta, nesta manhã, fora o resultado. Ele esperava, entretanto, que não demorasse demais; aquele pedido de Fowler de seis carroçarias de caminhão estava esquentando, e precisava desesperadamente dessa venda. Por Deus, como estava faminto!

Para o Dr. Ralph Bell, o radiologista-chefe — "Ding-Dong" para a maioria da equipe do hospital —, isto era somente um exame, sem nenhuma diferença de centenas de outros. Mas jogando mentalmente, como algumas vezes fazia, ele decidiu apostar "Sim" desta vez. Este cliente parecia o tipo fadado para uma úlcera. Por trás dos seus próprios óculos de grossas lentes com aros de chifre, Bell observava o paciente, disfarçadamente. Ele parecia uma pessoa preocupada. Obviamente estava agitadoíssimo agora mesmo. O radiologista colocou Bladwick atrás do fluoroscópio e deu-lhe um copo de bário.

— Assim que eu mandar — disse ele —, beba isto imediatamente.

Quando estava pronto, ordenou: — Agora! — Bladwick esvaziou o copo.

No fluoroscópio, Bell observou o caminho do bário, quando deslizou primeiro pelo esôfago, depois para dentro do estômago e de lá para o duodeno. Aguçado pelo líquido opaco, o contorno de cada órgão era claramente visível. Em vários pontos Bell apertou um botão, gravando o resultado num filme. Depois apalpou o abdome do paciente para movimentar o bário ao redor. Então pôde ver — uma cratera no duodeno. Uma úlcera, clara e sem erro. Refletiu que ganhara a aposta consigo mesmo. Em voz alta, disse:

— Isso é tudo, Sr. Bladwick, muito obrigado.

— Bem, doutor, qual o veredicto? Vou viver?

— Viverá.

A maioria queria saber o que via no fluoroscópio. "Mágico espelho meu, quem tem mais saúde do que eu?" Não era seu ofício,



entretanto, contar-lhes.

— Seu médico receberá essas chapas amanhã, e então terá uma conversa com o senhor.

"Má sorte, meu amigo", pensou, "espero que aprecie muito repouso, uma dieta de leite e ovos pochés."

A uns duzentos metros do bloco principal do hospital, num velho edifício que fora uma fábrica de móveis e agora funcionava como lar de enfermeiras, a estudante-enfermeira Vivian Loburton estava tendo trabalho com o zíper que se recusava a funcionar.

"Dane-se no fogo do inferno", disse ela dirigindo-se ao zíper, numa expressão que muito agradava ao seu pai, que tinha feito uma bela fortuna derrubando altas árvores e que não via razão para ter um palavreado nos bosques e outro em casa.

Vivian, com dezenove anos, algumas vezes revelava um interessante contraste entre a robustez do seu pai e a inata delicadeza da Nova Inglaterra de sua mãe, que o contato com um lenhador de Oregon não mudara. No seu quarto mês de treinamento para ser enfermeira, Vivian já tinha descoberto alguns dos traços dos seus pais em suas próprias reações ao hospital e à enfermagem. Ao mesmo tempo, ficava admirada e fascinada, repugnada e desgostosa. Supunha que um íntimo contato com doenças e enfermidades era sempre um choque para qualquer novato. Mas saber isso não ajudava muito, pois o seu estômago estava prestes a ter engulhos e precisava de toda a força de vontade para não dar meia volta e sair correndo. Era depois de momentos assim que ela sentia necessidade de mudança de cenário e de um antídoto; de certo modo tinha descoberto um, num antigo amor — a música. Surpreendentemente para uma cidade do seu tamanho, Burlington tinha uma excelente orquestra sinfônica, e, descobrindo isso, Vivian se tornara uma de suas frequentadoras. Achou a salvação a tempo; o bálsamo da boa música ajudou-a a tornar-se firme e segura. Lamentara que os concertos tivessem parado durante o verão, e agora havia momentos

em que sentia necessidade de algo para substituí-los. Não havia tempo, entretanto, para estranhos e divagadores pensamentos. O intervalo entre as aulas da manhã e o comparecimento às enfermarias para trabalhar era curto demais. Agora, esse zíper!... Ela forçou novamente e de súbito os dentes se encaixaram e o zíper fechou. Aliviada, dirigiu-se para a porta e depois parou para enxugar seu rosto. "Virgem, como estava quente!" Todo aquele esforço a fizera suar loucamente.

Assim se foi aquela manhã — como todas as manhãs — por todo o hospital. Nas clínicas, nos berçários, laboratórios, salas de operação; na Neurologia, Psiquiatria, Pediatria, Dermatologia, na Ortopedia, Oftalmologia, Ginecologia, Urologia; nas enfermarias de caridade, nos pavilhões dos doentes particulares, nas seções de serviço — administração, contabilidade, almoxarifado e limpeza —, nas salas de espera, halls, corredores e elevadores. Através dos cinco andares, térreo e subsolo do Hospital de Três Condados, as marés e correntes da humanidade e medicina subiam e baixavam. Eram onze horas do dia 15 de julho.

## II

A dois quarteirões do Hospital de Três Condados, o sino do relógio da Igreja do Redentor estava badalando a hora, quando Kent O'Donnell dirigiu-se do andar da Cirurgia para a Administração. O som do sino, desafinado como sempre, entrou pela janela aberta da escadaria numa rajada de vento. Automaticamente O'Donnell verificou o seu relógio de pulso, depois deu lugar a um grupo de internos que passou por ele apressadamente na escadaria de serviço, com os pés fazendo barulho nos degraus de metal. Os internos aquietaram-se um pouco quando viram o presidente do quadro médico e deram-lhe um respeitoso "Bom dia, doutor" quando cada um passava. No segundo andar, O'Donnell parou para deixar passar uma enfermeira com uma cadeira de rodas. Nela estava uma menina de cerca de dez anos, com uma venda sobre o olho, e uma mulher, obviamente sua mãe, velando protetoramente ao seu lado.

A enfermeira para quem ele sorriu, mas que não reconheceu, examinou-o disfarçadamente. No início dos seus quarenta anos, O'Donnell ainda despertava seguidos olhares das mulheres. Ele conservava a forma que o tinha tornado o famoso quarto-zagueiro nos seus tempos de colégio — alto, corpo ereto, com grandes e largos ombros e braços musculosos. Até hoje ele tinha o jeito de levantar os ombros quando pronto para fazer algo difícil ou tomar uma decisão — como se se preparasse instintivamente para parar a carga de um centroavante adversário.

Entretanto, apesar de seu corpo — principalmente ossos e músculos, com menos de um quilo de excesso de peso —, ele ainda se movimentava agilmente; esportes regulares — tênis no verão, esqui no inverno — conservaram-no forte e flexível.

O'Donnell não era bonito no sentido de Adonis, mas tinha no rosto aquela irregularidade rude e marcada (seu nariz ainda guardava a

cicatriz de um velho machucado de futebol) que as mulheres tão frequente e perversamente acham atraente nos homens. Somente o seu cabelo mostrava a verdadeira passagem dos anos, não há muito tempo atrás bem negros, agora tornando-se rapidamente grisalhos, como se os pigmentos coloridos se tivessem subitamente rendido e desertado. Então, vindo de trás. O'Donnell ouviu seu nome. Parou e viu Bill Rufus, um dos principais da equipe cirúrgica, que o chamava.

— Como vai, Bill? — O'Donnell gostava de Rufus. Era consciencioso, merecedor de confiança, bom cirurgião, com muita prática. Seus pacientes confiavam nele por causa da franca integridade que se evidenciava quando falava. Era respeitado pela equipe da casa — internos e residentes —, que achavam que o Dr. Rufus tinha uma maneira agradável e simpática de ministrar forte instrução, tratando-os como iguais — uma qualidade nem sempre presente nos outros cirurgiões. Sua única peculiaridade, se pudéssemos chamar assim, era o hábito de usar impossíveis e escandalosas gravatas. O'Donnell sacudiu os ombros sem sentir quando reparou na que seu colega estava usando hoje — círculos turquesa e ziguezagues vermelhos num fundo malva e amarelo-limão. Bill Rufus recebia muitas piadas sobre suas gravatas. Um dos psiquiatras da equipe tinha comentado recentemente que elas representavam "uma cratera de pus de uma incandescência de um fervor interior, por baixo de uma superfície conservadora". Mas Rufus só tinha rido, bem-humorado. Hoje, entretanto, parecia preocupado.

— Kent, quero falar-lhe — disse Rufus.

— Vamos para o meu escritório. — O'Donnell agora estava curioso. Rufus não costumava procurá-lo, a não ser que fosse algo muito importante.

— Não, aqui mesmo está bem. Olhe, Kent, é sobre os relatórios cirúrgicos da Patologia.

Eles se dirigiram para uma janela para evitar o tráfego no corredor e O'Donnell pensou: "Eu temia isso". Para Rufus, disse:

– O que está imaginando, Rufus?

– Os exames estão demorando muito. Tempo demais.

O'Donnell conhecia o problema. Como outros cirurgiões, Rufus frequentemente operava clientes com tumores. Quando o tumor estava exposto, ele mandava que fosse examinado pelo patologista do hospital, Dr. Joseph Pearson. O patologista fazia, então, dois estudos do tecido. Primeiro, trabalhando em pequeno laboratório adjacente à sala de operação e com o paciente ainda sob anestesia, ele gelava uma pequena porção do tecido e examinava-o no microscópio. Dessa operação podiam advir dois veredictos — maligno, indicando a presença de câncer e necessidade de maior cirurgia no paciente, ou benigno, uma resposta que geralmente significava que nada mais podia ser feito, uma vez que o tumor tinha sido extraído. Se a parte gelada fosse um veredicto maligno, a cirurgia continuaria imediatamente. Por outro lado, a opinião benigna do patologista era sinal para o cirurgião fechar a incisão e mandar o paciente para a sala de recuperação.

— Não há demora na seção de congelamento, há? — O'Donnell nada tinha ouvido sobre isso, mas queria certificar-se.

— Não — respondeu Rufus. — Você ouviria uma porção de queixas se houvesse. Mas é o exame completo do tecido que está demorando demais.

— Ah, compreendo.

O'Donnell estava tentando ganhar tempo, enquanto coordenava seus pensamentos. Mentalmente examinou as operações. Depois do congelamento, qualquer tumor extraído ia para o laboratório patológico, onde um técnico preparava diversas lâminas mais cuidadosamente e trabalhava sob melhores condições. Mais tarde o patologista estudaria as lâminas e daria a sua opinião final. Algumas vezes um tumor que parecera benigno ou duvidoso na seção de congelamento evidenciar-se-ia como maligno durante o teste subsequente, depois de um mais demorado exame; e não era considerado anormal um patologista reverter a sua opinião dessa

maneira. Se isso acontecia, o paciente era de novo levado para a sala de operação — a cirurgia necessária era feita. Mas obviamente era importante o segundo relatório do patologista ser imediato. O'Donnell já tinha compreendido que isso era o âmago da queixa de Rufus.

— Se fosse só uma vez — disse Rufus —, eu não me queixaria. Sei que a Patologia é ocupada e não estou tentando atingir Joe Pearson. Mas não foi só uma vez, Kent. É sempre.

— Sejam claros, Bill — disse O'Donnell rispidamente. Entretanto, não tinha dúvidas de que Rufus tinha fatos para justificar uma queixa como essa.

— Está bem. Tive uma paciente aqui na semana passada, a Sra. Mason, tumor no seio. Removi o tumor e na seção de congelamento Joe Pearson disse que era benigno. Depois, entretanto, no relatório cirúrgico, ele expôs como maligno. — Rufus deu de ombros. — Não vou discutir isso. Não se pode identificá-lo da primeira vez.

— Mas? — Agora, que já sabia sobre o que era, O'Donnell queria terminar logo o assunto.

— Pearson levou oito dias para fazer o relatório cirúrgico.

Quando o recebi, já tinha dado alta à doente.

— Compreendo. — Era mesmo muito ruim, pensou O'Donnell. Não podia esconder isso.

— Não é fácil — dizia Rufus — chamar novamente uma mulher e dizer-lhe que você se enganou, que afinal de contas ela tem câncer e terá de ser operada novamente.

Não, não era fácil: O'Donnell sabia muito bem disso. Uma vez, antes de vir para Três Condados, tivera que fazer a mesma coisa.

Esperava nunca mais ter que repeti-la. — Bill, quer deixar eu tentar arrumar as coisas a meu modo?

O'Donnell dava graças de ser Rufus. Alguns dos outros cirurgiões poderiam ter tornado as coisas mais difíceis.

— Naturalmente, contanto que algo definitivo seja feito. — Rufus estava no seu direito de ser taxativo. — Este não é um caso isolado, você sabe. Só acontece que é um dos piores.

Outra vez O'Donnell sabia ser verdade. A dificuldade era que Rufus não estava ciente de alguns outros problemas que acompanhavam o caso.

— Falarei com Joe Pearson esta tarde — prometeu —, depois da conferência sobre a mortalidade cirúrgica. — Você vai estar lá? — Rufus concordou:

— Estarei lá.

— Até breve então, Bill. Obrigado por me informar sobre isso. Algo será feito, eu lhe prometo.

Algo... O'Donnell refletiu quando se movimentava pelo corredor. Mas exatamente o quê? Ainda estava pensando, quando chegou às salas da Administração e abriu a porta para o escritório de Harry Tomaselli. O'Donnell não viu logo Tomaselli, mas o administrador o chamou.

— Aqui, Kent.

Na extremidade da sala forrada de lambris, longe da escrivaninha onde passava a maior parte de suas horas de trabalho, Tomaselli estava inclinado sobre uma mesa. Desenrolados diante dele estavam plantas e desenhos. O'Donnell atravessou o tapete grosso e olhou as plantas também.

— Sonhando acordado, Harry? — Ele tocou um dos desenhos. — Você sabe, eu tenho certeza de que nós podemos fazer um aumento aqui, na parte de cima da ala este.

Tomaselli sorriu.

— Eu concordo, contanto que você convença a diretoria da necessidade disso. — Ele tirou os seus óculos sem aro e começou a limpá-los.

— Bem, eis aqui a Nova Jerusalém.

O'Donnell estudou a perspectiva de desenho que o arquiteto havia feito do Hospital de Três Condados, e aí aparecia uma magnífica nova extensão, agora já em estado adiantado de planejamento. Os novos edifícios compreenderiam uma ala inteira e uma casa nova para as enfermeiras.

— Alguma novidade? — Ele virou-se para Tomaselli.

O administrador tinha recolocado os seus óculos.

— Falei com Orden outra vez esta manhã. — Orden Brown era presidente da segunda maior fábrica de aço de Burlington e era presidente do Conselho Diretor do hospital.

— E então?

— Bem, ele com certeza pode contar com meio milhão de dólares para o fundo da construção, até janeiro. Isto quer dizer que estaremos aptos para trabalhar até março.

— E o outro milhão?

— Semana passada, Orden disse-me que ele levaria até dezembro.

Até esse momento, refletiu O'Donnell, ele considerava o presidente um pouco otimista demais.

— Eu sei — disse Tomaselli. — Mas ele pediu-me para lhe dizer que mudou de ideia. Teve uma outra reunião com o prefeito ontem. Eles estão convencidos de que podem conseguir mais meio milhão até o próximo verão e acabar a campanha no outono.

— Isso são boas notícias. — O'Donnell decidiu pôr de lado as suas dúvidas primitivas. Se Orden Brown tinha saído de um aperto desses, com certeza tudo acabaria bem.

— Ah, e por falar nisso — Tomaselli disse com ar displicente —, Orden e o prefeito terão um encontro com o governador na próxima quarta-feira. Tudo indica que nós teremos o aumento da doação do Estado.

— Mais nada? — perguntou O'Donnell ao administrador meio sarcasticamente.



— Eu pensei que você fosse ficar contente — respondeu Tomaselli.

Mais do que contente, refletiu O'Donnell. De certa maneira, poder-se-ia chamar isso de primeiro passo para a realização de uma visão. Visão que tivera logo que chegara a Três Condados, cerca de três anos e meio atrás. "Engraçado como a gente pode acostumar-se a um lugar", pensou O'Donnell. Se alguém lhe tivesse dito na Escola de Medicina de Harvard, ou mais tarde, quando ele era cirurgião-chefe residente no Presbiteriano de Columbia, que ele terminaria num lugar atrasado, num hospital como o de Três Condados, ele teria achado graça. Mesmo quando foi para Bart's, em Londres, para aperfeiçoar os seus conhecimentos cirúrgicos, pretendia voltar e juntar-se ao corpo médico de um hospital famoso como o Johns Hopkins ou o Massachusetts General. Com o seu passado, podia perfeitamente escolher. Mas, antes que fosse tempo para decidir, Orden Brown foi encontrá-lo em Nova York e persuadiu-o a vir visitar Burlington e o Hospital de Três Condados.

O que ele viu lá deixou-o estarecido. O hospital estava esgotado fisicamente, a sua organização era negligente, seu padrão médico — com poucas exceções — baixo. Os chefes de Cirurgia e de Medicina já estavam nesses postos há anos. O'Donnell percebeu que o único objetivo deles na vida era preservar aquele agradável *status quo*. O administrador — homem-chave nas relações entre o conselho de diretores do hospital e o corpo médico — era senil e incompetente. O programa de treinamento dos internos e dos residentes no hospital tinha caído em completo descrédito. Não havia dinheiro para pesquisas. As condições sob as quais as enfermeiras viviam e trabalhavam eram quase medievais. Orden Brown mostrou-lhe tudo, não escondeu nada. Eles foram juntos à casa do presidente. O'Donnell havia concordado em ficar para jantar, e depois pegar o avião noturno para Nova York. Desgostoso, ele nunca mais queria ver Burlington ou o Hospital de Três Condados.

Durante o jantar na sala bem atapetada e silenciosa da casa de Orden Brown, no alto de uma colina sobre Burlington, ele então ouviu toda a história; não era uma história estranha. O Hospital de

Três Condados, há algum tempo progressivo e moderno, bem considerado no Estado, tinha caído, vítima da complacência e da lassidão. O presidente do conselho tinha sido um industrial já idoso, que passava a maior parte do tempo delegando responsabilidades a outros, aparecendo no hospital só em ocasiões sociais. A falta de um chefe permitiu essa queda total. Os chefes de departamentos já tinham esses postos há muitos anos e eram avessos a mudanças. Homens jovens, que, apesar deles, no começo tentaram progredir, tornavam-se depois frustrados e acabavam indo para outro lugar. Finalmente a reputação do hospital começou a ser tal que médicos jovens e recém-formados não mais tinham vontade de juntar-se ao seu corpo médico. E, por causa disso, os admitidos lá eram cada vez menos qualificados. Esta era a situação no tempo em que O'Donnell entrou em cena.

A grande mudança veio com a indicação do próprio Orden Brown. Três meses, antes, o idoso presidente morreria. Um grupo de cidadãos influentes persuadiu Brown a substituí-lo. A escolha não fora unânime: a seção da velha guarda do conselho do hospital quisera a cadeira para o indicado deles — um que já era membro há muito tempo e chamava-se Eustace Swaine. Mas Brown foi escolhido pela maioria, e agora tentava persuadir os outros membros do conselho a adotar algumas das suas ideias para modernizar o hospital. Isso estava se tornando uma luta difícil. Havia uma aliança entre os elementos conservadores do conselho, pelos quais Eustace Swaine era quem falava, e um grupo entre os médicos mais velhos do hospital. Juntos, eles resistiam às mudanças. Brown tinha que andar cautelosamente e ser diplomata.

Uma das coisas que ele queria era autoridade para aumentar o tamanho do conselho do hospital e trazer elementos novos e mais ativos. Ele tinha planejado recrutar alguns jovens executivos e homens profissionais de negócios, conhecidos na comunidade de Burlington. Mas até agora o conselho não tinha sido unânime e temporariamente o plano foi revogado.

Se Orden Brown quisesse, como disse francamente a O'Donnell,

teria forçado uma decisão e agiria à sua moda. Ele poderia, se o desejasse, ter usado a sua influência para afastar dos seus cargos alguns dos velhos e inativos membros. Mas isso teria sido uma política errada, pois a maior parte deles eram homens e mulheres ricos e o hospital necessitaria dessas heranças, que normalmente viriam a ele quando os donos morressem. Se derrotados agora, algumas dessas pessoas a quem ele se referia poderiam mudar seus testamentos, cortando fora o hospital. Eustace Swaine, que controlava uma cadeia de lojas que era um verdadeiro império, já dera uma indireta dizendo que isso poderia acontecer. Assim foi que, por necessidade. Orden Brown optou pela diplomacia e pela cautela.

Algum progresso tinha sido feito, pensou, no passo que o presidente dera com a aprovação da maioria dos membros do conselho arranjando um novo chefe para a cirurgia. Foi por isso que ele se aproximou de O'Donnell. Ao fim do jantar, O'Donnell sacudiu sua cabeça.

— Sinto muito, mas isso não é para mim.

— Talvez não — Brown disse —, mas eu gostaria que você me ouvisse.

Ele era persuasivo, esse homem de indústria que, herdeiro de uma família rica, começou sua vida como operário nas fábricas, chegou até o escritório administrativo e daí à cadeira de presidente. Tinha, também, uma sensibilidade especial para as pessoas; os anos em que trabalhara lado a lado com os operários tinham-lhe dado isso. Essa talvez tenha sido a razão pela qual ele aceitou a responsabilidade de levantar o hospital do lamaçal onde havia caído. Fosse qual fosse a razão, nesse pouco tempo em que estiveram juntos, O'Donnell sentiu nele a dedicação.

— Se você vier para cá — disse-lhe Brown já quase no fim de jantar —, não lhe posso prometer nada. Posso simplesmente lhe dizer que você terá carta branca, mas acho que as chances são de que você terá que lutar por tudo o que quiser. Você encontrará oposição,

obstáculos, politicagem e ressentimento. Haverá áreas nas quais eu não poderei ajudá-lo e nas quais você terá que lutar sozinho. — Brown fez uma pausa e depois acrescentou calmamente: — Acho que a única coisa boa que se poderia dizer sobre essa situação, sob o ponto de vista de alguém como você, é que isso seria um desafio: de uma certa maneira, o maior que um homem possa ter. — E essa foi a última palavra que Orden Brown disse nessa noite sobre o hospital. Depois falaram sobre outras coisas: Europa, as próximas eleições, as emergências no Oriente Médio, nacionalismo — Brown era muito viajado e um homem muito bem informado. Mais tarde, o anfitrião conduziu O'Donnell até o aeroporto. Na rampa, apertaram as mãos.

— Tive muito prazer em conhecê-lo — disse Orden Brown. E O'Donnell retribuiu o cumprimento sinceramente. Quando chegou a bordo do avião, tinha toda a intenção de tirar Burlington do seu pensamento e simplesmente lembrar essa jornada até lá como uma experiência de aprendizagem. No voo de volta tentara ler uma revista — havia um artigo sobre o campeonato de tênis que o interessava. Mas sua mente não registrava as palavras. Ficava pensando no Hospital de Três Condados, em tudo o que tinha visto lá e em tudo o que precisava ser feito. Então, subitamente, pela primeira vez em muitos anos, começou a examinar o seu papel na medicina. "O que isso tudo quer dizer?", perguntou-se ele. "O que é que eu quero para mim mesmo? Que espécie de realização estou procurando? Q que tenho para dar? E, por fim, o que deixarei atrás de mim?" Ele não era casado; talvez nunca se casasse. Teve alguns casos amorosos — uns na cama, outros fora —, mas nada de permanente. Aonde tudo isso o levaria? pensou ele: aquele caminho de Harvard, o Presbiteriano, o Bart's... Aonde? Então, de repente, encontrou a resposta. Sabia que era Burlington e Três Condados, e essa decisão era firme, irrevogável, e a direção certa. Descendo em La Guardia, mandou um telegrama a Orden Brown. Dizia simplesmente: "Eu aceito".

Agora, olhando para os planos que o administrado chamava levianamente de Nova Jerusalém, O'Donnell pensou nesses três

anos que já estavam para trás. Orden Brown estava certo quando disse que não seria fácil. Todos os obstáculos do conselho de diretores que ele havia previsto provaram ser verdadeiros. Gradualmente, pensou, os maiores tinham sido superados.

Depois da chegada de O'Donnell, o antigo chefe da Cirurgia desaparecera calmamente. O'Donnell reagrupara alguns dos cirurgiões já do corpo médico, que eram simpáticos à ideia de reerguer o padrão do hospital. Entre eles, elaboraram regras cirúrgicas e formaram uma boa equipe nas salas de operações, para fortalecê-los também.

Uma equipe para exame de tecidos, quase extinta, foi reativada — seu trabalho era impedir a repetição de erros de cirurgia, particularmente a remoção de órgãos sadios. Os cirurgiões menos competentes eram gentis mas firmemente obrigados a se limitarem a trabalhar dentro de suas capacidades. Alguns poucos carneiros, os removedores de apêndices em série, os incompetentes tiveram a escolha entre a demissão discreta, a pedido, ou a exoneração oficial. Embora para alguns isso representasse a perda parcial do seu meio de vida, a maior parte escolheu sair sossegadamente. Entre estes últimos estava um cirurgião que removera um rim sem se certificar antes de que o paciente já havia perdido o outro numa operação cirúrgica anterior. Esse erro bárbaro foi revelado na autópsia. A remoção desse cirurgião tinha sido fácil. Alguns outros, no entanto, foram mais difíceis. Houve discussões no comitê médico do condado e dois cirurgiões, outrora do corpo médico de Três Condados, tinham agora movido uma ação judicial contra o hospital.

Isso, sabia O'Donnell, iria trazer algumas desagradáveis controvérsias no tribunal, e ele estava apreensivo com a publicidade que certamente iria cercar esse problema.

Mas, a despeito disso, O'Donnell e os que estavam por trás dele fizeram o que deviam, e as falhas no corpo médico foram preenchidas com esmero por novos homens bem capacitados, alguns deles também formados na mesma universidade que ele, os quais O'Donnell persuadiu a virem trabalhar em Burlington.

Enquanto isso, a divisão de Medicina tinha um novo chefe, o Dr. Chandler, que já pertencera ao corpo médico sob o antigo regime, mas que frequentemente falava contra ele. Chandler era especialista em medicina interna; quando ele e O'Donnell algumas vezes discordavam da política do hospital, O'Donnell achava o outro às vezes um pouco pomposo. Mas Chandler ao menos era intransigente quando se tratava de defender os interesses da medicina.

Nos três anos e meio da administração de O'Donnell, os métodos tinham mudado bastante. Poucos meses depois da sua chegada, O'Donnell falara a Orden Brown sobre um jovem assistente de administração, um dos melhores que havia conhecido em suas experiências de hospital.

O presidente fora de avião e dois dias mais tarde voltara com um contrato assinado. Um mês depois o velho administrador, afastado de um emprego que tinha crescido além de suas capacidades, recebeu uma boa pensão, e Harry Tomaselli foi colocado em seu lugar. Agora toda a parte administrativa do hospital refletia a eficiência suave, porém rápida e ativa de Tomaselli.

Há um ano atrás, O'Donnell tinha sido eleito presidente do conselho médico do hospital, o que o tornara o profissional mais graduado de Três Condados. Desde então, ele, Tomaselli e o Dr. Chandler foram ampliando com sucesso o programa de treinamento dos internos e dos residentes no hospital, e também aumentaram os pedidos para matrícula.

Ainda havia um longo caminho a ser percorrido. O'Donnell sabia que em algumas coisas eles estavam apenas no começo de um longo programa que abrangia os três princípios básicos da medicina: serviço, treinamento e pesquisa. Ele mesmo tinha quarenta e dois anos agora, faria quarenta e três em poucos meses. Duvidava de que, nos anos de atividade que lhe restavam, completaria totalmente o que se tinha decidido a fazer. Mas o começo era bom; isso era muito reconfortante, e ele sabia que a decisão que havia tomado no avião, três anos e meio atrás, tinha sido acertada.

Havia algumas falhas, é claro, na presente organização. Tinha que haver. Nada tão grande assim era acabado com tanta facilidade nem tão rapidamente. Alguns dos mais velhos do corpo médico ainda resistiam às mudanças e sua influência era grande entre os outros membros do conselho, onde alguns ainda tinham ficado — Eustace Swaine, obstinado como sempre, era o cabeça. Talvez isso fosse uma boa coisa, refletiu O'Donnell, e talvez houvesse alguma justiça na afirmação de que "homens jovens fazem muitas mudanças depressa demais". Mas por causa desse grupo e de sua influência havia ocasiões em que o planejamento tinha que ser temperado com prudência. O'Donnell aceitava esse fato, mas algumas vezes tinha dificuldade em conseguir calma dos membros jovens do corpo médico.

Era esta situação que o tinha tornado pensativo, depois de conversar com Bill Rufus. O Departamento de Patologia de Três Condados ainda era uma fortaleza do velho regime. O Dr. Joseph Pearson, que o dirigia como uma possessão pessoal, já estava há trinta e dois anos no hospital. Ele conhecia a maior parte dos velhos membros do conselho intimamente, e estava frequentemente jogando xadrez na companhia de Eustace Swaine. Mais do que isso ainda, Joe Pearson não era incompetente; sua ficha era boa. No princípio de sua carreira ele tinha sido reconhecido como um ativo pesquisador e também já tinha sido presidente da Associação Patológica do Estado. O problema real era que o serviço na Patologia tornara-se muito grande para um homem só manter as rédeas em suas próprias mãos. O'Donnell suspeitava também de que alguns dos processos de laboratório do Departamento de Patologia estavam precisando de uma vistoria. Por mais desejáveis que pudessem ser as mudanças, esta ia ser uma parada dura.

Havia ainda a campanha para fundos para o aumento do hospital a ser considerada. Se houvesse confusão entre O'Donnell e Joe Pearson, como a influência de Pearson sobre Eustace Swaine afetaria os planos de Orden Brown para levantar o dinheiro até o outono do próximo ano? O donativo de Swaine costumava ser muito grande e a perda dele seria considerada uma coisa séria. Mas

também séria era a influência de Swaine sobre a gente da cidade. De algum modo, o velho magnata possuía o poder de fazer ou desfazer os seus planos imediatos.

Com tantas coisas pendentes, O'Donnell desejou que o problema da Patologia pudesse esperar mais um pouco. No entanto, ele tinha que tomar uma atitude, e cedo, sobre a queixa que Bill Rufus havia feito.

Afastou-se dos desenhos e plantas.

— Harry — disse ele ao administrador —, creio que vamos ter que declarar guerra a Joe Pearson.



### III

Em contraste com o calor e a atividade dos andares acima, o corredor de ladrilhos brancos do subsolo do hospital estava quieto e fresco. A quietude não era perturbada pela pequena procissão — a enfermeira Penfield e ao seu lado uma padiola deslizando suavemente em rolamentos de bilha, empurrada por um servente com sapatos de sola de borracha e de uniforme branco. Quantas vezes já tinha feito esse caminho, pensou a enfermeira Penfield, olhando para a figura estendida na maca. Provavelmente umas cinquenta vezes nos últimos onze anos, talvez mais, porque essa é uma das coisas que não se gravam — a jornada final entre a enfermaria e o necrotério do hospital, entre o território dos vivos e o território dos mortos.

Era uma tradição essa última caminhada com o paciente que morreu, discretamente programada e dirigida pelos corredores do fundo do hospital, depois para baixo no elevador de serviço, para que os vivos não se impressionassem nem ficassem deprimidos com a morte tão ao alcance de suas mãos. Para a enfermeira era o último serviço a seu encargo, um reconhecimento de que, embora a medicina houvesse falhado, ela não dispensaria o seu paciente sumariamente; os gestos de cuidado, serviço, benefícios continuariam por algum tempo, como uma prova além do fim.

O corredor branco bifurcava-se aqui. Da direita vinha o barulho de máquinas. Ali era o Departamento Mecânico do hospital — plantas de aquecimento, sistemas de água quente, relógios de eletricidade e geradores de emergência. Apontando na outra direção, lia-se num sinal: "Departamento Patológico: Morgue". À medida que o servente empurrava a padiola, o porteiro — ou fugindo do trabalho ou numa pausa para refeição — abaixou a Coca-Cola que estava bebendo e afastou-se do caminho. Enxugou os lábios na palma das mãos e,

gesticulando para a maca, disse:

— Este não conseguiu, hein? — Esta observação foi feita para Weydman. Era uma piada, uma brincadeira que eles faziam várias vezes.

Weydman também já tinha feito isso antes.

— Eu acho que chamaram o número dele, Jack. — O porteiro concordou e, levantando sua garrafa de Coca-Cola, continuou a bebê-la lentamente. "Como é curto o tempo", pensou a enfermeira Penfield, "entre a vida e a sala de autópsias. Há menos de uma hora atrás este corpo embaixo do lençol tinha sido George Andrew Dunton, vivo, com cinquenta e três anos de idade, engenheiro civil." Ela lembrava os detalhes do caso pelo que vinha escrito na ficha que trazia sob o braço.

A família tinha se portado tão bem depois da morte quanto antes — fortes, emocionados, mas não histéricos. Isso tinha tornado o caso mais fácil para o Dr. Mac Mahon, para pedir permissão de fazer autópsia.

— Sra. Dunton — disse ele calmamente —, eu sei que é duro para a senhora pensar nisso agora, mas há alguma coisa que eu gostaria de lhe pedir. A permissão para fazer autópsia em seu marido.

Ele continuou falando, usando as palavras de rotina: como o hospital gostava de salvaguardar os seus padrões médicos para o bem de cada um, como o diagnóstico do médico podia ser confirmado e daí poderiam até aprender coisas novas. Isso era uma precaução para a família e para os outros que usariam o hospital em tempos vindouros. Mas nada disso poderia ser feito sem permissão... O filho fez com que ele parasse e disse-lhe gentilmente:

— Nós entendemos. O senhor faça tudo o que for necessário, que minha mãe assinará.

Então a enfermeira Penfield preencheu o formulário para a autópsia, e aqui estava George Andrew Dunton, morto, cinquenta e três anos de idade e pronto para o bisturi do patologista.

As portas da sala de autópsia se abriram. George Rinne, negro *dienner* do Departamento de Patologia – encarregado da morgue –, olhou quando a maca entrou. Ele estava limpando a mesa de autópsia. Ela agora estava imaculadamente branca. Weydman saudou-o com uma velha piada: — Tenho um paciente para você.

Como se já não a tivesse ouvido mais de cem vezes, Rinne polidamente abriu um sorriso grande. Indicou a mesa branca e disse:

— Aqui.

Weydman manobrou a maca paralela à mesa e Rinne removeu o lençol que cobria o corpo nu de George Andrew Dunton. Dobrou-o caprichosamente e devolveu-o a Weydman. A despeito da morte, o lençol agora teria que voltar para a enfermaria. Então, com o segundo lençol sobre o corpo, os dois homens fizeram com que ele escorregasse para a mesa.

George Rinne resmungou com o peso do corpo, que pertencera a um homem pesado, um metro e oitenta, que engordara no fim da vida.

Enquanto empurrava a maca para sair, Weydman disse: — Você está ficando velho, George, breve vai ser a sua vez.

Rinne sacudiu a cabeça.

— Eu ainda estarei aqui para colocar você na mesa.

A cena corria mansamente. Já fora representada várias vezes. Talvez que num passado distante estes dois tivessem feito suas sinistras piadas com a intenção de criar uma barreira entre eles e a morte com a qual conviviam diariamente. Mas, se assim fora, já estava há muito esquecido. Agora, era uma conversa fiada que eles faziam, uma formalidade a ser cumprida, nada mais. Tinham-se acostumado demais à morte para se sentirem embaraçados ou amedrontados.

Do outro lado da sala de autópsias estava o patologista residente, Dr. Mc Neil. Ele estava enfiando um paletó branco, quando a enfermeira Penfield e sua carga chegaram. Agora, olhando o histórico do caso e outros papéis que ela lhe entregara, estava

vivamente consciente da sua aproximação e do seu calor. Ele notou o uniforme engomado, ligeiramente amassado, um leve cheiro de perfume, e o seu cabelo um pouco desarrumado debaixo da touca; deveria ser macio passar os dedos por eles. Afastou esse pensamento e voltou-se para os papéis que estavam em suas mãos.

— Bem, parece-me que tudo está aqui. — Deveria ele fazer uma tentativa com a enfermeira Penfield ou não? Já fazia seis semanas, e, aos vinte e sete anos, seis semanas era um longo tempo para estar sozinho. Penfield era mais atraente do que o normal. Provavelmente trinta e dois anos, moça bastante para ser interessante e velha bastante para já ter perdido a inocência. Ela era inteligente e amável, e tinha um bonito corpo também. Ele podia ver a combinação debaixo do uniforme branco. Com este calor ela provavelmente não estava usando muitas coisas mais, calculou Roger Mc Neil. Ele teria provavelmente que levá-la para sair algumas vezes antes de conseguir o que queria. Mas, com isso acertado, ainda poderia ser esse mês — porém o dinheiro estava curto. — Guarde-o para mim, lá, Penfield. Você voltará; outros pacientes morrerão e a trarão aqui.

— Obrigada, doutor. — Ela sorriu e virou-se. Sim, poderia ser arranjado; ele tinha certeza disso.

Ele chamou-a.

— Faça-os vir. Nós temos que praticar. — Mais uma vez a mesma piada antiga, a mesma leviandade defensiva diante da face da morte.

Helen Penfield seguiu o servente. Sua jornada estava cumprida, a tradição tinha sido honrada, e o serviço extra e não solicitado havia sido dado. Já tinha cumprido seu dever; agora a sua obrigação estava com os doentes, com os vivos. Ela achava também que o Dr. Mc Neil tinha chegado perto de lhe sugerir alguma coisa. Mas não haveria de faltar ocasião. Enquanto George Rinne punha um apoio de madeira sob o pescoço do cadáver e arranjava os braços dos lados, Mc Neil começara a pôr todos os instrumentos de que necessitaria para a autópsia. Facas, cortadores de ossos, fórceps,

serrote elétrico para o cérebro... todos eles limpos — Rinne era um trabalhador consciencioso —, mas não esterilizados como teriam que ser na sala de operações, quatro andares acima. Aqui não havia perigo de infecção do paciente na mesa; só o patologista teria que tomar precauções.

George Rinne olhou para Mc Neil inquisitivamente e o residente concordou:

— Melhor telefonar para a sala das enfermeiras, George. Diga-lhes que as estudantes de enfermagem podem descer agora. E diga ao Dr. Pearson que nós já vamos começar.

— Sim, doutor. — Rinne saiu obedientemente. Mc Neil, como patologista residente, tinha autoridade, embora o seu pagamento no hospital fosse pouco maior que o do porteiro. Não faltaria muito tempo, pensou, antes que essa diferença entre eles aumentasse. Com três anos e meio já cumpridos como residente, só mais seis meses separavam Mc Neil da liberdade de escolher um posto como patologista. Aí ele poderia começar a considerar os empregos de vinte mil dólares por ano, porque felizmente a procura de patologistas continuava a ser maior do que o suprimento. Ele não teria então que se preocupar se poderia ou não permitir-se a namorar a enfermeira Penfield — ou outras.

Roger Mc Neil sorriu intimamente desses pensamentos, apesar de não os deixar transparecer. As pessoas que tinham convivência com Mc Neil achavam-no antipático, o que seguidamente era verdade, pois, às vezes, faltava-lhe um pouco de senso de humor. Na verdade, não fazia amigos facilmente, entre os homens; mas as mulheres o achavam atraente, um fato que ele descobriu cedo e de que soube tirar proveito. Quando era um interno, seus colegas achavam isso uma coisa intrigante. Mc Neil, o melancólico, figura mal-humorada, tinha um sucesso incomum, levando rapidamente uma quantidade de estudantes para a cama, mesmo algumas com quem outros que se julgavam grandes amantes tinham falhado.

A sala de autópsias se abriu e Mike Seddons entrou. Seddons era um

cirurgião residente temporariamente servindo na Patologia, onde sempre aparecia. Seus cabelos vermelhos ficavam em pé em diferentes e esquisitos lugares, como se tivessem criado um vento próprio que nunca os deixava parados. Seu rosto franco de garoto parecia permanentemente aberto num sorriso amável. Mc Neil considerava Seddons um exibicionista, apesar de que, diga-se em seu favor, o garoto aprendera patologia mais depressa do que alguns dos outros residentes que conhecera.

Seddons olhou para o cadáver na mesa.

— Ah, mais trabalho!

Mc Neil, com um gesto, indicou-lhe os papeis, e Seddons deu-lhes, perguntando:

— De que é que ele morreu? — E, depois, à medida que o outro lia:

— Coronárias.

— Hein?

Mc Neil respondeu: — Isso é o que diz aí. — Você vai fazer este? O residente sacudiu a cabeça.

— Pearson vai chegar. — Seddons olhou-o interrogativamente. — O patrão mesmo? O que há de especial nesse caso?

— Nada de especial. — Mc Neil pegou as quatro páginas da autópsia que estavam na pasta. — Algumas das estudantes de enfermagem também vêm para olhar. Eu acho que ele gosta de impressioná-las.

— Ah... um espetáculo de gala! — Seddons sorriu — Isso eu preciso ver.

— Bem, nesse caso, é melhor que você trabalhe também.

Mc Neil passou-lhe a pasta.

— Encha essas coisas aí para mim, está bem?

— Claro.

Seddons pegou as folhas de papel e começou a tomar nota das

condições do corpo. Ele falava para si mesmo, enquanto trabalhava.

— Aqui está uma bela e clara cicatriz de apêndice. Um pequeno tumor no braço esquerdo.

Ele mexeu o braço para o lado.

— Desculpe-me, velhinho. — Tomou nota. — Ligeiro rigor mortis. — Levantando as pálpebras, escreveu: "Pupilas redondas, 0,3 em de diâmetro". Com dificuldade, abriu os maxilares já enrijecidos. — Vamos olhar estes dentes. — Do lado de fora no corredor, ouviam-se barulhos de passos. Então a porta da sala de autópsias se abriu e a enfermeira que Mc Neil reconheceu como do corpo de professoras da Escola de Enfermagem olhou para dentro. Ela disse:

— Bom dia, Dr. Mc Neil. — Atrás dela estava um grupo de jovens estudantes.

— Bom dia — respondeu o residente. — Vocês todas podem entrar.

As estudantes atravessaram a porta. Elas eram seis e ao entrar olhavam nervosamente para o corpo que estava sobre a mesa.

Mike Seddons sorriu.

— Rápido, meninas. Vocês querem as melhores cadeiras, nós as temos.

Seddons deixou seus olhos passearem analisando o grupo. Havia algumas novas aqui, que ele ainda não havia visto antes, incluindo a moreninha. Olhou uma segunda vez. Sim, verdadeiramente, mesmo camuflada pelo espartano uniforme de estudante, ela era obviamente algo de especial. Com uma aparente casualidade, ele atravessou a sala de autópsias e depois, voltando, conseguiu colocar-se numa posição entre a menina em que tinha reparado e o resto do grupo.

Depois deu-lhe um sorriso grande e disse calmamente: — Não me lembro de tê-la visto antes.

— Bom, estou aqui há tanto tempo quanto as outras moças. — Ela olhou para ele com uma mistura de franqueza e curiosidade, e

depois acrescentou, provocadoramente:

— Ademais, contaram-me que os doutores nunca prestam atenção nas enfermeiras estudantes no primeiro ano.

Ela parecia considerar isso.

— Bom, isto é a regra geral, mas às vezes nós fazemos exceções. Depende da estudante, é claro. — Seus olhos a admiravam, e ele acrescentou: — E por falar nisso, meu nome é Mike Seddons.

Ela disse:

— Eu sou Vivian Loburton. — E sorriu. Então, encontrando o olhar desaprovador da instrutora de classe, ela parou bruscamente. Vivian tinha gostado do ar desse doutor jovem de cabelos vermelhos, mas de uma certa maneira lhe parecia errado estar falando e brincando ali. Afinal, o homem estava na mesa, morto. Ele havia acabado de morrer, ela tinha sabido disso lá em cima; e era por esta razão que ela e as outras enfermeiras estudantes tinham parado com o seu trabalho para ir ver a autópsia. O pensamento da palavra "autópsia" trouxe-a de volta para o que acontecera aqui. Vivian pensou em como é que iria reagir; já se sentia pouco à vontade. Ela supunha que, como enfermeira, acabaria se acostumando a ver a morte, mas até o momento era sempre uma novidade, e bastante apavorante.

Ouviam-se passos do lado de fora do corredor. Seddons tocou seu braço e cochichou:

— Nós falaremos depois. — A porta foi escancarada enquanto as enfermeiras estudantes respeitosa e recuavam e o Dr. Joseph Pearson entrava. Ele saudou-as com um ríspido "Bom dia". Então, sem esperar pelos murmúrios de respostas, dirigiu-se para o armário, tirou o seu paletó branco, enfiou os braços num avental que tirara da prateleira. Pearson fez um gesto para Seddons, que se aproximou e amarrou as tiras do avental nas costas. Então, como um time bem treinado, os dois foram para a pia, onde Seddons sacudiu o talco de uma lata sobre as mãos de Pearson, depois segurou um par de luvas de borracha nas quais as mãos do velho médico entraram. Tudo isso foi feito em silêncio. Pearson moveu



ligeiramente seu charuto, e murmurou:

— Obrigado.

Ele dirigiu-se para a mesa e, pegando as folhas de papel que Mc Neil estendeu para ele, começou a lê-las, aparentemente esquecido de tudo o mais. Até então Pearson não tinha nem olhado para o cadáver na mesa. Observando veladamente a cena enquanto que ele também se movia, ocorreu a Seddons que isto era como a entrada de um maestro, antes da sinfonia. A única coisa que estava faltando eram os aplausos. Agora Pearson já tinha digerido todo o histórico do caso e também inspecionado o corpo, comparando o que encontrava com as notas que Seddons tinha escrito. Então colocou as fichas de lado, e, tirando o seu charuto, encarou as enfermeiras por sobre a mesa.

— Esta é a primeira experiência de vocês com uma autópsia, eu creio.

As meninas murmuraram:

— É, sim, senhor — ou — sim, doutor.

Pearson continuou:

— Bom, então explicarei que eu, o Dr. Pearson, sou o patologista deste hospital. Estes senhores são o Dr. Mc Neil, residente em patologia, e o Dr. Seddons, residente em cirurgia, no terceiro ano...

— Ele virou-se para Seddons:

— Estou certo? Seddons sorriu.

— Perfeitamente, Dr. Pearson.

Pearson continuou.

— ...em seu terceiro ano de residência, que está nos favorecendo com um período de trabalho em patologia. — Ele olhou para Seddons. — O Dr. Seddons breve estará qualificado para praticar cirurgia e será liberado para um público que nem desconfia disso.

Duas das moças riram; as outras sorriram. Seddons sorriu satisfeito. Ele gostava disso. Pearson nunca perdia uma oportunidade de dar

uma alfinetada nos cirurgiões e na cirurgia provavelmente com boas razões — em quarenta anos de patologia, o velho deve ter encoberto uma porção de falhas cirúrgicas. Ele olhou para Me Neil. O residente estava carrancudo. "Ele não aprova", pensou Seddons. "Mc gosta de ver bem tratada a sua patologia." Agora estava falando outra vez.

— O patologista é muitas vezes conhecido como o doutor que o paciente raramente vê. E, no entanto, poucos departamentos de um hospital têm maior efeito no bem-estar de um paciente.

"Bem, aqui começa o leilão", pensou Seddons, e as próximas palavras de Pearson mostravam que ele estava certo.

— É a Patologia que testa o sangue do paciente, examina seus excrementos, diagnostica suas doenças, decide se um tumor é maligno ou benigno. É a Patologia que aconselha os médicos dos pacientes nas doenças, e algumas vezes quando toda a medicina falha. —

Pearson parou, olhou significativamente o corpo de George Andrew Dunton e os olhos das enfermeiras seguiram os seus.

— É o patologista quem faz o diagnóstico final.

Pearson parou mais uma vez.

"Que soberbo ator é este velho homem", pensou Seddons. "É um canastrão nato e sem-vergonha."

Agora Pearson estava apontando com o seu charuto.

— Chamo a sua atenção — dizia para as enfermeiras — para algumas palavras que vão encontrar na parede de várias salas de autópsia. — Os olhos delas seguiram seu dedo na direção de uma máxima emoldurada, doada por uma casa de fornecimentos científicos: "Mortui vivos docent". Pearson leu alto em latim e então traduziu: — Os mortos ensinam aos vivos. — Olhou mais uma vez para o cadáver. — Isto é o que acontecerá agora. Este homem, aparentemente — ele deu ênfase à palavra "aparentemente" —, morreu de trombose das coronárias. Pela autópsia nós

descobriremos se isto é verdade.

Nesse momento, Pearson deu uma tragada funda em seu charuto e Seddons, sabendo o que iria acontecer, aproximou-se. Ele mesmo poderia ser um pequeno ator nessa cena, e não tinha intenção de perder nenhuma deixa. Quando Pearson exalou uma nuvem de fumaça azul, estendeu o charuto para Seddons, que o pegou e o largou longe da mesa. Agora Pearson estava examinando os instrumentos espalhados diante dele, e escolheu o bisturi. Com os olhos, calculou onde iria cortar. Então, rápida e profundamente aplicou a afiada lâmina de aço.

Mc Neil olhava disfarçadamente as estudantes.

"Uma autópsia", refletiu, "nunca seria recomendada às pessoas de coração fraco." Mas, mesmo para os mais experientes, a primeira incisão às vezes era difícil de ver. Até esse momento, o cadáver na mesa tinha tido alguma semelhança com os vivos. Mas depois do bisturi, pensou, não havia mais ilusão possível. Isso não era um homem, nem uma mulher, nem uma criança, mas simplesmente carne e osso, parecendo vida, embora não sendo vida. Isso era a verdade final, o fim para o qual todos chegam. Esta era a efetivação do Velho Testamento: "Tu és pó e ao pó retornarás".

Usando habilidade, perícia e rapidez de longa experiência, Pearson começou a autópsia com uma incisão profunda em Y. Com três cortes fortes ele trouxe de cima os dois braços do Y, de cada ombro do corpo para se encontrarem na parte de baixo do peito. Desse ponto cortou para baixo, abrindo a barriga, do peito até os órgãos genitais. Havia um sibilar, um barulho de rasgar, à medida que o bisturi se movia, a carne abria-se, revelando uma camada de gordura amarela em toda a superfície.

Ainda olhando as estudantes, Mc Neil viu que duas delas estavam lívidas, mortalmente brancas, e uma terceira tinha engasgado e virado de lado; as outras três estavam olhando estoicamente. O residente ficou olhando as pálidas; não era raro para uma enfermeira desmaiar na sua primeira autópsia. Mas essas seis

parecia que iam ficar bem: a cor já estava voltando nas duas que ele tinha observado e a outra menina voltou-se novamente, embora com o lenço na boca. Mc Neil disse-lhes calmamente:

— Se alguma de vocês quiser sair alguns minutos, está certo. A primeira vez é sempre um pouco mais difícil. — Elas todas olharam para ele agradecidas, embora nenhuma tivesse se mexido. Mc Neil sabia que alguns patologistas nunca admitiriam enfermeiras em autópsias, até que a primeira incisão tivesse sido feita. Pearson, no entanto, não acreditava em esconder nada. Achava que elas deviam ver tudo, desde o começo, e nisso Mc Neil concordava com ele. A enfermeira tinha que ser testemunha de uma porção de coisas que eram duras de aguentar — dores, membros mutilados, putrefação, cirurgia; quanto mais depressa elas aprendessem a aceitar a visão e os cheiros da medicina, melhor para todos, inclusive para elas mesmas.

Agora Mc Neil enfiou suas luvas e foi trabalhar com Pearson. Nesse momento, movendo-se velozmente, o velho médico já havia aberto a saliência do peito e deixado cair a pele solta com um bisturi maior, expondo as costelas, depois, usando os afiados cortadores de costela, abriu caminho na caixa torácica, expondo o pericárdio e os pulmões. As luvas, os instrumentos e a mesa estavam agora começando a ficar cobertos de sangue. Seddons, também enluvado, do seu lado da mesa, estava cortando a parte baixa da carne e abrindo o abdome.

Ele atravessou a sala para pegar um balde e começou a remover o estômago, e os intestinos, que punha dentro desse balde, depois de estudá-los ligeiramente. O cheiro estava começando a ficar mais forte. Agora Pearson e Seddons, juntos, amarraram e cortaram as artérias, para que o encarregado não tivesse trabalho quando viesse embalsamar. Pegando um pequeno tubo numa prateleira em cima da mesa, Seddons abriu a torneira e começou a fazer um sifão com o sangue que escapava do abdome e, depois de um sinal de Pearson, fez a mesma coisa no peito.

Enquanto isso Mc Neil estava se dedicando à cabeça. Primeiro fez uma incisão no vértice do crânio, começando ligeiramente atrás de

cada orelha e cortando acima, da linha do cabelo para que a marca não ficasse visível se o corpo fosse colocado à vista pela família do falecido. Então, usando todas as forças dos seus dedos, empurrou o couro cabeludo para a frente, de maneira que toda a carne da cabeça estava pendurada sobre a testa, cobrindo os olhos. Todo o crânio estava agora exposto, e Mc Neil pegou uma serra elétrica portátil que já estava ligada.

Antes de começar observou novamente as estudantes, que o fitavam com uma mistura de incredulidade e horror. "Calma, meninas", pensou, "dentro de poucos minutos já terão visto tudo."

Pearson estava, cuidadosamente, retirando o coração e os pulmões, quando Mc Neil aplicou a serra no osso. O ruído metálico do aço dos dentes serrados entrando no crânio cortou agudamente o salão silencioso. Olhando para cima, Mc Neil viu a moça com o lenço na boca encolher-se; se vomitasse, esperava que pelo menos não o fizesse ali: deixou a lâmina cortar até que o alto do crânio fosse atingido e aberto. Então pousou a serra. George Rinne depois removeria o sangue dali, quando mais tarde limpasse todos os instrumentos. Então, cuidadosamente, Mc Neil olhou para dentro da caixa encefálica, expondo a membrana macia que cobria o cérebro por baixo. Mais uma vez olhou para as estudantes. Estavam comportando-se bem; se podiam aguentar isso, suportariam também qualquer outra situação.

Removida a parte óssea do crânio, Mc Neil pegou umas afiadas tesouras e abriu a veia larga — sino-sagital superior — que corre da frente até atrás pelo centro da membrana. O sangue jorrou, respingando nas tesouras e nos dedos. Era um sangue fluido, notou; não havia sinal de trombose. Examinou cuidadosamente a membrana, depois cortou-a para descobrir claramente a massa do cérebro que estava por baixo. Usando o bisturi cuidadosamente, separou o cérebro da medula espinhal e deixou-o livre. Seddons juntou-se a ele segurando um jarro cheio até a metade de formol, e nele Mc Neil colocou o cérebro com precaução.

Olhando as mãos firmes e competentes de Mc Neil, Seddons viu-se

mais uma vez imaginando o que se passaria na cabeça do residente. Ele já conhecia Mc Neil há dois anos. Primeiro como colega residente, apesar de ser mais antigo que ele na pirâmide do sistema hospitalar. Depois mais intimamente, durante aqueles meses da Patologia. Patologia interessava a Seddons; ficara feliz por não a ter escolhido como especialidade. Nunca pensara duas vezes sobre sua escolha de cirurgia, e estava contente de voltar a ela nas poucas semanas que lhe faltavam. Em contraste com esse domínio da morte, a sala de operações era o território dos vivos. Pulsava e tinha vida, havia um movimento poético, um sentido de finalidade que nunca poderia ser encontrado aqui. Cada um por si, pensou, e patologia para os patologistas. Havia também algo mais sobre patologia. Perdia-se o senso da realidade, a noção de que medicina era dos e para os seres humanos. Esse cérebro, por exemplo, Seddons estava consciente de que há poucos momentos era o centro do pensamento de um homem. Tinha sido o coordenador de seus sentidos — tato, olfato, vista e paladar. Guardava lembranças, conheceu o amor, o medo, o triunfo. Ontem, possivelmente ainda hoje, diria a seus olhos para chorar e à sua boca para falar. Percebeu que o homem morto estava registrado como engenheiro civil. Então, também esse cérebro tinha usado a matemática, tinha estado sob tensões, tinha dirigido construções, talvez até construído casas, autoestradas, trabalho de diques, catedrais — legados desse cérebro para outros humanos viverem e usarem. Mas o que era agora esse cérebro? Somente uma massa de tecidos, começando a ser conservada, destinada a ser cortada em fatias, examinada e depois incinerada.

Seddons não acreditava em Deus e achava difícil compreender como o faziam as pessoas educadas. Conhecimentos, ciência, enfim, quanto mais avançados, mais improváveis todas as religiões se tornavam. Mas ele acreditava no que, por falta de frase melhor, chamava de "lampejo de humanidade, o credo de cada pessoa". Como cirurgião, é claro que nem sempre precisaria lidar com as pessoas. Nem sempre conheceria seus pacientes; mesmo quando isso acontecesse, ele se desligaria da presença deles concentrando-

se somente no problema da técnica. Mas há muito tempo atrás ele se tinha resolvido a não esquecer que por baixo do paciente havia um ser humano. Em seu treinamento, Seddons vira o casulo do isolamento pessoal — uma barreira contra o contato com os pacientes individualmente — crescer em volta dos outros. Às vezes era uma medida defensiva, um isolante deliberado contra emoções e envolvimentos pessoais. Sentia-se bastante forte para continuar sem esse isolamento. Mais ainda, para certificar-se de que não crescia, ele se forçava a pensar e falar sozinho, como estava fazendo agora. Talvez surpreendesse alguns de seus amigos, que julgavam Mike Seddons um alegre extrovertido, saber alguns dos pensamentos que giravam em sua cabeça, ou talvez não, pensou ele; o pensamento, o cérebro — ou seja lá o que for — era uma máquina imprevisível.

E Mc Neil? Sentiria alguma coisa ou haveria também uma concha em volta do patologista residente? Seddons não sabia, mas suspeitava que sim. E Pearson? Dele não tinha dúvidas. Joe Pearson era completamente frio e clínico. A despeito de seu senso teatral, os anos de Patologia o haviam endurecido. Seddons olhou para o velho doutor. Tinha removido o coração do morto e o examinava atentamente. Então virou-se para as estudantes de enfermagem:

— A ficha médica desse homem mostra que há três anos sofreu um primeiro ataque das coronárias e um segundo no começo dessa semana. Então, começaremos a examinar as artérias coronárias.

As enfermeiras olhavam intensamente para Pearson, que delicadamente abria o músculo da artéria do coração.

— Em algum lugar aqui, descobriremos a área das trombozes... Sim, aqui está — disse, apontando com a extremidade de uma sonda de metal. Na ramificação principal da artéria coronária esquerda, uma polegada adiante de seu lugar de nascimento ele expôs um par de coágulos. Tirou-o para que as moças pudessem ver. — Agora examinaremos o coração propriamente dito. — Pearson colocou o órgão numa mesa de dissecação, cortando-o no centro com o bisturi. Virou as duas seções lado a lado, perscrutou-as e depois convidou as

enfermeiras para se aproximarem. Hesitando, elas se acercaram. — Vocês notam essa área de sequela no músculo? — Pearson mostrou alguns traços no tecido branco fibroso do coração e as enfermeiras se inclinaram sobre a brecha do corpo para ver melhor. — Aqui há evidência de um ataque coronário há três anos. Um velho enfarte que foi cicatrizado. — Pearson parou e depois continuou: — Temos aqui uns sinais do último ataque no ventrículo esquerdo. Reparem na palidez da área central rodeada pela zona da hemorragia. — Apontou para uma mancha vermelha, pequena, mais clara no centro, contrastando com o tecido marrom-avermelhado do resto do músculo do coração.

Pearson virou-se para o cirurgião residente.

— Você concordaria comigo, Dr. Seddons, que o diagnóstico de morte por trombose das coronárias foi muito bem feito?

— Sim, concordaria — respondeu Seddons, polidamente. Não havia dúvidas quanto a isso, pensou. Um pequeno coágulo, não muito maior do que um pedaço de espaguete, estava ali, e foi isso que o destruiu para sempre. Ele viu o velho patologista pôr de lado o coração.

Vivian estava melhor agora. Tinha conseguido controlar-se. Quando o serrote cortava o crânio do homem morto, sentira o sangue escoar de sua cabeça e seus sentidos enfraquecerem. Sabia que estivera prestes a desmaiar, mas com força de vontade controlou-se para não o fazer. Sem razão nenhuma, de repente recordou-se de um incidente de sua infância. Durante as férias, em plena floresta do Oregon, seu pai caíra em cima de uma faca de caça e cortara seriamente a perna. Surpreendentemente para um homem tão forte, ele havia desmaiado à vista de tanto sangue, e sua mãe, que sempre estava em casa, nas salas e nunca nas florestas, de repente tornou-se corajosa. Parou o sangue, fez um torniquete e mandou Vivian sair correndo para pedir socorro. Então, quando seu pai foi carregado pelas florestas numa maca improvisada com galhos, cada meia hora ela afrouxava um pouquinho o torniquete para manter o sangue circulando, depois apertava-o novamente para impedir que



sangrasses. Mais tarde o doutor disse que isso tinha salvo sua perna de ser amputada. Vivian há muito tinha esquecido esse incidente, mas lembrando-se dele isso deu-lhe forças: depois disso sabia que não havia mais problemas quanto a ver outra autópsia.

— Alguma pergunta? — Era o Dr. Pearson quem falava.

Vivian tinha uma:

— Os órgãos, esses que o senhor tirou do corpo: que acontece com eles, por favor?

— Nós os guardaremos provavelmente por uma semana. Isto é, o coração, os pulmões, estômago, fígado, pâncreas, baço e cérebro. Depois faremos um grande exame, que será todo anotado detalhadamente. E nesse momento estudaremos também os órgãos que foram removidos em outras autópsias. Provavelmente de seis a doze casos, todos juntos.

Tudo parecia tão frio e impessoal, pensou Vivian. Mas talvez tivesse que ser assim todo o tempo. Involuntariamente ela estremeceu; Mike Seddons encontrou seu olhar e sorriu ligeiramente. Ela imaginou se ele estaria se divertindo ou sendo simpático. Não poderia ter certeza. Agora uma das outras moças estava fazendo outras perguntas. Ela parecia acanhada, quase que com medo de perguntar.

— O corpo é enterrado logo, assim? Esta já era uma pergunta velha. Pearson respondeu:

— Varia. Os hospitais de ensino como este normalmente fazem mais estudos sobre autópsia do que num hospital comum. Nesse hospital, só a casca do corpo vai para os agentes funerários. — Depois acrescentou: — Eles não nos agradeceriam por botar de volta todos os órgãos que tiramos, porque seria embaraçoso para o embalsamamento.

Isso era verdade, refletiu Mc Neil. Talvez não fosse a maneira mais agradável de dizer, mas era a verdade. Ele mesmo às vezes imaginava se os que iam ao funeral sabiam quão pouco havia ali do

corpo depois de ser autopsiado. Depois de uma autópsia como essa e dependendo de quão ocupado o Departamento de Patologia estivesse, talvez semanas se passassem antes que os órgãos do corpo fossem disponíveis finalmente. Até então todos os pedaços, mesmo os menores, seriam guardados indefinidamente.

— Não há nunca exceção? — A estudante que fazia as perguntas parecia insistente.

Pearson não tinha objeções quanto a isso. Talvez hoje fosse um de seus dias de paciência, pensou Mc Neil. De vez em quando o velho tinha disso.

— Sim, há — disse ele. — Antes de fazermos qualquer autópsia temos de pedir permissão à família do falecido. Às vezes essa licença é irrestrita, como neste caso, e nós podemos então examinar o corpo da cabeça aos pés. Em outras ocasiões, conseguimos somente uma permissão limitada. Por exemplo, a família pode pedir especificamente que não quer que se mexa na cavidade craniana. Quando isso acontece neste hospital, nós respeitamos os desejos da família.

— Obrigada, doutor. — Aparentemente a moça estava satisfeita, fosse qual fosse a razão pela qual queria saber.

Mas o Dr. Pearson não havia terminado.

— De vez em quando você encontra casos em que, por motivos de fé ou religião, os órgãos devem ser enterrados junto com o corpo.

Nesse caso, é claro, temos que cumprir o pedido.

— E os católicos? — Foi outra moça que perguntou. — Eles insistem nisso?

— Não, a maior parte das vezes, não. Mas há alguns hospitais católicos que fazem questão. Isso faz com que o trabalho do patologista fique mais difícil. Normalmente.

Ao dizer essa última palavra, Pearson olhou sardonicamente para Mc Neil. Ambos sabiam o que Pearson estava pensando. Um dos

maiores hospitais católicos da cidade tinha ordens para que todos os órgãos do corpo autopsiado fossem devolvidos para serem enterrados junto com o morto. Mas às vezes um pequeno furto era praticado. O Departamento Patológico desse hospital, muito ocupado, sempre guardava uns órgãos a mais e os conservava à mão. Assim, quando a nova autópsia era feita, os órgãos removidos eram substituídos pelos que estavam guardados, de modo que esse corpo pudesse ser liberado e os órgãos novos examinados com mais calma. Então esses órgãos, por sua vez, eram usados no próximo corpo. Sendo assim, efetivamente o patologista estava sempre um passo à frente.

Mc Neil sabia que Pearson, apesar de não ser católico, aprovava isso. Por mais defeitos que o velho pudesse ter, insistia sempre em seguir à risca, na autópsia, a permissão obtida. Havia uma frase que às vezes era usada completando a fórmula oficial, que dizia: "Limitado para incisões abdominais". Alguns patologistas que ele conhecia faziam uma autópsia completa nessa simples incisão. Uma vez ouviu um homem dizer:

— Com uma incisão abdominal, se você tiver ideia, pode tirar tudo, alcançar tudo, inclusive a língua.

Pearson — a seu favor Mc Neil pensou — nunca permitiria isso, e no Hospital de Três Condados uma incisão abdominal queria dizer simplesmente uma incisão de abdome.

Pearson voltou novamente a atenção para o corpo.

— Bem, agora examinaremos... — Pearson parou e olhou para baixo. Pegou o bisturi, experimentou-o e deixou escapar um murmúrio de interesse.

— Mc Neil, Seddons, olhem para isto.

Pearson moveu-se para o lado e o patologista residente inclinou-se sobre a área que Pearson estava estudando. Então, concordou com a cabeça. A pleura, normalmente transparente, a membrana brilhante que cobre os pulmões, tinha uma camada grossa de sequela — um tecido denso, branco e fibroso. Isso é sinal de tuberculose; se antiga

ou recente saberiam num momento. Ele deu lugar a Seddons.

— Apalpe os pulmões, Seddons — disse Pearson. — Acho que encontrará alguma evidência aí.

O cirurgião residente pegou os pulmões, tocando-os com os dedos. As cavidades embaixo da superfície eram sensíveis. Ele olhou para Pearson e concordou. Mc Neil virou a ficha com o histórico do caso. Usou um bisturi limpo para virar as páginas de modo que não as sujasse.

— Onde está a radiografia do tórax da época em que ele foi internado aqui? — perguntou Pearson.

O residente sacudiu a cabeça.

— O paciente estava em estado de choque. Há uma nota aqui dizendo que não foi feita.

— Bem, cortaremos uma fatia vertical para descobrir o que é visível.

— Pearson estava falando para as enfermeiras mais uma vez enquanto se dirigia de volta para a mesa. Removeu os pulmões e cortou suavemente no centro de um deles. Não havia dúvida. Estava ali. Tuberculose Fibrocásea, bem avançada. O pulmão tinha a aparência de um ninho de abelhas, como se bolas de pingue-pongue tivessem sido amarradas juntas, e depois cortadas ao meio. Uma pústula fora vencida na corrida para a morte apenas pelo coração.

— Vocês podem vê-lo?

Seddons respondeu à pergunta de Pearson.

— Sim. Parece que havia uma disputa entre isso e o coração para saber quem iria pegá-lo primeiro.

— Bem, é sempre uma disputa a maneira pela qual morremos. — Pearson olhou para as enfermeiras. — O homem estava com tuberculose em grau avançado. Como diz o Dr. Seddons, isto o teria morto muito breve. Presumivelmente, nem ele nem seu médico clínico sabiam de seu estado.

Agora Pearson tirou as luvas e começou a tirar também o avental. A

sessão estava encerrada.

Os atores e trabalhadores comuns faziam a limpeza depois. Mc Neil e o residente poriam os órgãos essenciais dentro de um balde e os marcariam com o número do caso. O que sobrasse seria posto de volta dentro do corpo, e colocariam panos para encher as cavidades necessárias. Então costurariam com pontos grandes — por cima e por baixo —, porque a área onde tinham trabalhado ficaria coberta com a roupa e a decoração do caixão. Quando acabassem, o corpo iria para o congelador aguardar o agente funerário.

Pearson tinha repostado o avental branco do laboratório com o qual entrara na sala de autópsia e estava acendendo um novo charuto. A trilha de seus charutos ainda pela metade depositados nos cinzeiros era uma característica sua que deixava pelo hospital atrás de si. Dirigiu-se às enfermeiras.

— Haverá momentos na vida de vocês — disse — em que seus pacientes morrerão. Será então necessário obter permissão para autópsia, do parente mais próximo do falecido. Às vezes isso será encargo de vocês, outras do clínico. E haverá ocasiões em que encontrarão uma certa resistência. É difícil para qualquer pessoa deixar — mesmo depois de morto — mutilar alguém que tenha amado. Isso é muito compreensível.

Pearson fez uma pausa. Por um momento, Seddons viu-se às voltas com outros pensamentos, sobre o velho doutor. Afinal de contas, havia nele algum calor, alguma humanidade?

— Quando tiverem de usar argumentos — disse Pearson — para convencer alguma pessoa da necessidade de uma autópsia, espero que se lembrem do que viram hoje e que usem isso como exemplo. — Agora estava com seu charuto, e sacudiu-o sobre a mesa. — Esse homem estava há muito tempo com tuberculose; é possível que tenha contagiado as pessoas à sua volta: sua família, pessoas com quem trabalhava, e mesmo alguém aqui no hospital. Se não houvesse autópsia, essas pessoas poderiam desenvolver uma tuberculose, e isso seria desconhecido, como aconteceu com ele, até

que fosse tarde demais.

Duas das estudantes instintivamente recuaram da mesa. Pearson sacudiu a cabeça:

— Tudo indica que aqui não há perigo de infecção. A tuberculose é uma doença respiratória. Mas, pelo que vimos hoje, todos os que tenham estado perto desse homem ficarão sob observação durante um período de alguns anos a vir.

Para sua própria surpresa, Seddons encontrou-se entusiasmado com as palavras de Pearson. "Ele faz com que isso soe bem", pensou. "Mais ainda, acredita no que está dizendo." Nesse momento descobriu que estava gostando do velho médico.

Como se lesse os pensamentos de Seddons, Pearson olhou para o cirurgião residente e depois disse com um sorriso provocador:

— A patologia às vezes também tem suas vitórias. Dr. Seddons. Cumprimentou as enfermeiras, depois saiu, deixando a nuvem de fumaça de seu charuto atrás de si.

## IV

A conferência mensal sobre a mortalidade na Cirurgia estava marcada para as catorze e trinta. Três minutos antes da hora prevista, a Dra. Lucy Grainger, um pouco afobada, como se o tempo estivesse trabalhando contra ela, correu para a administração do escritório da recepção.

— Estou atrasada? — perguntou à secretária na mesa de informações.

— Não creio que já tenham iniciado, Dra. Grainger. Acabaram de entrar na sala da diretoria.

A moça indicou a dupla porta de carvalho no fundo do hall, e agora, ao se aproximar, Lucy podia ouvir o zunzum da conversa que se desenrolava lá dentro.

Quando entrou na grande sala atapetada, com sua comprida mesa de nogueira e cadeiras trabalhadas, encontrou-se perto de Kent O'Donnell e de um outro jovem que não reconheceu. À volta deles havia um torvelinho de conversas e o ar estava pesado de fumaça de cigarros.

Esta conferência mensal era olhada como um espetáculo de gala, requisitada pelas autoridades, e já havia chegado a maior parte dos médicos e cirurgiões do hospital, bem como os outros membros — internos e residentes.

— Lucy! — Ela sorriu saudando dois outros cirurgiões, depois virou-se para O'Donnell, que a havia chamado. Ele trazia outro homem com ele.

— Lucy, gostaria que conhecesse o Dr. Roger Hilton. Ele juntou-se a nós. Deve lembrar-se que falamos no seu nome há algum tempo atrás.

— Sim, eu me lembro. — Ela sorriu para Hilton, franzindo o rosto.

— Essa é a Dra. Grainger. — O'Donnell estava sempre ansioso em ajudar os novos membros a conhecerem todos. Acrescentou: — Lucy é uma de nossas cirurgiãs ortopédicas.

Ela estendeu a mão a Hilton, que a tomou. Ele apertou-a firmemente, dando um sorriso de garotão. Ela imaginou que ele tivesse uns vinte e sete anos.

— Se você não estiver cansado de ouvir — ela disse —, seja bem-vindo!

— Até que estou me distraíndo! — Parecia que estava mesmo.

— É esse o seu primeiro trabalho permanente num hospital?

Hilton concordou:

— Sim, eu era apenas um cirurgião residente em Michael Reese.

Lucy agora lembrava-se melhor. Esse era o homem que Kent O'Donnell se esforçava tanto para conseguir para Burlington, e indubitavelmente isso significava que Hilton devia ter boas qualidades.

— Venha aqui um minuto, Lucy. — Kent O'Donnell chegara perto dela e chamava-a. Desculpando-se com Hilton, ela seguiu o chefe da cirurgia para perto de uma das grandes janelas da sala, longe da presença das outras pessoas.

— Aqui está um pouco melhor. Pelo menos podemos fazer-nos ouvir. — Sorriu. — Como tem estado, Lucy? Não a tenho visto ultimamente, a não ser em horas de serviço.

Ela pareceu pensar sobre o assunto.

— Bem, meu pulso tem estado normal, temperatura cerca de trinta e seis e oito décimos. A pressão arterial não tenho verificado recentemente.

— E por que não me deixa fazê-lo? — O'Donnell perguntou. — Durante o jantar, por exemplo.



— Você acha que está certo? Pode deixar cair o aparelho de pressão na sopa.

— Vamos marcar um jantar então e esquecer o resto.

— Eu adoraria, Kent — disse Lucy. — Mas tenho de olhar minha agenda primeiro.

— Faça isso, e depois eu lhe telefono. Vamos tentar marcar para a próxima semana. — O'Donnell tocou-lhe ligeiramente no ombro, e depois virou-se: — Acho melhor começarmos esta sessão.

Vendo a facilidade com que se movia entre os grupos. Lucy pensou, e não pela primeira vez, o quanto admirava Kent O'Donnell, não só como colega, mas também como homem. O convite para jantar não era coisa nova. Já tinham passado momentos juntos antes, e por algum tempo imaginara se talvez não se estivessem dirigindo para uma espécie de amizade amorosa. Ambos eram solteiros, e Lucy era sete anos mais moça que o chefe dos cirurgiões. Mas nunca houve nenhuma evidencia em O'Donnell de que ele a considerasse algo mais do que uma companhia agradável.

Lucy tinha um pressentimento de que, se o permitisse, sua admiração por O'Donnell se tornaria mais profunda e mais pessoal. Mas não tentou forçar o passo, sentindo que era melhor deixar as coisas correrem normalmente, senão — bem, nada estaria perdido. Pelo menos havia uma vantagem da maturidade sobre os primeiros ardores da mocidade. Você aprende a não correr, descobre que o arco-íris termina bem mais além do que o próximo edifício da cidade.

— Vamos começar, senhores? — O'Donnell chegara à cabeceira da mesa e erguera sua voz acima da dos outros. Ele também tinha saboreado aquele curto momento com Lucy, e sentia prazer em saber que em breve iria encontrar-se com ela. Normalmente já teria telefonado bem antes, mas houvera uma razão para essa hesitação. A verdade era que Kent O'Donnell sentia-se cada vez mais e mais atraído por Lucy Grainger. Ele não estava certo se isso seria uma boa coisa para nenhum deles. Mas agora tinha-se tornado muito

seguro de seu modo de viver. Viver sozinho e ser independente é uma coisa que cresce nas pessoas depois de certo tempo, e ele às vezes duvidava se poderia acostumar-se de outra maneira. Suspeitava também de que coisa semelhante estaria acontecendo com Lucy, e poderia haver problemas nas carreiras paralelas. Mas, enfim, sentia-se mais à vontade em sua presença do que na presença de qualquer outra mulher que recentemente tivesse conhecido. Lucy tinha uma ternura de espírito — que uma vez descreveu para si mesmo como uma grande doçura — que era suavizante e confortadora. Sabia que havia outros, entre eles os pacientes de Lucy, sobre os quais ela produzia efeito idêntico.

Não é que Lucy não fosse atraente; tinha uma beleza amadurecida muito real. Agora, quando a olhava — ela tinha parado para falar com um dos internos —, ele viu que ela levantava a mão e puxava o cabelo para o lado do rosto. Usava-o curto, em ondas macias que emolduravam seu rosto, e tinha uma tonalidade quase dourada. Reparou também nuns poucos fios brancos. Bem, isso era algo que a medicina conseguia dar a todos. Mas lembrou-lhe que os anos estavam passando. Estaria ele errado não a procurando mais assiduamente? Teria esperado demais? Bem, veria como iria correr o jantar na próxima semana.

O barulho não tinha acabado, pelo contrário estava ainda mais alto agora; então, repetiu o convite para que começassem. Bill Rufus falou:

— Não creio que Joe Pearson já tenha chegado.

A gravata escandalosa que O'Donnell antes observara fez Rufus sobressair entre os que o cercavam.

— Joe ainda não está aqui? — O'Donnell parecia surpreso, enquanto examinava a sala. — Alguém viu Joe Pearson? — perguntou.

Alguns sacudiram negativamente a cabeça. Por alguns momentos o rosto de O'Donnell denotou certa contrariedade, depois disfarçou.

Dirigiu-se para a porta.

— Não posso ter uma conferência sobre mortalidade sem a presença do patologista. Vamos saber o que o está prendendo.

Mas, quando chegou até a porta, Pearson acabava de aparecer.

— Ia justamente procurá-lo, Joe — saudou-o O'Donnell amigavelmente, e Lucy imaginou se não estaria errada sobre aquele minuto de irritação que tinha percebido há um momento atrás.

— Tive uma autópsia. Levou mais tempo do que eu imaginava. Depois eu parei para comer um sanduíche. — As palavras de Pearson saíam calmamente, principalmente por que ele estava mastigando algumas das frases. Possivelmente por causa do sanduíche, pensou Lucy. Depois ela percebeu que o resto do sanduíche estava enrolado num guardanapo, entre a pilha de papéis e fichas que ele estava carregando. Ela sorriu; somente Joe Pearson conseguiria comer seu almoço numa conferência sobre mortalidade.

O'Donnell estava apresentando Pearson a Hilton. Eles apertaram as mãos um do outro, e Pearson deixou cair uma das pastas e uma porção de folhas de papel espalharam-se pelo chão. Fazendo uma careta, Bill Rufus pegou-as e botou-as de volta na pasta, embaixo do braço de Pearson. Pearson agradeceu e disse abruptamente para Hilton:

— Cirurgião?

— Sim, senhor — respondeu Hilton amigavelmente.

"O moço é bem educado", pensou Lucy, "mostra deferência para com os mais velhos."

— Bem, então temos outro recruta para os mecânicos — disse Pearson. Quando ele falou alto e ríspidamente, houve um súbito silêncio na sala. Comumente essa observação teria passado em branco. Mas partindo de Pearson parecia ter assim uma certa ponta, um certo toque de desprezo.

Hilton estava sorrindo.

— Acho que o senhor pode chamar assim. — Mas Lucy podia ver que

ele tinha ficado surpreso com o tom de voz de Pearson.

— Não preste atenção a Joe — disse O'Donnell, bem-humorado. — Ele tem uma ponta com os cirurgiões. Bem, vamos iniciar.

Sentaram-se ao longo da mesa, os membros mais antigos indo automaticamente para as cadeiras da frente e os outros sentando-se nas filas de trás. Lucy mesmo estava na frente. O'Donnell estava na cabeceira da mesa. Pearson e seus papéis do lado esquerdo. Enquanto os outros tomavam seus lugares, Lucy viu que Pearson dava outra mordida no seu sanduíche. Ele não fazia nenhum esforço para esconder isso. Mais para baixo na mesa ela viu Charlie Dornberger, um dos obstetras do hospital. Ele percorria cuidadosamente uma pilha de fichas. Cada vez que Lucy via o Dr. Dornberger ele parecia estar ou enchendo, ou limpando, ou acendendo o cachimbo, e no entanto nunca parecia fumá-lo. Perto de Dornberger estava Gil Bartlett e do lado oposto Ding Dong Bell, da Radiologia, e John Mc Ewan. Este estava interessado no caso de hoje; raramente um especialista de ouvido, nariz e garganta aparecia nas reuniões sobre mortalidade cirúrgica.

— Boa tarde, senhores. — Quando O'Donnell olhou para todos, as conversas acabaram. Ele olhou rapidamente para suas notas. — Primeiro caso: Samuel Lobitz, branco, sexo masculino, idade cinquenta e três anos. Dr. Bartlett.

Gil Bartlett, impecavelmente vestido como sempre, abriu um caderno de notas. Instintivamente Lucy olhou sua barba bem tratada, esperando que ela se mexesse. De repente ela começou a subir e a descer. Bartlett iniciou calmamente:

— O paciente foi mandado para mim no dia 12 de maio. — Um pouco mais alto. Gil. — Esse pedido veio do fim da mesa.

Bartlett ergueu a voz.

— Tentarei. Mas é melhor que depois você procure Mc Ewan. Uma gargalhada percorreu todo o grupo.

Lucy invejava os que podiam estar à vontade nessas reuniões. Ela

nunca ficava. Particularmente quando um caso seu estava para ser discutido. Era uma provação para quem tinha de descrever seu diagnóstico e tratamento num paciente que tivesse morrido, e então ouvir os outros darem sua opinião e finalmente o patologista dizer o que encontrou na autópsia.

Joe Pearson nunca poupava ninguém. Havia erros honestos, que qualquer um em medicina podia cometer. Alguns mesmo eram erros que tinham custado a vida aos pacientes. Poucos médicos podiam escapar a erros assim no curso de suas carreiras. O mais importante era aprender com isso e não repetir o mesmo erro outra vez. Por isso é que essas conferências sobre mortalidade eram feitas — para que todos os que as ouvissem pudessem aprender ao mesmo tempo. Ocasionalmente os erros não eram desculpáveis. E podia-se sempre sentir quando uma dessas coisas aparecia numa das reuniões mensais. Havia um silêncio desagradável e os olhares se evitavam. Raramente havia críticas. Primeiro porque isso era desnecessário; segundo, nunca alguém saberia quando isso podia acontecer consigo.

Lucy lembrava-se de um incidente que tinha acontecido quando ela trabalhava noutro hospital, com um cirurgião muito famoso. O cirurgião estava operando um caso suspeito de câncer de intestino. Quando ele alcançou a parte afetada, tinha decidido que o câncer era inoperável, e, em vez de tentar removê-lo, desviara o intestino para evitá-lo. Três dias mais tarde o paciente morreu, e foi autopsiado. A autópsia revelou que, de fato, não tinha havido nenhum câncer. O que realmente acontecera é que o apêndice do paciente estourara e formara um abscesso. O cirurgião falhou não reconhecendo isso, e condenou o paciente à morte. Lucy lembrava-se do horrível silêncio com que fora recebido o relatório do patologista. Num momento como esse, é claro, nada vinha a público. Era um momento em que a medicina cerrava fileiras. Mas num bom hospital isso não era o fim. Hoje em dia, no Hospital de Três Condados, O'Donnell sempre falava particularmente com os culpados, e, se o caso fosse realmente ruim, o responsável seria observado mais de perto por algum tempo. Lucy nunca enfrentara uma dessas sessões, mas ouvira falar que o

chefe da Cirurgia podia ser extremamente rude por trás de portas fechadas.

Gil Bartlett continuava.

— Esse caso foi-me transferido pelo Dr. Cymbalist. — Lucy sabia que Cymbalist era um clínico geral, mas que não pertencia à equipe de Três Condados. Ela mesma já tinha tido casos por intermédio dele.

— Eu fui chamado em minha casa — disse Bartlett —, e o Dr. Cymbalist contou-me que suspeitava de uma úlcera perfurada. Os sintomas que descreveu combinavam com o diagnóstico. Mas nesse momento o paciente estava numa ambulância a caminho do hospital. Telefonei para o cirurgião residente que estava de plantão e contei-lhe o caso que estava para chegar.

Bartlett olhou para suas notas.

— Eu mesmo vi o paciente chegando meia hora mais tarde. Tinha uma forte dor no alto do abdome e estava em estado de choque. Sua pressão era sete e quatro. Estava cinzento e suando frio. Ordenei uma transfusão para combater o choque, e também morfina. A aparência física do abdome era rígida e a elasticidade fraca.

Bill Rufus perguntou:

— Fez alguma radiografia do peito?

— Não. Pareceu-me que o paciente estava muito mal para se submeter aos raios X. Concordei com o diagnóstico inicial de úlcera perfurada e decidi operar imediatamente.

— Não havia dúvida quanto a isso, hein, doutor? — Desta vez o aparte era de Pearson. Antes o patologista já tinha olhado para seus papéis. Agora ele virou-se diretamente para encarar Bartlett.

Por um momento Bartlett hesitou, e Lucy pensou: "A coisa está errada; o diagnóstico estava errado e Joe Pearson está esperando para abrir a armadilha". Então ela lembrou-se que, fosse o que fosse que Pearson soubesse, Bartlett sabia também, portanto não seria surpresa para ele. De qualquer maneira, Bartlett provavelmente

assistira à autópsia. Os cirurgiões mais conscienciosos faziam isso quando seus pacientes morriam. Mas após uma pausa momentânea o jovem médico continuou cortesmente:

— Sempre temos dúvidas em casos de emergência, Dr. Pearson, mas decidi que os sintomas justificavam uma intervenção cirúrgica imediata. — Bartlett fez uma pausa. — No entanto, não havia úlcera perfurada e o paciente foi enviado à enfermaria. Chamei o Dr. Toynbee para uma consulta, mas antes que ele chegasse o paciente falecera.

Gil Bartlett fechou o fichário e olhou para os que estavam sentados à volta da mesa. Então o diagnóstico fora errado. Apesar da calma aparente de Bartlett, Lucy sabia que por dentro ele estava provavelmente sofrendo os tormentos da autocrítica. Com base nos sintomas, pensou, ele podia certamente argumentar justificando sua operação. Agora O'Donnell estava chamando Joe Pearson. Ele perguntou polidamente:

— Você quer nos dar os resultados da autópsia, por favor?

Lucy pensou que indiscutivelmente o cirurgião-chefe sabia o que iria acontecer. Automaticamente os chefes de departamentos viam os resultados das autópsias que afetavam suas próprias equipes.

Pearson misturou os papéis e então escolheu um. Seus olhos percorreram a mesa.

— Conforme o Dr. Bartlett lhes disse, não havia úlcera perfurada. De fato, o abdome estava inteiramente normal. — Fez uma pausa para causar um efeito dramático e continuou: — O que havia no peito era um começo de pneumonia. Sem dúvida alguma, havia uma forte dor pleurítica advindo daí.

Então era isso. A mente de Lucy recordou tudo o que fora dito antes. Era verdade, externamente os dois sintomas eram idênticos.

O'Donnell perguntava: — Há alguma discussão?

Houve uma pausa desagradável. Um erro fora cometido, e não era um erro impossível. A maior parte dos que estavam na sala sentia-se

inconfortavelmente ciente de que a mesma coisa poderia acontecer-lhe. Então foi Bill Rufus quem falou:

— Com os sintomas descritos, eu diria que a cirurgia era justificável numa operação exploradora.

Pearson estava esperando por isso. Ele começou ponderadamente:

— Bem, eu não sei. — Depois, quase casualmente, como se estivesse jogando uma granada sem aviso: — Todos estamos cientes de que o Dr. Bartlett raramente vê através de um abdome. — E aí, em meio a um profundo silêncio, ele perguntou a Bartlett: — O senhor por acaso examinou o peito?

A observação e a pergunta eram ultrajantes. Mesmo que alguém tivesse que chamar a atenção de Bartlett, teria de ser O'Donnell, e não Pearson, e isso seria feito em particular. Não seria assim se Bartlett não tivesse reputação de não ligar às coisas. Todos os que trabalhavam com ele sabiam que era profundo e com inclinações a ser supercauteloso. Neste momento, obviamente, ele estava enfrentando a necessidade de tomar uma rápida decisão.

Bartlett levantou-se, empurrando a cadeira para trás, o rosto vermelho de raiva.

— É claro que examinei o peito! — disse ferozmente, a barba balançando rapidamente. — Já disse que o paciente não se achava em condições de tirar uma radiografia do peito, e mesmo se estivesse...

— Senhores! Senhores! — gritou O'Donnell, mas Gil Bartlett recusava-se a ser silenciado.

— É muito fácil ter percepção tardia, conforme o Dr. Pearson não perde ocasião de nos lembrar.

Do outro lado da mesa. Charlie Dornberger mexia em seu cachimbo.

— Não creio que o Dr. Pearson tivesse intenção... Zangado, Gil Bartlett cortou-lhe a palavra.

— Claro que você não pensa assim. Você é amigo dele. E ele não tem



marcação com os obstetras.

— Realmente! Eu não posso permitir isso! — O'Donnell estava de pé batendo com o martelo, os ombros aprumados, o físico atlético dominando a mesa. Lucy pensou: "Ele é todo um homem, másculo em cada polegada".

— Dr. Bartlett, quer ter a bondade de sentar-se? — Ele esperou, ainda em pé, enquanto Bartlett voltava ao seu lugar. A demonstração de aborrecimento exterior de O'Donnell combinava bem com sua agitação interior. Joe Pearson não tinha direito de transformar uma reunião dessas numa baderna. Agora, em lugar de prosseguirem na discussão calma e objetivamente. O'Donnell não tinha outro recurso senão encerrá-la. Estava-lhe custando um enorme esforço não se aborrecer com Joe Pearson naquele instante. Mas ele sabia que isso só tornaria ainda pior a situação.

O'Donnell não concordava com a opinião de Bill Rufus, de que Gil Bartlett não tivesse culpa na morte de seu paciente. O'Donnell estava inclinado a ser ainda mais crítico. O fator-chave nesse caso era a ausência de uma radiografia do peito. Se Bartlett tivesse ordenado logo de chegada uma radiografia, no momento em que o paciente fora internado, poderia ter procurado por indicações de gases acima do fígado e embaixo do diafragma. Isso era sinal de qualquer úlcera perfurada, e a ausência disso certamente faria Bartlett ficar na dúvida. Também os raios X poderiam ter mostrado alguma nuvem na base do pulmão, que teria indicado a pneumonia que Joe Pearson mais tarde encontrara na autópsia. Ou qualquer outro desses fatores poderia perfeitamente ter feito com que Bartlett mudasse seu diagnóstico e melhorasse as condições e oportunidades para o paciente sobreviver.

É claro, refletiu O'Donnell, Bartlett agora clamava que o paciente estava muito doente para que se fizessem chapas de raios X. Mas, se o homem estava tão doente assim, por que Bartlett de qualquer maneira tentara a cirurgia? Na opinião de O'Donnell, ele não deveria ter feito isso.

O'Donnell sabia que uma operação de úlcera perfurada deveria ser feita nas primeiras vinte e quatro horas. Depois desse tempo o índice de mortalidade era mais alto com a operação do que sem ela. Isso porque as primeiras vinte e quatro horas eram as mais difíceis: depois disso, se o paciente tivesse sobrevivido todo esse tempo, as defesas próprias de seu organismo funcionariam e elas mesmas se encarregariam de fechar as perfurações. Pelos sintomas que Bartlett havia descrito, parecia que o paciente estava perto do limite das vinte e quatro horas, ou talvez já o tivesse passado. No caso, O'Donnell teria tentado melhorar as condições do homem sem operação e com a intenção de fazer um diagnóstico decisivo um pouco mais tarde. Por outro lado, O'Donnell sabia que na medicina era fácil ter uma percepção tardia, mas era um outro problema fazer um diagnóstico em plena emergência, com a vida do paciente em jogo.

Tudo isso o chefe da Cirurgia deveria trazer à baila de uma maneira normal, calma e objetivamente, na conferência de mortalidade. No entanto, com certeza teria feito Gil Bartlett marcar alguns pontos para si mesmo. Bartlett era honesto e não temia autocrítica. O ponto da discussão seria evidente para todos. Não haveria necessidade de ênfase ou recriminação. Bartlett não teria gostado da experiência, é claro, mas ao mesmo tempo não teria sido humilhado. E, mais importante ainda, a intenção de O'Donnell seria alcançada e uma lição prática sobre diferenças de diagnóstico ficaria gravada em todo o corpo médico.

Agora nada disso poderia acontecer. Se nesse momento O'Donnell levantasse os pontos que tinha em mente, pareceria que estava apoiando Pearson e condenando Bartlett. Então, para salvaguardar o moral de Bartlett, isso não poderia acontecer. Ele falaria com Bartlett particularmente, é claro, mas as chances de uma discussão útil e aberta estavam perdidas. Desconcertante Joe Pearson! Agora o barulho tinha-se acalmado. O'Donnell, batendo com o martelo — ocorrência rara —, tinha conseguido seu efeito. Bartlett sentou-se, com o rosto ainda vermelho de raiva. Pearson ainda revirava alguns papéis, aparentemente absorvido neles.

— Senhores — disse o'Donnell. Sabia o que tinha de falar. Tinha que ser rápido e ir direto ao ponto. — Acho que não necessito dizer que isso foi um incidente que nenhum de nós gostaria de ver repetido. A conferência sobre mortalidade é para ser um aprendizado, não para choques de personalidades ou para discussões mais acaloradas. Dr. Pearson, Dr. Bartlett, espero que eu tenha sido bem claro. — o'Donnell olhou para ambos, e sem esperar por uma desculpa anunciou: — Trataremos do próximo caso, por favor.

Ainda havia mais quatro casos para discussão. Mas nenhum deles era fora do comum, e as conversas transcorreram normalmente. Estava tudo bem. Lucy refletiu: controvérsias assim não ajudavam o moral do corpo médico. Havia momentos em que precisavam de coragem para fazer um diagnóstico de emergência; se tivessem pouca sorte e errassem, esperava-se que fossem chamados à ordem. Mas abuso pessoal era outra questão. Cirurgião nenhum, a não ser que fosse completamente descuidado e incompetente, teria que aceitar uma situação dessas.

Lucy pensou, não pela primeira vez, o quanto Joe Pearson gostava de fazer censuras nesses momentos, e sempre baseado em sentimentos pessoais. Hoje, com Gil Bartlett, Pearson fora desagradável como ela nunca se lembrava de tê-lo visto nessas reuniões. E, no entanto, não era um caso flagrante e nem Bartlett era dado a fazer erros. Já tinha feito lindos trabalhos em Três Condados, notáveis, em certos casos de câncer que não há muito tempo atrás eram considerados inoperáveis. Pearson também sabia disso, é claro. Por que então esse antagonismo? Seria porque Gil Bartlett representava na medicina algo que Pearson invejava e que nunca atingiria? Ela olhou para Bartlett, no fim da mesa. Seu rosto estava sério e ainda estava zangado. Mas normalmente era alegre, agradável, simpático — todas as qualidades que um homem de quarenta anos, bem sucedido, podia ter. Com sua esposa, Gil Bartlett era uma figura preeminente na sociedade de Burlington. Lucy já o tinha visto em coquetéis e em casas de ricos pacientes. Sua carreira era um sucesso. Lucy calculava que sua renda anual devia estar na casa de uns cinquenta mil dólares. Seria isso que aborrecia

Joe Pearson? Joe Pearson nunca poderia competir com o glamour da Cirurgia, cujo trabalho era essencial, mas sem ser dramático, e que tinha escolhido um ramo da medicina raro para o público. Lucy muitas vezes ouvira pessoas perguntarem: "O que faz um patologista?" Nunca ninguém perguntou: "O que faz um cirurgião?" Ela sabia que havia alguns que pensavam que os patologistas eram uma raça de técnicos de hospital, e não conseguiam compreender que um patologista tinha que ser primeiro um médico formado e depois passar anos de treinos extras para ser um especialista qualificado.

O dinheiro às vezes também era um ponto doloroso. No corpo médico de Três Condados, Bartlett era tido como médico assistente, não recebia pagamento do hospital, somente de seus pacientes. Lucy também, e todos os outros médicos assistentes estavam nessa mesma situação. Mas, em contraste, Joe Pearson era um empregado do hospital, recebia um salário de vinte e cinco mil dólares por ano, mais ou menos a metade do que o cirurgião bem sucedido — muitos anos mais moço — ganhava. Lucy, uma vez, lera uma crítica um pouco cínica mostrando a diferença entre cirurgiões e patologistas: "Um cirurgião ganha quinhentos dólares para operar um tumor. Um patologista ganha cinco dólares para examiná-lo, fazer o diagnóstico, recomendar o tratamento posterior e predizer o futuro do paciente". Lucy mantinha boas relações com Joe Pearson. Não sabia qual a razão, mas ele parecia gostar dela, e em certos momentos ela correspondia a esses sentimentos. Algumas vezes isso poderia ajudá-la quando precisasse falar com ele sobre diagnósticos.

Agora a discussão estava acabando. O'Donnell estava acalmando as coisas. Lucy voltou sua atenção para os acontecimentos. Distraíra-se durante o último caso; isso não era bom. Ela precisava controlar-se. Os outros estavam-se levantando de suas cadeiras. Joe Pearson havia juntado seus papéis e os estava arrumando. Mas na saída O'Donnell parou-o; viu o chefe da Cirurgia afastar-se com o velho médico para longe dos outros.

— Vamos falar aqui um minuto, Joe. — O'Donnell abriu as portas de

uma sala pequena. A sala ao lado era anexa à da Diretoria, e algumas vezes usada para reuniões. Agora estava vazia. Pearson seguiu o chefe da Cirurgia.

O'Donnell estava deliberadamente calmo.

— Acho que você devia parar de implicar com as pessoas durante as reuniões.

— Por quê? — perguntou Pearson diretamente.

"Está bem", pensou O'Donnell, "se quer assim, assim será."

Então ele falou, elevando a voz:

— Porque isso não nos leva a nenhum lugar. — Deixou que sua voz ficasse um pouco irritada. Normalmente, tratando-se do velho médico, sempre havia uma certa deferência pelos anos que os separavam. Mas esse era um momento em que tinha de exercer sua autoridade. Embora, como chefe da Cirurgia, O'Donnell não tivesse controle direto sobre as atividades de Pearson, tinha certas prerrogativas quando o trabalho da Patologia se atravessava com seu próprio departamento.

— Eu apontei um diagnóstico errado, e isso foi tudo. — Pearson estava agressivo agora. — Você sugere que eu fique calado sobre essas coisas?

— Você sabe tão bem como eu, então por que pergunta? — O'Donnell respondeu-lhe abruptamente, dessa vez não fazendo questão de tirar o gelo de sua voz. Viu Pearson hesitar e suspeitou de que o velho compreendia que tinha ido longe demais. Meio gaguejando, ele acrescentou:

— Não quis dizer isso; não dessa maneira. — A despeito de si mesmo, Kent O'Donnell sorriu. Desculpar-se não era uma coisa fácil para Joe Pearson. Devia ter-lhe custado muito esforço dizer isso agora. O'Donnell então continuou mais razoavelmente:

— Creio que há maneiras melhores de fazê-lo, Joe. Se não se incomodar, gostaria que nessas reuniões desse o resultado das

autópsias, e depois eu encaminharia a discussão. Creio que assim poderíamos evitar que nossos ânimos se esquentassem.

— Não vejo por que alguém tenha de se esquentar. — Pearson ainda estava resmungando, mas O'Donnell percebeu que ele estava começando a recuar.

— Não faz mal, Joe. Eu gostaria de fazê-lo à minha moda. — "Não quero pegar ninguém pelo pescoço", pensou O'Donnell, "mas esta é a hora de esclarecer as coisas." Pearson encolheu os ombros e disse: — Está bem. Se é assim que quer...

— Obrigado, Joe. — O'Donnell sabia que tinha vencido; tinha sido mais fácil do que esperava. Talvez fosse o momento adequado para falar sobre outra coisa.

— Joe — disse —, já que estamos aqui, há outra coisa que queria dizer-lhe.

— Tenho muito que fazer. Poderia esperar? — Enquanto Pearson falava, O'Donnell podia quase ler seus pensamentos. O patologista mostrava claramente que, se tinha cedido num ponto, não abandonava com isso sua independência.

— Não creio que possa. É sobre os resultados cirúrgicos.

— Que há sobre eles? — A reação era de defesa agressiva.

O'Donnell continuou calmamente:

— Tive queixas. Alguns dos resultados levaram muito tempo para sair da Patologia.

— Rufus, eu suponho. — Pearson agora estava francamente amargo. Podia-se quase ouvi-lo dizer: "Outro cirurgião dando trabalho".

O'Donnell tinha decidido não se deixar provocar. Disse calmamente:

— Bill Rufus foi um deles. Mas têm havido outros. Você sabe disso, Joe.

Por um momento Pearson não respondeu, e O'Donnell refletiu que de certo modo tinha pena do velho doutor. Os anos corriam.

Pearson estava agora com sessenta e seis anos; na melhor das hipóteses, ainda teria cinco ou seis anos de trabalho ativo à sua frente. Algumas pessoas se conformavam com essas mudanças, que homens jovens viessem tomar seus lugares e substituí-los. Mas Pearson, não, pensou, e tornava seu ressentimento bastante claro. O'Donnell imaginava o que estaria por trás dessa atitude. Será que ele se sentia enfraquecer? Sentia-se incapaz de se manter em dia com as descobertas da medicina? Se assim fosse, não seria o primeiro. E Joe Pearson, apesar de todos os seus modos desagradáveis, tinha muita coisa a recomendá-lo. Essa era uma das razões pelas quais O'Donnell o tratava respeitosamente agora.

— Sim, eu sei — respondeu Pearson num tom de recriminação. Ele tinha aceito os fatos. Isso era típico nele, pensou O'Donnell.

Desde que chegara a Três Condados gostara da retidão de caráter de Pearson, e algumas vezes fizera uso disso elevando os níveis cirúrgicos.

O'Donnell lembrava-se de que um dos problemas que enfrentara, nos primeiros meses de hospital, tinha sido a eliminação da cirurgia desnecessária. Isso incluía um número desusado de histerectomia e casos demasiados de úteros sadios e normais que estavam sendo removidos por alguns cirurgiões do corpo de assistentes. Eram homens que achavam a cirurgia conveniente e um remédio muito útil para qualquer espécie de dor feminina, mesmo aquelas que teriam correspondido a um tratamento interno. Nesses casos havia diagnósticos com eufemismos como "miometrites crônicas", ou "fibroses de útero", era o último recurso para encobrir o resultado da Patologia, com uma cortina de fumaça, sobre o tecido removido. O'Donnell lembrava-se de ter dito a Pearson:

— Quando você estiver falando sobre tecido, nós chamaremos uma espada de espada e um útero sadio de útero sadio.

Pearson fizera uma careta e cooperara totalmente. Em consequência disso as operações desnecessárias pararam. Os cirurgiões acharam embaraçoso removerem um tecido do paciente e depois todos os

seus colegas virem a saber que estava normal e não afetado.

— Olhe, Kent. — Pearson agora estava mais conciliador. — Ultimamente eu estou até as orelhas. Você não sabe a quantidade de trabalho que há aqui.

— Eu sei, sim, Joe. — Essa era a brecha que O'Donnell desejara. — Nós até achamos que você tem coisa demais para fazer. Isso não está certo. — Ele ficara tentado a acrescentar: "por causa de sua idade", mas pensou melhor. Em lugar disso, acrescentou: — Que tal arranjar alguma ajuda?

A reação foi imediata. Quase aos gritos, Pearson falou:

— Você quer dizer a mim para arranjar mais ajuda? Ora, homem, eu estou pedindo mais técnicos de laboratório há meses! Precisamos no mínimo de três, e o que disseram que eu podia ter? Um! E estenógrafas? Tenho fichas empilhando-se durante semanas! E quem vai batê-las à máquina?

Sem esperar resposta, continuou atabalhoadamente:

— Eu? Se a administração quiser se mexer um pouco nós poderemos ter algumas coisas feitas, inclusive os resultados mais rápidos. Por Deus! Quando você me diz que eu deveria ter mais auxílio, isso é realmente uma coisa digna de ser ouvida.

O'Donnell tinha ouvido calado. Então ele disse:

— Acabou, Joe?

— Sim. — Pearson parecia mais calmo, e meio acanhado de seu rompante.

— Não era em técnico ou médicos ajudantes que eu estava pensando — disse O'Donnell. — Estava pensando no auxílio de um outro patologista. Alguém que o ajude a dirigir o departamento. Talvez modernizá-lo em algumas coisas.

— Olhe aqui! — Ao ouvir a palavra modernizar Pearson tinha-se empertigado, mas O'Donnell ignorou o aparte.

— Eu o escutei, Joe! Agora, você vai me ouvir. Por favor! — Ele fez



uma pausa. — Eu estava pensando em alguém mais moço e inteligente para poder aliviá-lo de alguns encargos.

— Não preciso de outro patologista! — Isto era uma afirmativa categórica, veemente e drástica.

— Por quê, Joe?

— Porque não há trabalho bastante para dois homens especializados. Posso tomar conta da Patologia sozinho, sem auxílio de ninguém. Além disso, já tenho um residente no departamento.

O'Donnell insistia calmamente:

— Um residente está conosco para treino, Joe, e geralmente fica conosco por pouco tempo. É claro que um residente pode ajudar. Mas você não lhe pode dar responsabilidade nem pode usá-lo na administração. Aí é que você precisa de auxílio.

— Deixe-me ser o juiz disso. Dê-me alguns dias, que iremos empenhar-nos com a Cirurgia.

Era óbvio que Joe Pearson não tinha a menor intenção de ceder. O'Donnell tinha esperado uma certa resistência quanto a arranjar um novo patologista, mas estava espantado com a energia do outro. Seria porque não estava com vontade de dividir com outro seu império pessoal ou estaria simplesmente protegendo seu emprego, com medo de que alguém novo e mais jovem pudesse substituí-lo? Realmente, a ideia de remover Pearson não tinha ainda ocorrido a O'Donnell. No campo da patologia anatômica, a longa experiência de Joe Pearson seria muito difícil de substituir. O objetivo de O'Donnell era simplesmente fortalecer o departamento, e, assim sendo, a organização hospitalar. Talvez pudesse tornar isso bem claro.

— Joe, não se trata de nenhuma mudança maior. Ninguém está sugerindo isso. Você continuará encarregado...

— Nesse caso, deixe-me dirigir a Patologia como bem entendo.

O'Donnell sentiu que sua paciência estava esgotando-se. Percebeu

também que já tinha firmado seu ponto de vista o suficiente pelo momento. Agora deixaria passar um dia ou dois, e depois tentaria outra vez. Estava tentando evitar uma cena, se possível. Falou calmamente:

— Eu, no seu lugar, pensaria no assunto.

— Não há nada para pensar. — Pearson já estava na porta. Cumprimentou rapidamente e saiu.

"Bem, então é assim", pensou O'Donnell. "Já delimitamos as linhas de batalha." Ficou parado ali, pensativo, considerando qual seria o próximo passo a dar.

## V

A cantina do Hospital de Três Condados era um lugar tradicional de encontro para a maior parte dos médicos e dos funcionários. Era a raiz central de onde se irradiavam ramos e galhos que se espalhavam levemente para cada seção e departamento dentro das paredes de Três Condados. Poucos eram os acontecimentos que ocorriam em Três Condados — promoções, escândalos, demissões e admissões — que não fossem conhecidos e discutidos na cantina, bem antes de a palavra oficial ser publicada. Os membros do corpo médico frequentemente usavam a cantina para "consultas extras" com colegas que raramente viam, a não ser nas horas das refeições ou do cafezinho. No entanto, um grande número de negócios médicos era feito nessas mesas; opiniões dos especialistas eram pesadas, e tudo o que antigamente seria seguido de uma conta muito grande, ali era dado de graça, e algumas vezes com grande vantagem para o paciente, que, recobrando-se mais tarde de alguma doença que, a princípio fora penosa, nunca suspeitaria por que canais sua cura tinha vindo.

Havia poucas exceções. Alguns médicos de vez em quando se ressentiam desse uso informal de seus talentos tão arduamente adquiridos e resistiam aos ataques feitos por seus colegas para arrancar deles uma opinião em casos específicos. Nessas ocasiões geralmente diziam:

— Acho melhor termos uma conversa no meu consultório. Terei então um registrador funcionando.

Gil Bartlett era um dos que desaprovavam essas aproximações, e algumas vezes conseguia ser bem desagradável, recusando-se a dar opiniões. Havia uma história sobre sua tática pessoal de resistência que tinha origens não na cantina, mas num coquetel numa casa de família. A anfitriã, senhora da alta sociedade de Burlington, tinha

cercado Bartlett e o bombardeado com uma porção de perguntas sobre sua saúde real e imaginária. Bartlett ouviu-a por um certo tempo e depois anunciara em voz alta o que trouxera um silêncio constrangedor num salão tão cheio:

— Minha senhora, pelo que me diz acho que seu problema é sobre menstruação. Se a senhora se despir agora, eu a examino aqui.

Mas a maior parte, embora resistisse às consultas informais fora do hospital, dentro dele aceitava a troca de ideias na base de que tanto tinham a perder como a ganhar. Uma grande parte dos médicos do hospital usava um meio-termo de palavreado para manter seus pontos de contato: "Se precisar de mim, estarei no meu segundo consultório".

Normalmente nenhuma outra explicação era dada nem pedida.

Geralmente a cantina era uma área democrática onde os postos do hospital, se não esquecidos, pelo menos eram temporariamente ignorados. Uma exceção, talvez, era o hábito de colocar de lado um grupo de mesas para a equipe médica. Mrs. Straughan, dietista chefe, pairava sobre essa área periodicamente, sabendo que qualquer pequena contrariedade ou qualquer pequeno defeito de higiene ou serviço podia trazer queixas em alguma reunião do conselho hospitalar.

Com algumas poucas exceções, os médicos mais antigos usavam as mesas reservadas. O corpo médico, no entanto, era menos consistente. Residentes e internos sentavam-se independentemente, juntando-se às enfermeiras ou a outros grupos. Não havia nada de diferente nisso, e Mike Seddons pegou uma cadeira oposta à de Vivian Loburton, que, livre de seus compromissos mais cedo do que suas colegas, estava almoçando sozinha.

Desde que se tinham conhecido, há dez dias, na sala de autópsias, Vivian já tinha encontrado Mike Seddons várias vezes no hospital, e em cada ocasião — vendo aquela massa de cabelos vermelhos e seu largo sorriso — sentia sua admiração por ele crescer dentro de si.

Intuitivamente ela esperava uma aproximação discreta, e agora aí estava ele.

— Alô — disse Seddons.

— Alô — ela o saudou meio constrangida.

Vivian havia acabado de dar uma mordida num pedaço de galinha.

Apontou para sua boca e murmurou:

— Desculpe-me.

— Está tudo ótimo — respondeu Seddons. — Coma com calma. Estou aqui para lhe fazer uma proposta.

Ela acabou de mastigar e engolir a galinha, depois disse: — Eu pensei que você só viria mais tarde.

Mike Seddons sorriu.

— Então você não sabe? Esta é a era do jato. Não há mais tempo para pequenas formalidades. Aqui está minha ideia: teatro depois de amanhã, precedido de um jantar no Cuban Grill.

Vivian perguntou curiosa:

— Mas você pode gastar isso? — Porque entre os médicos e as estudantes de enfermagem a pobreza era tradicional; era até uma piada.

Seddons abaixou a voz e murmurou:

— Não conte a ninguém, mas estou ganhando por fora. Esses pacientes que tivemos na autópsia. Uma porção deles tinha dentes de ouro. Assim sendo, é muito fácil de entender...

— Ora, cale a boca! Você vai estragar meu almoço! — Ela mordeu a perna da galinha outra vez e Seddons estendeu a mão para pegar duas ou três batatas fritas do seu prato.

Ele saboreou-as:

— Hum! Nada mal! Preciso comer aqui mais vezes. Bem, então aqui está a história — ele tirou duas entradas do bolso e um convite.

— Dê só uma olhadinha aqui — cumprimentos de um paciente agradecido.

As entradas eram para uma peça musical que estava na Broadway. O convite dava direito a um jantar a dois no Cuban Grill.

— Que fez você? — Vivian estava francamente curiosa. — Cirurgia de coração?

— Não, na semana passada fiquei substituindo Frank Worth na sala de emergência. Aí apareceu um rapaz com um machucado feio na mão, e eu costurei. A primeira coisa que soube dele depois disso foi quando encontrei essas entradas na minha correspondência. — Ele sorriu. — Worth está furioso, é claro. Disse que nunca mais deixará seu posto. Então, você virá?

— Eu adoraria — disse Vivian, com sinceridade.

— Ótimo! Eu a pegarei no alojamento das enfermeiras às sete horas. Está bem? — Enquanto falavam Mike Seddons encontrou-se olhando para ela com grande interesse. De repente ficou consciente de que ela era bem mais bonita e tinha um corpo mais bem feito do que ele pensava. Quando ela olhou para ele e sorriu, ele sentiu algo de terno e doce. Pensou: "Gostaria que esse encontro fosse hoje em lugar de depois de amanhã; é muito tempo para esperar". Depois uma vozinha fraca dentro dele disse-lhe para ser cauteloso: "Cuidado com os compromissos; lembre-se da regra de Seddons: ame e largue — e fique feliz com as lembranças; e depois vá-se embora com tristeza, mas seja prático e mantenha-se independente".

— Está bem — disse Vivian. — Eu talvez me atrase, mas muito pouquinho.

Havia passado uma semana e meia desde que Harry Tomaselli havia falado com O'Donnell sobre a construção da nova extensão do hospital e dos planos de começar os trabalhos na próxima primavera. Agora, no escritório do administrador, ele, Kent

O'Donnell e Orden Brown, o presidente do conselho, estavam numa reunião para discutir as coisas que deveriam ser feitas mais depressa.

Meses antes, com o arquiteto ao lado, os três tinham trabalhado detalhadamente sobre os planos que cada seção teria na ala nova do prédio a ser construído.

Os desejos dos chefes dos departamentos médicos tinham que ser contrabalançados com o dinheiro que tinham em caixa. Orden Brown fora o juiz e O'Donnell o elemento de ligação com os médicos. Como sempre, o chefe do conselho tinha sido autoritário e incisivo, mas com humor que temperava um pouco essa rudeza básica. Algumas vezes tinha concordado inteiramente com o que fora pedido; outras, quando suspeitava de que estavam querendo edificar um império em benefício próprio, os inquéritos tinham sido mais rigorosos.

Numa das seções principais, o chefe da farmácia tinha insistido muito para ter um banheiro privado incluído na planta de seu próprio escritório. Quando o arquiteto salientara que maiores facilidades gerais eram possíveis a apenas vinte metros ali no corredor, o farmacêutico se excedera, chegando até a observar que vinte metros era muita distância quando ele estava sofrendo um de seus periódicos ataques de diarreia. Orden Brown, secamente, o tinha mandado ao Departamento de Medicina Interna.

Alguns projetos aproveitáveis tiveram de ser vetados somente por causa do custo. Ding Dong Bell, o radiologista-chefe, tinha feito uma convincente proposta para a criação de uma unidade cineradiográfica — sendo seu propósito o de melhorar o diagnóstico e o tratamento das doenças do coração. Mas, ao se ter conhecimento de que só o equipamento custaria cinquenta mil dólares, o plano tivera de ser abandonado com muita pena.

Mas agora, com o plano principal completo, a meta mais importante era arranjar dinheiro. Estritamente falando, isso era responsabilidade do conselho de diretores, mas esperava-se que a

equipe médica ajudasse.

Orden Brown disse:

— Estamos sugerindo algumas cotas para os médicos — seis mil dólares para os médicos efetivos, quatro mil para os associados e dois mil para os assistentes.

O'Donnell assobiou suavemente. Disse ao presidente: — Acho que vai haver algumas queixas.

Orden Brown sorriu:

— Vamos fazer o máximo para suportá-las.

Harry Tomaselli aparteou:

— O dinheiro pode ser desdobrado em quatro anos. Kent. Assim que tivermos garantias assinadas podemos usá-las para arranjar um empréstimo no banco.

— Há outra coisa — disse Brown. — Quando se espalhar pela cidade a notícia de que isto é feito com o que os próprios médicos estão dando, isso ajudará a aumentar um pouco nosso fundo geral. E você dará um jeito para que a notícia logo se espalhe.

Brown sorriu, naturalmente.

O'Donnell refletiu que o trabalho de levar a novidade à equipe médica seria seu. Podia ver as expressões aborrecidas que encararia. A maior parte dos médicos, como a maioria das pessoas hoje em dia, vivia só de seus salários. Naturalmente não haveria obrigação sobre as cotas, mas seria difícil para alguém opor-se a elas, especialmente porque a equipe médica ganharia muito com o crescimento do hospital. Uma boa maioria certamente daria o total pedido, e a natureza humana, sendo o que é, pressionaria os outros para também o fazer. Um hospital era um solo profícuo para a política, e haveria muitos modos pelos quais um não-conformista veria sua vida tornar-se bastante difícil.

Harry Tomaselli, intuitivo como de hábito, disse:

— Não se preocupe, Kent. Eu o apoiarei inteiramente antes do



encontro com a equipe. Vamos estudar todos os pontos de venda. Na realidade, quando você terminar, algumas pessoas podem até querer exceder as cotas.

— Não conte com isso. — O'Donnell sorriu. — Você está prestes a tocar no ponto mais delicado dos nervos de um certo número de médicos: sua carteira.

Tomaselli devolveu o sorriso. Sabia que quando o chefe de Cirurgia fizesse seu apelo à equipe seria tão incisivo e taxativo como em tudo o mais que O'Donnell fazia. Ele refletiu, não pela primeira vez, como era bom trabalhar com alguém do caráter de O'Donnell. No último hospital onde Tomaselli tinha sido assistente administrativo, o presidente do conselho médico era um homem que cortejava popularidade e içava as velas a favor de qualquer vento de opinião. Como resultado, nunca houvera liderança real, e o nível do hospital tinha conseqüentemente se ressentido.

Harry Tomaselli admirava retidão e rápidas decisões, principalmente porque esses eram métodos que ele usava como administrador de Três Condados. Com rápidas decisões, algumas vezes fazia erros, mas no cômputo geral ganhava muito mais e a sua média de acertos melhorava à medida que o tempo passava. Rapidez — de palavra, de pensamento, tanto quanto de ação — era algo que Harry Tomaselli tinha aprendido nos tribunais muito antes de jamais sonhar em achar seu destino por trás de uma mesa de hospital.

Havia ingressado numa escola de direito ao sair do colégio, e tinha começado a lançar as fundações de uma boa profissão, quando a guerra sobreveio. Antecipando a convocação, ele se alistou na Marinha dos Estados Unidos, onde recebeu uma comissão e emprego na administração médica. Mais tarde, quando os hospitais da Marinha estavam repletos de feridos, o Primeiro-Tenente Tomaselli provara ser um administrador capaz, com um instinto para sentir a fronteira invisível entre a prática da medicina e a direção do hospital

Depois da guerra, tendo que encarar a escolha entre a advocacia e o trabalho do hospital, escolheu o segundo e ingressou na Escola de Administração Hospitalar da Universidade de Colúmbia. Diplomou-se em Colúmbia, numa época em que havia crescente reconhecimento de administração hospitalar como um campo especializado, tentador, no qual um diploma médico não era nem necessário nem particularmente útil. Isso abriu uma ativa procura de bons administradores, e, depois de dois anos como assistente, havia aceito a oferta de Orden Brown para o principal posto de Três Condados.

Harry Tomaselli, na realidade, estava apaixonado por seu trabalho. Compartilhava o ponto de vista de Kent O'Donnell sobre os níveis da boa medicina e respeitava o tino e o conhecimento de negócios do presidente do conselho, Orden Brown. Como administrador, era dever de Tomaselli ver que todos os serviços hospitalares — enfermagem, conservação, engenharia, construção, contabilidade e seus subsidiários — se ajustassem aos níveis que os outros dois homens desejavam.

Fazia isso por delegação — tinha uma feliz faculdade de indicar bons chefes de seção — e também por um intenso interesse pessoal em tudo o que se passava dentro do hospital. Quase nada que fosse de importância escapava a Harry Tomaselli. Cada dia, sua baixa e robusta figura podia ser vista correndo pelos corredores, parando frequentemente enquanto conversava com enfermeiras, pacientes, porteiros, funcionários, cozinheiras — qualquer um que lhe dissesse algo sobre o hospital ou fizesse uma sugestão de como dirigi-lo melhor. Novas ideias excitavam-no; seu próprio entusiasmo contagiava os outros. Algumas vezes, a cabeça lançada para frente, os olhos brilhando por trás dos óculos de aros negros, ele falava fluentemente, as ideias movendo-se a galope, as mãos indicando pontos à medida que os mencionava.

Em todas as suas peregrinações, Harry Tomaselli raramente tomava uma nota por escrito. Seu treino de advogado capacitava-o a levar os fatos já classificados na cabeça. Mas após cada volta de inspeção ele

disparava uma torrente num rápido memorando sobre todos os pontos, importantes ou não, onde sentia que a administração de Três Condados podia ser melhorada.

Entretanto, por tudo isso, tinha uma grande noção diplomática de tom e linguagem. Verbalmente ele faria uma reprimenda, depois falaria alegremente sobre qualquer outra coisa. E embora nunca desperdiçasse palavras, seus memorandos escritos eram sempre encantadores. Detestava despedir um empregado do hospital, a não ser que a provocação fosse realmente forte. Frequentemente dizia a seus chefes de departamento:

— Se alguém trabalha aqui mais de um mês temos um investimento em sua experiência. Se pudermos, é para nós uma vantagem mantê-lo, em vez de tentar outra pessoa nova, que poderá ter outras falhas que nem supomos.

Porque essa política era conhecida e respeitada, o moral dos empregados era elevado.

Havia ainda coisas sobre a organização que o preocupavam. Alguns departamentos, sabia, podiam tornar-se mais eficientes. Havia área onde o serviço aos doentes podia ser melhorado. Uma porção de equipamentos velhos necessitava conserto e substituição. Havia recentemente devolvido equipamentos — o cine-radiográfico era um exemplo — que sob condições ideais o hospital devia ter. O novo programa de construção melhoraria algumas dessas deficiências, mas não todas. Mas, afinal, este era o caminho para a complementação: sempre tentar um pouco mais do que sabia poder cumprir.

Seus pensamentos foram trazidos para o presente por Orden Brown. O presidente estava dizendo a O'Donnell:

— Vai haver muita atividade social, naturalmente, uma vez que a campanha esteja em andamento. Oh! há algo mais. Acho que seria uma boa coisa, Kent, se o introduzirmos como orador no Rotary Clube. Você lhes dirá o que o novo edifício fará. Nossos planos para o futuro e assim por diante.

O'Donnell, que não gostava de encontros públicos, especialmente a organizada bonomia dos serviços de clubes, ia fazer uma careta, mas conteve-se. Em vez disso, falou:

— Se achar que ajudará...

— Um dos meus conhecidos está na direção do Rotary — disse Orden Brown. — Pedirei que ele arranje isso. Seria melhor na semana de abertura da campanha. Então, na semana seguinte poderíamos fazer a mesma coisa no Kiwanis.

O'Donnell pensou em sugerir ao presidente que lhe deixasse algum tempo para a Cirurgia, ou ele poderia ter problemas em cumprir sua própria cota. Mas raciocinou melhor.

— Por falar nisso — dizia Orden Brown —, você está livre para jantar depois de amanhã?

— Sim, estou — respondeu O'Donnell prontamente. Sempre achava agradável a dignidade sossegada e formal do jantar na casa da colina.

— Gostaria que viesse comigo à casa de Eustace Swaine. — Vendo a surpresa de O'Donnell, o presidente acrescentou: — Está bem. Você está convidado. Ele pediu-me para lhe transmitir.

— Sim, gostarei muito de ir. — De qualquer modo, o convite para a casa do membro mais conservador do conselho diretor era inesperado. Naturalmente O'Donnell tinha visto Swaine algumas vezes, mas nunca chegara a conhecê-lo bem.

— Na realidade, foi minha a sugestão — disse Brown. — Gostaria que você conversasse com ele sobre o hospital em geral. Deixe que ele absorva algumas de suas ideias, se puder. Francamente, por vezes ele é um problema na diretoria, mas vocês na certa sabem disso.

— Farei o que puder. — Agora que sabia a que era destinado, O'Donnell não gostava do pensamento de estar sendo ligado à política da diretoria. Até então tinha conseguido manter-se afastado dela. Mas não podia dizer não a Orden Brown.

O presidente pegou sua maleta e preparou-se para sair. Tomaselli e O'Donnell levantaram-se com ele.

— Será só uma pequena reunião — avisou Orden Brown. — Provavelmente meia dúzia de pessoas. Olhe, por que não o pegamos no caminho para a cidade? Telefonarei quando sair.

O'Donnell balbuciou seus agradecimentos, enquanto, concordando alegremente, o presidente saiu.

Mal a porta se fechara sobre Orden Brown, quando a alta e esbelta Kathy Cohen, secretária de Tomaselli, entrou.

— Desculpe interromper — disse ela.

— O que é, Kathy?

— Há um homem no telefone insistindo em falar-lhe. Um Mr. Bryan.

— Estou ocupado com o Dr. O'Donnell. Telefonarei depois para ele.

— Tomaselli parecia surpreso. Normalmente ele nunca teria que dizer a Kathy algo tão elementar.

— Eu disse isso, Dr. Tomaselli. — Ela parecia em dúvida. — Mas ele é muito insistente. Disse que é o marido de uma paciente. Pensei que gostaria de saber.

— Talvez devesse falar com ele, Harry. O'Donnell sorriu para a jovem. — Não se preocupe, Kathy. Eu espero.

— Está bem. — O administrador alcançou um dos dois telefones.

— É na linha quatro. — A moça esperou até que a ligação fosse feita, depois foi para a sala de fora.

— O administrador falando. — O tom de Tomaselli era amigável. Depois franziu a testa levemente ao ouvir o que estava sendo dito do outro lado da linha.

O'Donnell podia ouvir os ásperos sons do diafragma ressoando duramente. Pegou as palavras: "Situação desagradável... imposição a uma família... deveria haver um inquérito".

Tomaselli tapou com a mão o bocal do telefone. Disse a O'Donnell:

— Ele está realmente furioso. Algo sobre sua mulher. Eu não pude entender...

Ouviu mais alguns minutos, depois disse:

— Agora, Mr. Bryan, que tal se comesse pelo início? Conte-me tudo. — Alcançou um bloco e lápis e então falou:

— Sim, senhor — uma pausa. — Diga-me, por favor, quando sua mulher foi admitida no hospital?

O telefone ressoou novamente e o administrador fez uma rápida anotação. — E quem era seu médico? — Outra vez anotou. — E a data da dispensa? — Uma pausa. — Sim, compreendo.

O'Donnell ouviu as palavras "Não posso ter nenhum prazer", depois Tomaselli falava outra vez:

— Não, Mr. Bryan, não me lembro particularmente desse caso. Mas abrirei inquérito, prometo-lhe. — Ele ouviu, depois respondeu: — Sim, senhor, eu sei bem o que uma conta de hospital representa para uma família. Mas o hospital não tira nenhum proveito, o senhor sabe.

O'Donnell ainda podia ouvir a voz no telefone, mas parecia mais calma respondendo ao conciliatório apelo de Tomaselli. Agora o administrador dizia: — Bem, meu senhor, é o médico quem decide quanto tempo um paciente fica no hospital. Acho que deve ter outra conversa com o médico de sua esposa, e o que farei durante esse tempo será pedir ao nosso tesoureiro para examinar sua conta, item por item.

Ouviu mais uns segundos, depois disse: — Obrigado, Mr. Bryan. Adeus.

Desligou o telefone, arrancou a página do bloco e colocou-a na bandeja marcada "Ditado".

— Qual o problema? — perguntou casualmente O'Donnell. Num hospital repleto, as queixas sobre serviços e mudanças não eram

únicas.

— Ele se queixa de que sua mulher foi mantida tempo demais. Agora tem que se endividar para pagar a conta.

O'Donnell disse duramente:

— Como ele sabe que foi tempo demais?

— Ele diz que verificou por aí, se é que isso quer dizer alguma coisa.

— Tomaselli disse duvidosamente: — Pode ter sido necessário, naturalmente, mas ela ficou aqui quase três semanas.

— E então?

— Normalmente eu não pensaria muito nisso. Mas temos tido um número fora do comum de queixas assim. Não são sempre tão fortes como essa, mas no mesmo diapásão.

Alguma coisa atravessou através da mente de O'Donnell: a palavra Patologia. Em voz alta disse:

— Quem era o médico que a atendeu? Tomaselli deu uma olhada nas suas anotações — Reubens.

— Vamos ver se o encontramos e tiramos isso a limpo agora mesmo.

Tomaselli ligou um telefone interno. — Kathy — disse —, veja se localiza o Dr. Reubens.

Esperaram em silêncio. Do corredor externo podiam ouvir uma voz suave pelo sistema de alto-falantes do hospital.

— Dr. Reubens. Dr. Reubens.

Depois de um momento o telefone tocou. Tomaselli levantou o fone e escutou. Então passou-o para O'Donnell.

— Reubens? É Kent O'Donnell.

— O que posso fazer por você? — O'Donnell podia ouvir a fina e clara voz de Reubens, um dos principais cirurgiões, do outro lado da linha.

— Você tem uma cliente — olhou para as anotações de Tomaselli

que o administrador empurrara em sua direção —, uma Mrs. Bryan?

— Tenho. Qual o problema? Seu marido se queixou?

— Você tem conhecimento, então?

— Claro que tenho. — Reubens parecia aborrecido — Pessoalmente, acho que tem boa razão para queixar-se.

— Qual a história, Reubens?

— A história é que eu internei Mrs. Bryan por possível carcinoma no seio. Removi o tumor. Ele parecia ser benigno.

— Então, por que conservá-la aqui três semanas?

Enquanto O'Donnell perguntava, lembrou-se de que com Reubens sempre tinha que ir através desse sistema de perguntas e respostas. Ele raramente dava uma informação voluntariamente.

Então ele respondeu:

— É melhor perguntar isso a Joe Pearson.

— Seria mais simples se me dissesse, Reubens. — A voz de O'Donnell era calmamente insistente. — Afinal de contas, é sua paciente.

Houve um silêncio. Depois a voz fina, cortante, disse:

— Está bem. Eu lhe disse que o tumor era benigno. Mas só depois de duas semanas e meia é que descobri. Foi o tempo que Pearson levou para pô-lo embaixo de seu microscópio.

— Você falou com ele sobre a demora?

— Eu não o chamei uma vez, e sim meia dúzia de vezes. Ele provavelmente demoraria mais se eu não tivesse ficado em cima.

— E foi por isso que conservou Mrs. Bryan internada por três semanas?

— Naturalmente. — A voz no telefone adquiriu um tom sarcástico. — Ou você está sugerindo que eu devia ter dado alta?



Havia razão para Reubens se aborrecer com esse assunto, pensou O'Donnell. Inquestionavelmente, ele tinha sido posto numa posição difícil. Se tivesse dado alta à paciente, talvez tivesse que chamá-la de volta para outra operação, como tinha sucedido com Bill Rufus. Por outro lado, cada dia a mais no hospital significava uma carga financeira extra para a família. Ele respondeu:

— Não estou sugerindo nada, Reubens. Só fazendo algumas perguntas.

O assunto obviamente preocupava Reubens.

— Então é melhor conversar com alguns dos outros rapazes — disse.

— Não fui o único a quem isso aconteceu. Soube de Bill Rufus?

— Sim, soube. Pensei que as coisas tivessem melhorado um pouco.

— Se melhoraram, não deu para reparar. O que você propõe fazer sobre a conta de Bryan?

— Duvido que possamos fazer alguma coisa. Afinal de contas, sua mulher ficou aqui três semanas. O dinheiro do hospital é pouco, você sabe.

O'Donnell conjecturou qual seria a reação de Reubens quando soubesse que lhe pediriam para que desse seis mil dólares seus para o fundo de construção do hospital.

— Isto é ruim. O marido é um sujeito decente: carpinteiro ou algo parecido. Trabalha por conta própria. Não tinha seguro. Isso irá atrasar a vida dele por muito tempo.

O'Donnell não respondeu. Seu espírito estava outra vez correndo na frente, pensando no que viria a seguir. Outra vez a voz fina no telefone:

— Bem, isso é tudo?

— Sim, Reubens, isso é tudo. Obrigado. — Ele entregou o telefone de volta para Harry Tomaselli.

— Harry, quero uma reunião esta tarde. O'Donnell tinha decidido o que devia ser feito.

— Vamos tentar reunir meia dúzia dos chefes da equipe. Nós nos encontraremos aqui, se for conveniente, e gostaria que você também estivesse.

Tomaselli concordou:

— Pode ser.

O'Donnell estava pensando na escolha dos nomes. "Vamos chamar Harvey Chandler, naturalmente, como chefe da Clínica Geral. Convém chamar Bill Rufus, e acho que Reubens também deve ser incluído." Fez uma pausa. "Oh, sim, e Charlie Dornberger. Pode ser útil.

Quantos são?"

O administrador verificou os nomes que tinha escrito.

— Seis, com você e comigo. Que tal Lucy Grainger?

Por alguns minutos O'Donnell hesitou. Depois disse: — Está bem. Vamos aumentar para sete, então.

— Agenda? — Tomaselli tinha seu lápis pronto.

O'Donnell sacudiu a cabeça.

— Não precisaremos. Há somente um assunto: mudanças na Patologia.

Quando o administrador mencionou o nome de Lucy Grainger, O'Donnell hesitou somente por uma razão: lembrara-se do encontro entre ele e Lucy na noite precedente.

Tinham-se encontrado para jantar, como resultado do convite feito a Lucy, no dia da conferência sobre mortalidade, e no Palm Court do Hotel Roosevelt tinham tomado coquetéis e depois uma leve refeição. Tinha sido uma ocasião agradável, amena, e eles tinham conversado ligeiramente sobre suas vidas, sobre pessoas que conheciam e as próprias experiências dentro e fora da medicina.

Depois O'Donnell tinha levado Lucy de carro para casa. Ela tinha-se mudado recentemente para Benvenuto Grange, um edifício de

apartamentos grande e moderno no lado norte da cidade. Aí, dissera:

— Você vai entrar para um drinque, não?

Ele deixara seu carro para que o porteiro uniformizado pusesse na vaga e seguiu-a. No elevador reluzente e silencioso subiram ao quinto andar; ao sair, dobraram um corredor revestido de grosso tapete, que silenciava seus passos. Ele tinha erguido as sobrancelhas e Lucy sorria.

— É um pouco terrificante, não é? Eu mesma ainda fico impressionada.

Tinha usado sua chave para abrir a porta e dentro apertou o comutador. Uma luz discreta e de bom gosto espalhou-se em volta de uma elegante sala. Ele podia ver a porta entreaberta de um quarto bem em frente.

— Vou preparar o drinque — ela disse. Suas costas voltavam-se para ele. O gelo bateu nos copos.

O'Donnell perguntou:

— Lucy, você nunca se casou? — Não — ela respondeu, sem se virar.

Ele disse suavemente:

— Algumas vezes imagino a razão.

— É realmente muito simples. Faz muito tempo desde que me pediram em casamento. — Lucy virou-se, carregando os drinques que tinha preparado. Entregou um a O'Donnell, depois dirigiu-se a uma cadeira. Disse pensativamente: — Agora que penso nisso, acho que houve somente uma ocasião, pelo menos só uma que tenha tido importância. Eu era bem mais jovem então.

O'Donnell provou seu drinque. — E sua resposta foi "não"?

— Eu desejava uma carreira na medicina. Naquele tempo parecia terrivelmente importante. Profissão e casamento não pareciam dar-se juntos.

Ele perguntou casualmente:

— Sem remorsos? Lucy refletiu:

— Não exatamente, acho eu. Consegui o que queria e tenho sido recompensada. Oh, algumas vezes ficamos a imaginar como as coisas se passariam se a decisão fosse diferente, mas afinal de contas é humano, não é?

— Acho que sim.

O'Donnell verificou estar estranhamente emocionado. Havia algo de profundo e terno em Lucy, um sentimento de paz e de estar em casa. "Ela devia ter filhos", pensou.

Ele perguntara:

— Ainda pensa da mesma maneira sobre casamento e medicina, isto é, para você?

— Não sou mais dogmática sobre nada — ela sorriu. — Isso pelo menos eu aprendi.

O'Donnell imaginou como, de seu ponto de vista, seria o casamento com Lucy. Haveria amor e doçura? Ou teriam suas carreiras ido paralelas e longe demais para mudanças e ajustamento agora? Quando casados, como passariam suas horas de folga? Seria a conversa íntima e doméstica? Ou seria sobre assuntos de hospital, com gráficos na mesa ao jantar e problemas de diagnóstico para sobremesa? Será que ele, em lugar de chegar a um "santuário", acharia meramente outro ramo lateral de medicina e de seu trabalho diário?

Em voz alta, disse:

— Sabe, tenho sempre pensado que temos muito em comum. — Sim, Kent — Lucy respondeu. — Eu também.

O'Donnell tinha terminado seu drinque, depois levantou-se para sair. Ele concluiu que ambos tinham dito mais do que passara nas palavras. Agora queria tempo para pensar e pôr as coisas nos lugares. Havia muita coisa envolvida para decisões apressadas.

— Não há realmente razão para ir, Kent. Fique, se o desejar. — Lucy

dissera isso simplesmente e ele sabia que, se ficasse, o que acontecesse a seguir seria por sua conta.

Parte de seu cérebro dizia-lhe que permanecesse, mas a precaução e o hábito venceram. Ele tomou suas mãos:

— Boa noite, Lucy. Vamos pensar sobre isso tudo.

Quando as portas do elevador se fecharam, ela ainda estava de pé na porta aberta do apartamento.

## VI

— Pedi que viessem aqui — dizia O'Donnell para o grupo ao redor da mesa na sala de diretoria —, porque gostaria de ter seu auxílio em algo que quero fazer.

Os outros ouviam atentamente. Dos que haviam sido convocados, todos tinham comparecido, exceto Reubens, que tinha programado uma operação de hérnia.

O'Donnell continuou:

— Acho que todos sabem que há um problema na Patologia. Acredito que concordarão, também, que é um problema pessoal tanto quanto médico.

— Que espécie de problema? — perguntou Charlie Dornberger. Enquanto o mais antigo obstetra falava, enchia seu cachimbo. — Não creio que eu entenda aonde quer chegar, Kent.

O'Donnell esperara algo assim. Sabia que Dornberger e Pearson eram íntimos amigos. Polidamente respondeu:

— Gostaria que me escutasse, Charlie, se quiser. Tentarei explicar.

Metodicamente, examinou os acontecimentos envolvidos — os atrasos nos relatórios cirúrgicos, o serviço sempre crescente que o hospital requeria de seu Departamento de Patologia, suas dúvidas de que Joe Pearson pudesse lidar com eles sozinho. Relatou o incidente da paciente de Bill Rufus, voltando-se para Rufus para confirmação e continuando com o relato que tinha tido, de Reubens, naquela manhã. Contou-lhes da própria entrevista que tivera com Pearson e a recusa do velho em aceitar um segundo patologista. Concluiu:

— Estou convencido de que precisamos de um novo elemento para ajudar Joe. Quero o auxílio de vocês para indicar um para ser trazido

para cá.

— Tenho andado preocupado com a Patologia também. — Prontamente, como para assegurar a observância do protocolo, Harvey Chandler, o chefe da Clínica, seguiu O'Donnell. Suas palavras continham a ideia de uma opinião judicial ponderadamente concedida; como de costume, suas mais simples afirmações tinham um ar de suave pompa. Ele continuou: — Mas a situação pode ficar difícil com Joe Pearson pensando da maneira como o faz. Afinal de contas, ele é chefe de departamento e temos que evitar qualquer ideia em menosprezo à sua autoridade.

— Concordo — apartou O'Donnell —, e por isso quero ajuda. — Ele tamborilou com os dedos no tampo da mesa para dar mais ênfase. — Alguma ajuda para convencer Joe Pearson de que as mudanças são necessárias.

— Não tenho certeza de aprovar a maneira como estamos fazendo — disse Bill Rufus.

— Por quê, Bill? — O'Donnell notou que hoje Rufus usava uma de suas gravatas mais discretas. Tinha só três cores, em lugar das costumeiras quatro.

— Não acho que alguns de nós, reunidos assim, tenhamos quaisquer direitos de discutir sobre uma mudança na Patologia. — Rufus olhou para os outros. — É claro que tive alguns desacertos com Joe Pearson. Acho que a maioria de nós teve. Mas isso não significa que vou ligar-me a uma espécie de conspiração para nos livrarmos dele.

O'Donnell gostou que isso surgisse, estava pronto para rebater:

— Deixe-me dizer claramente: não há nenhuma intenção de minha parte ou de ninguém mais de, como você assegura — olhou para Rufus —, ver-se livre do Dr. Pearson.

Houve um murmúrio de aprovação.

— Encaremos desse modo — continuou O'Donnell: — parece haver concordância de que são necessárias mudanças na Patologia. Vamos ver o caso dos testes cirúrgicos. Cada dia de atraso, quando a

cirurgia é necessária, significa perigo para o paciente. Sei que não preciso acentuar isso.

Harry Tomaselli interveio:

— E não se esqueçam de que tais demoras prendem leitos de hospital, de que necessitamos desesperadamente. Nossa lista de espera para admissão ainda é grande demais.

O'Donnell retomou a palavra:

— É claro que, em vez de fazer as coisas assim, eu podia ter reunido o comitê executivo. — Fez uma pausa. — Ainda o farei, se precisar, mas acho que sabem o que poderá acontecer. Joe em pessoa é membro do executivo, e, conhecendo Joe como todos conhecemos, qualquer discussão será uma verdadeira cena. Nesse caso, conjecturando que forcemos uma decisão, o que ganharemos? Provaríamos a Joe Pearson que não está mais encarregado de seu próprio departamento. E medicamente falando e de toda maneira, como Harvey disse, nós nos diminuiríamos e ao hospital.

O'Donnell pensou também no que não podia dizer para os outros; que também pesava a influência de Pearson com a velha guarda da diretoria do hospital, e as repercussões políticas que revelações dessas poderiam criar.

— Não estou dizendo que estou com você, mas qual a sua sugestão?  
— A pergunta veio de Charlie Dornberger. Ele pontuou-a com nuvens de fumaça de seu cachimbo aceso.

Rufus fungou: — É melhor encurtarmos isso. Eu não serei capaz de respirar aqui dentro em breve. Você importa esse esterco de camelo, Charlie?

Quando os outros sorriram, O'Donnell decidiu pôr as coisas em pratos limpos.

— Minha sugestão, Charlie, é que você procure Joe, para bem de nós todos.

— Oh! não! — A reação de Dornberger era exatamente a que



O'Donnell previra. Ele decidiu ser persuasivo.

— Charlie, nós sabemos que você é amigo íntimo de Joe, e eu tinha isso em mente quando o chamei aqui. Você poderia persuadi-lo.

— Em outras palavras, você quer que eu tire o peso de cima de vocês  
— disse Dornberger secamente.

— Charlie, não é um peso, acredite-me.

O Dr. Charlie Dornberger hesitou. Reparou que os outros o estavam observando, esperando sua resposta. Ele debatia consigo mesmo se deveria fazer o que O'Donnell pedira ou não. Estava dividido entre dois sentimentos em conflito — seu interesse pelo bem do hospital e sua amizade com Joe Pearson.

De um certo modo, as notícias do estado de coisas na Patologia não eram inteiramente inesperadas; era uma situação de que ele suspeitara há algum tempo. Entretanto, os dois incidentes referentes a Rufus e Reubens, que O'Donnell relatara, tinham-no chocado enormemente. Dornberger sabia também que O'Donnell não faria essa reunião, a não ser que estivesse seriamente preocupado, e respeitava a opinião do chefe da Cirurgia.

Ao mesmo tempo, Charlie Dornberger queria ajudar Joe Pearson, se pudesse, e naquele momento ele sentiu-se aborrecido com a onda de acontecimentos que pareciam estar engolindo o antigo patologista. E entretanto O'Donnell parecia ser sincero, quando dizia que não havia intenção de se livrar de Pearson, e os outros pareciam compartilhar desse sentimento. Decidiu que talvez pudesse ser o intermediário. Possivelmente poderia ajudar mais Joe dessa maneira.

Dornberger olhou em volta para os outros. Perguntou:

— É unânime?

Lucy Grainger disse pensativamente:

— Gosto muito de Joe. Acho que todos gostamos. Mas acho, realmente, que são necessárias as mudanças na Patologia.

Era a primeira vez que Lucy falava. Ela também tinha pensado no seu encontro com Kent O'Donnell. O que se passara entre eles em seu apartamento na noite precedente a tinha deixado estranhamente perturbada, de um jeito do qual não se lembrava de ter sentido há anos. Mais tarde imaginara se estava apaixonada por O'Donnell, mas dissera, não muito sinceramente, que essa espécie de frase ficava muito bem para os jovens e ardentes, mas na sua idade — com maturidade, independência e prática profissional — pensava e raciocinava excluindo apressadas emoções preconcebidas. Neste momento, entretanto, julgava-se apta para separar os sentimentos pessoais e profissionais e pensar no problema da Patologia. Na medicina aprende-se a fazer isso: tirar assuntos da mente quando interesses imediatos são mais importantes.

O'Donnell olhou para Rufus.

— Bill?

O cirurgião aquiesceu:

— Está bem, se Charlie procurar Pearson, eu concordo.

Harvey Chandler era o seguinte. O chefe da Clínica disse a Dornberger ponderadamente:

— Na minha opinião, é a melhor maneira de ajeitar a situação, Charlie. Você estará fazendo um serviço para todos nós e para o hospital.

— Muito bem — disse Dornberger. — Verei o que posso fazer.

Houve um momento de silêncio e O'Donnell sentiu uma sensação de alívio. Sabia que o problema tinha sido compreendido, e agora, pelo menos, alguma coisa seria feita. Então, se aquela aproximação falhasse, ele teria que se valer de métodos mais diretos. Algumas vezes, refletia, seria mais simples se o protocolo médico fosse menos complicado. Na indústria, se um homem não fizesse seu trabalho adequadamente, você o despedia. Se desejasse que ele tivesse um assistente, você lhe diria que o fizesse e geralmente assim acontecia. Mas na medicina e num hospital era menos direto.

As margens de autoridade eram raramente rompidas, e um chefe de departamento, uma vez nomeado, era realmente senhor no seu próprio domínio. O que era até mais importante — hesitava-se em tomar medidas drásticas porque se estava lidando com algo mais importante do que um emprego. Estava-se duvidando da habilidade de um homem que, como você mesmo, era dependente de sua reputação profissional. Era um assunto delicado, no qual uma única decisão podia afetar todo o futuro e a vida de um companheiro de profissão. Era por isso que se procedia assim, com cautela, conservando as coisas sob panos quentes, e cuidadosamente mantidas fora do escrutínio público.

Harry Tomaselli disse suavemente:

— Compreendi então que vamos procurar um patologista capaz.

— Acho que podemos começar a procurar — O'Donnell respondeu ao administrador, depois olhou para os demais. — Imagino que a maioria de nós tem contatos onde podemos tomar informações. Se souberem de alguém, uma boa pessoa que esteja terminando seu período de residente, talvez, gostaria que me avisassem.

— Os patologistas, hoje em dia, podem ser muito requestados — disse Bill Rufus.

— Eu sei. Isso não vai ser fácil — acrescentou O'Donnell. — E há muitas razões para lidar com Joe com cuidado.

Harry Tomaselli tinha pegado, numa das gavetas de sua escrivaninha, um grosso fichário. Disse:

— Há algo que pode interessá-los. Harvey Chandler perguntou:

— O que é que você tem aí?

— Tenho recebido a "lista aberta" sobre os patologistas, ultimamente — respondeu Tomaselli. — Francamente, eu previra algo como isso, e pedi essa relação. Este nome chegou há uma semana ou duas.

— Posso ver? — O'Donnell pegou o papel que Tomaselli lhe

entregou. Ele sabia que a "lista aberta" circulava periodicamente, a pedidos, nos hospitais. Continha informações sobre patologistas aptos para empregos, e os homens em questão tinham dado sua permissão para que seus nomes fossem usados. Havia também uma "lista fechada", mas isso era conservado em confiança pela Sociedade Profissional dos Patologistas. A maioria da "lista fechada" compreendia homens insatisfeitos com seus empregos atuais e que, discretamente, procuravam fazer uma mudança. Nesse caso, o hospital avisaria à sociedade de suas necessidades, e essa informação circularia entre os que integravam a "lista fechada". Se conviesse, o indivíduo procuraria o hospital diretamente. Sim, com toda essa encenação existente, O'Donnell sabia que a maioria dos contratos com patologistas era feita na base de contatos pessoais e recomendação.

Ele olhou o papel que o administrador lhe passara. O candidato era um Dr. David Coleman, de trinta e um anos de idade. As sobrancelhas de O'Donnell levantaram-se quando notou a experiência e a ficha de Coleman. Graduado com honras na Universidade de Nova York. Interno no Hospital Bellevue. Dois anos no Exército, servindo principalmente em Patologia. Residente durante cinco anos como patologista em três bons hospitais. Aí estava um homem que, claramente, era talhado na melhor escola. Passou o papel para Rufus.

— Duvido muito que olhe para nós — disse para Tomaselli. — Não com essas qualificações e com o que podemos pagar-lhe para começar.

O'Donnell sabia, por uma conversa anterior com o administrador, que o nível do salário seria por volta de dez mil dólares anuais.

Rufus olhou:

— Concordo. Este homem pode fazer sua escolha nos hospitais das grandes cidades. — Passou o papel para Harvey Chandler.

— Bem, por falar nisso... — Tomaselli fez uma pausa; ele parecia extraordinariamente cauteloso, como se cuidadosamente pesasse

cada palavra. O'Donnell perguntou com curiosidade:

— O que é, Harry?

— Bem, o fato é que o Dr. Coleman está interessado neste hospital.

— Tomaselli interrompeu-se. — Acho que ouviu alguma coisa de nossas recentes modificações e planos para o futuro.

O'Donnell quebrou o súbito silêncio.

— Como você sabe?

— Sei porque tivemos certa correspondência.

Rufus perguntou:

— Isso não é um pouco fora do comum, Harry?

— Talvez eu estivesse sendo prematuro, mas quando isso chegou — Tomaselli indicou o papel que tinha sido passado para Lucy —, eu escrevi para o Dr. Coleman. Não disse nada em definitivo, naturalmente. Era só uma tentativa de aproximação, espécie de sondagem.

Ele virou-se para O'Donnell.

— Foi depois de nossa conversa, há duas semanas. Deve se lembrar, Kent.

— Sim, lembro-me.

O'Donnell desejava que Harry tivesse comunicado o fato antes. Naturalmente o administrador tinha o direito de corresponder-se com quem quisesse. Ele não comprometera o hospital, de nenhum modo. A correspondência era presumivelmente confidencial. Possivelmente demonstrar-se-ia como tendo sido boa. Disse para Tomaselli:

— Você disse que ele se interessou?

— Sim, ele gostaria de vir falar conosco. Se isso não tivesse acontecido hoje eu ia lhe falar.

Dornberger retinha o papel agora. Bateu nele com o dedo indicador.

— Que querem que eu faça sobre isto? O'Donnell olhou para os outros buscando confirmação.

— Acho que deve levá-la consigo, Charlie — disse. — E sugiro que o mostre a Joe Pearson.

## VII

Num anexo da sala de autópsia, Roger Mc Neil, o patologista residente, estava quase pronto para o exame histopatológico. Só faltava o Dr. Joseph Pearson.

No Três Condados a conferência total era o segundo estágio depois da autópsia. Meia hora atrás George Rinne, *dienner* do necrotério, tinha trazido os órgãos removidos em três autópsias precedentes naquela semana. Dois conjuntos de órgãos estavam limpamente arrumados em baldes brancos de esmalte, e ao lado deles, em potes de vidro, estavam três cérebros. No centro da sala grande de conferência histopatológica havia uma mesa de pedras com uma grande pia embutida e uma torneira de água por cima. No momento a torneira estava aberta e embaixo estava o terceiro balde de órgãos, a água lavando o formol no qual os órgãos eram preservados, assim como lavava alguns dos mais desagradáveis odores.

Mc Neil olhou à volta, fazendo um exame final. Pearson ficava sempre irascível se tudo não estivesse à mão. Mc Neil refletiu que a sala na qual faziam seu trabalho era apropriadamente macabra — especialmente quando os órgãos eram expostos, como seriam dentro de poucos minutos, tornando-a semelhante a um açougue. Ele tinha estado em salas hospitalares de dissecação onde tudo era de aço inoxidável e reluzente; mas isso era o modo moderno, que ainda não alcançara o Departamento de Patologia do Três Condados. Agora ele ouvia as familiares passadas meio arrastadas, e Pearson entrou, trazendo consigo a inevitável nuvem de fumaça de charuto.

— Não posso perder tempo. — Pearson raramente se preocupava com preliminares. — Há uma semana e meia tive aquele acerto com O'Donnell, e ainda estamos atrasados.

O charuto balançava para cima e para baixo.

— Quando isso estiver terminado, quero um exame de todos os casos cirúrgicos. Qual o primeiro caso?

Enquanto falava, colocava um avental preto de borracha e luvas do mesmo material. Então foi para a mesa central e sentou-se. Mc Neil galgou um banco em frente e examinou as anotações dos casos.

— Uma mulher de cinquenta e cinco anos. Causa médica do óbito: câncer do seio.

— Deixe-me ver.

Pearson pegou a ficha. Algumas vezes sentava-se pacientemente enquanto o residente descrevia um caso; outras ocasiões queria ler tudo, ele mesmo. Nisso, como em tudo o mais, era imprevisível.

— Hum! — Pousou os papéis e fechou a água que corria. Depois procurou dentro do balde e empurrou tudo à sua volta até achar o coração. Abriu-o usando as duas mãos.

— Você cortou isso?

O residente balançou a cabeça negativamente.

— Logo vi. Achei que não tinha sido. — Pearson mirou o coração novamente. — Foi Seddons?

Mc Neil concordou, um pouco relutantemente. Ele mesmo reparara que o coração estava mal cortado.

— Ele deixou a marca do Zorro. — Pearson sorriu. — Parece que estava duelando com ele. Por falar nisso, onde está Seddons?

— Acho que havia algo na Cirurgia. Uma operação que desejava ver.

— Diga-lhe, de minha parte, que, enquanto qualquer residente estiver afeito à Patologia, espero que compareça a todas as conferências. Está bem. Vamos continuar com isso.

Mc Neil colocou um bloco sobre o joelho e preparou-se para escrever. Pearson ditou:

— O coração mostra um ligeiro aumento e dobramento da válvula mitral. Vê isso aí?



Ele segurou-o, expondo-o. Vindo para o lado, Mc Neil respondeu:

— Sim, vejo. Pearson continuou:

— Os tendões do coração estão fundidos, diminuídos e engrossados.

— Acrescentou casualmente: — Parece que tinha uma velha febre reumática. Embora isso não fosse a causa da morte.

Ele cortou uma pequena porção do tecido e pôs num jarro numerado, mais ou menos do tamanho de um tinteiro. Isso era para posterior exame microscópico. Depois, com a facilidade da longa prática, arremessou o remanescente do coração num buraco mais embaixo da mesa. Por baixo do buraco havia um recipiente de metal. Mais tarde, nesse mesmo dia, seria esvaziado e limpo o conteúdo, sendo transformado em bela cinza, num incinerador especial.

Agora Pearson olhava os pulmões. Abriu o primeiro pulmão, como duas grandes folhas de um livro, depois ditou para Mc Neil:

— O pulmão mostra múltiplos módulos metastáticos.

Outra vez mostrou o tecido para o residente ver. Tinha a atenção voltada para o segundo pulmão, quando a porta atrás dele abriu-se.

— Ocupado, Dr. Pearson?

Pearson virou-se, irritado. A voz era a de Carl Bannister, chefe técnico do laboratório do Departamento de Patologia. Bannister tinha posto com medo a cabeça pela porta, e havia outra pessoa atrás dele no corredor.

— Claro que estou ocupado. Que quer?

Era a entonação, meio rosnada meio jocosa, que Pearson habitualmente usava com Bannister. No correr dos anos os dois tinham se acostumado a isso; qualquer coisa mais cordial provavelmente confundiria os dois. Bannister estava imperturbável. Indicou a pessoa atrás dele:

— Entre. — Depois, disse para Pearson: — Este é John Alexander. Você se lembra, nosso novo técnico de laboratório. Você contratou-o há uma semana. Ele começa a trabalhar hoje.

— Ah! é mesmo. Esqueci que era hoje. Entre.

Pearson era mais amável do que tinha sido com Bannister. Mc Neil pensou: "Talvez não queira assustar um novo empregado no primeiro dia".

Mc Neil observou com curiosidade o recém-chegado. Vinte e dois anos, calculou; mais tarde veria que estava exatamente certo. Sabia, pelo que tinha escutado, que Alexander vinha da universidade com um diploma de tecnologia médica. Bem que precisavam de alguém assim, naquele lugar. Bannister, evidentemente, não era nenhum Louis Pasteur.

Mc Neil voltou os olhos para o chefe dos técnicos. Como de costume, a aparência de Bannister tornava-o uma espécie de membro menor da liga de Pearson. Seu corpo baixo e barrigudo estava parcialmente coberto por um manchado casaco de laboratório. O casaco não estava abotoado e as roupas por baixo aparentavam estar usadas e amassadas. Bannister era quase careca e o cabelo que lhe restava parecia ser totalmente ignorado.

Mc Neil conhecia um pouco da história de Bannister. Tinha vindo para Três Condados um ano ou dois depois da chegada de Pearson. Tinha instrução secundária e Pearson o tinha contratado para estranhos trabalhos — funcionário do depósito, mensageiro, lavador de vidros. Gradualmente, à medida que os anos passavam, Bannister aprendera muitas coisas práticas ao redor do laboratório, tornando-se, cada vez mais, o braço direito de Pearson.

Oficialmente o trabalho de Bannister era sobre serologia e bioquímica. Mas estava no departamento há tanto tempo que podia substituir, se necessário, e frequentemente o fazia, qualquer técnico em outras seções do laboratório. Por causa disso Pearson havia empurrado uma boa parte do trabalho administrativo para Bannister, deixando-o efetivamente encarregado de todos os técnicos. No momento, Mc Neil considerava Bannister com muita experiência, mas pouca teoria. Por observação o residente sabia que a maior parte do trabalho de Bannister no laboratório era mais por

rotina que por raciocínio. Ele podia fazer testes químicos e serológicos, mas sem nenhuma real compreensão da ciência por trás deles. Mc Neil frequentemente pensava que um dia isso podia ser perigoso.

Alexander, naturalmente, era uma aquisição diferente.

Tinha vindo da maneira que a maioria dos técnicos de laboratório vêm hoje em dia, com três anos de universidade de contrapeso, sendo o último ano numa reconhecida escola para tecnólogos de medicina. A palavra "tecnologia" era um desagradável ponto para pessoas como Bannister, que só conseguiam o termo "técnico".

Pearson acenou seu charuto para o banco que sobrava ao lado da mesa.

— Sente-se, John.

— Obrigado doutor — respondeu Alexander polidamente. No seu casaco de laboratório, sem manchas, com um terno bem cortado, calças passadas e sapatos engraxados, ele apresentava um contraste tanto com Pearson como com Bannister.

— Acha que gostará daqui?

Pearson olhou para os pulmões que segurava e continuou o exame enquanto conversava.

— Estou seguro de que sim, doutor.

"Bom rapaz este", pensou Mc Neil. "Fala como se realmente assim pensasse."

— Bem, John — dizia Pearson —, você descobrirá que temos certas maneiras de fazer as coisas. Pode não ser a maneira à qual você está acostumado, mas achamos que funciona muito bem assim.

— Compreendo, doutor.

"Compreende mesmo?", pensou Mc Neil. "Será que entende o que o velho está realmente dizendo? — que não quer nenhuma mudança neste lugar, que não deve haver nenhuma bobagem como ideias que possa ter adquirido na escola, que nada no departamento — não

importa quão insignificante — deve ser endireitado sem sua bênção?"

— Algumas pessoas poderão dizer que somos atrasados — continuou Pearson. Estava sendo bastante gentil dessa maneira. — Mas acreditamos em métodos experimentados e testados. Não, é Carl?

Chamado para endossar, Bannister foi rápido na resposta.

— É verdade, doutor.

Pearson tinha terminado de ver os pulmões, e, mergulhando a mão no balde, como tirando um bilhete de loteria, tinha trazido um estômago. Ele resmungou, depois mostrou uma parte aberta para Mc Neil.

— Está vendo isto? O residente aquiesceu.

— Vi isto antes. Tenho aqui anotado.

— Está bem.

Pearson indicou o bloco e então ditou:

— Há uma úlcera péptica aqui bem embaixo do anel pilórico no duodeno.

Alexander tinha-se levantado levemente para poder ver melhor.

Pearson viu o movimento e mostrou-lhe o órgão. — Está interessado em dissecação, John? Alexander respondeu respeitosamente: — Sempre estive interessado em anatomia, doutor. — Como também no trabalho de laboratório?

Mc Neil sentiu que Pearson estava satisfeito. Anatomia patológica era o primeiro amor do velho médico.

— Sim, senhor.

— Bem, esses são os órgãos de uma mulher de cinquenta e cinco anos. — Pearson virou as folhas do histórico do caso, na frente dele. Alexander estava vivamente interessado.

— Interessante, esse caso. A paciente era viúva e estava com um

câncer no seio. Dois anos antes de morrer sabia que tinha alguma coisa, mas não se decidira a ver um médico. Parecia ter uma certa prevenção contra eles.

— Algumas pessoas têm. — Era Bannister. Deu uma risada alta, que sumiu quando encontrou o olhar de Pearson.

— Evite seus palpites maliciosos. Estou dando uma ideia a John. Talvez também você possa aproveitar. — Qualquer um que não fosse Bannister teria ficado encabulado com a resposta de Pearson. Mas o técnico simplesmente sorriu.

— Que aconteceu, doutor? — perguntou Alexander.

— Aqui diz: a filha declara que nos dois últimos anos a família notara que do seio esquerdo de sua mãe purgava um líquido. Catorze meses antes de internar-se foi notado sangue no mesmo local. Afora isso, sua saúde parecia normal.

Pearson virou a página.

— Parece que esta mulher tinha fé num curandeiro. — Ele riu amargamente. — Ou parece, então, que não tinha bastante fé, e acabou entregando os pontos e tiveram de interná-la aqui no hospital.

— Nessa ocasião, suponho que já era muito tarde. "Isto não é polidez", Mc Neil pensou. "Esse rapaz, Alexander, está realmente interessado."

— Sim — respondeu Pearson. — Mas se tivesse procurado um médico desde o começo talvez tivesse feito uma mastectomia radical, quer dizer, a remoção de um seio.

— Sim, senhor, eu sei.

— Se tivesse feito isso, talvez ainda estivesse viva. — Pearson olhou dentro da cavidade do estômago.

Uma coisa estava preocupando Alexander. Ele perguntou:

— O senhor não disse que ela tinha uma úlcera péptica?

"Bom para você", pensou Mc Neil. Pearson parece que teve a mesma reação, pois virou-se para Bannister:

— Eis aí, Carl. Esse rapaz mantém os olhos bem abertos. Preste atenção ou em breve ele estará lhe dando lições.

Bannister sorriu, mas Mc Neil achou que era um sorriso meio amargo. O que Pearson acabara de dizer talvez viesse a ser uma verdade comprovada e desagradável.

— Bem, John — Pearson agora estava realmente falando. — Isso poderia vir a dar algum trabalho também, mas pode ser que não.

— O senhor quer dizer que talvez ela nem tenha sabido disso?

Mc Neil achou que já era tempo de dizer alguma coisa, ele também.

— É interessante — disse a Alexander — como às vezes as pessoas têm alguma coisa de errado além da que causa a sua morte. Coisas que talvez nunca tenham sabido. Você vai encontrar uma quantidade desses casos por aqui.

— É verdade — concordou Pearson. — Sabe, John, o mais interessante no corpo humano não é o que nos mata, mas aquilo que vive errado dentro de nós, deixando-nos, no entanto, continuar a viver. — Fez uma pausa. Depois, mudando abruptamente de assunto: — Você é casado?

— Sou, sim, senhor. — Sua mulher está aqui?

— Não. Ainda não. Ela virá na próxima semana. Tenho de encontrar primeiro um lugar para nós.

Mc Neil lembrava-se de que Alexander era um dos candidatos de fora da cidade que pedira um emprego no Hospital de Três Condados.

Ele parecia recordar-se também de que Chicago fora mencionado. Alexander hesitou, depois acrescentou: — Há uma coisa que gostaria de pedir-lhe, Dr. Pearson. — O que é? — A voz do velho doutor era cautelosa.

— Minha mulher está grávida, doutor, e, vindo para uma cidade

nova, nós não conhecemos ninguém. — Alexander parou: — Este bebê é muito importante para nós. O senhor sabe, nós perdemos nossa primeira criança, um mês depois de ela ter nascido.

— Bem. — Pearson parou de trabalhar e estava ouvindo com toda a atenção.

— Estava pensando se o senhor poderia recomendar-me um obstetra que pudesse atender a minha mulher.

— Isto é fácil. — Pearson parecia aliviado. Ele claramente já imaginava o que estava para vir. — Dr. Dornberger é um bom nome. Ele tem um consultório aqui no hospital. Você quer que eu telefone para ele?

— Sim. Se não for muito trabalho. Pearson falou com Bannister. — Veja se ele está aí.

Bannister pegou o telefone por trás deles e pediu uma linha.

Depois de uma pausa, disse:

— Ele está — e entregou o aparelho a Pearson.

Com ambas as mãos enluvadas e molhadas, o velho médico sacudiu a cabeça, irritado.

— Segure! Segure!

Bannister aproximou-se e segurou o telefone junto ao ouvido de Pearson.

— É você, Charlie? — O patologista gritou no bocal. — Tenho uma paciente para você.

Em seu consultório, três andares acima, o Dr. Charlie Dornberger sorriu e afastou um pouco o telefone do ouvido. Ele perguntou:

— O que pode um obstetra fazer para a espécie de paciente que você tem? — Ao mesmo tempo pensava como essa chamada fora conveniente. Desde seu encontro com O'Donnell no dia anterior, Charlie Dornberger estava imaginando qual a melhor maneira de aproximar-se de Joe Pearson. Agora, tudo indicava, a oportunidade

tinha chegado sozinha.

Lá embaixo, na Patologia, Pearson movia seu charuto para o canto da boca. Ele sempre gostava de falar com Dornberger.

— Essa não é uma paciente morta, seu velho gordo. Está viva, é mulher de um dos meus rapazes, aqui do laboratório, Mrs. John Alexander. São novos na cidade. Não conhecem ninguém aqui.

Quando Pearson mencionou o nome, Dornberger abriu a gaveta de fichas e pegou uma, ainda em branco.

— Um momento. — Ele pousou o telefone sobre o ombro e, usando a mão esquerda para segurar a ficha, escreveu com sua letra muito elegante: "Alexander, Mrs. John". A organização em tudo que fazia era típica de Dornberger. Então ele disse:

— Com todo o prazer. Você vai mandar que eles telefonem marcando hora?

— Muito bem, Algum dia da próxima semana. Mrs. Alexander ainda não chegou à cidade. — Sorriu para Alexander e depois acrescentou, quase gritando: — E se eles quiserem gêmeos, Charlie, dê um jeito para que consigam.

Pearson ouviu a resposta de Dornberger e riu. Uma ideia de repente iluminou-o.

— Ei! Outra coisa! Nada daqueles seus preços malucos por esse trabalho. Não quero que o rapaz me peça aumento de ordenado porque não pode pagar a conta do médico.

Dornberger sorriu e disse:

— Não se incomode. — No cartão ele marcou a anotação: "Empregado do hospital". Isso era um sinal, para si mesmo, de que nada seria cobrado daquela paciente. Ao telefone, disse: — Joe, há qualquer coisa que lhe quero falar. Quando é que você pode conversar comigo?

— Hoje não posso, Charlie! Tenho o dia todo tomado. Que tal amanhã?



Dornberger consultou sua lista de apontamentos.

— Amanhã quem está com o dia todo tomado sou eu. Vamos marcar então para depois de amanhã. Que tal mais ou menos dez horas da manhã? Eu irei ao seu consultório.

— Está muito bem. A não ser que você prefira dizer-me agora, no telefone. — A voz de Pearson parecia curiosa.

— Não, Joe — respondeu Dornberger. — Prefiro ir aí falar com você.

Na Patologia, Pearson respondeu:

— Muito bem, Charlie. Eu o espero, então. Até lá. Impaciente, afastou-se do telefone, e Bannister desligou-o.

Pearson disse a Alexander:

— Está tudo arranjado. Sua mulher pode ser internada no hospital quando chegar a hora. Como você é empregado aqui, terá vinte por cento de desconto na sua conta.

Alexander estava radiante. Mc Neil pensou: "Isso, aproveite, vá se divertindo, meu amigo. Este é um dos bons momentos do velho. Mas não se engane. Haverá outros que não serão tão agradáveis assim".

— Um momento, por favor.

Em seu consultório, Dornberger sorriu para a estudante de enfermagem que tinha entrado, enquanto ele falava com Pearson. Indicou uma cadeira para que ela se sentasse, ao lado de sua mesa.

— Obrigada, doutor. — Vivian Loburton tinha trazido a ficha da paciente pedida por Dornberger.

Normalmente os médicos não tinham essa espécie de serviço. Tinham de andar até a enfermaria e procurar lá pelas fichas. Mas Dornberger era querido entre as enfermeiras; elas estavam sempre fazendo pequenas coisas para ele, e quando ele telefonara há poucos minutos atrás, a chefe das enfermeiras mandara Vivian no mesmo

instante.

— Quando posso, gosto de fazer uma coisa de cada vez. — Dornberger estava agora escrevendo a lápis na ficha, anotando alguns dados que Joe Pearson lhe dera. Mais tarde, quando tivesse mais informações sobre a paciente, complementaria essas notas a lápis e completaria a ficha com tinta. Ainda escrevendo, perguntou à moça:

— Você é nova aqui, não é?

— Mais ou menos, doutor — respondeu Vivian. — Este já é meu quarto mês na Escola de Treinamento.

Ele notou sua voz macia e ritmada. Bonita, também. Imaginava se ela já teria dormido com algum dos internos ou residentes. Ou será que as coisas tinham mudado tanto desde seus anos de estudante? Às vezes suspeitava de que os internos e residentes de hoje em dia estavam ficando mais reservados do que costumavam ser. Uma pena!

Se fosse verdade, eles estariam perdendo muita coisa. Em voz alta disse:

— Era o Dr. Pearson, nosso patologista. Já o conhece?

— Sim — disse Vivian. — Minha classe foi a uma autópsia.

— Ah! e você... — ia perguntar se gostara, mas mudou para: — Que tal você achou? Vivian respondeu:

— No primeiro momento fiquei chocada, mas depois não me incomodei muito.

Ele concordou com simpatia. Quando acabou de escrever, colocou o cartão de lado. Tinha sido um dia mais sossegado que o normal; era quase um luxo poder terminar todo o seu trabalho antes de começar outro. Estendeu a mão para pegar a ficha.

— Obrigado. — E acrescentou: — Não levarei mais de um minuto com isso. Se quiser, pode esperar.

— Está bem, doutor.

Vivian resolveu que mais uns minutos longe daquela correria das enfermeiras seriam muito bem-vindos. Sentou-se na cadeira. Estava fresco ali, com ar condicionado. Na sala das enfermeiras não havia aquele luxo todo.

Vivian observava o Dr. Dornberger enquanto ele estudava as fichas. Provavelmente era da mesma idade do Dr. Pearson, pensou, mas certamente muito diferente na aparência. Enquanto o patologista tinha um rosto redondo e um queixo duro, o Dr. Dornberger era magro e anguloso. Em algumas outras coisas também sua figura era um contraste, com essa mecha de cabelos brancos perfeitamente repartidos e penteados. Ela notou que suas mãos eram tratadas e que seu casaco branco de hospital estava passado e sem nenhuma mancha.

Dornberger devolveu-lhe a ficha.

— Obrigado — disse-lhe. — Foi muito gentil de sua parte trazer-ma.  
— Ele tinha um jeito especial. Tinha também ouvido dizer que ele era muito querido por suas pacientes. Não era difícil de compreender por quê.

— Nós nos veremos ainda, espero. — Dornberger levantou-se e abriu a porta cortesmente. — Felicidades nos seus estudos.

— Adeus, doutor. — Ela saiu, deixando um leve perfume atrás de si. Não era a primeira vez que o contato com a juventude fazia Dornberger pensar em si mesmo. Voltou para sua cadeira e inclinou-se para trás, meditativamente. Distraído, pegou o cachimbo e começou a enchê-lo.

Já praticava medicina há trinta e dois anos; em uma ou duas semanas começaria o trigésimo terceiro. Esses anos tinham sido cheios e compensadores. Financeiramente, não tinha problemas. Seus quatro filhos estavam casados, e ele e sua mulher podiam viver confortavelmente com os investimentos que fizera. Mas sentir-se-ia feliz em se aposentar e viver uma vida bucólica? Essa era a questão. Em todos esses anos de medicina, Charlie Dornberger se orgulhava de estar sempre em dia. Tinha decidido há muitos anos atrás que

nenhum médico mais moço iria ultrapassá-lo, nem em técnica nem em conhecimentos. Em consequência disso, estudava ávida e continuamente. Assinava várias revistas médicas, que lia inteiramente, e para as quais ocasionalmente contribuía com artigos próprios. Ia constantemente às convenções médicas e conscienciosamente a todas as sessões. Cedo, em sua carreira, antes que fossem determinadas as linhas divisórias da medicina, já tinha previsto a necessidade de especialização. Sua escolha tinha sido obstetrícia e ginecologia. Foi uma escolha da qual nunca se arrependeu, e que seguidamente ajudou a manter jovem sua mentalidade.

Por causa disso, por volta dos trinta anos, quando as juntas médicas começaram a existir, Dornberger já estava estabelecido com especialidade própria. Em consequência, da chamada "cláusula de vovô" foi-lhe dado, pela junta, um certificado independente de exame. Isso era uma coisa de que ele se orgulhava, e um motivo, também, para conservar-se sempre em dia.

No entanto, nunca se ressentiu dos homens mais jovens. Quando sentia que eram bons e conscienciosos, até saía de seu lugar para oferecer auxílio e conselho. Admirava e respeitava O'Donnell. Considerava que a vinda de chefe da Cirurgia era uma das melhores coisas que já tinham acontecido a Três Condados. Esse conceito subiu com as mudanças e os progressos que O'Donnell trouxera para o hospital.

Havia feito muitos amigos. Alguns eram seus colegas e outros eram amizades feitas nos lugares mais estranhos. Joe Pearson poderia ser chamado uma das amizades estranhas. Profissionalmente os dois homens tinham diferentes pontos de vista sobre uma porção de assuntos. Dornberger sabia, por exemplo, que Joe não lia muito nesses últimos tempos. Suspeitava também de que em certas áreas de Patologia seu conhecimento estava ficando um pouco para trás. Administrativamente, havia o problema que tinha sido tratado no dia anterior. E ainda assim, através dos anos, os laços de amizade que prendiam os dois homens tornaram-se mais fortes. Com

surpresa, encontrava-se apoiando Pearson nas conferências médicas, e defendendo-o, ocasionalmente, quando a Patologia era criticada em particular. O aparte de Dornberger há dez dias atrás, na conferência sobre mortalidade, confirmava seu modo de pensar. Supunha que outras pessoas reconheciam a aliança entre ele e Joe. Não fora Gil Bartlett que dissera: "Você é amigo dele, e além do mais ele não tem marcação com os obstetras"?

Até esse momento não se lembrara daquele comentário, mas agora compreendia que aí havia uma ponta de amargura, e sentia pena. Bartlett era um bom médico, e Dornberger anotou mentalmente ser especialmente cordial com ele no próximo encontro que tivessem.

Mas restava ainda seu próprio problema. Deixar ou não deixar? E, se deixasse, quando? Ultimamente, apesar de se cuidar muito bem fisicamente, às vezes se sentia um pouco cansado. Apesar de ter passado grande parte de sua vida atendendo a chamados noturnos, agora quase não os recebia. No dia anterior, na hora do almoço, ouvira Kersh, um dermatologista, falando com um interno:

— Você devia se juntar a nós nessa especialidade de pele, filho. Não sou chamado à noite há já quinze anos.

Dornberger tinha rido com os outros, mas tinha nutrido uma pequena inveja secreta.

De uma coisa tinha certeza: não ficaria por ali quando sentisse que realmente estava enfraquecendo. Ainda agora era tão bom como sempre havia sido. Sua mente era clara, suas mãos seguras e seus olhos afiados. Sempre se analisava cuidadosamente, porque sabia que ao primeiro sinal de fraqueza não hesitaria. Limparia sua mesa e sairia. Viu muitos outros tentarem forçar a carreira longe demais. Isto nunca aconteceria com ele.

Mas no presente, bem, talvez as coisas pudessem aguentar mais uns três meses. Pensaria sobre isso. Nesse momento já tinha posto o fumo no cachimbo, e agora procurava uma caixa de fósforos. Estava quase riscando um, quando o telefone tocou. Largando o cachimbo e os fósforos, atendeu:

— É o Dr. Dornberger.

Era uma de suas pacientes. As dores do parto já tinham começado há uma hora... Agora a bolsa se havia rompido e ela estava perdendo água. Era uma moça de vinte e poucos anos, e este seria seu primeiro bebê. Ela parecia nervosa e sem fôlego, tentando não demonstrá-lo.

Como já fizera tantas vezes antes, Dornberger deu-lhe as instruções calmamente.

— Seu marido está em casa?

— Sim, doutor.

— Então pegue suas coisas e diga-lhe que a traga para o hospital. Eu a verei assim que chegar.

— Muito bem, doutor.

— Diga a seu marido para dirigir calmamente e parar em todos os sinais vermelhos. Temos muito tempo. Você verá.

Mesmo através do telefone, ele pôde sentir que a tinha ajudado a relaxar. Era uma coisa que sempre conseguia e que considerava parte de seu trabalho, como qualquer outra fase do tratamento. No entanto, sentia seus sentidos aguçarem-se. Um caso novo sempre lhe causava tal efeito. Logicamente, pensou, já deveria ter perdido essa emoção há muito tempo. À medida que se vai envelhecendo na medicina, é de supor que também se vá tornando imperturbável, maquinal e sem sentimentos. Mas com ele não acontecera isso, pensou, talvez porque ainda agora estava fazendo o que sempre gostara de fazer.

Esticou o braço para pegar o cachimbo, mudou de ideia e pegou o telefone novamente. Tinha que dizer aos obstetras que sua paciente ia chegar.

## VIII

— Eu não tenho nem certeza de que derrotar a pólio tenha sido uma coisa boa nem necessária.

Quem falava era Eustace Swaine, fundador de um império constituído de uma cadeia de lojas, milionário filantrópico e membro do conselho de diretores do Hospital de Três Condados. A cena passava-se na biblioteca forrada de carvalho da imponente mansão de Swaine, construída no meio de um parque de cinquenta acres, na orla oriental de Burlington.

— Ora, deixe disso, você não pode estar falando a sério — respondeu Orden Brown.

O presidente do conselho sorriu para as duas mulheres que estavam na sala — a sua, Amélia, e a filha de Swaine, Denise Quantz. Kent O'Donnell provou o conhaque que o copeiro lhe servira e recostou-se na cadeira de couro onde sentara. Ocorreu-lhe que a cena que viviam era quase medieval. Olhou à sua volta para a sala ligeiramente iluminada, seus olhos percorreram a quantidade de livros encadernados de couro que iam do chão até o teto, os móveis de carvalho, escuros e pesados, a grande lareira cheia de toros de lenhas — que não queimava agora, nesta noite quente de julho, mas pronta para fazê-lo ao menor toque de vida que a empregada lhe desse. E, do outro lado de O'Donnell, Eustace Swaine, sentado como um rei, numa cadeira de espaldar alto e braços largos, e os outros quatro como cortesãos — formando um semicírculo e olhando de frente o velho magnata.

— Estou falando sério. — Swaine pousou seu copo de conhaque, inclinando-se para a frente para se fazer entender melhor. — Mostre-me uma criança com um aparelho nas pernas e eu, como qualquer outro, é claro, pegarei meu talão de cheques. Mas estou

falando de um modo geral. O fato existe. Eu desafio qualquer um a negar, estamos trabalhando para o enfraquecimento da raça humana.

Essa era uma velha discussão. O'Donnell disse cortesmente:

— O senhor sugere que a medicina pare com as pesquisas, congele conhecimentos e técnicas e não tente conquistar novas descobertas?

— Você não poderia fazer isso — disse Swaine. — Você não poderia fazer, como não poderia impedir um louco de se atirar do alto de um edifício.

O'Donnell riu.

— Não tenho certeza de gostar da comparação, mas se é assim, por que a discussão?

— Por quê? — Swaine bateu com o punho no braço da cadeira. — Porque você ainda pode lamentar alguma coisa mesmo que nada possa fazer para mudá-la.

— Está bem. — O'Donnell não estava certo de querer se aprofundar nessa discussão. Além do mais, não ajudaria, nas suas relações com Swaine, nem a si mesmo nem a Orden Brown, que era a verdadeira razão de sua presença aqui. Olhou para os outros que estavam na sala. Amélia Brown, que viera a conhecer bem através das visitas que fazia à casa de seu marido, encarou-o e sorriu. Como uma mulher que acompanha a carreira de seu marido, ela estava bem informada sobre a política do hospital.

A filha casada de Swaine, Denise Quantz, estava inclinada para a frente, ouvindo atentamente.

Durante o jantar O'Donnell sentiu seus olhos dirigirem-se, várias vezes, quase involuntariamente, na direção de Mrs. Quantz. Achava difícil conciliar a ideia de que fosse filha daquele homem rude e irritado, que se sentava à cabeceira da mesa. Aos setenta e oito anos de idade. Eustace Swaine ainda tinha muito daquela agressividade que adquirira no redemoinho da competição das vendas a varejo e em larga escala. Havia momentos em que tirava partido de sua idade



para dirigir mordazes observações a seus convidados, embora O'Donnell suspeitasse de que a maior parte das vezes seu anfitrião estava simplesmente procurando uma discussão. O'Donnell encontrou-se pensando: "Este velhinho ainda gosta de uma briga, nem que seja de palavras". Da mesma maneira como agora achava que Swaine estava exagerando seus sentimentos sobre a medicina. Talvez, nesse caso, com a finalidade de se mostrar genioso. Examinando o velho, disfarçadamente, O'Donnell achava que a gota e o reumatismo deviam ser a causa disso.

Mas, em contraste, Denise Quantz era gentil e falava suavemente. Tinha um jeito especial de tirar a aspereza das observações feitas por seu pai, acrescentando uma palavra ou duas ao que ele dissera. Ela era linda também, O'Donnell pensou, com aquela beleza amadurecida que vem quando a mulher atinge os quarenta anos. Imaginou se ela estaria visitando Eustace Swaine e quão frequentemente viria a Burlington. Provavelmente era para manter contato com seu pai: sabia que a mulher de Swaine tinha morrido há dez anos atrás. Era evidente, pela conversa, que a maior parte do tempo Denise Quantz vivia em Nova York. Também houvera uma série de referências feitas às crianças, mas o marido não fora mencionado. Ele tinha impressão de que ela devia ser divorciada ou separada. Mentalmente O'Donnell começou a comparar Denise Quantz com Lucy Grainger. Havia um mundo de diferenças, pensou, entre as duas mulheres: Lucy com sua carreira profissional, à vontade na medicina e no hospital, capaz de conhecer alguém como ele em terreno familiar para ambos; Denise Quantz, a mulher de lazer e independência, figura da sociedade, sem dúvida, e ainda assim — tinha o pressentimento — alguém que faria um lar feliz, cheio de ternura e serenidade. O'Donnell conjecturava qual a melhor mulher para um homem: uma que estivesse perto de sua vida de trabalho, ou uma separada e independente, com outros interesses além da rotina diária, quando seus pensamentos foram interrompidos por Denise. Inclinando-se para ele, ela disse:

— Certamente o senhor não vai se entregar com toda a facilidade, Dr. O'Donnell. Por favor, não deixe meu pai vencer assim.

O velho Swaine resmungou:

— Não há nada para vencer. É uma situação perfeitamente clara. Por ano, o equilíbrio normal da natureza mantém as populações sob controle. Quando os nascimentos aumentam demais, a fome vem como contrapeso.

Orden Brown acrescentou:

— Bem, mas isto já é um caso político. Nem sempre são as forças da natureza.

— Está bem, concordo com você que seja assim em certos casos. — Eustace Swaine balançou o braço: — Mas não há nada de política na eliminação dos fracos.

— Você quer dizer dos fracos ou dos infelizes?

"Muito bem", resolveu O'Donnell, "se quer discussão, vou lhe fazer a vontade."

— Quero dizer o que disse: os fracos. — A voz do velho estava mais áspera e O'Donnell sentiu que ele estava se distraindo.

— Quando há uma praga ou uma epidemia, são os fracos que são eliminados, e os fortes que sobrevivem. Outras doenças fazem a mesma coisa. Há sempre um nível a manter: o nível da natureza. E por causa disso só os fortes se perpetuam. São os que procriam a nova geração.

— Mas você realmente pensa, Eustace, que a humanidade esteja tão degenerada agora? — Amélia Brown fez a pergunta e O'Donnell viu que ela estava sorrindo. Também percebera que Swaine estava se distraindo, pensou ele.

— Nós estamos nos dirigindo para a degenerescência — respondeu o velho —, pelo menos o mundo ocidental. Estamos preservando os paralíticos, os fracos, os doentes. Estamos acumulando cargas na sociedade que nada produzem, os ineptos incapazes de contribuir com alguma coisa para o bem comum. Diga-me qual a finalidade de um sanatório ou de uma casa para doentes incuráveis. Eu lhe digo: a

medicina de hoje está preservando pessoas que deviam ter o direito de morrer. Ajudando-as a viver, deixando-as crescer e multiplicar-se, passar adiante sua incapacidade para seus filhos e netos.

O'Donnell recordou-lhe:

— A relação entre doença e hereditariedade ainda está longe de ser esclarecida.

— Força de vontade, bem como força física — replicou Eustace Swaine. — As crianças não herdam características mentais de seus pais? Então, as fraquezas também!

— Nem sempre. — Agora a discussão era entre o velho magnata e O'Donnell.

As outras pessoas ficaram ouvindo. — Mas a maior parte das vezes isso acontece; não é?

O'Donnell sorriu:

— Há algumas evidências de que isso seja verdade.

Swaine retorquiu:

— E essa é uma das razões por que se veem tantos hospitais de doenças mentais, e pacientes neles também, e gente correndo para psiquiatras.

— Pode ser também porque agora temos mais noção das doenças mentais.

Swaine imitou-o:

— Pode ser também porque agora estamos produzindo gente que é mais fraca, fraca, fraca!

O velho homem quase gritou as últimas palavras. Então um acesso de tosse atacou-o.

"É melhor eu ir devagar", pensou O'Donnell, "ele certamente tem pressão alta."

Como se O'Donnell tivesse falado, Eustace Swaine olhou para ele. O

velho tomou um gole de conhaque. Depois, com malícia, disse:

— Não tente me poupar, meu jovem médico e amigo. Posso responder a todos os seus argumentos e mais ainda.

O'Donnell resolveu que continuaria, porém mais moderadamente. Disse, calma e razoavelmente:

— Acho que há uma coisa que o senhor não está percebendo, Mr. Swaine. O senhor disse que as doenças e moléstias são niveladoras da natureza. Mas muitas dessas coisas não vieram a nós pelo curso da natureza. Foram, sim, resultados do meio ambiente do homem, condições que ele criou para si mesmo. Falta de higiene, falta de sanidade, favelas, ar poluído, e isso não são coisas naturais; são criações do homem.

— Bom, isso é parte da evolução e a evolução é parte da natureza. Tudo isso somado, temos o processo de equilíbrio.

O'Donnell, admirado, pensou: "Não se pode demover esse cabeçudo com facilidade". Mas viu uma brecha no argumento do outro. Então disse:

— Se o senhor está certo, então a medicina também é parte desse processo de equilíbrio.

Swaine replicou, rápido:

— Como? Que quer você dizer com isso?

— Quero dizer que a medicina é parte da evolução. — A despeito de sua resolução, O'Donnell sentiu que sua voz estava ficando mais tensa. — Porque cada mudança que o homem tenha em seu meio ambiente produz problemas para a medicina enfrentar e tentar resolver. Nunca os resolvemos inteiramente. A medicina está sempre um passo atrás. Por mais depressa que enfrentemos um problema, há sempre um novo aparecendo à nossa frente. — "Mas são problemas da medicina e não da natureza." Os olhos de Swaine tinham um brilho malicioso. Se a natureza fosse deixada em paz, ela consertaria esses problemas antes de eles existirem. — O senhor está errado e vou lhe dizer por quê. — O'Donnell tinha parado de se

preocupar com o efeito que suas palavras produziriam. Sentiu somente que era algo que tinha que dizer tanto para si como para os outros. — A medicina só tem um problema real, que sempre foi o mesmo e sempre será. É o problema da sobrevivência do indivíduo. — Ele parou. — E a sobrevivência é a lei mais antiga da natureza.

— Bravo! — Impulsivamente, Amélia Brown estava batendo palmas. O'Donnell continuou:

— E é por isso que lutamos contra a paralisia, Mr. Swaine, contra a peste negra, o sarampo e a sífilis. É por isso que ainda estamos lutando contra o câncer, a tuberculose e todo o resto. Esta é a razão de haverem esses lugares sobre os quais o senhor falou, sanatórios, esses para incuráveis. Por isso é que preservamos gente, e toda a gente que pudermos, os fracos assim como os fortes. Porque isso tudo redundava em uma só coisa: sobrevivência. Este é o lema da medicina, e o único que podemos ter.

Por um momento pensou que Swaine fosse replicar-lhe como antes. Mas o velho ficou silencioso. Depois olhou para sua filha e disse:

— Sirva um pouco mais de conhaque para o Dr. o'Donnell, Denise.

O'Donnell estendeu o copo quando ela se aproximou com a garrafa. Houve um leve barulho da seda de seu vestido e, quando ela se inclinou para ele, sentiu um suave e tentador perfume. Por um instante sentiu um impulso infantil e absurdo de estender a mão e tocar no seu cabelo macio. Depois ela voltou para junto de seu pai. Enchendo o copo do velho, ela perguntou:

— Se o senhor realmente pensa assim, papai, o que está fazendo como membro do conselho do hospital?

Eustace Swaine deu uma gargalhada.

— Bom, estou lá mais por causa de Orden e de alguns outros no hospital, que estão esperando e desejando que eu não mude meu testamento. — Olhou para Orden Brown. — Eles sabem que não terão muito que esperar.

— Você está fazendo uma injustiça a seus amigos, Eustace — disse

Brown. Seu tom continha um misto de zombaria e seriedade.

— E você é mentiroso. — O velho estava se divertindo outra vez.

Depois disse: — Você fez uma pergunta, Denise. Eu responderei: estou no conselho porque sou um homem prático. O mundo tem suas maneiras, que não posso mudar, mesmo achando que estão erradas. Portanto, alguém como eu pode ser uma força de equilíbrio. Sei bem o que alguns de vocês pensam: que sou simplesmente um obstrucionista.

Orden Brown interveio, rápido: — Alguém já lhe disse isso?

— Não, nem é preciso. — Swaine deu um olhar meio malicioso na direção do presidente do conselho. — Mas cada atividade necessita de um freio em algum lugar. E é isto que tenho sido, um freio e uma força de equilíbrio constante. E quando eu me for, vocês e seus amigos verão que vão ter necessidade de um outro.

— Você está falando bobagens, Eustace. Está fazendo uma injustiça a seus próprios motivos. — Orden Brown evidentemente tinha decidido ser franco também. Ele continuou: — Você já fez muitas coisas boas para Burlington, e todo mundo sabe disso.

O velho pareceu encolher-se em sua cadeira. Ele murmurou:

— Como cada um de nós pode conhecer realmente seus motivos? — E então, encarando-os: — Suponho que vocês esperam de mim um grande donativo para essa construção.

Orden Brown falou calmamente:

— Francamente, esperamos que você faça sua contribuição generosa de sempre.

Calma e inesperadamente, Eustace Swaine disse: — Suponho que um quarto de milhão de dólares seria aceitável.

O'Donnell ouviu Orden Brown suspirar fundo. Um presente desse tamanho seria superior a tudo o que eles esperavam, mesmo nos instantes de maior otimismo. Brown disse:

— Não posso fingir, Eustace. Francamente, estou estarrecido.

— Não tem necessidade de falar. — O velho parou, aquecendo com as mãos o bojo do copo de conhaque. — Não decidi ainda, embora esteja considerando. Eu lhe darei a resposta em uma semana ou duas.

— Rapidamente virou-se para O'Donnell: — Você joga xadrez?

O'Donnell sacudiu a cabeça. — Não, desde que estive no colégio.

— O Dr. Pearson e eu costumamos jogar xadrez muitas vezes. — Estava olhando diretamente para O'Donnell. — Você conhece Joe Pearson, é claro.

— Sim. Muito bem.

— Conheço o Dr. Pearson há muitos anos — Swaine disse —, no Hospital de Três Condados e fora dele.

As palavras eram lentas e deliberadas. Teriam elas um tom de advertência? Era difícil dizer. Swaine continuou:

— Na minha opinião, o Dr. Pearson é um dos homens mais competentes do hospital. Espero que continue à testa do seu departamento por muitos anos a vir. Respeito inteiramente sua habilidade e julgamento.

"Bem, aí está", pensou O'Donnell, "claro e com todas as letras: um ultimato ao presidente do conselho do hospital e ao presidente do Conselho Médico." Com as mesmas palavras como se Eustace Swaine tivesse dito: "Se quiserem meu quarto de milhão, tirem as mãos de

Joe Pearson!" Mais tarde, Orden Brown, Amélia e O'Donnell, sentados juntos no Lincoln conversível de Brown, dirigiram-se para a cidade. No princípio estavam silenciosos, até que Amélia falou:

— Vocês realmente pensam em um quarto de milhão?

Seu marido respondeu:

— Ele é capaz de doá-los, se se sentir inclinado a isso.

O'Donnell comentou:

— Creio que você entendeu a mensagem.

— Sim — Brown respondeu calmamente, sem tentar enfeitá-la nem querendo continuar no assunto.

O'Donnell pensou: "Obrigado por essa". Sabia que isso era problema seu e não do presidente. Eles o deixaram na entrada de seu apartamento. Quando diziam boa noite, Amélia acrescentou:

— Oh, por falar nisso, Kent, Denise está separada, mas não está divorciada. Creio que há algum problema, embora isso nunca tenha sido discutido. Tem dois filhos no ginásio e tem trinta e nove anos.

Orden Brown perguntou-lhe:

— Por que lhe está contando isso tudo?

Amélia sorriu:

— Porque ele gostaria de saber. — Ela pegou no braço de seu marido.

— Você nunca poderia ser uma mulher, querido. Nem mesmo com cirurgia.

Olhando o Lincoln afastar-se, O'Donnell imaginou como ela teria desconfiado. Talvez tivesse ouvido quando ele e Denise se despediram. Ele dissera polidamente que gostaria de vê-la outra vez. Ela respondera:

— Moro em Nova York com meus filhos. Por que não me procura na próxima vez em que for lá?

Agora O'Donnell pensava que, afinal de contas, poderia ir a um congresso de cirurgiões em Nova York no próximo mês, apesar de ter dito há uma semana atrás que não iria.

Abruptamente sua mente mudou para Lucy Grainger, e irracionalmente teve um momentâneo sentimento de remorso. Já tinha ido da calçada até o prédio, quando seus pensamentos foram interrompidos por uma voz que dizia:

— Boa noite, Dr. O'Donnell.

Ele olhou à volta e reconheceu um dos cirurgiões residentes,



Seddons. Havia uma bonita morena a seu lado, e seu rosto lhe pareceu familiar. Provavelmente uma das estudantes de enfermagem, pensou; aparentava essa idade. Sorriu para ambos e disse boa noite.

Então, usando sua chave, atravessou a porta de vidro do elevador.

Vivian disse:

— Ele parece preocupado. Seddons respondeu alegremente:

— Duvido muito, minha bela. Quando chegar aonde ele chegou, a maior parte de suas preocupações terão ficado para trás.

O teatro tinha acabado e agora estavam caminhando de volta para Três Condados. Tinha sido um bom espetáculo, um musical grande e barulhento, e ambos tinham rido muito, de mãos dadas, e várias vezes Mike tinha passado o braço pelos ombros de Vivian, deixando-o cair levemente, seus dedos acariciando as costas dela, ao passo que ela não fazia nenhum movimento de objeção. Durante o jantar, antes do show, tinham falado de si mesmos. Vivian tinha perguntado a Michael quais as suas intenções sobre a prática de cirurgia, e ele quis saber por que ela quisera ser uma estudante de enfermagem.

— Não tenho certeza de poder explicar, Mike — disse ela. — O certo é que enfermagem era uma coisa que eu tinha vontade de fazer desde que me entendo.

Ela contou-lhe que a princípio seus pais tinham se oposto à ideia, mas que depois, sabendo como ela desejava isso, acabaram cedendo.

— Creio que realmente gostaria de fazer alguma coisa por mim mesma, e enfermagem foi o que de melhor me ocorreu.

Seddons perguntou-lhe: — Você ainda se sente assim?

— Sim, sinto-me — ela respondeu. — Bem, de vez em quando, quando a gente está cansada e vê algumas coisas no hospital, e pensa em casa, então começa a imaginar se realmente vale a pena e se não há coisas mais fáceis de se fazer, mas acredito que isso

aconteça com todo mundo. A maior parte do tempo, no entanto, tenho segurança disso. — Ela sorriu e disse: — Sou uma pessoa muito decidida, Mike, e resolvi que vou ser uma enfermeira.

"Sim", pensou ele, "você é decidida, posso acreditar nisso." Olhando para Vivian disfarçadamente, enquanto ela falava, podia sentir uma força interior — maturidade de caráter atrás do que parecia ser, à primeira vista, uma fachada de gentil feminilidade. Mais uma vez, como já sentira há dois dias atrás, Mike Seddons viu seu interesse aumentar, e mais uma vez avisou a si mesmo: "Nada de compromissos! lembre-se, nada que você sinta que não seja basicamente biológico!"

Era quase meia-noite agora, mas Vivian tinha assinado um livro dizendo que chegaria tarde, e não havia problemas para voltar correndo. Algumas das enfermeiras mais velhas, que tinham feito seu treinamento sob regimes espartanos, achavam que as enfermeiras de hoje tinham liberdade demais. Mas na prática raramente abusavam dela.

Mike segurou seu braço. — Vamos pelo parque. — Vivian sorriu: — Esta é uma história antiga, que já ouvi antes.

Mas não ofereceu resistência quando eles passaram pelo portão em direção ao parque. No escuro, podia divisar a fileira de choupos de ambos os lados, e a grama era macia sob seus pés.

— Tenho quase uma coleção de velhas histórias. Essa é uma das minhas especialidades. — Ele segurou sua mão. — Gostaria de ouvir mais?

— O quê, por exemplo?

A despeito de sua autoconfiança, a voz saiu-lhe ligeiramente trêmula.

— Como essa. — Mike parou, segurou-a pelos ombros e virou-a para que o encarasse.

Vivian sentiu seu coração bater mais rápido, mas não tanto que sua mente não pudesse pesar a situação. Devia parar com isso já, ou

deixar prosseguir. Tinha consciência, entretanto, de que se nada fizesse agora, mais tarde podia não ser fácil.

Vivian já sabia que gostava de Mike Seddons, e acreditava que podia vir a gostar muito mais. Ele era fisicamente atraente, e ambos eram jovens. Ela sentiu dentro de si as garras do desejo. Estavam beijando-se novamente, e ela devolveu a pressão de seus lábios. A ponta de sua língua entrou-lhe levemente na boca; as duas línguas se encontraram e o contato provocou uma deliciosa vibração. Mike apertou seus braços em volta dela, e através do fino vestido de verão ela sentiu suas coxas apertando mais. Suas mãos moviam-se, acariciando suas costas. A direita desceu mais; passou levemente por cima da saia, depois mais fortemente, cada carícia puxando-a mais para perto dele. Contra seu próprio corpo ela sentiu um volume. Mexia delirantemente, inebriantemente. Sabia claramente, como se tivesse uma segunda mente, que, se fosse parar, era agora a hora de o fazer. Só mais um pouquinho, pensou; só mais um pouquinho.

Então, subitamente, pareceu-lhe que isto era um intervalo, um descanso das coisas ao redor. Fechando os olhos, saboreou os segundos de calor e ternura; tinha havido tão pouco disto nesses últimos três meses. Desde que viera para Três Condados, tantas vezes tivera de empregar o controle e autodisciplina, suas emoções recalçadas e as lágrimas contidas. Quando se é jovem, sem experiência e um pouco assustada, às vezes torna-se difícil fazê-lo. Tinha havido tanta coisa — os choques de deveres de enfermaria, dores, doenças, morte, a autópsia —, e entretanto nenhuma válvula de segurança para relevar as pressões que se avolumavam por dentro. Uma enfermeira, mesmo uma ainda estudante, tinha de ver tanto sofrimento e dar tanto em cuidados e carinho! Seria errado, então, colher um momento de doçura só dela? Por um instante, com Mike abraçando-a, ela sentiu o mesmo conforto e alívio que sentira quando, anos antes, criança ainda, tinha corrido para os braços de sua mãe. Mike a tinha soltado um pouco e a segurava ligeiramente afastada. Ele murmurou: — Você é linda.

Impulsivamente ela escondeu seu rosto no ombro dele. Então ele colocou a mão sob seu queixo e seus lábios uniram-se novamente. Ela sentiu a mesma mão cair e por fora do vestido acariciar suavemente seus seios. De todas as partes do corpo o desejo de amar e ser amada brotou loucamente, incontavelmente.

A mão dele estava na gola do vestido. Era aberto na frente e um colchete o prendia em cima. Ele estava tentando abri-lo. Ela lutou. Sem respiração:

— Não, Mike! Por favor. Não!

Ela não conseguia nem se convencer. Seus braços estavam apertados em volta dele. Ele conseguiu entreabrir um pouco o vestido e ela sentiu aquela mão se mover, depois crispou-se ao seu contato quando ele segurou sua carne jovem e macia. Ele pegou o bico do seu seio gentilmente entre seus dedos e um arrepio de êxtase inundou-a, numa onda sensual. Agora reconhecia que era tarde demais para parar. Ela queria, desejava-o desesperadamente. Seus lábios, junto ao ouvido dele, murmuraram:

— Sim. Oh, sim!

— Querida, querida Vivian.

Ele estava igualmente excitado; ela notava pela sua voz sussurrante, quase sem fôlego.

Num momento de bom senso feminino, implorou: — Aqui não, Mike, há muita gente. — Vamos entre as árvores.

Ele segurou sua mão e eles andaram bem juntinhos. Ela sentia uma excitação fremente, uma intensa curiosidade de saber que tal seria. Não pensava em qualquer consequência; parecia-lhe sem importância. E Mike era médico, saberia ter cuidado.

Tinham alcançado uma pequena clareira circundada por árvores e arbustos. Mike beijou-a novamente com paixão, ela devolveu seu beijo, sua língua lutando com a dele. "Assim é quando deve ser", pensou. O real momento. Vivian não era virgem; tinha deixado de ser na escola secundária e tinha tido um outro caso no seu primeiro

ano na universidade, mas nenhuma das experiências tinha sido satisfatória. Ela sabia que essa seria.

— Depressa, Mike, depressa.

Ela sentiu sua próxima excitação contagiá-lo.

— Por aqui, meu amor — ele disse, e se dirigiram para o mais afastado ponto da clareira.

Subitamente ela sentiu uma intensa dor. Era tão forte que a princípio ela não estava certa de onde provinha. Depois viu que era do joelho esquerdo. Involuntariamente gritou.

— O que foi, Vivian, o que foi?

Mike virou-se. Eia podia perceber que ele estava intrigado, não sabendo o que fazer. Ela pensou: "Ele provavelmente pensa que é um truque". As moças fazem dessas coisas quando querem sair de tais situações.

A primeira intensidade da dor tinha diminuído um pouco. Mas ainda voltava em ondas. Ela murmurou:

— Mike, acho que é meu joelho. Há algum lugar para sentar?

Ela gemeu novamente.

— Vivian — ele disse — você não tem que encenar um ato. Se quiser voltar para o hospital, diga, que eu a levarei.

— Por favor, acredite-me, Mike. — Ela segurou seu braço. — É meu joelho. Dói terrivelmente. Tenho de sentar-me.

— Por aqui.

Ela percebia que ele ainda estava cético, mas guiou-a de volta por entre as árvores. Havia um banco por perto e eles para lá se dirigiram.

Quando tinha descansado. Vivian disse: — Sinto muito, não fiz isso de propósito.

Ele disse, duvidando:

— Tem certeza?

Ela segurou sua mão.

— Mike, aqui, eu queria tanto quanto você. Então isso...

Outra vez a dor.

Ele disse:

— Desculpe-me Vivian, pensei...

Vivian respondeu:

— Eu sei o que pensou. Mas não foi isso. Honestamente.

— Está bem. Diga-me o que sente. — Era o médico outra vez. Momentos atrás tinha esquecido.

— É meu joelho. — De súbito, a mais aguda dor.

— Deixe-me ver. — Estava abaixado em frente a ela. — Qual dos dois?

Ela levantou a saia e mostrou o joelho esquerdo. Ele apalpou-o cuidadosamente, suas mãos movendo-se lentamente. No momento Mike expulsou o pensamento de que era a moça a quem, alguns momentos antes, ele tinha quase possuído. Seu comportamento agora era profissional, analítico. Como tinha sido treinado a fazer, sua mente foi metodicamente examinando as possibilidades. Viu que as meias de Vivian prejudicavam seu tato.

— Abaixes as meias, Vivian.

Ela assim o fez, e seus experimentados dedos moveram-se novamente sobre o joelho. Observando-o, ela pensou: "Ele é bom; será um ótimo médico: as pessoas o procurarão pedindo ajuda e ele será bondoso e fará o melhor que puder". Ela descobriu-se imaginando como seria — os dois juntos para sempre. Como enfermeira, haveria tanta coisa que podia fazer para ajudá-lo e compreender seu trabalho. Ela disse para si mesma: "Isto é ridículo; nós mal nos conhecemos". Então, momentaneamente, a dor retornou, e ela gemeu.

Mike perguntou:

— Isto já lhe aconteceu antes?

Por um instante o absurdo da situação tocou-a e ela deu uma gargalhada.

— O que é, Vivian? — Mike parecia intrigado.

— Eu estava pensando. Há um minuto ou dois atrás... E agora aí está você, como dentro de um consultório médico.

— Ouça, menina. — Ele estava sério. — Isto já lhe aconteceu antes?

Ela respondeu:

— Só uma vez. Mas não foi tão forte quanto desta vez.

— Há quanto tempo?

Ela pensou:

— Cerca de um mês.

— Procurou algum médico naquela ocasião? — Ele estava completamente profissional agora

— Não. Devia ter procurado? Sem se comprometer, ele disse:

— Talvez. — Depois acrescentou: — De qualquer modo, amanhã você tratará disso. Acho que a melhor seria a Dra. Grainger.

— Mike, há alguma coisa errada? Agora ela sentia um estremeamento de alarma.

— Provavelmente não — animou-a ele. — Mas há um pequeno tumor ali que não devia estar. Lucy Grainger, entretanto, nos dirá o que é. Conversarei com ela pela manhã. Agora vou levá-la para casa.

A atmosfera anterior tinha-se desvanecido. Não podia ser recapturada, não nesta noite, de qualquer maneira, e ambos sabiam disso.

Mike ajudou-a a levantar-se. Com seus braços em volta dela, ele sentia um súbito sentimento de querer ajudá-la e protegê-la.

Perguntou:

— Acha que pode andar? Vivian respondeu:

— Sim. A dor já passou.

— Vamos só até o portão — disse ele. — Lá poderemos pegar um táxi. — Depois, porque ela parecia abatida, ele acrescentou alegremente: — Aquele cliente era um pão-duro. Não mandou o dinheiro para o táxi.



## IX

— Dê-me os detalhes.

Inclinado sobre o microscópio binocular, o Dr. Joseph Pearson mal grunhiu as palavras para Roger Mc Neil.

O patologista residente olhou para o fichário de suas anotações.

— O caso era de um homem de quarenta anos de idade, internado por causa de apendicite.

Mc Neil estava sentado do lado oposto a Pearson, na escrivaninha do escritório de Patologia.

Pearson tirou a lâmina que tinha estado estudando e substituiu-a por outra. Ele perguntou:

— De um modo geral, o que lhe pareceu o tecido?

Mc Neil, que tinha feito o exame geral quando o apêndice removido desceu da sala de operações, disse:

— *Grosso modo*, pareceu-me bastante normal.

— Hum. — Pearson revirou a lâmina. Então disse: — Espere um minuto, aqui há alguma coisa.

Depois de uma pausa ele removeu a lâmina e escolheu uma terceira. Então disse:

— Aqui está: uma apendicite aguda. Estava começando neste estágio. Quem foi o cirurgião?

Mc Neil respondeu: — Dr. Bartlett. Pearson concordou:

— Ele tirou bem e a tempo. Dê uma olhada. Deu lugar para Mc Neil no microscópio.

Trabalhando com o residente, como o programa didático do hospital

requeria que o fizesse, Pearson estava tentando atualizar os relatórios cirúrgicos do Departamento de Patologia.

Apesar de seus melhores esforços, entretanto, os dois homens sabiam que estavam atrasados com o trabalho. As lâminas que agora estavam sendo estudadas tinham sido seccionadas do apêndice de um paciente operado, diversas semanas antes. Há muito que o doente tivera alta, e neste caso o relatório meramente confirmaria ou negaria o primitivo diagnóstico do cirurgião. Neste particular, Gil Bartlett estava inteiramente certo, pois tinha atacado a doença em seus primeiros estágios e antes que o paciente pudesse ter sentido muita dor.

— O seguinte. — Pearson voltou para o microscópio enquanto Mc Neil retornava para o outro lado da escrivaninha.

O residente empurrou um álbum de lâminas e, enquanto o abria, consultou um novo conjunto de anotações. Enquanto trabalhavam, Bannister, silenciosamente, entrou na sala. Com um olhar para os outros dois, passou por trás e começou a classificar papéis dentro de um armário.

— Esta é uma atual — disse Mc Neil. — Desceu há cinco dias atrás. Estão esperando para ver o que dizemos.

— Era melhor você me dar primeiro as iguais a esta — Pearson disse amargamente —, de outra maneira vai haver mais reclamações lá de cima.

Mc Neil estava a ponto de dizer que várias semanas antes ele sugerira mudar seu procedimento exatamente nesse sentido, mas Pearson insistira em reexaminar todos os espécimes por ordem de chegada no departamento. Entretanto, o residente absteve-se. Para que se aborrecer? pensou. Disse para Pearson:

— É uma mulher de cinquenta e seis anos de idade. O espécime é de uma lesão de pele: superficialmente um tumor. A pergunta é: é uma melanoma maligno?

Pearson colocou a primeira lâmina e revirou-a. Então curvou-se

sobre as ultrapoderosas lentes e ajustou o microscópio binocular.

— Pode ser.

Pegou a segunda lâmina, depois mais duas. Depois disso ele recostou-se para trás pensativamente.

— Por outro lado, pode ser um *nevus azul*. Vamos ver o que você acha.

Mc Neil movimentou-se. Esta, ele sabia, era importante. Um melanoma maligno era um tumor viciosamente maligno. Suas células podiam se espalhar rápida e mortiferamente pelo corpo. Se diagnosticado como tal, da pequena porção já removida, significaria imediata operação maior para a mulher doente. Mas um tumor *nevus azul* era inteiramente inofensivo. Podia ficar no corpo, onde estava, nada afetando, para o resto da vida da mulher.

Pelos seus próprios estudos, Mc Neil sabia que um melanoma maligno não era comum, mas também sabia que um *nevus azul* era extremamente raro. Matematicamente, os indícios eram de que esse fosse maligno. Mas isso não era matemática. Era a mais pura Patologia.

Como tinha aprendido a fazer, Mc Neil lembrou mentalmente os caracteres comparativos dos dois tipos de tumor. Eram depressivamente similares. Ambos eram meio marcados, semicelulares, com muita pigmentação. Outra vez, em ambos, a estrutura celular era muito pronunciada. Outra coisa que tinham ensinado a Mc Neil era ser honesto. Depois de olhar para todas as lâminas, disse a Pearson:

— Não sei. — Acrescentou: — Que tal casos precedentes? Poderíamos arranjar alguns? Para compará-los.

— Levaria um ano para encontrarmos algum. Nem me lembro da última vez que vi um *nevus azul*. — Pearson franzira a testa. Disse fortemente: — Um desses dias temos de organizar um arquivo. Então, quando um caso duvidoso como esse surgir, podemos procurar e compará-lo.

— Você diz isso há cinco anos. — A voz seca de Bannister veio detrás, e Pearson gritou:

— O que está você fazendo aqui?

— Arquivando — o antigo técnico de laboratório respondeu laconicamente. — Uma coisa que os funcionários deveriam fazer se tivéssemos alguma ajuda apropriada.

E provavelmente bem melhor, Mc Neil pensou. Sabia que o departamento necessitava de mais funcionários na equipe, e os métodos de arquivo usados então eram desesperadamente arcaicos. A referência a um arquivo completo também lhe tinha recordado uma larga falha no seu sistema administrativo. Havia poucos bons hospitais agora cujos departamentos de Patologia não tivessem um. Alguns chamavam de arquivos de lesões orgânicas, mas, qualquer que fosse o nome, um dos propósitos do sistema era ajudar a resolver o tipo de problema que estavam enfrentando no momento.

Pearson estudava novamente as lâminas. Ele murmurava, como um grande número de patologistas o fazia quando estavam mentalmente examinando certos fatores e confirmando outros. Mc Neil ouviu:

— É um pouco pequeno... ausência de hemorragia... não há necrose de tecido... negativo, mas sem indicação... Sim, estou satisfeito.

Pearson levantou-se do microscópio, recolocou o último diapositivo e fechou o álbum. Indicando ao residente para escrever, disse:

— Diagnóstico: um *nevus azul*.

Cortesia da Patologia, a cliente tinha sido liberada.

Metodicamente, em benefício de Mc Neil, Pearson novamente examinou as razões para sua decisão. Enquanto entregava o álbum de lâminas, ele disse:

— É melhor estudar essas. É um espécime que não verá frequentemente.

Mc Neil não duvidava que a descoberta do velho médico estivesse certa. Este era um lugar onde anos de experiência contavam, e ele aprendera a respeitar as opiniões de Pearson nos assuntos de anatomia patológica. "Mas quando o senhor se for", pensou, olhando para o velho, "aí é que este lugar necessitará de um arquivo completo — e muito."

Eles estudaram mais dois casos, ambos bem claros, então Pearson colocou a primeira lâmina da série seguinte. Deu uma olhada através das lentes do microscópio, endireitou-se e disse, numa explosão, a Mc Neil:

— Chame Bannister.

— Ainda estou aqui. — Era Bannister, calmamente, por trás deles, no armário de arquivo.

Pearson vociferou:

— Olhe para isto! — Usava sua voz mais alta, mais tonitruante: — Quantas vezes tenho de dar instruções sobre a maneira como quero que sejam feitas as lâminas? O que há de errado com os técnicos, na Histologia? São surdos ou são inteiramente estúpidos?

Mc Neil tinha ouvido o mesmo tipo de estouro antes. Reclinou-se e observou Bannister perguntando:

— Qual o problema?

— Eu lhe direi qual o problema. — Pearson arrancou a lâmina do microscópio e arremessou-a por sobre a mesa. — Como posso dar um diagnóstico com esta espécie de seção de tecido?

O antigo técnico de laboratório pegou a lâmina e segurou-a contra a luz.

— Grosso demais, não é?

— Naturalmente que está grosso demais. — Pearson tirou uma segunda lâmina do mesmo conjunto. — Olhe para esta. Se eu tivesse um pão, podia raspar a carne e fazer um sanduíche.

Bannister riu.

— Vou verificar o micrótomo. Temos tido problemas com ele. — Apontou para o álbum de lâminas. — Quer que eu leve essas embora?

— Não. Terei que trabalhar com elas. — A explosão tinha passado agora. O velho doutor estava meramente rosnando. — Só trate de fazer um trabalho melhor, supervisionando a Histologia.

Bannister, neste momento, já aborrecido, resmungou, enquanto se dirigia para a porta. — Talvez, se eu não tivesse tanta coisa mais...

Pearson gritou atrás dele:

— Está bem, já ouvi esse disco antes.

Quando Bannister chegou à porta, houve uma ligeira batida e o Dr. Charles Dornberger surgiu. Ele perguntou:

— Posso entrar, Joe?

— Naturalmente — Pearson sorriu. — Você pode até aprender alguma coisa, Charlie.

O obstetra cumprimentou alegremente Mc Neil, depois disse casualmente para Pearson:

— Esta foi a manhã que marquei para vir. Tinha se esquecido?

— Sim, tinha. — Pearson empurrou o álbum de lâminas para longe de si. Perguntou ao residente: — Quantos mais há nesta leva?

Mc Neil contou os álbuns remanescentes.

— Oito.

— Nós terminaremos depois.

O residente começou a reunir os papéis dos casos já resolvidos.

Dornberger tirou o cachimbo e encheu-o distraidamente. Olhando à volta da sala grande e desleixada, ele estremeceu. Disse:

— Esse lugar parece úmido, Joe. Cada vez que venho aqui parece-me que vou pegar um resfriado.

Pearson deu um risinho de satisfação.

— Nós espalhamos vírus de gripe por todos os lados, cada manhã. Isto desencoraja os visitantes.

Ele observou Mc Neil atravessar a sala e sair pela porta. Então perguntou:

— O que você está querendo? Dornberger não perdeu tempo. Disse:

— Estou em missão. Querem que eu o controle com muito tato. — Colocou o cachimbo na boca, tragando seu fumo novamente.

Pearson olhou-o:

— O que é? Mais problemas?

Seus olhos se encontraram. Dornberger disse suavemente:

— Isto depende. — Depois de uma pausa, acrescentou: — Mas parece que você deve admitir um novo patologista como assistente.

Dornberger esperara uma explosão, mas Pearson estava estranhamente quieto. Disse pensativamente:

— Quer eu queira, quer não, não é?

— Sim, Joe. — Dornberger deixou claro; não havia razão em voltar atrás. Tinha pensado muito nisso desde aquela reunião diversos dias antes.

— Creio que O'Donnell está por trás disto.

Pearson falou com um leve tom de amargura, mas ainda calmamente. Como sempre, estava sendo imprevisível.

Dornberger respondeu.

— Em parte, mas não inteiramente. Outra vez, surpreendentemente:

— O que acha que devo fazer? — Era uma pergunta feita de um amigo para outro.

Dornberger pousou seu cachimbo, apagado, num cinzeiro em cima da mesa de Pearson. Pensava: "Estou contente de que esteja

encarando dessa maneira. Quer dizer que eu estava certo. Posso ajudá-lo a aceitar isso, ajustá-lo a isso". Em voz alta, disse:

— Não acredito que tenha muita escolha, Joe. Você está atrasado nos relatórios cirúrgicos, não está? E em algumas outras coisas?

Por um instante julgou que tinha ido longe demais. Esta era uma área sensível.

Viu o outro homem encolher-se e esperou que a tempestade eclodisse. Mas, outra vez, nada houve. Em lugar disso, mais alto que antes, mas razoável, Pearson disse:

— Claro que algumas coisas precisam de acerto. Eu concordo com você. Mas não há nada que eu não possa fazer sozinho, basta que tenha tempo de fazê-lo.

"Ele aceitou", conjecturou Dornberger. "Ele está sondando agora.

Mas, de qualquer modo, aceitou." Disse como por acaso: — Bem, talvez você consiga esse tempo com outro patologista.

Com igual casualidade, tirou do bolso de dentro do casaco o papel que o administrador lhe tinha dado. Pearson perguntou:

— Que é isso?

— Não há nada resolvido sobre isto, Joe. É um nome que Tomaselli tinha, creio que um jovem rapaz que possa estar interessado em vir para cá.

Pearson pegou a folha. Disse: — Certamente eles não perdem tempo. Dornberger disse suavemente:

— Nosso administrador é um homem de ação. Pearson estava examinando o papel. Leu em voz alta:

— Dr. David Coleman. — Fez uma pausa. Então, com amargura, frustração e inveja, o velho médico acrescentou: — Idade, trinta e um anos.

Eram vinte minutos depois de meio-dia e a cantina do hospital



estava no auge do movimento. A maioria dos médicos, enfermeiras e empregados do hospital almoçava mais ou menos nessa hora, e uma fila estava começando a formar-se no lugar onde os recém-chegados pegavam as bandejas, antes de passar nos balcões e nas mesas aquecidas, onde a comida era servida.

Mrs. Straughan, como de costume nesse período, controlava o serviço, assegurando que, tão logo uma porção de comida fosse terminada, outra chegasse das cozinhas, para conservar a fila em frente movendo-se rapidamente. Hoje havia uma escolha de ensopado irlandês, costeletas de ovelha e linguado gigante assado. A chefe das dietistas reparou que as costeletas de ovelha estavam demorando a acabar. Resolveu provar uma dali a pouco para ver se havia alguma razão. Talvez a carne não estivesse tão suculenta quanto deveria estar; essas informações eram frequentemente transmitidas para os que chegavam na cantina pelos que se iam. Mrs. Straughan notou um prato no topo da pilha em cima do balcão que parecia ter uma marca. Deu um passo para frente e retirou-o rapidamente; bem claro, ainda tinha traços de uma refeição anterior. A máquina de lavar pratos outra vez! pensou ela. Seus defeitos eram um constante problema, e ela resolveu que abordaria o assunto com o administrador novamente, e muito breve.

Por sobre a mesa reservada para a equipe médica houve barulhento som de riso. Vinha de um grupo do qual o Dr. Ralph Bell, o radiologista, era o centro.

Gil Bartlett, que tinha vindo do balcão com uma bandeja, pousou-a e foi com a mão estendida.

— Parabéns, Ding Dong — disse ele. — Acabei de saber.

— Saber o quê? — Era Lewis Toynbee, o interno, também com uma bandeja por trás de si. Então, quando Bell, radiante, passou um charuto para Bartlett, Toynbee exclamou:

— Deus meu! Não, outra vez?

— Certamente que outra vez. Por que não? — O radiologista tirou outro charuto.

— Junte-se a nós, Lewis. São exatamente oito Bells.

— Oito! Quando foi isso? Bell disse calmamente:

— Esta manhã. Outro menino para o time de futebol.

Bill Rufus aparteou:

— Não critique, Lewis. Ele está fazendo o máximo. Afinal de contas, só está casado há oito anos.

Lewis Toynbee estendeu sua mão.

— Não aperte muito, Ding Dong. Tenho medo de que um pouco dessa fertilidade contagie.

— Sou impermeável à inveja — disse Bell de bom humor. Já tinha passado por tudo isso antes.

Lucy Grainger perguntou:

— Como está sua mulher?

Bell respondeu:

— Está ótima, obrigado.

— Que tal a sensação de ser um demônio sexual? — A pergunta era de Harvey Chandler, do fim da mesa.

Bell disse:

— Não sou um demônio sexual. Em nossa casa temos intercâmbio uma vez por ano. Comigo é tiro e queda.

Lucy Grainger juntou-se ao riso resultante, depois disse:

— Ralph, esta tarde vou lhe mandar uma cliente. Uma de nossas estudantes de enfermagem: Vivian Loburton.

O riso tinha diminuído.

— O que é que você está procurando? — perguntou Bell.

— Quero que você tire umas chapas do joelho esquerdo — respondeu Lucy. Depois acrescentou: — Há aí um certo intumescimento. Não gosto da aparência.

De volta para seu escritório, o Dr. Charles Dornberger tinha telefonado para Kent O'Donnell para relatar o resultado de sua entrevista com Pearson. No final ele disse ao chefe da cirurgia:

— Informei a Joe sobre o rapaz com quem vocês estão se correspondendo.

O'Donnell perguntara:

— Como ele recebeu a notícia?

— Não direi que tenha sido entusiástica — respondeu Dornberger —, mas acho que se quiserem esse indivíduo... como é mesmo seu nome... Coleman?... se quiserem que venha para uma conversa, Joe não criará dificuldades. Mas sugiro que mantenha Joe informado de tudo que fizerem daqui por diante.

— Pode estar seguro disso — tinha dito O'Donnell. Depois: — Obrigado. Charlie, muito obrigado a você.

Depois Dornberger deu outro telefonema. Era para Mrs. John Alexander, que já tinha telefonado antes naquela manhã e deixara um recado. Antes de discar, olhara seu livro de consultas, e recordou-se de que era a esposa do tecnólogo de Patologia, recomendado a ele por Joe Pearson. Conversando com Mrs. Alexander, soube que ela tinha chegado recentemente à cidade para reunir-se ao esposo. Marcaram para que fosse no consultório de Dornberger, no centro da cidade, na próxima semana.

Mais ou menos ao mesmo tempo que Mrs. Alexander estava conversando com Dornberger, seu marido estava recebendo seu primeiro estouro do Dr. Joseph Pearson. Aconteceu dessa maneira:

Depois da explosão daquela manhã sobre a fraca qualidade das lâminas cirúrgicas, Bannister tinha voltado para o laboratório de serologia onde John Alexander trabalhava e contou-lhe toda a história. Por esse tempo Bannister estava fervendo, e mais tarde

descontara um pouco de seu mau humor em cima de duas moças técnicas, e em seu ajudante, que trabalhava no laboratório de histologia na sala ao lado. Alexander ouvira o que era dito, pela porta que Bannister deixara aberta atrás dele.

Alexander, entretanto, sabia que nem toda a culpa das lâminas ruins era dos técnicos de histologia. Até no pouco tempo que estava no hospital ele sentira o problema verdadeiro, e depois dissera a Bannister:

— Você sabe, Carl, não acredito que a culpa seja toda deles.

Acho que eles têm muito que fazer. Bannister respondera acremente:

— Todos nós temos muito que fazer. — Então, com desajeitado sarcasmo, acrescentara: — Talvez, já que você sabe tanto sobre isso, possa fazer seu trabalho e também parte do trabalho deles.

Alexander não aceitara a provocação:

— Não estou de acordo. Mas acho realmente que eles fariam muito mais com uma máquina especial para tecido do que ter que fazer tudo a mão do modo antigo.

— Esqueça disso, garoto. Não é seu problema. Bannister tinha sido arrogantemente condescendente. — E além disso, aqui, qualquer coisa que signifique gastar dinheiro é assunto encerrado antes de começar.

Alexander não discutiu. Mas resolveu levantar o assunto na primeira oportunidade que tivesse com o Dr. Pearson.

Ele tinha precisado ir ao consultório do Dr. Pearson naquela tarde para deixar alguns relatórios para serem assinados, e tinha encontrado o patologista lendo uma pilha de cartas com óbvia impaciência. Olhando para Alexander, Pearson tinha-lhe indicado que deixasse os papéis sobre a mesa e tinha continuado a leitura. Alexander hesitara e o velho vociferara:

— O que é que há? O que é que há?

— Dr. Pearson, estava imaginando se podia fazer uma sugestão.

— Agora?

Um pouco nervosamente, Alexander começou: — É para apressar os relatórios cirúrgicos, doutor.

Quando ele mencionou relatórios cirúrgicos, Pearson pousou a carta que lia e encarou-o duramente. Alexander prosseguiu:

— Estava imaginando se o senhor já pensou em comprar uma máquina especial de estudar o tecido.

— O que sabe você sobre técnica de tecidos? — Havia uma nota ameaçadora na voz de Pearson. — E além do mais, acho que pusemos você na serologia.

Alexander lembrou-lhe:

— Fiz um curso completo sobre histologia na escola tecnológica, doutor.

Houve uma pausa. Pearson nada disse, então Alexander continuou: — Usei uma máquina especializada, e é uma boa máquina, senhor. Vai-nos economizar pelo menos um dia na preparação de lâminas. Em lugar de preparar o tecido à mão, através de todas as soluções, o senhor prepara a máquina à noite e automaticamente pela manhã...

Abruptamente, Pearson atalhou: — Sei como trabalham. Eu as conheço.

Alexander disse:

— Compreendo, senhor. Então não acha...

— Disse que já vi as chamadas preparadoras de tecido, e não fiquei impressionado.

A voz de Pearson era áspera:

— Não há a qualidade que há no velho método a mão. Além do mais, as máquinas são caras. Vê isso?

Ele remexeu num monte de fórmulas amarelas, datilografadas, em

cima de uma bandeja sobre a mesa.

— Sim, senhor.

— São requisições de compra. Para coisas de que necessito neste departamento. E cada vez que mando um punhado, tenho uma briga com o administrador. Ele diz que nós estamos gastando muito dinheiro.

Alexander tinha cometido o primeiro erro, lançando a sugestão quando Pearson não desejava ouvir. Agora cometeu o segundo. Tomou por engano a afirmação de Pearson como um convite para continuar a discussão.

Disse, apaziguador:

— Mas certamente se economizaria um dia inteiro, talvez dois... — Tornou-se mais veemente: — Dr. Pearson, vi lâminas feitas pela máquina, e são boas. Talvez a que o senhor viu não estivesse sendo usada apropriadamente.

Então o velho médico levantou-se de sua cadeira. Qualquer que fosse a provocação, Alexander tinha passado dos limites entre o técnico e o tecnólogo. Cabeça erguida, Pearson disse:

— Isto é o bastante! Disse que não estava interessado numa máquina, e foi o que quis dizer, e não quero discussão sobre isso.

Contornou a mesa até que ficou diretamente em frente a Alexander, seu rosto próximo ao do jovem.

— E há algo mais que quero que se lembre. Eu sou o patologista aqui, e estou dirigindo este departamento. Não me importo que deem sugestões, quando são razoáveis. Mas não passe dos limites. Compreende?

— Sim, senhor. Compreendo.

Sucumbido e infeliz, e realmente não entendendo nada, John Alexander voltou para seu trabalho no laboratório.

Mike Seddons tinha estado preocupado todo o dia; diversas vezes tinha tido que se controlar e fazer um grande esforço para trazer a mente para o trabalho que estava fazendo. Uma vez, durante uma autópsia, Mc Neil tinha sido forçado a avisá-lo:

— Há uma parte de sua mão embaixo da seção que você vai partir. Gostamos que as pessoas saiam daqui com todos os dedos com que entraram.

Seddons mudara apressadamente seu instrumento; não seria a primeira vez que algum estudante inexperiente teria cortado um dedo enluvado com uma das facas com o fio de navalha da Patologia.

Da mesma maneira, sua atenção ainda vagava na constante pergunta: o que havia em Vivian que o perturbava tanto? Ela era atraente e desejável, e ele estava ansioso para levá-la para a cama, tão rápido quanto possível. Mike Seddons não tinha ilusões quanto a isso. Ela parecera ansiosa também, afirmando que a dor do joelho naquela noite tinha sido verdadeira, e agora ele acreditava que sim. Esperava que ela ainda se sentisse da mesma maneira, embora naturalmente não houvesse nenhuma garantia. Algumas moças são inconstantes assim. Pode-se ter com elas as mais eróticas intimidades num dia, e depois, na vez seguinte, elas recusariam os mais tímidos avanços, fingindo que o incidente anterior nunca tinha acontecido.

Mas haveria coisa mais entre Vivian e ele do que meramente sexo? Mike estava começando a imaginar. Certamente nenhum dos episódios anteriores — e tinha havido diversos — fizera com que pensasse a metade do que estava pensando agora. Um novo pensamento ocorreu-lhe: talvez, se conseguisse tirar o sexo fora do problema, as outras coisas ficassem mais claras. Decidiu que convidaria Vivian para encontrá-lo novamente, e essa noite — presumindo que ela estivesse livre — era tão boa ocasião quanto qualquer outra.

Vivian achou o bilhete de Mike Seddons quando terminou a última

aula do dia e voltou para a residência das enfermeiras estudantes. Tinha sido entregue pessoalmente e estava esperando por ela no escaninho de cartas marcado "L". Pedia-lhe para estar no quarto andar do hospital, perto da Pediatria, às nove e quarenta e cinco naquela noite. A princípio ela não tencionava ir, sabendo que oficialmente não tinha nenhuma razão para estar no hospital, e podia arranjar problemas se encontrasse uma das supervisoras. Mas descobriu que desejava ir e, às nove e quarenta, atravessou a varanda de madeira entre o lar das enfermeiras e o edifício principal do hospital.

Mike estava esperando, andando no corredor, aparentemente preocupado. Mas assim que a viu indicou-lhe uma porta e eles entraram. A porta levava ao poço da escadaria de metal que subia e descia ali. A esta hora da noite era silenciosa e deserta, e veriam com bastante antecedência se alguém se aproximasse. Mike desceu meio lance para o próximo patamar, levando-a pela mão. Então, virou-se, e parecia a coisa mais natural do mundo que ela estivesse em seus braços.

Enquanto se beijavam, ela sentiu os braços de Mike apertando-a, e a mágica da noite anterior veio rapidamente de volta. Nesse momento ela compreendeu por que desejara tanto vir. Esse homem, com seu selvagem cabelo vermelho, subitamente tornou-se indispensável a ela. Desejava-o de todos os modos — estar junto a ele, conversar com ele, fazer amor. Era um sentimento elétrico, excitante, que jamais tinha conhecido antes. Ele beijava agora suas faces, seus olhos, suas orelhas. Com o rosto entre seus cabelos, ele murmurou:

— Vivian, meu amor, pensei em você o dia todo. Não pude parar de fazê-lo. — Com as duas mãos ele segurou seu rosto e olhou-a bem.  
— Sabe o que está fazendo? — Ela sacudiu negativamente a cabeça.  
— Você está me tirando as forças...

Ela abraçou-se a ele novamente. — Oh! Mike, meu querido.

Estava quente na escadaria. Vivian sentiu o calor do corpo dele contra o fogo do seu.



Agora as mãos dele estavam buscando, procurando. Ela murmurou, trêmula:

— Mike, não há outro lugar?

Ela sentiu que as mãos dele paravam e viu que raciocinava. Disse:

— Tenho um quarto com Frank Worth. Mas ele saiu esta noite e só voltará muito tarde. Quer arriscar e vir para os cômodos dos residentes?

Ela hesitou:

— Que aconteceria se nos pegassem?

— Ambos seríamos expulsos do hospital. — Ele beijou-a novamente.

— Neste momento eu não me incomodaria. — Ele segurou sua mão.

— Vamos.

Desceram um lance de degraus e foram por um corredor. Passaram por outro residente, que sorriu ao vê-los, mas sem fazer comentário. Depois mais escadas, e outro corredor. Desta vez uma figura de branco saiu de uma passagem bem em frente. O coração de Vivian pulou quando reconheceu a enfermeira supervisora da noite. Mas a supervisora não se virou e entrou noutro corredor antes que eles passassem. Então chegaram a um corredor mais estreito e mais silencioso, com portas fechadas de ambos os lados. Havia luz por baixo de certas portas, e de uma delas ouvia-se música. Ela reconheceu como sendo o Prelúdio em Ré Menor de Chopin; a Sinfônica de Burlington tinha tocado um mês ou dois atrás.

— Aqui. — Mike abriu a porta e rapidamente eles entraram. Estava escuro, mas ela podia adivinhar os contornos das camas e uma cadeira de braços. Por trás dela ouviu o estalido da chave quando Mike fechou o trinco.

Eles buscaram um ao outro intensamente, urgentemente. Os dedos dele estavam nos botões do uniforme dela.

Quando hesitavam, ela ajudava. Agora ela estava em pé, só de combinação. Por uns minutos ele a apertou fortemente, ambos

saboreando a tortura da demora. Então as mãos dele, gentilmente, ternamente, moveram-se, e com extrema delicadeza ergueram a combinação por sobre sua cabeça. Quando ela se dirigia para a cama, jogou longe seus sapatos. Depois, num rápido movimento, ele estava junto a ela, suas mãos ajudando-a novamente.

— Vivian, meu amor querido.

Ela mal o ouvia.

— Mike, não espere! Por favor, não espere!

Ela sentiu os contornos do corpo dele, loucamente, delirantemente pressionando dentro do dela. Ela correspondia selvagemente, lutando ferozmente para apertá-lo mais, mais perto, mais profundamente. Depois, subitamente, nada mais existiu no mundo, nada a não ser um vórtice de êxtase tempestuoso, vindo, tomando-a, enlouquecendo-a... e mais, mais, mais...

Depois, quando estavam deitados juntos, Vivian ouviu a música outra vez, vindo abafada do hall. Ainda era Chopin, mas desta vez o Estudo em Ré Maior. Parecia estranho, neste momento, identificar uma composição musical, mas a melodia suave e mágica, ouvida na escuridão, adaptava-se com sua vontade.

Mike aproximou-se e beijou-a. Então disse: — Vivian, minha adorada, quero casar com você.

Ela respondeu suavemente: — Mike, querido, tem certeza?

A impetuosidade de suas palavras tinha-o até surpreendido. Mike as tinha dito num impulso, mas, subitamente, profundamente, ele sabia que eram verdadeiras. Sua intenção de evitar encrencas parecia oca e sem razão; esse era o compromisso que queria com exclusão de todos os outros. Sabia agora o que o tinha preocupado neste dia e anteriormente: agora não o preocupava mais. De modo característico, ele respondeu a Vivian com uma ponta de ironia:

— Claro que tenho certeza. Você não tem? — Enquanto seus braços o envolviam, Vivian murmurou:

— Nunca estive tão certa de alguma coisa.

— Ei! — Mike lembrou-se e apoiou-se no cotovelo, encarando-a. —

Tudo isso me fez esquecer. Como foi o seu joelho?

Vivian sorriu maliciosamente. — Não criou problema esta noite, não foi?

Depois de beijá-la novamente, ele pediu. — Diga-me o que Lucy Grainger falou.

— Não falou nada. Mandou-me ao Dr. Bell para tirar umas radiografias esta tarde. Disse que me chamaria dentro de dois dias.

Mike respondeu:

— Ficarei contente quando tudo estiver claro.

Vivian comentou:

— Não seja tolo, querido. Como poderia um carocinho como esse ser qualquer coisa séria?

X

Boston,

Mass. 7 de agosto.

Mr. H. N. Tomaselli

Administrador

Hospital de Três Condados

Burlington, Pa.

Caro Mr. Tomaselli:

Desde minha visita a Burlington há uma semana atrás tenho pensado muito sobre o contrato para Patologia no Hospital de Três Condados.

Esta carta é para informá-lo de que, sujeita, é claro, a que o senhor pense ainda da mesma maneira sobre mim, decidi aceitar o contrato nos termos que acertamos.

O senhor mencionou que estava ansioso para que quem quer que aceitasse o posto começasse a trabalhar tão cedo quanto possível. Não há nada realmente para prender-me aqui, e depois de arrumar umas poucas coisas eu poderia estar em Burlington apto para começar no dia 15 de agosto — isto é, cerca de uma semana, contando a partir de hoje. Acredito que seja um arranjo conveniente.

Conversando com o Dr. O'Donnell, ele mencionou conhecer certos apartamentos para solteiro que estariam prontos em breve e que ficam perto do hospital, imagino se o senhor dispõe de mais informações sobre esse assunto, e, se assim for, eu estaria interessado em conhecê-lo. Entretanto, talvez o senhor pudesse ser bastante amável para reservar-me um quarto num dos hotéis locais para o dia 14 de agosto.

Sobre o assunto do trabalho que farei no hospital, há um ponto que sinto que não explicamos inteiramente, e agora o menciono na esperança de que possa discuti-lo com o Dr. Pearson antes de minha chegada.

Acho que seria mais vantajoso, não só para o hospital como para mim, se houvesse áreas definidas de responsabilidade onde eu pudesse ter razoável carta branca, em supervisão geral e trabalho dia a dia, e proceder a quaisquer mudanças de organização e técnica, que, é claro, são sempre necessárias de tempos em tempos.

Meus desejos a esse respeito seriam ter responsabilidade direta, dentro do Departamento de Patologia, na Serologia, Hematologia e Bioquímica, embora naturalmente atendendo ao Dr. Pearson na Anatomia Patológica e em outros assuntos a qualquer momento que ele julgar conveniente.

Como disse, levantei a questão agora, na esperança de que possa considerá-la com o Dr. Pearson antes do dia 15 de agosto. Mas, por favor, esteja certo de que a todo instante eu procurarei cooperar inteiramente com o Dr. Pearson e servir ao Hospital de Três Condados com a minha melhor habilidade.

Muito sinceramente, David Coleman, M.D.

Coleman leu novamente a carta bem datilografada, colocou-a dentro de um envelope e fechou-a. Então, voltando para sua máquina de escrever portátil, bateu um bilhete semelhante, porém bem mais curto, para o Dr. Joseph Pearson.

David Coleman deixou o apartamento mobiliado que tinha alugado por um curto prazo nos poucos meses que estava em Boston, e dirigiu-se para o correio com as duas cartas. Reexaminando o que havia escrito, ainda não estava certo por que escolhera o Três Condados de preferência aos sete outros postos que lhe tinham sido oferecidos naquela semana. Certamente não era o mais remunerador.

Em termos financeiros, estava entre os últimos da lista. Nem era um hospital de fama. Dois dos outros centros médicos que lhe

havam oferecido colocação tinham renome internacional. Mas o Três Condados era pouco conhecido fora da área imediata que atendia.

Por que, então? Era porque temia ficar perdido, engolido num centro maior? Não, porque sua ficha já demonstrara que podia manter-se bem nessa espécie de lugar. Era porque sentia que ficaria mais livre para pesquisa num lugar menor? Certamente, desejava fazer algumas pesquisas, mas, se era isto o que desejava, podia ter escolhido um instituto de pesquisas — havia um na lista — e não fazer senão isso. Era por causa do desafio que fizera sua escolha? Talvez. Havia certamente uma porção de coisas erradas na Patologia do Hospital de Três Condados. Tinha verificado isso, só nos dois curtos dias que passara lá na semana passada, respondendo a um telefonema do administrador convidando-o para visitar o hospital e examinar a situação. Trabalhar com o Dr. Pearson não seria fácil. Tinha observado ressentimento no velho médico quando se encontraram, e o administrador tinha admitido, depois das perguntas de Coleman, que Pearson tinha a reputação de ser difícil de lidar.

Então era por causa do desafio? Era a razão por que tinha escolhido Três Condados? Era? Ou era algo mais, algo bem diferente? Era... auto mortificação? Era ainda aquele velho espectro que o perseguia há tanto tempo?

De todos os seus traços de caráter, David Coleman há muito suspeitara de que o mais forte era o orgulho, e era o defeito que mais temia e odiava. Na sua opinião, nunca tinha sido capaz de vencer o orgulho; ele desprezava-o, rejeitava-o, mas sempre voltava — parecendo ainda mais forte e indestrutível.

Na maior parte, seu orgulho provinha da consciência de seu intelecto superior. Na companhia de outros, frequentemente se sentia mentalmente bem mais avançado, geralmente porque o era. E intelectualmente tudo que tinha feito até agora em sua vida provava que isso era verdadeiro.

Tanto quanto o Dr. Coleman podia lembrar-se, os frutos da instrução escolar tinham vindo a ele com facilidade. Aprender era tão fácil como respirar. Na escola pública, no ginásio, no curso colegial, na escola de medicina, tinha pairado na frente dos outros, recebendo as mais altas classificações e honrarias quase como que por acaso. Sua mente era ao mesmo tempo absorvente, analítica, compreensiva. E orgulhosa.

Tinha aprendido sobre o orgulho, no início do ginásio. Como qualquer um que é brilhante, era inicialmente olhado pelos colegas com certa suspeita. Depois, como não fizesse qualquer tentativa para esconder seu sentimento de superioridade mental, a suspeita tornou-se antipatia e finalmente ódio.

Na época sentiu isso, mas não se incomodou realmente até que um dia o diretor do colégio, ele mesmo um brilhante estudante e um homem compreensivo, chamou-o à parte. Ainda hoje David Coleman lembrava-se do que o diretor tinha dito.

— Acho que está muito crescido para ouvir isso, mas direi assim mesmo. Entre quatro paredes à minha volta você não tem um único amigo.

Então o diretor acrescentara:

— Você é um estudante brilhante. Você sabe disso e não vejo razão por que não o saberia. E, quanto ao que virá em seguida, você poderá ser qualquer coisa que escolher. Tem uma mente superior impressionante, Coleman. Diria mesmo única na minha experiência. Mas eu lhe aviso: se quiser viver com outros, algumas vezes terá que parecer menos superior do que é.

Era audacioso dizer isso a um jovem impressionável. Mas o professor não subestimava seu aluno. Coleman levou avante o conselho, digeriu-o, analisou-o e terminou por desprezar a si mesmo.

Desse dia em diante ele trabalhou — com mais afinco do que nunca — para reabilitar-se com um programa planejado quase que de auto mortificação. Tinha começado com os jogos. Desde que podia se

lembrar, David Coleman detestara esportes de qualquer tipo. Até então, nunca participara de nenhum, e tinha a opinião de que as pessoas que compareciam a acontecimentos esportivos e que torciam eram estúpidos imaturos. Mas agora resolvera praticá-lo – futebol no inverno, beisebol no verão. Apesar de seus próprios sentimentos, tornou-se um craque. No colégio, conseguiu chegar aos primeiros times. E quando não jogava, como reserva no ginásio e no colegial, ele torcia tão alto quanto os outros.

Entretanto, nunca era capaz de jogar sem sentir indiferença pelo jogo, que cuidadosamente escondia. Nunca torcia sem um mal-estar interior de estar procedendo como uma criança. Foi por isso que se convenceu de que tinha subjugado seu orgulho, mas que não o tinha banido.

Suas relações com os outros seguiram o mesmo caminho. Antigamente, quando encontrava alguém que considerava intelectualmente inferior, nunca se preocupava em esconder seu aborrecimento e desinteresse. Mas agora, como parte do plano, resolveu ser cordial com essa espécie de gente. Consequentemente, no colegial ele adquiriu a reputação de amigo sábio. Tinha-se tornado uma senha entre os estudantes em dificuldades acadêmicas: "Vamos ter uma reunião com David Coleman. Ele nos tirará do aperto". E invariavelmente ele o fazia.

Por normais deduções, o processo deveria ter moldado seus sentimentos pelos outros, num feitio mais bondoso. Tempo e experiência deveriam tê-lo tornado mais simpático para com aqueles menos dotados. Mas não tinha certeza disso. Interiormente, Coleman descobria que ainda sentia o velho desprezo pela incompetência mental. Ele escondia, lutava com uma disciplina férrea e com boas ações, mas parecia-lhe que nunca se livraria.

Entrou para a medicina em parte porque seu falecido pai tinha sido um médico do interior, e em parte porque era algo que sempre quisera fazer. Mas ao entrar num campo específico tinha escolhido a Patologia, porque era geralmente considerada como a menos simpática das especialidades. Era parte de seu deliberado processo



de derrotar o orgulho inevitável.

Por um certo tempo acreditou que o conseguira. Patologia é, por vezes, uma especialidade solitária, afastada como é das excitações e pressões de contato direto com os pacientes do hospital. Porém mais tarde, quando seu interesse e conhecimento cresceram, ele descobriu o velho desprezo voltar por aqueles que sabiam menos que ele dos mistérios escondidos que um muito poderoso microscópio revelava. Não na mesma extensão, entretanto, porque inevitavelmente, na medicina, encontrou mentes que eram páreo para a sua. E ainda mais tarde verificou que podia descansar relaxando um pouco a férrea autodisciplina que se impusera. Ainda encontrava aqueles a quem considerava tolos — até na medicina existem alguns. Mas não demonstrava isto, e descobriu ocasionalmente que o contato com tais pessoas já não o aborrecia tanto. Com tal pensamento ele começou a imaginar se por fim não tinha derrotado o velho inimigo.

Entretanto, ainda era cauteloso. Não era fácil ter subitamente abandonado um programa de deliberada auto adaptação que durava quinze anos. E por vezes achava difícil decidir se suas razões vinham de simples escolha ou se era o hábito de autonegação, que usara tão pacientemente e por tantos anos.

Por isso a pergunta para si mesmo sobre a escolha do Hospital de Três Condados. Teria escolhido por que era o que realmente desejava — um hospital de tamanho mediano, de segunda classe, sem reputação ou encanto? Ou teria sido um antigo sentimento subconsciente de que ali seria o lugar onde o orgulho mais sofreria?

Quando colocou as duas cartas no correio, viu que eram respostas que só o tempo poderia dar.

No sétimo andar do Edifício de Artes Médicas de Burlington, Elizabeth Alexander vestiu-se na sala de exames contígua ao consultório do Dr. Dornberger. Na meia hora precedente, Charles Dornberger tinha feito seu completo exame usual, e agora tinha

voltado para sua escrivaninha. Pela porta entreaberta ela ouviu-o dizer:

— Venha, e sente-se quando estiver pronta, Mrs. Alexander.

Vestindo uma combinação pela cabeça, ela respondeu alegremente:

— Só levarei um minuto, doutor.

Sentado à sua mesa, Dornberger sorriu. Ele gostava de ter pacientes que obviamente apreciavam a gravidez, e Elizabeth Alexander era uma dessas. "Será uma boa e sensata mãe", pensou. Parecia uma garota atraente, sem ser bonita no sentido convencional da palavra, mas com uma viva personalidade que mais do que compensava aquilo. Olhou de relance para as anotações que tinha feito antes: tinha vinte e três anos. Quando era mais jovem sempre tomava a precaução de ter uma enfermeira presente, quando consultava uma paciente. Tinha ouvido falar de médicos que não o faziam e depois recebiam desagradáveis acusações de mulheres desnorteadas. Hoje em dia, entretanto, ele raramente se preocupava. Era pelo menos uma vantagem de ser velho. Ele falou:

— Bem, eu diria que a senhora terá um bebê saudável e normal.

Não parece haver quaisquer complicações.

— Foi o que o Dr. Crossan disse. — Apertando o cinto de um vestido de verão verde estampado, Elizabeth saiu do outro quarto. Ela sentou-se numa cadeira ao lado da escrivaninha.

Dornberger novamente verificou as anotações. — Ele era seu médico em Chicago, não era?

— Sim.

— Fez o parto da primeira criança?

— Sim. — Elizabeth abriu a bolsa e tirou um pedaço de papel. — Tenho seu endereço aqui, doutor.

— Obrigado. Escreverei para pedir seu histórico médico. — Dornberger grampeou o papel, junto com suas anotações. Disse como que por acaso: — De que seu primeiro bebê morreu, Mrs.

Alexander?

— Bronquite. Quando tinha um mês de idade. — Elizabeth dissera isso normalmente. Um ano atrás as palavras teriam dificuldades de sair e ela teria de lutar contra as lágrimas. Agora, com outro bebê a caminho, a perda parecia mais fácil de aceitar. Mas desta vez seu filho viveria, disso ela estava certa.

O Dr. Dornberger perguntou: — O parto foi normal? — Sim — ela respondeu.

Ele voltou às suas anotações. Como para afastar qualquer tristeza que as perguntas pudessem ter causado, ele disse, como conversa:

— Entendi que acabou de chegar a Burlington.

— Realmente — ela disse com entusiasmo, depois acrescentou: — Meu marido trabalha no Três Condados.

— Sim, o Dr. Pearson me disse. — Ainda escrevendo, perguntou: —

Que tal ele está achando? Elizabeth pensou um pouco:

— John não tem falado muito. Mas acho que gosta. É muito competente no seu trabalho.

Dornberger enxugou o que tinha escrito.

— Isto é uma ajuda. Particularmente em Patologia. — Ele olhou para cima e sorriu. — Nós todos dependemos muito do trabalho dos laboratórios.

Houve uma pausa enquanto o obstetra abria uma gaveta da escrivaninha. Depois, tirando um formulário, disse:

— Por falar em laboratório, vamos mandá-la fazer um exame de sangue.

Enquanto ele escrevia no topo do formulário, Elizabeth disse:

— Eu pretendia dizer-lhe, doutor. Sou Rh negativo e meu marido é Rh positivo.

Ele sorriu:

— Devia ter-me lembrado que a senhora é mulher de um tecnólogo. Nós temos que fazer um exame bem completo. — Ele destacou o formulário e entregou-lhe. — A senhora pode levar isso para o departamento de pacientes externos no Três Condados a qualquer hora.

— Muito obrigada, doutor. — Ela dobrou o formulário e colocou-o na bolsa.

Na hora de terminar a consulta, Dornberger hesitou. Sabia, como a maioria dos médicos, que os pacientes têm ideias incompletas ou erradas sobre assuntos médicos. Quando isso acontecia com uma de suas pacientes, ele habitualmente tinha o trabalho de esclarecer, mesmo que lhe tomasse algum tempo. Neste caso, a moça tinha perdido seu primeiro filho; portanto, a segunda gravidez era duplamente importante para ela. Era problema de Dornberger ver que ela não tivesse nenhuma preocupação.

Ela mencionara fatores Rh, e obviamente o assunto estava em sua mente. Entretanto, ele duvidava se ela realmente compreendia do que se tratava. Decidiu aproveitar a ocasião e acalmá-la.

— Mrs. Alexander — disse —, quero que esteja bem certa de que, apesar de a senhora e seu marido terem diferentes tipos sanguíneos de Rh, não quer dizer que necessariamente haja qualquer problema com o bebê. Compreende isso?

— Acho que sim, doutor. — Ele viu que estava certo. Na sua voz havia um traço de dúvida.

Pacientemente, perguntou:

— A senhora entende exatamente o que querem dizer os termos Rh positivo e Rh negativo?

Ela hesitou:

— Bem, acho que não. De qualquer modo, não exatamente. Isto era o que ele esperara. Pensou um instante e depois disse:

— Deixe-me explicar, tão simplesmente quanto possível. Todos nós

temos certos fatores em nossos sangues. E quando falamos "fatores" pode dizer que é um outro nome para "ingredientes".

Elizabeth concordou: — Compreendo.

Ela se viu concentrando, adaptando-se mentalmente para receber o que o Dr. Dornberger dizia. Por um momento ela se recordou quase nostálgicamente dos dias de aula. No colégio sempre se orgulhara de sua capacidade de compreender as coisas, focalizar um problema particular — absorvendo os fatos rapidamente por exclusão dos outros da mente. Tinha sido uma das mais brilhantes alunas. Estava agora curiosa de saber se ainda tinha a habilidade.

Dornberger continuou:

— Diferentes seres humanos têm diferentes fatores de sangue. Da última vez que alguém contou, havia quarenta e nove desses fatores conhecidos na medicina. A maioria das pessoas — a senhora e eu, por exemplo — tem entre quinze e vinte deles na nossa circulação sanguínea.

O cérebro de Elizabeth estalou. Ela perguntou: 1— Qual a causa de as pessoas nascerem com diferentes fatores?

— A maioria é herdada, mas isso agora não é importante. O que é importante é lembrar que alguns fatores são compatíveis e alguns não são.

— O senhor quer dizer...

— Quero dizer que quando esses fatores sanguíneos são misturados, alguns se darão muito bem, mas alguns brigarão entre si e não se darão de jeito algum. É por isso que somos sempre cuidadosos em classificar os tipos quando damos uma transfusão. Nós temos de estar seguros de que é a apropriada espécie de sangue para a pessoa que a recebe.

Franzindo a testa pensativamente, Elizabeth disse:

— E são os fatores que brigam entre si, os incompatíveis, que causam problemas? Quero dizer, quando as pessoas têm bebês?

Outra vez sua própria fórmula escolar: "Esclareça cada ponto antes de passar para o seguinte".

Dornberger respondeu:

— Às vezes causam, mas mais frequentemente nada fazem. Vamos ver o caso da senhora e de seu marido. A senhora disse que ele é Rh positivo?

— Realmente.

— Bem, isso quer dizer que seu sangue contém um fator chamado "grande D". E porque a senhora é Rh negativo, não tem nenhum "grande D".

Elizabeth concordou vagarosamente. Sua mente registrava: Rh negativo — nenhum "grande D". Usando um velho truque de memória, ela rapidamente fez um mnemônico:

"Se nenhum 'grande D' você tem, Seu sangue menos quantidade contém". Ela reparou que Dornberger a observava.

— O senhor torna isso tão interessante! — disse ela. — Ninguém jamais explicara assim antes.

— Bem, agora vamos falar sobre seu bebê. — Ele apontou para a saliência abaixo de sua cintura. — Não sabemos se Júnior aí tem sangue Rh negativo ou Rh positivo. Em outras palavras, não sabemos se ele tem algum "grande D".

Por um momento Elizabeth esqueceu o jogo mental que fazia. Com um traço de ansiedade, perguntou:

— O que acontece se tiver? Quer dizer que seu sangue lutará com o meu?

Dornberger disse calmamente:

— Sempre há essa possibilidade — disse ele com um sorriso. — Agora, escute muito cuidadosamente.

Ela aquiesceu. Sua atenção foi focalizada outra vez. Por instantes, lá atrás, ela tinha deixado sua mente divagar. Ele disse

deliberadamente:

— O sangue de um bebê é sempre bem separado do de sua mãe. Entretanto, na gravidez, pequenas quantidades do sangue do bebê frequentemente escapam para dentro da circulação sanguínea da mãe.

Compreende isso?

— Sim — concordou Elizabeth.

— Então, muito bem. Se a mãe é Rh negativo e o bebê acontece ser Rh positivo, algumas vezes pode significar que nosso velho amigo "grande D" mergulha na circulação sanguínea da mãe e não é bem recebido lá. Entendeu?

Outra vez Elizabeth disse "Sim". Ele continuou vagarosamente:

— Quando isso acontece, o sangue da mãe cria uma coisa que chamamos anticorpo, e esses anticorpos lutam contra "grande D" e eventualmente o destroem.

Elizabeth estava intrigada:

— Então, qual é o problema?

— Nunca há nenhum problema, para a mãe. O problema, se há algum, começa quando os anticorpos, criados pela mãe para lutar contra o "grande D", cruzam a barreira da placenta e penetram na corrente sanguínea do bebê. A senhora entende, embora não haja movimento regular de sangue, entre a mãe e a criança, os anticorpos podem cruzar, bastante livremente, e o fazem.

— Compreendo — Elizabeth disse devagar. — O senhor quer dizer que os anticorpos começariam a lutar com o sangue do bebê, destruindo-o. — Tinha entendido agora, claramente, em seu espírito.

Dornberger olhou para ela com admiração. "Que moça inteligente", pensou. "Não perdeu nenhuma explicação." Em voz alta, disse:

— Os anticorpos podem destruir o sangue do bebê, ou parte dele, se deixarmos. Esta é uma condição que chamamos *Erythroblastosis Foetalis*.

— Mas como impedir que aconteça?

— Se acontecer, nada podemos fazer. Mas podemos combater. Em primeiro lugar, tão logo haja alguns anticorpos no sangue da mãe, nós recebemos o aviso por um teste de sensibilização sanguínea. Esse teste será feito em seu sangue, agora e mais tarde, durante sua gravidez.

— Como é feito? — perguntou Elizabeth.

— Você é bem criança com as perguntas. — O obstetra sorriu. — Eu não saberia dizer o processo do laboratório. Seu marido saberá mais sobre isso do que eu.

— Mas o que mais é feito? Para o bebê, quero dizer.

Ele respondeu pacientemente:

— A coisa mais importante é dar ao bebê uma transfusão da verdadeira espécie de sangue imediatamente após o nascimento. Geralmente é bem sucedido.

Deliberadamente ele evitou mencionar o grande perigo de uma criança *eritroblastótica* nascer morta, ou que os médicos provocam o trabalho de parto diversas semanas mais cedo para dar à criança maior oportunidade de vida. De qualquer modo, achou que a conversa já tinha ido bastante longe. Decidiu encerrá-la.

— Eu lhe disse isso tudo, Mrs. Alexander, porque pensei que estava preocupada sobre o Rh. Também é uma moça inteligente, e sempre acho que é melhor conhecer toda verdade do que só parte dela.

Ela sorriu ao ouvir isso. Julgava que era realmente inteligente. Afinal de contas, provara que ainda possuía a antiga habilidade escolar para compreender e memorizar. Então disse para si mesma: "Não seja convencida. Além disso, é um bebê que você vai ter, e não um exame de fim de ano".

O Dr. Dornberger falava outra vez:

— Deixe-me só lembrar-lhe os fatos importantes. — Estava sério, agora, inclinando-se para ela: — Primeiro ponto: a senhora pode não



ter nunca um bebê Rh positivo, nem agora nem mais tarde. Neste caso, não pode haver nenhum problema. Segundo ponto: mesmo se acontecer que seu bebê seja Rh positivo, a senhora pode não ter seu sangue sensibilizado. Terceiro ponto: mesmo se seu bebê tivesse eritroblastose, as chances de tratamento e recuperação são favoráveis. — Olhou diretamente para ela. — Agora, como se sente sobre isso tudo?

Elizabeth estava radiante. Tinha sido tratada como adulta e sentia-se bem.

— Dr. Dornberger — ela disse —, acho que o senhor é maravilhoso.

Achando graça, Dornberger pegou o cachimbo e começou a enchê-lo.

— Sim — disse —, algumas vezes eu também acho.

— Joe, posso falar com você?

Lucy Grainger estava indo para a Patologia quando a figura volumosa de Pearson apareceu em frente, no corredor do andar principal. Quando ela o chamou, ele parou.

— Tem algum problema, Lucy? — Era sua voz comum, enrolada e catarral, mas ela ficou satisfeita ao notar que não havia inimizade.

Desejou estar ainda imune ao seu mau humor. — Sim, Joe. Gostaria que visse uma de minhas pacientes.

Ele estava ocupado, acendendo um de seus inevitáveis charutos.

Quando o conseguiu, examinou a brasa.

— Qual é o caso?

— É uma das nossas enfermeiras estudantes. Uma mocinha chamada Vivian Loburton. Tem dezenove anos. Conhece-a?

Pearson sacudiu a cabeça.

Lucy continuou:

— O caso está me preocupando um pouco. Suspeito de um tumor ósseo, e tenho uma biópsia marcada para depois de amanhã. O tecido virá para você, naturalmente, mas pensei que talvez gostasse de dar uma olhada na moça.

— Está bem. Onde está ela?

— Internei-a para observação — disse Lucy. — Está no segundo andar. Podemos ir vê-la agora.

Pearson concordou: — Para mim, está bem.

Eles se dirigiram para o vestíbulo principal e para os elevadores de passageiros.

O pedido de Lucy para Pearson não era fora do comum. Num caso assim, quando havia possibilidade de malignidade, era o patologista quem daria a opinião final sobre a condição do paciente. No diagnóstico de qualquer tumor havia muitos fatores — algumas vezes em conflito — para um patologista pesar na balança. Mas determinação de tumores ósseos era ainda mais difícil, coisa que Lucy bem sabia. Consequentemente, era uma vantagem para o patologista ser informado sobre o caso desde o princípio. Desta maneira podia conhecer o paciente, discutir sintomas e ouvir a opinião do radiologista; tudo isso acrescentado ao seu conhecimento ajudaria o diagnóstico.

Enquanto se dirigiam para dentro do elevador, Pearson parou e gemeu. Colocou a mão nas costas.

Lucy apertou o botão para o segundo andar. Quando a porta automática fechou-se ela perguntou:

— Suas costas o estão incomodando?

— Algumas vezes. — Com esforço, endireitou-se. — Provavelmente fico muito curvado sobre o microscópio.

Ela olhou-o com carinho.

— Por que não vem ao meu consultório? Eu darei uma olhada.

Ele soprou seu charuto e sorriu:

— Eu lhe direi por quê, Lucy. Não posso pagar seus honorários.

As portas abriram-se e eles saíram no segundo andar. Andando pelo corredor, ela disse:

— Será de cortesia. Não gosto de cobrar para colegas.

Ele a olhou com um ar divertido: — Você não é então igual aos psiquiatras?

— Não, não sou. — Ela riu-se. — Ouvi dizer que eles mandam uma conta, mesmo se você trabalhar no mesmo consultório.

— Exatamente. — Raramente ela o via assim tão à vontade, como agora.

— Eles dizem que faz parte do tratamento.

— Aqui estamos — Ela abriu a porta e Pearson entrou primeiro. Então ela o seguiu, fechando a porta por trás.

Era um pequeno quarto semiprivado, com dois pacientes. Lucy cumprimentou uma mulher na cama mais próxima da porta, depois dirigiu-se para a segunda cama, onde Vivian os olhava por sobre a revista que estivera lendo.

— Vivian, este é o Dr. Pearson.

— Olá, Vivian — disse Pearson, distraído, enquanto pegava a ficha que Lucy lhe entregava.

Ela respondeu polidamente. — Boa noite, doutor.

A razão de estar ali ainda era um enigma para Vivian. É verdade que seu joelho tinha doído outra vez, mas parecia-lhe uma coisa à-toa para ficar de cama. Entretanto, não se incomodava muito. De certa maneira, o corte da rotina da escola de enfermagem era bem-vindo, e era agradável ler e descansar, para variar. Mike tinha telefonado havia pouco. Parecia preocupado em saber o que tinha acontecido, e tinha prometido vir mais tarde, assim que pudesse.

Lucy puxou a cortina entre as duas camas, e então Pearson disse:

— Deixe-me ver os dois joelhos, por favor.

Vivian tirou o lençol e levantou a bainha da camisola. Pearson pousou a ficha e curvou-se para um exame de perto.

Lucy observou os dedos curtos e atarracados do patologista moverem-se cuidadosamente sobre os membros. Ela pensou: "Para alguém que pode ser tão áspero com as pessoas, ele é surpreendentemente gentil". Uma vez Vivian gemeu quando um dedo apertou. Pearson olhou-a.

— Dói-lhe aqui? Vivian aquiesceu.

— Vejo pelo relatório da Dra. Grainger que você bateu seu joelho cerca de cinco meses atrás — disse.

— Sim, doutor. — Vivian estava sendo cuidadosa para expor os fatos corretos: — Eu não me lembrei a princípio, até que fiquei pensando no que aconteceu. Eu bati no ladrilho de uma piscina. Acho que mergulhei fundo demais.

Pearson perguntou-lhe:

— Naquela época doeu-lhe muito?

— Sim. Mas depois a dor desapareceu, e não pensei mais nisso.

Até agora.

— Está bem, Vivian. — Fez um gesto para Lucy que abriu as cortinas da cama, de volta para o lugar.

Ele perguntou a Lucy: — Tem as radiografias?

— Eu as tenho ali. — Indicou um grande envelope de papel manilha.

— Há dois conjuntos. O primeiro não mostrou nada. Então nós amaciamos para ver os músculos, e isto mostrou uma irregularidade no osso.

Vivian escutava interessada a troca de palavras. Ela experimentou uma sensação de importância de que tudo isso fosse por causa dela.

Agora Pearson e Lucy tinham ido para a janela e o patologista segurou os negativos das radiografias contra a luz. Enquanto ele estudava a segunda, Lucy indicou-lhe: — Ali. Está vendo?

Eles olharam juntos.

— Acho que sim. — Pearson rosnou e devolveu os negativos. Sua atitude para as radiografias era sempre aquela de um especialista engatinhando em território alheio e pouco familiar. Disse:

— Sombras da terra sombria. O que a Radiologia diz?

— Ralph Bell confirma a irregularidade — respondeu Lucy. — Mas não pode ver o suficiente para um diagnóstico. Ele concorda que deveríamos fazer uma biopsia.

Pearson voltou para junto da cama. — Você sabe o que é uma biopsia, Vivian?

— Tenho uma ideia. — A moça hesitou. — Mas não estou muito certa.

— Ainda não deu isso em seu curso de enfermagem, não é?

Ela sacudiu a cabeça.

Pearson disse:

— Bem, o que acontece é que a Dra. Grainger tirará um pequeno pedaço de tecido de seu joelho — exatamente onde o problema parece estar. Então virá para mim... e eu o estudarei.

Vivian perguntou:

— E por aí o senhor pode dizer o que há?

— A maioria das vezes, podemos. — Ele preparou-se para sair, depois hesitou. — Você pratica muitos esportes?

— Oh! sim, doutor. Tênis, natação, esqui. — Ela acrescentou. — Gosto de andar a cavalo também. Costumava fazê-lo muito em Oregon.

— Oregon, eh? — ele disse pensativamente; depois, virando-se para sair: — Está bem Vivian, isto é tudo por hoje.

Lucy sorriu:

— Voltarei mais tarde. — Ela pegou a ficha e as radiografias e seguiu

Pearson para fora do quarto.

Quando a porta fechou-se, pela primeira vez Pearson sentiu um desagradável arrepio de medo.

Quando estavam no corredor. Lucy perguntou:

— Qual sua opinião, Joe?

— Pode ser um tumor ósseo — Pearson respondeu devagar, pensativo.

— Maligno?

— É possível.

Chegaram ao elevador e pararam. Lucy disse: — Naturalmente, se for maligno, terei de amputar a perna.

Pearson concordou vagarosamente. Subitamente, ele pareceu muito velho:

— Sim — disse. — Eu estava pensando nisso.

## XI

O Viscount a jato virou tranquilamente no vento e começou a perder altura. Com o trem de aterrissagem traseiro e flapes para baixo, emparelhou-se com a pista número um do aeroporto municipal de Burlington, que se estendia à sua frente.

Observando a aproximação do avião da sobreloja, exatamente abaixo da torre de controle, o Dr. Kent O'Donnell refletiu que a aviação e a medicina tinham muito em comum. Ambas eram produto da ciência, ambas estavam mudando a vida do mundo e destruindo velhos conceitos; ambas estavam se dirigindo para horizontes desconhecidos e um futuro visto através de uma névoa. Havia outro paralelo também. A aviação hoje em dia estava tendo problema em conservar-se atualizada com as próprias descobertas; um desenhista de aviação que conhecia tinha-lhe dito recentemente!

— Se um avião está voando, já está desatualizado.

A prática da medicina, pensou O'Donnell protegendo os olhos do brilhante sol da tarde de meados de agosto, era exatamente o mesmo. Hospitais, clínicas, mesmo os médicos nunca eram capazes de ficar inteiramente atualizados. Não importa quanto tentassem, experiências, desenvolvimentos e novas técnicas estavam sempre à frente — algumas vezes, anos. Um homem podia morrer hoje quando a droga que podia salvá-lo já tinha sido inventada, talvez em uso limitado. Mas levava tempo para novos desenvolvimentos, para ficar conhecida e para ganhar aceitação. O mesmo se dava com a cirurgia. Um cirurgião, ou um grupo de cirurgiões, podia usar uma nova técnica para salvar vidas. Mas antes que pudesse ser largamente usada, outros deviam aperfeiçoar e passar sua habilidade adiante. Algumas vezes era um processo demorado. Cirurgia do coração, por exemplo, era bem clara agora, e dentro do

alcance da maioria que precisa muito dela. Mas por muito tempo só um punhado de cirurgiões era qualificado ou desejoso de usá-la.

Havia sempre a pergunta, também para as inovações: é isso bom? é uma melhora sensata? Nem todas as mudanças significavam progresso. Muitas vezes, na medicina, havia falsos perfumes, teorias correndo ao contrário de fatos, indivíduos com entusiasmos e obsessões que saíam meio estonteados, desencaminhando outros consigo. Algumas vezes era difícil sugerir um meio-termo entre ideias arejadas e razoável cautela. No Três Condados, com sua cota de reacionários e progressistas — e com bons homens —, em ambos os campos era um contínuo problema para alguém como O'Donnell saber, a um momento dado, exatamente onde e com quem seu apoio ficaria.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo Viscount rolando na pista, o barulho estridente de seus motores afogando as vozes à volta dele. O'Donnell esperou até que os motores parassem e os passageiros desembarcassem. Então, vendo o Dr. Coleman entre eles, desceu as escadas para cumprimentar o novo assistente-diretor de patologia do hospital, no saguão de chegada.

David Coleman ficou surpreso ao ver o chefe da Cirurgia, alto e bronzeado, sobressaindo na multidão, esperando por ele com a mão estendida. O'Donnell disse:

— É bom vê-lo aqui. Joe Pearson não pôde vir, mas achamos que alguém deveria estar aqui para dar-lhe as boas-vindas.

O que O'Donnell deixou de mencionar foi que Joe Pearson tinha taxativamente recusado ir, e estando Harry Tomaselli fora da cidade, O'Donnell fora obrigado a arranjar tempo para ir.

Enquanto andavam pelo saguão quente e repleto O'Donnell viu Coleman olhar à sua volta. Teve a impressão de que o jovem estava fazendo uma rápida avaliação das pessoas à volta. Talvez um hábito, e se assim fosse era um bom hábito. Certamente David Coleman levantar-se-ia para ele mesmo ser examinado. Embora viesse de uma viagem aérea de três horas, sua roupa de gabardine não estava



amassada, seu cabelo bem aparado, cuidadosamente repartido e escovado, e recentemente barbeado. Não usava chapéu, o que o fazia parecer mais moço do que trinta e um anos. Embora de compleição mais esbelta do que O'Donnell, seus traços eram bem marcados e bem definidos; tinha um rosto comprido e queixo decidido. A maleta embaixo do braço dava-lhe um aspecto profissional, retrato de um jovem cientista, pensou O'Donnell. Ele guiou Coleman em direção ao balcão de bagagens. Um carrinho de bagagens estava sendo descarregado, e eles juntaram-se à luta com outros passageiros que haviam desembarcado.

O'Donnell disse:

— Esta é a parte da viagem que eu detesto.

Coleman concordou e sorriu fracamente. Era quase como se dissesse: "Não vamos desperdiçar nossos talentos com conversa boba, está bem?"

"Este é um freguês frio", pensou O'Donnell. Reparou, como já o tinha feito no encontro anterior, nos olhos de um cinza-aço, e imaginou o que seria preciso para penetrar por trás deles. Agora Coleman estava de pé, imóvel, olhando para a multidão. Quase como por comando, ignorando outros, um funcionário da companhia veio em direção a ele.

Dez minutos mais tarde, quando O'Donnell dirigia seu Buick pelo tráfego do aeroporto e se dirigia para a cidade, disse:

— Nós o alojamos no Hotel Roosevelt. É bastante confortável e sossegado. Acho que nosso administrador o informou sobre a situação do apartamento.

— Sim, informou — Coleman disse. — Gostaria de fazer algo sobre isso o mais rapidamente possível.

— Você não terá nenhum problema — disse O'Donnell, acrescentando depois: — Talvez você gostasse de tirar um dia ou dois para arrumar um apartamento antes de se apresentar no hospital.

— Acho que não preciso, obrigado. Eu espero começar o trabalho amanhã de manhã.

Coleman foi educado, mas taxativo. O'Donnell pensou: "Este é o homem que toma uma decisão, depois expõe claramente sua opinião". Parecia também que não era fácil dissuadi-lo. O'Donnell se viu a especular como Joe Pearson e David Coleman iam dar-se juntos. À primeira vista, parecia que eles iriam se chocar. Mas nunca se sabe. Algumas vezes, no hospital, as pessoas mais diferentes se encontravam, como amigos de infância.

Olhando à sua volta enquanto se dirigiam ao começo da cidade, David Coleman sentiu-se como que possuído de uma sensação de excitação à perspectiva à frente. Isto era pouco comum, porque costumava encarar o que lhe acontecia com uma aceitação casual. Mas, afinal de contas, era seu primeiro contrato como membro da equipe de um hospital. Pensou consigo mesmo que um toque de humanidade positiva não era nada de que se envergonhar. Depois sorriu interiormente à autocrítica silenciosa. Velhos hábitos de pensar — refletiu — eram difíceis de quebrar.

Pensou sobre O'Donnell sentado a seu lado. Tudo que já tinha ouvido sobre o chefe de cirurgia do Três Condados era bom. Por que será, imaginou, que um homem como O'Donnell, com passado e qualificações, escolhera um lugar como Burlington? Será que ele também tinha uma motivação, atrapalhada, ou haveria outra razão qualquer? Talvez ele gostasse dali. Há pessoas, pensou Coleman, cujas preferências são claras e sem complicações.

O'Donnell acelerou para passar um trator que estava sendo rebocado. Depois disse:

— Gostaria de dizer-lhe umas poucas coisas, se pudesse.

Coleman disse polidamente:

— Por favor, diga.

— Nós tivemos muitas mudanças no Três Condados nesses últimos anos. — O'Donnell falava devagar, escolhendo as palavras. — Harry

Tomaselli me disse que você ouviu falar de algumas, assim como de nossos planos para o futuro.

Coleman sorriu.

— Sim, eu ouvi.

O'Donnell tocou a buzina e um carro à frente deu passagem. Disse:

— O fato de você estar aqui representa uma grande mudança, e eu calculo que, depois de instalado, haverá outras mudanças que você gostará de fazer.

Coleman lembrou-se do Departamento de Patologia do hospital, que vira durante sua breve visita.

— Sim — respondeu. — Tenho certeza de que haverá. O'Donnell ficou silencioso. Então, mais vagarosamente, falou:

— Sempre temos tentado fazer as mudanças pacificamente, mas algumas vezes não tem sido possível; não sou dos que acreditam em sacrificar um princípio só para manter a paz. — Olhou de soslaio para Coleman. — Vamos ser francos sobre este assunto.

Coleman assentiu, mas não deu resposta.

O'Donnell continuou:

— Do mesmo modo, sempre que puder, eu sugeriria que modificasse as coisas discretamente. Faça o que puder por persuasão e reserve as forças para as coisas que realmente têm importância.

Evasivamente, Coleman respondeu:

— Compreendo.

Não tinha muita certeza do que lhe estava sendo dito. Precisaria conhecer melhor O'Donnell antes de decidir sobre isso. Teria se enganado na sua impressão sobre O'Donnell? Seria o chefe da Cirurgia, afinal de contas, meramente um medroso, não querendo se comprometer? Estaria Coleman sendo advertido agora e aqui, como recém-chegado, a não criar casos? Se assim fosse, eles logo

veriam que tinham escolhido o homem errado. David Coleman mentalmente resolveu não firmar um longo contrato em nenhum apartamento que encontrasse em Burlington.

O'Donnell perguntava-se agora se fora sensato dizer o que dissera. Tinham tido sorte em conseguir este jovem Coleman, e não tinha nenhum desejo de perdê-lo assim, não logo no começo. Mas todo o tempo estivera martelando na cabeça de O'Donnell o problema de Joe Pearson e a reconhecida influência de Pearson junto a Eustace Swaine. Tanto quanto pudesse. O'Donnell desejava ser leal a Orden Brown; no passado, o presidente do conselho tinha feito muito para apoiar o chefe da Cirurgia. O'Donnell sabia que Brown queria o quarto de milhão de dólares, e realmente o hospital precisava muito disso. E se isso significava agradar um pouco a Joe Pearson, O'Donnell estava pronto a colaborar — dentro de um limite.

Mas onde terminava a política do hospital e começava a responsabilidade de O'Donnell como médico? Era uma pergunta que o preocupava. Estaria ele agora fazendo política? O'Donnell achava que estava. Se não estivesse, não teria dito o que acabara de dizer a Coleman. O poder corrompe, pensou; não se escapa a ele, não importa quem seja. Ele pensou em alargar o assunto um pouco mais com Coleman, talvez mesmo fazendo do jovem um confidente, mas depois decidiu-se contra. Coleman, afinal de contas, era um recém-chegado, e O'Donnell estava bem consciente de ainda não ter penetrado atrás dos frios olhos cinza.

Agora estavam chegando ao centro da cidade, às ruas quentes e poeirentas de Burlington, com suas calçadas reluzentes e o asfalto das ruas derretendo com o calor. Ele parou o Buick na frente do Hotel Roosevelt. Um porteiro abriu as portas do carro e começou a tirar as malas de Coleman do assento traseiro.

O'Donnell disse:

— Gostaria de que eu entrasse, para ver se tudo está em ordem?

De fora do carro, Coleman respondeu com afirmação calma, porém taxativa:

— Não há necessidade.

O'Donnell inclinou-se no assento.

— Está bem. Nós o esperamos, então, amanhã. Boa sorte.

— Obrigado.

O porteiro bateu a porta e O'Donnell arrancou com o carro para o meio do tráfego da cidade. Olhou para seu relógio. Eram duas horas da tarde. Resolveu ir para seu consultório primeiro e para o hospital depois.

Sentada no sofá de couro do laboratório de Três Condados para pacientes de fora, Elizabeth Alexander imaginava por que as paredes do corredor tinham sido pintadas em dois tons de marrom, em lugar de outra cor mais clara e mais brilhante. De qualquer maneira, era uma parte escura do hospital; um pouco de amarelo, ou mesmo verde-claro, tornaria o lugar muito mais alegre.

Desde que se entendia, Elizabeth gostava de cores brilhantes.

Lembrava-se de que, quando menina, as primeiras cortinas que tinha feito para seu quarto em sua casa eram de chita azul-celeste, estampadas com estrelas e luas. Ela suspeitava agora de que tinham sido muito mal feitas; mas naquela época as achara maravilhosas. Para poder pendurá-las, tinha descido para a loja de seu pai, e com paciência ele procurara as coisas de que ela precisava — uma vareta cortada no tamanho exato, suportes de metal, parafusos e uma chave de fenda. Ela lembrava seu esforço para achar o que queria entre outras ferragens — sempre empilhadas tão alto e desarrumadas, que com muita frequência ele tinha de estar rebuscando para encontrar o que o freguês pedia.

Isto acontecera em New Richmond, Indiana, dois anos antes de seu pai morrer no acidente. Ou seriam três? Era difícil de saber; o tempo passava tão rapidamente! Sabia que se tinha encontrado com John pela primeira vez seis meses antes da morte de seu pai. De uma certa maneira, isso se relacionava com cores também. Ele estava de

férias do colégio e tinha vindo à loja comprar tinta vermelha. Nessa época Elizabeth estava ajudando na loja, conversara com ele e lhe vendera tinta verde. Ou seria o contrário? Isto também estava confuso agora.

Ela sabia, entretanto, que se apaixonara por John quase no mesmo instante. Provavelmente tinha sido para retê-lo na loja que sugerira a mudança de cores. E, lembrando, parecia que daquele momento em diante nunca houvera dúvidas sobre os sentimentos de ambos. Tinham se tornado namorados na transição do ginásio para o colegial, e casaram-se seis anos depois do primeiro encontro. Por incrível que pareça, embora nenhum dos dois fosse rico, e John estivesse ainda na escola com uma bolsa de estudos, ninguém os fizera esperar. Todos os que sabiam pareciam aceitar o casamento como natural e inevitável.

Para certas pessoas, o primeiro ano juntos pode ter sido difícil, mas para John e Elizabeth tinha sido uma época gloriosamente feliz! No ano precedente, Elizabeth cursara uma escola noturna de secretariado. E em Indianápolis, onde John estava na escola, ela trabalhava como estenógrafa e sustentava a casa.

Foi o ano em que discutiram seriamente sobre o futuro de John — se ele deveria ambicionar algo mais alto e tentar a medicina, ou decidir-se pelo curso mais curto de médico tecnólogo. Elizabeth era a favor da escola de medicina. Embora isso significasse diversos anos mais antes que John tivesse um salário, ela estava disposta a continuar com seu emprego. Mas John não tinha tanta certeza. Tanto quanto podia lembrar-se, ele desejara seguir a carreira médica, e suas notas colegiais eram boas, mas estava impaciente para contribuir com alguma coisa para seu casamento. Então, descobriram que Elizabeth estava grávida, e para John foi o fator decisivo. Apesar dos protestos de sua mulher, ele entrara para a escola tecnológica de medicina, e tinham-se mudado para Chicago.

Lá, tinham tido seu bebê, e deram-lhe o nome de Pamela. Quatro semanas mais tarde, a criança morreu de bronquite, e por certo tempo todo o mundo de Elizabeth parecia ter-se desmoronado à sua

volta. Apesar de sua estabilidade e bom senso, ela ficou desarvorada e cessou de se cuidar. John fizera tudo o que podia, nunca fora tão bondoso e cheio de consideração, mas nada adiantara.

Ela sentira que tinha de ir embora, e fora para a casa de sua mãe, em New Richmond. Mas depois de uma semana, sentira falta de John e voltara para Chicago. Deste ponto em diante, sua volta para a normalidade tinha sido lenta, porém segura. Seis semanas antes da formatura de John, ela soubera que estava novamente grávida; era exatamente o que precisavam para seu reajustamento. Agora sentia-se saudável, de volta à antiga alegria, e havia uma crescente excitação à lembrança da criança que trazia dentro de si.

Em Burlington tinham encontrado um apartamento pequeno, porém agradável. O aluguel era razoável. Tirando de suas cuidadas economias, tinham dado uma entrada para a mobília, e poderiam pagar as prestações mensais com o salário de John no hospital. Assim como nesse momento, tudo estava ótimo. Exceto, pensou Elizabeth, aquele horrível marrom nas paredes do corredor.

A porta do laboratório abriu-se e uma mulher que estivera esperando na frente de Elizabeth saiu. Uma jovem técnica, vestida num casaco branco, vinha atrás dela. A técnica consultou o livro.

— Mrs. Alexander?

— Sou eu. — Elizabeth levantou-se. — Quer entrar, por favor?

Ela seguiu a mocinha através da soleira da porta. — Sente-se, Mrs. Alexander. Isto não vai demorar muito.

— Obrigada.

À sua mesa, a técnica consultou o papel de receita em que o Dr. Dornberger tinha escrito.

— Tipo e sensibilidade Rh. Está bem, ponha sua mão aqui, por favor, e feche seu punho.

Segurou o pulso de Elizabeth e passou um antisséptico, depois, mais acima, amarrou um torniquete de borracha. De uma bandeja,

escolheu uma seringa hipodérmica na qual adaptou uma agulha esterilizada. Escolhendo rapidamente uma veia do braço de Elizabeth, a moça enfiou a agulha com um único e firme movimento, e abriu o torniquete. Puxou o sangue até que chegou ao nível da marca de sete centímetros cúbicos na seringa, depois tirou a agulha, colocando um chumaço de algodão cobrindo o furo que fora feito. Toda a operação durara menos de quinze segundos.

— Acho que já fez isso antes — disse Elizabeth.

A moça sorriu:

— Uma centena de vezes.

Elizabeth observava enquanto a técnica marcava um tubo de teste e transferia a amostra sanguínea para ele. Quando terminou, colocou o tubo de teste numa prateleira. Então anunciou:

— Isso é tudo, Mrs. Alexander.

Elizabeth apontou para o tubo: — O que vai acontecer a ele agora?

— Vai para o laboratório de serologia. Um dos técnicos fará o teste.

Elizabeth imaginou se não seria John.

Mike Seddons, sentado sozinho no hall da sala dos internos, estava profundamente perturbado. Se alguém lhe tivesse dito há um mês atrás que ficaria tão preocupado com uma moça que para todas as intenções e propósitos ele mal conhecia, teria julgado a pessoa louca. Entretanto, há quarenta e oito horas, desde que lera o boletim na sala de enfermagem perto do quarto hospitalar de Vivian, sua preocupação e depressão tinham crescido enormemente. Na noite passada mal tinha dormido; por horas deitara acordado, sua mente girando ao redor da real significação das palavras escritas na ficha com a caligrafia da Dra. Lucy Grainger: "Vivian Loburton, suspeita de sarcoma osteogênico, preparar-se para biopsia".

Na primeira vez em que vira Vivian, no dia da autópsia, ela era simplesmente outra estudante de enfermagem bonitinha. Até o



segundo encontro, antes do incidente no parque, ele pensara nela principalmente como uma garota atraente e excitante. Mike Seddons nunca tentava enganar-se nem sobre palavras nem sobre suas próprias intenções.

Nem o fazia agora.

Pela primeira vez na sua vida, estava profunda e verdadeiramente apaixonado, e torturado por um medo apavorante e horrível.

Na noite que dissera a Vivian que queria casar-se com ela, não tivera tempo para pensar no que isso implicaria. Até aquele ponto, Mike Seddons sempre se tinha dito que não pensaria em casamento até que estivesse com consultório montado, tivesse aproveitado sua mocidade e tivesse seu futuro financeiro assegurado. Mas assim que pronunciara aquelas palavras para Vivian, soubera que eram sinceras. Uma centena de vezes desde então as tinha repetido silenciosamente, sem um único pensamento ou desejo de voltar atrás. Então, isso.

Diferente de Vivian, que ainda encarava seu problema como um pequeno caroço abaixo do joelho — um aborrecimento, mas algo que tratamento de uma espécie ou de outra ajeitaria —, Mike Seddons sabia o significado na frase "suspeita de sarcoma osteogênico". Sabia que, se o diagnóstico fosse confirmado, queria dizer que Vivian tinha um virulento tumor maligno, que podia espalhar-se e talvez já estivesse noutra parte do corpo. Nesse caso, sem uma rápida operação, suas chances de sobrevivência além de um ano mais ou menos eram quase nulas. E cirurgia significava amputação do membro com a maior rapidez, uma vez o diagnóstico confirmado — na esperança de conter a proliferação das células envenenadas antes de se moverem muito além do sítio original. E mesmo assim, estatisticamente, somente vinte por cento de pacientes osteogênicos ficavam livres de problemas futuros, depois da amputação. O resto piorava sempre, algumas vezes vivendo só alguns poucos meses mais.

Mas não podia ser sarcoma osteogênico. Devia ser um inofensivo

tumor ósseo. As chances estavam dos dois lados, enfim. É a mesma chance que se tem quando se joga cara ou coroa. Mike Seddons sentiu-se suar pensando o quanto para ele e Vivian estava dependendo o resultado da biopsia. Pensava em ir procurar Lucy Grainger e conversar sobre tudo isso; depois decidiu não ir. Ele provavelmente poderia descobrir mais se ficasse à margem. Se declarasse interesse pessoal, algumas fontes de informação estariam fechadas para ele. Para resguardar seus sentimentos, outros poderiam ser cautelosos no que dissessem. Não desejava isso. De uma maneira ou de outra, tinha de saber!

Conversar com Vivian e ao mesmo tempo tentar guardar seus pensamentos só para si não tinha sido fácil. Na noite passada, sentado sozinho com ela no quarto do hospital — a outra mulher tinha tido alta e por enquanto o leito estava vago —, ela o tinha provocado por achá-lo desanimado.

Chupando alegremente as uvas que ele lhe trouxera, dissera:

— Sei o que está errado. Você tem medo de ser amarrado. Não poder pular mais de cama em cama.

— Eu nunca pulei de cama em cama — respondera ele tentando igualar seu humor. — Não é tão fácil; é preciso se empenhar.

— Você não se empenhou muito comigo. — Você era diferente. Tinha de acontecer.

Ela parou ao ouvir isso.

— Sim, eu sei.

Então, alegremente outra vez, dissera:

— Bem, de qualquer maneira, não adianta pensar que vai se sair dessa, Dr. Michael Seddons M.D. Não tenho intenção de largá-lo novamente, jamais.

Ele a beijara ao ouvir isso, apertando-a contra si, sentindo mais emoção do que acreditara sentir. Ela moveu seu rosto e esfregou sua orelha. O cabelo dela contra seu rosto era suave e perfumado.

Docemente, ela disse:

— E outra coisa, doutor: mantenha-se longe das estudantes de enfermagem, pois elas não têm moral.

— Realmente! — Outra vez, respondeu com uma vivacidade que não sentia. Ele a segurou um pouco afastada. Por que alguém não me avisou disso antes?

Ela usava um fino negligé azul aberto na frente. Embaixo havia uma camisola de náilon do mesmo azul transparente. De repente ele pensou, sem fôlego, quão jovem e bonita ela era.

Vivian olhava para a porta. Estava fechada. Disse:

— Estão ocupados na sala de enfermagem esta noite. Sei, porque me disseram. Provavelmente só daqui a uma hora, pelo menos, alguém vai aparecer.

Por um instante, ele ficara escandalizado. Depois rira e se apaixonara outra vez por sua honestidade e franqueza. Perguntou:

— Você quer dizer aqui? Agora?

— Por que não?

— Se alguém entrasse, eu seria expulso do hospital.

Suavemente, ela respondeu:

— Você não estava tão preocupado com isso na outra noite.

As pontas dos dedos dela moviam-se levemente pelo rosto dele. Impulsivamente, ele inclinou-se e beijou seu pescoço. Quando seus lábios desceram mais, ele ouviu a respiração dela apressar-se e sentiu seus dedos apertarem seus ombros.

Por um instante tinha sido tentado, depois o bom senso venceu. Ele enlaçou-a. Ternamente, murmurou:

— Quando isso tudo terminar, Vivian querida, então ficaremos realmente sós. E o que é mais, teremos todo o tempo que quisermos.

Isso fora ontem. Esta tarde, na sala de operações, Lucy Grainger estava fazendo a biopsia. Mike Seddons olhou para seu relógio. Eram duas e meia da tarde. De acordo com o programa na sala de operações, deveria estar começando agora. Se a Patologia trabalhasse rápido, a resposta poderia ser sabida amanhã. Com um fervor ao mesmo tempo incongruente e real, ele se viu rezando: "Oh, Deus! Por favor, meu Deus, fazei com que seja benigno".

O anestesista avisou:

— Estamos prontos assim que quiser, Lucy.

A Dra. Lucy Grainger aproximou-se da mesa de operações. Já estava vestida e de luvas. Sorrindo para Vivian, ela acalmou-a:

— Isso não demorará muito, e você não sentirá nada.

Vivian tentou sorrir de volta, confiantemente. Sabia, entretanto, que não seria bem sucedida. Talvez porque estivesse um pouco tonta, pois tinham-lhe dado um certo tipo de sedativo, assim como anestesia raquidiana, que lhe tirara qualquer sensação da parte inferior do corpo.

Lucy acenou para o interno, seu assistente. Ele levantou a perna esquerda de Vivian e Lucy começou a remover as toalhas que estavam enroladas à volta dela. Nesta manhã, antes de Vivian ser trazida à sala de operações, a perna tinha sido depilada, banhada inteiramente, e pintada com mertiolate. Agora Lucy repetia o processo antisséptico e colocava novas toalhas esterilizadas acima e abaixo do joelho.

Do outro lado da mesa de operações, a enfermeira-ajudante estava segurando um lençol verde dobrado. Com Lucy segurando um dos lados, elas o estenderam sobre a mesa de maneira que uma abertura no lençol ficou imediatamente acima do joelho exposto. O anestesista alcançou uma das pontas, puxando-a por sobre uma barra de metal acima da cabeça de Vivian, de maneira que sua visão do resto da sala de operações foi cortada. Quando olhou para ela

disse:

— Basta que se relaxe, Miss Loburton. Isto é como arrancar um dente, só que bem mais confortável.

— Bisturi, por favor.

Lucy estendeu sua mão e a instrumentista entregou-lhe o escalpelo. Usando a parte aguçada da lâmina, ela fez uma rápida e firme incisão exatamente abaixo do joelho, de cerca de duas polegadas de comprimento. Imediatamente o sangue jorrou.

— Grampos-mosquito — a instrumentista estava pronta, e Lucy grampeou os dois pequenos esguichos. — Agora quer amarrar, por favor? — Ela afastou-se para permitir que o interno pusesse ligaduras entre os dois grampos.

— Vamos fazer nossa incisão através do perióstio.

O interno concordou, enquanto Lucy usava o bisturi que aplicara previamente no grosso tecido fibroso acima do osso, cortando-o e removendo-o.

— Pronta para a serra.

A instrumentadora passou para Lucy um serrote oscilante Stryker. Por trás dela, uma outra enfermeira segurou o fio elétrico longe da mesa de operação.

Falando outra vez em proveito do interno, Lucy disse:

— Vamos tirar uma fatia como amostra do osso. Mais ou menos de meio a três quartos de polegada, deve ser o bastante — ela olhou para as radiografias colocadas numa tela iluminada no outro lado da sala. — Temos que estar seguros, naturalmente, de que estamos dentro do tumor, e não tirar um pedaço de osso normal que tenha sido forçado para fora.

Lucy ligou o serrote e aplicou-o duas vezes. Houve um macio som de rangido, cada vez que atingiu dentro do osso. Então ela desligou e devolveu o serrote.

— Pronto, acho que isso bastará. Pinças!

Cuidadosamente, ela extraiu a amostra de osso, deixando-a cair dentro de um vaso com solução Zenker que uma enfermeira estava segurando. Agora o espécime — identificado e acompanhado por um trabalho cirúrgico requisitado — iria para a Patologia.

O anestesista perguntou a Vivian:

— Ainda se sente bem?

Ela concordou.

Ele lhe disse:

— Não vão demorar, agora. A amostra do osso já está fora. Tudo que têm a fazer é fechar seu joelho.

À mesa, Lucy já estava cosendo o perióstio, usando uma sutura corrente. Pensava: "Se ao menos isso fosse tudo, quão simples seria". Mas isso era meramente exploratório. O passo seguinte dependeria do veredicto de Joe Pearson sobre a amostra do osso que lhe estava sendo enviada.

À lembrança de Joe Pearson, recordou Lucy o que lhe contara Kent O'Donnell; era esse o dia no qual o novo assistente patologista do hospital deveria chegar em Burlington. Ela desejava que as coisas se passassem de modo ameno com o novo médico — pelo bem de O'Donnell, tanto como por qualquer outra razão.

Lucy respeitava os esforços do chefe da Cirurgia para completar melhoramentos dentro do hospital sem maiores agitações, embora ela soubesse por observação que O'Donnell nunca evitaria uma decisão se realmente se tornasse necessário enfrentá-la. Lá ia ela outra vez, refletiu, pensando em Kent O'Donnell. Era estranho como recentemente seus pensamentos sempre se voltavam para ele. Talvez fosse a proximidade na qual trabalhavam: havia poucos dias nos quais os dois não se encontravam algumas vezes durante seu plantão na Cirurgia. Agora Lucy via-se imaginando quanto tempo se passaria antes que ele a convidasse para jantar mais uma vez. Ou talvez ela pudesse arrumar um pequeno jantar ou reunião em seu apartamento. Havia algumas pessoas que ela estava planejando

convidar há algum tempo, e Kent O'Donnell poderia estar entre elas. Lucy deixou o interno aproximar-se para coser o tecido subcutâneo. Então disse:

— Use suturas interrompidas. Três serão suficientes.

Observou atentamente. Ele estava sendo vagaroso, porém cuidadoso. Ela sabia que alguns cirurgiões no Três Condados davam muito pouco que fazer aos internos quando estes estavam ajudando. Mas Lucy lembrava-se de quantas vezes ela mesma ficara em pé ao lado de uma mesa de operações desejando ao menos dar os nós, para um pouco de prática.

Isto tinha-se passado em Montreal, cerca de treze anos atrás, desde que começara a ser interna em Montreal General; depois ficara para se especializar em cirurgia ortopédica. Muitas vezes tinha pensado quanta oportunidade havia na especialidade na qual poucos na medicina se decidiam a especializar-se. Frequentemente, muito dependia da espécie de casos nos quais você se vê envolvido enquanto é interno. Seu caso era um exemplo: na escola pré-médica em McGill, e mais tarde na Escola de Medicina da Universidade de Toronto, seu interesse tinha ido primeiro para um campo, depois para outro. Até na volta para Montreal, estava indecisa se ia especializar-se, ou entrar para clínica geral. Mas então a sorte fê-la trabalhar por certo tempo sob a tutela de um cirurgião conhecido no hospital como "Velhos Ossos", por causa do seu interesse por ortopedia.

A primeira vez que Lucy o conheceu, Velhos Ossos estava na casa dos sessenta. Em termos de comportamento e personalidade, ele era uma das mais desagradáveis pessoas que ela jamais tinha conhecido. A maioria dos centros didáticos tem suas prima-donas; em Velhos Ossos os piores hábitos delas todas estavam reunidos. Regularmente ele insultava todo mundo no hospital — internos, residentes, seus próprios colegas, pacientes —, com igual imparcialidade. Na sala de operações, sem estar zangado, ele gritava improperios às enfermeiras e assistentes, em linguagem emprestada

da sarjeta e das tabernas. Se lhe entregavam um instrumento errado nos dias normais, ele atiraria de volta em quem o tinha dado; num humor mais tolerante, ele meramente o jogaria contra a parede.

Entretanto, apesar de seu procedimento, Velhos Ossos tinha sido um grande cirurgião. Ele trabalhara mais corrigindo deformidades ósseas em crianças aleijadas. Seus sucessos espetaculares tinham levado sua fama a correr mundo. Nunca modificara suas maneiras, e até as crianças que medicava recebiam o mesmo tratamento áspero dos mais velhos. Mas, de certo modo, raramente as crianças pareciam temê-lo. Lucy frequentemente imaginara se o instinto infantil não seria um barômetro melhor do que o raciocínio adulto.

Mas foi a influência de Velhos Ossos que realmente decidiu o futuro de Lucy. Quando ela verificou em primeira mão o que a cirurgia ortopédica podia perfazer, quis compartilhar o feito. Tinha ficado em Montreal General como interna por três anos, ajudando Velhos Ossos sempre que possível. Copiara tudo dele, exceto suas maneiras. Até para Lucy, V.O. nunca tinha mudado. Perto do fim de seu último tempo de interna, orgulhava-se de que ele gritasse com ela bem menos do que com outras pessoas.

Desde então, nos tempos que tinha praticado, Lucy tinha tido seus próprios sucessos. E, em Burlington, as referências de outros médicos faziam dela agora uma das pessoas mais ocupadas da equipe do Três Condados. Voltara a Montreal só uma vez — numa ocasião, há dois anos atrás, para comparecer ao enterro de Velhos Ossos. As pessoas disseram que foi um dos mais concorridos funerais de um médico que a cidade jamais vira. Praticamente todos os que o velho doutor já insultara estavam presentes na igreja.

Sua mente transportou-se de volta para o presente. A biopsia estava quase pronta. A um aceno de Lucy, o interno tinha continuado a coser a pele, outra vez usando suturas interrompidas. Agora estava fazendo a última. Lucy olhou para o relógio da parede acima dela. Toda a operação tinha levado meia hora. Eram três horas da tarde.



Aos sete minutos para as cinco, um mensageiro do hospital, de dezesseis anos, entrou assobiando e balançando os quadris dentro do laboratório de Serologia. Geralmente ele entrava dessa maneira, porque sabia que enfurecia Bannister, com quem mantinha um estado de guerra permanente. Como de hábito, o mais antigo técnico do laboratório olhou e rosnou:

— Estou-lhe avisando pela última vez para parar de fazer esse barulho infernal cada vez que entra aqui.

— Que bom que é a última vez. — O garoto estava imperturbável. — Para lhe dizer a verdade, toda essa sua queixa estava agindo um pouco nos meus nervos.

Continuando a assobiar, entregou a bandeja de amostras sanguíneas que tinha trazido do laboratório de pacientes de fora.

— Onde o senhor quer esse sangue, Sr. Drácula? John Alexander sorriu. Bannister, entretanto, não achara graça.

— Você sabe onde fica, sabidinho — indicou um espaço num dos bancos do laboratório. — Ponha ali.

— Sim senhor, capitão doutor. — Afetadamente o jovem pousou a bandeja e fez uma saudação zombeteira. Depois fez uma pirueta e dirigiu-se para a porta, cantando:

Oh dê-me um lar onde os vírus habitam,

Onde vão os micróbios jogar,

Onde às vezes se ouve um vampiro falar  
E os tubos de teste a feder sempre ficam.

A porta bateu ao fechar e sua voz diminuiu no corredor.

Alexander riu-se. Bannister disse:

— Não ria dele. Só o faz ficar pior. — Ele dirigiu-se para o banco e pegou os espécimes de sangue, olhando por acaso o papel escrito neles. No meio do caminho parou.

— Ei, há uma amostra aqui de uma Mrs. Alexander. É sua mulher?

Alexander pousou a pipeta que estivera usando e dirigiu-se para lá.

— Provavelmente é. O Dr. Dornberger mandou-a fazer um teste de sensibilização — ele pegou o papel escrito e olhou-o. — Sim, é mesmo de Elizabeth.

— Aqui diz tipo e sensibilização, os dois.

— Acho que o Dr. Dornberger queria ter certeza. Realmente, Elizabeth é Rh negativo. — Como se se lembrasse depois, acrescentou: — Eu sou Rh positivo.

Expansivamente, e com um ar patriarcal de grande conhecimento, Bannister disse:

— Ora, na maioria das vezes isto não causa nenhum problema.

— Sim, eu sei. De qualquer modo, é melhor estar seguro.

— Bem, eis aqui o espécime. — Bannister pegou o tubo de teste com o nome marcado: "Alexander, Mrs. E.", e levantou-o.

— Quer você mesmo fazer o teste? — Sim, gostaria. Se você não se incomoda.

Bannister nunca se incomodava se outra pessoa fizesse um trabalho que de outro modo poderia cair sobre ele. Disse:

— Por mim, está bem. — Depois, olhando para o relógio, acrescentou: — Entretanto, não poderá fazê-lo esta noite. É hora de ir embora — recolocou o tubo do teste e entregou a bandeja a Alexander. — Melhor guardar esse lote até amanhã de manhã.

Alexander pegou as amostras de sangue e colocou-as na geladeira do laboratório. Depois, fechando a porta do refrigerador, fez uma pausa, pensativamente:

— Carl, há urna coisa que tenho tido vontade de perguntar-lhe.

Bannister estava rapidamente arrumando tudo. Ele gostava de sair exatamente nas badaladas de cinco horas. Sem virar a cabeça, perguntou:

— O que é?

— Os testes de sensibilização do sangue que fazemos aqui... tenho pensado sobre isso.

— Pensado o quê?

Alexander procurou as palavras com cuidado. Desde o começo, por causa do seu nível universitário, tinha compreendido a possibilidade de criar ressentimentos em pessoas como Bannister. Ele tentava agora, como sempre fazia, evitar ofender alguém.

— Tenho notado que só fazemos dois testes de sensibilização — um em solução salina e outro em alta proteína.

— E daí?

— Bem — Alexander disse timidamente —, não serão só esses dois testes um pouco desatualizados?

Bannister tinha terminado de arrumar tudo. Veio circundando a mesa central enxugando suas mãos numa toalha de papel. Disse rudemente:

— Vamos supor que você se explique. Alexander ignorou a rudeza. Isto era importante.

Disse:

— A maioria dos laboratórios hoje em dia faz um terceiro teste, um Coombs indireto, depois do teste salino.

— Um teste o quê? — Um Coombs indireto.

— O que é isso?

— Está brincando? — No momento que essas palavras saíram, Alexander verificou que tinha feito um erro tático. Mas tinha falado impulsivamente, raciocinando que nenhum técnico de Serologia podia desconhecer um teste Coombs indireto.

O chefe técnico empertigou-se: — Você não precisa bancar o inteligente.

Vividamente, tentando reparar o estrago, Alexander replicou: — Sinto muito, Carl. Não foi isso que quis fazer.

Bannister amassou a toalha de papel e atirou-a numa cesta de lixo.

— Bem, foi o que eu entendi.

Inclinou-se para a frente agressivamente, e sua careca refletia a luz da lâmpada acima.

— Olhe, garoto. Vou-lhe dizer algo para seu próprio bem. Você saiu fresquinho da escola, e uma coisa que ainda não descobriu é que muito do que lhe ensinaram lá não funciona na prática.

— Mas isto não é só teoria, Carl — Alexander estava ansioso agora, sua gafe de um momento atrás parecendo-lhe sem importância. — Já foi provado que certos anticorpos no sangue de uma mulher grávida não podem estar situados nem numa solução salina, nem na alta proteína.

— E quão frequentemente isso acontece? — Bannister lançou a pergunta convencido, como se soubesse a resposta adiantada.

— Muito raramente.

— Bem, aí estamos.

— Mas é suficiente para tornar importante o terceiro teste. — John Alexander estava insistente, tentando vencer a má vontade de saber de Bannister. — Realmente, é muito simples. Depois de ter terminado o teste salino você pega o mesmo tubo de teste...

Bannister atalhou-o:

— Guarde a conferência para outro dia.

Despindo o casaco do laboratório, ele pegou seu paletó atrás da porta.

Sabendo ser tempo perdido Alexander assim mesmo continuou:

— Não é muito mais trabalho. Eu mesmo ficaria feliz de fazê-lo. A única coisa que precisamos é de soro Coombs. É verdade que torna o teste um pouco mais caro...

Isto era terreno familiar. Agora Bannister podia compreender melhor sobre o que os dois estavam falando.

— Ah, sim! — disse sarcasticamente. — Isto realmente seria ótimo para Pearson. Qualquer coisa que seja mais cara é um sucesso certo com ele.

— Mas será que você não compreende? De outros modos, não é provado — a voz de Alexander estava tensa. Sem sentir, tinha aumentado o tom. — Com os dois testes que fazemos aqui, você pode obter um resultado negativo do exame, e entretanto o sangue da mãe pode ainda estar sensibilizado e perigoso para o bebê. Você poderia matar, dessa maneira, um bebê recém-nascido.

— Bem, não é do seu trabalho preocupar-se com isto. Bannister falou do modo mais rude, as palavras quase rosnadas.

— Mas...

— Nada de mas. Pearson não gosta de inovações, principalmente quando custam mais dinheiro. — Bannister hesitou, e seus modos tornaram-se menos agressivos. Sabia que faltava um minuto para as cinco e estava ansioso para terminar isso e ir embora.

— Olhe, garoto, vou lhe dar um conselho. Não somos médicos, e você seria inteligente se tratasse de desistir de parecer um. Somos assistentes de laboratório e trabalhamos aqui da maneira que nos ordenam.

— Isto não significa que eu não possa pensar, não é? — Era a vez de Alexander se descontrolar. — Tudo que eu sei é que gostaria que o teste de minha mulher fosse feito em salina, em proteína e em soro Coombs. Você pode não estar interessado, mas acontece que esse bebê é muito importante para nós.

Já perto da porta, o técnico mais velho observou Alexander. Podia ver claramente agora o que não tinha observado antes — este menino era um criador de encrencas. E o que era mais importante, criadores de encrencas tinham o hábito de envolver outras pessoas em desagradáveis situações. Talvez esse "sabe-tudo" de nível universitário devesse se enforcar com a própria corda agora. Bannister disse:

— Disse o que eu pensava. Se você não gostou, é melhor procurar Pearson. Diga-lhe que não está satisfeito com a maneira como correm e como se fazem as coisas aqui.

Alexander olhou fixamente para o técnico-chefe. Então disse mansamente:

— Talvez eu faça isso.

Os lábios de Bannister curvaram-se. — Bom proveito. Mas, lembre-se, eu o avisei.

Com um último olhar para o relógio, ele saiu, deixando John Alexander sozinho no laboratório.

## XII

Fora da entrada principal do Hospital de Três Condados, o Dr. David Coleman parou para olhar à sua volta. Passava um pouco das oito horas de uma manhã de agosto, com promessa de um dia quente e abafado pela frente. A esta hora havia pouca atividade fora do hospital. Além dele, as duas únicas pessoas à vista eram um faxineiro lavando a poeira do dia anterior num recanto da entrada do pátio, e uma enfermeira de meia-idade que saltara de um ônibus do outro lado da rua. O trabalho do hospital, pensou, não começaria a não ser depois de mais ou menos uma hora.

David Coleman observou os blocos de edifícios do Três Condados. Certamente, os construtores do hospital nunca poderiam ser acusados de terem gasto dinheiro em enfeites estéticos. A arquitetura era estritamente funcional, as fachadas de cimento puro sem adornos de qualquer outra espécie. O aspecto era uma sucessão de retângulos convencionais: paredes, portas e janelas. Somente perto da porta principal o tipo variava, e aí uma única lápide indicava: "Fundado por Sua Excelência o Prefeito Hugo Stouting em abril de 1918".

Quando subia os degraus da entrada, David Coleman pensou que espécie de homem teria sido este esquecido dignitário.

Carl Bannister estava separando papéis na escrivaninha do Dr. Pearson, quando Coleman bateu e entrou no escritório do patologista.

— Bom dia.

Surpreso, o chefe dos técnicos de laboratório levantou os olhos. Era fora do comum terem visitantes tão cedo.

A maioria do pessoal do hospital sabia que Joe Pearson raramente chegava antes das dez horas, e algumas vezes até mais tarde.

— Bom dia — cumprimentou sem muita afabilidade. Bannister nunca estava de bom humor pela manhã. Perguntou: — O senhor procura o Dr. Pearson?

— De um certo modo, sim. Estou começando meu trabalho hoje, aqui — e, vendo o outro se espantar, acrescentou: — Sou o Dr. Coleman.

O efeito, Coleman pensou, foi como deixar cair uma bomba de São João nos pés de uma galinha. Bannister pousou os papéis apressadamente e circundou a mesa, quase correndo, sua cabeça calva brilhando.

— Oh! Desculpe-me, doutor; não calculei. Sabia que ia chegar, mas não tínhamos ideia de que fosse tão cedo.

Coleman disse calmamente:

— O Dr. Pearson está me esperando. Por falar nisso, ele está aqui?

Bannister pareceu escandalizado:

— É muito cedo para ele. Chegará daqui a umas duas horas — seu rosto tomou a expressão de um conivente sorriso de homem para homem. Parecia dizer: "Espero que você mantenha a mesma espécie de horário assim que a novidade acabar".

— Compreendo.

Quando Coleman olhou ao redor, Bannister lembrou-se de uma omissão. Disse:

— Oh! Ia me esquecendo, doutor. Sou Carl Bannister, chefe dos técnicos de laboratório. — Com cuidadosa inteligência, acrescentou: — Espero que nos vejamos amiúde. — Bannister tinha o hábito de não facilitar com ninguém superior a ele.

— Sim, espero que sim. — Coleman não tinha certeza se a ideia lhe agradava, mas apertou a mão de Bannister. Depois procurou à volta um lugar para pendurar a leve capa de borracha que trouxera — o serviço meteorológico predissera trovoadas e chuvas para mais tarde naquele dia. Mais uma vez Bannister estava alerta para servi-lo e



agradar-lhe.

— Deixe-me pendurar seu casaco — pegou um cabide de arame e, cuidadosamente, colocou casaco e cabide num gancho perto da porta. — Obrigado — disse Coleman.

— Sempre às ordens, doutor. Agora, gostaria que eu lhe mostrasse os laboratórios?

Coleman hesitou. Talvez devesse esperar o Dr. Pearson. Por outro lado, duas horas era muito tempo para ficar sentado, e poderia assim fazer alguma coisa durante esse tempo. De qualquer maneira, os laboratórios seriam seu domínio. Qual a diferença? Disse:

— Eu vi parte dos laboratórios com o Dr. Pearson quando estive aqui há algumas semanas atrás. Mas se você não estivesse muito ocupado gostaria de ver novamente.

— Bem, naturalmente sempre estamos ocupados por aqui, doutor. Mas ficarei feliz de mostrar ao senhor. De fato, será um prazer.

O trabalho da mente de Bannister era incrivelmente transparente.

— Por aqui, por favor — Bannister abriu a porta do laboratório de serologia e ficou de lado para Coleman entrar. John Alexander, que não tinha visto Bannister desde sua discussão da noite anterior, olhou para cima da centrífuga na qual tinha há pouco colocado as amostras sanguíneas.

— Doutor, este é John Alexander. Começou a trabalhar aqui há pouco — Carl Bannister estava se sentindo bem no papel de cicerone. Acrescentou facciosamente: — Ainda saindo das fraldas da escola de tecnologia, não é, John?

— Se você pensa assim... — Alexander respondeu pouco à vontade, ressentindo-se da condescendência mas não querendo ser grosseiro.

Coleman adiantou-se, oferecendo a mão:

— Sou o Dr. Coleman.

Enquanto apertavam as mãos, Alexander disse com interesse: —

Quer dizer que é o novo patologista?

— Exatamente.

Coleman olhou ao seu redor. Como já tinha reparado na visita precedente, podia ver que muitas mudanças precisariam ser feitas ali.

Bannister disse expansivamente: — Fique à vontade, doutor. Olhe o que quiser.

— Obrigado. — Voltando-se para Alexander, Coleman perguntou: — Em que você está trabalhando agora?

— É uma sensibilização de sangue — ele indicou a centrífuga. — Acontece que esse espécime é de minha mulher.

— É mesmo? — Coleman achou que esse jovem assistente de laboratório era muito mais interessante que Bannister. Pelos menos na aparência.

— Para quando sua mulher espera a criança? — perguntou.

— Para daqui a quatro meses, doutor. — Alexander sacudiu a centrífuga e ligou-a, depois alcançou um cronômetro.

Coleman reparou que todos os seus movimentos eram precisos e rápidos. Havia uma sensação de fluidez na maneira como esse homem usava as mãos.

Polidamente, Alexander perguntou:

— É casado, doutor?

— Não. — Coleman sacudiu a cabeça.

Alexander parecia prestes a fazer uma pergunta, mas depois mudou de ideia.

— Você queria perguntar alguma coisa?

Por um momento houve uma pausa. Depois John Alexander resolveu-se:

— Sim, doutor — disse. — Queria.

Se isso significava ou não problema, pelo menos elucidaria sua dúvida. Na noite passada, depois da discussão com Bannister, tinha sido tentado a esquecer todo o assunto do teste extra nas amostras de sangue que vieram para o laboratório. Ele lembrava-se muito claramente da repreensão que tinha recebido do Dr. Pearson da última vez que tentou fazer uma sugestão. Este novo médico, entretanto, parecia ser mais fácil de se lidar. E ainda que achasse Alexander errado, não parecia capaz de fazer uma grande cena. Tentou o salto:

— É sobre os testes sanguíneos para sensibilização que estamos fazendo.

Enquanto falava, verificou que Bannister estava por trás; o chefe dos técnicos movia sua cabeça calva de um lado para outro, atento a não perder nada do que estava sendo dito. Depois deu um passo à frente, aborrecido e agressivo, para pôr Alexander em seu lugar.

— Agora escute: se é o que andou falando na noite passada, esqueça.

Coleman indagou com curiosidade: — Sobre o que falaram na noite passada?

Ignorando a pergunta, Bannister continuou a doutrinar Alexander.

— Não quero que o Dr. Coleman seja aborrecido com bobagens como essa, cinco minutos depois de chegar aqui. Esqueça, compreende? — Voltou-se para Coleman, um sorriso automático ligado. — São macaquinhos que tem na cabeça, doutor. Se quiser vir comigo, eu mostrarei nossa equipe de histologia.

Colocou a mão no braço de Coleman para guiá-lo para fora.

Por um espaço de diversos segundos, Coleman nada fez. Depois, deliberadamente, ele segurou e removeu a mão que estava em sua manga.

— Um instante — disse mansamente. Depois, para Alexander: — É alguma coisa sobre medicina? Tem algo a ver com o laboratório?

Evitando intencionalmente o olhar de Bannister, Alexander respondeu:

— Sim, tem.

— Está bem, vamos ver o que é.

— Veio à tona por causa deste teste de sensibilização do sangue de minha mulher — Alexander disse.

Coleman sorriu:

— Bem, isso acontece com muita gente. Não há problema, isto é, quando o teste de sensibilização mostrar um resultado negativo.

— Mas é esse o caso, doutor: o teste.

— Que tem ele? — Coleman estava intrigado. Não entendia absolutamente onde o jovem assistente do laboratório queria chegar.

Alexander disse:

— Acho que deveríamos fazer um Coombs indireto em todas essas amostras, depois do teste em salina e em alta proteína.

— Naturalmente.

Houve um silêncio que Alexander quebrou: — O senhor se incomodaria de repetir, doutor?

— Eu disse naturalmente. É claro que deve ser feito um Coombs indireto — Coleman ainda não via o ponto desta discussão. Para um laboratório de serologia, essa espécie de teste era elementar, básico.

— Mas nós não vamos fazer um Coombs indireto — Alexander olhou vitoriosamente para Bannister. — Doutor, os testes de sensibilização de Rh aqui são todos feitos em soluções salinas e em alta proteína. Aqui não se usa soro de Coombs.

A princípio, Coleman estava certo de que Alexander estava enganado. Aparentemente, o jovem técnico trabalhava aqui há pouco tempo e sem dúvida alguma estava confuso. Então Coleman lembrou-se do tom de convicção com que isso fora dito. Perguntou a

Bannister:

— É verdade?

— Nós fazemos os nossos testes de acordo com as instruções do Dr. Pearson. — O técnico mais velho demonstrou claramente que na sua opinião essa discussão toda era uma perda de tempo.

— Talvez o Dr. Pearson não saiba que você esteja fazendo os testes de Rh dessa maneira.

— Ele sabe muito bem — dessa vez Bannister deixou transparecer um certo aborrecimento. Era sempre assim com gente nova. Ele estava num lugar há menos de cinco minutos e já começavam a armar confusão. Tentara ser amável com o médico novo e eis o que lhe acontecera. Bem, de uma coisa estava certo: Joe Pearson muito breve poria esse sujeito em seu lugar. Bannister só desejava estar perto quando isso acontecesse.

Coleman resolveu ignorar o tom de voz do velho técnico. Gostasse ou não, ele teria que trabalhar com esse homem por algum tempo. De qualquer maneira, isso teria que ser esclarecido agora. Ele disse:

— Acho que não estou entendendo. É claro que você sabe que alguns anticorpos no sangue de uma mulher grávida passarão nos testes de salina e de alta proteína, mas não passarão se você fizer um teste mais profundo com o soro de Coombs.

Alexander interveio:

— Isto é o que estou dizendo. Bannister não respondeu.

Coleman continuou:

— De qualquer maneira, numa hora dessas eu mencionarei isto ao Dr. Pearson. Tenho certeza de que ele não está a par.

— E o que faremos com esse teste? — Alexander perguntou. — E os outros de hoje em diante?

Coleman respondeu:

— Faça-os das três maneiras, é claro — salina, alta proteína e soro de

Coombs.

— Não temos nenhum soro de Coombs no laboratório, doutor. — Alexander agora estava contente por ter trazido esse assunto à baila. Ele gostava do jeito do novo patologista. "Talvez ele mude outras coisas por aqui. Só Deus sabe quanta coisa há aqui precisando ser mudada."

— Então vamos arranjar algum — disse Coleman seca e deliberadamente. — Não há falta em lugar nenhum.

— Você não pode sair por aí comprando suprimentos para o laboratório — disse Bannister. — Tem que haver um requerimento pedindo — ele deu um sorriso superior. Havia alguma coisa, afinal, que aqueles sabichões não sabiam.

Coleman cuidadosamente controlou seus sentimentos. Algum dia, breve talvez, seria necessário ter uma explicação com esse homem, Bannister; ele certamente não tinha intenção de aceitar essa espécie de comportamento permanentemente. Mas logo no primeiro dia da chegada, obviamente não era o certo. Ele disse, cortês, porém com firmeza:

— Então dê-me uma fórmula. Creio que posso assiná-la. Essa é uma das razões por que estou aqui.

O chefe dos técnicos hesitou um momento. Depois abriu a gaveta e pegou um bloco de formulários, que ofereceu a Coleman.

— Um lápis, por favor.

Com a mesma relutância, Bannister entregou-lhe um. Ao fazê-lo, disse mal-humorado:

— O Dr. Pearson gosta de encomendar pessoalmente todos os suprimentos para o laboratório.

Coleman subscreveu a ordem e assinou-a com um pequeno e feio sorriso.

— Espero ter bem mais responsabilidade aqui do que simplesmente a de encomendar quinze dólares de soro de coelhos — disse. — Eis

aí. — Enquanto devolvia o bloco e o lápis, o telefone tocou do outro lado do laboratório.

Era uma desculpa para Bannister virar-se. Com o rosto vermelho de raiva e de frustração, dirigiu-se para a parede do telefone e atendeu. Depois de ouvir, deu uma resposta curta e desligou o aparelho.

— Tenho que ir lá embaixo, aos ambulatórios — as palavras quase murmuradas foram dirigidas a Coleman, que respondeu friamente:

— Pode ir.

Com o incidente encerrado, Coleman verificou que estava bem mais zangado do que imaginara. Que espécie de disciplina era essa que permitia tamanha insolência por parte de um técnico de laboratório? Esse processo inadequado já era bastante sério. Mas ter que corrigi-lo sobre objeções de alguém como esse homem, Bannister, era intolerável. Se as coisas estavam assim, de um modo geral seria provável que todo o departamento de patologia estivesse ainda pior do que parecera no princípio.

Com a saída de Bannister, ele começou a olhar o resto do laboratório com mais cuidado. Os equipamentos usados, alguns inadequados, era evidente. Agora ele via quão relaxado e desorganizado era o lugar todo. As mesas e bancos estavam atulhados com uma porção de aparelhagem e suprimentos misturados. Ele notou uma quantidade de vidros sujos e uma pilha de papéis amarelados. Movendo-se pelo laboratório, descobriu um pedaço de mesa de trabalho onde o mofo havia nascido. Do outro lado da sala, Alexander, pouco à vontade, assistia à inspeção.

— É desse modo que costumam conservar o laboratório? — Coleman perguntou.

— Não é muito arrumado, não é? — Alexander sentiu uma onda de vergonha invadi-lo porque alguém via o laboratório do mesmo jeito que ele. O que não podia dizer é que já tinha se oferecido para reorganizá-lo, ao que Bannister enfaticamente respondera para deixar as coisas do jeito que estavam.

"Ele diria mais que isso", pensou.

Coleman passou o dedo por uma prateleira. Tirou-o coberto de poeira. Pensou desgostoso:

"Tudo isso terá que ser mudado". Como segundo pensamento, raciocinou que talvez tivesse que esperar um pouco. Ele sabia que teria que ser cuidadoso ao tratar com as pessoas aqui, e sua experiência própria já lhe ensinara que havia limites para o que quisesse realizar depressa. De qualquer maneira, sabia que seria difícil controlar sua impaciência, especialmente com essa espécie de desordem debaixo do seu nariz.

Nos últimos momentos, John Alexander estivera observando Coleman de perto. Desde o momento em que o médico aparecera com Bannister, notara que havia qualquer coisa vagamente familiar. Ele era, porém, provavelmente não muito mais velho que Alexander mesmo. Mas não era só isso. Agora Alexander dizia:

— Doutor, desculpe-me se o digo, mas tenho a impressão de que já nos conhecemos antes.

— É possível — Coleman estava bastante evasivo. Porque tinha apoiado aquele homem num incidente, não queria que ele tivesse a impressão de que havia uma espécie de aliança entre eles. Então ocorreu-lhe que talvez tivesse sido lacônico demais. Acrescentou:

— Fui interno no Bellevue, depois no Walter Reed e no Massachusetts General.

— Não — Alexander sacudiu a cabeça. — Deve ter sido antes disso. O senhor já esteve em Indiana? New Richmond?

— Sim — Coleman disse, espantado. — Nasci lá.

John Alexander alegrou-se. — Eu devia ter-me lembrado do nome, é claro. Seu pai era... Dr. Byron Coleman?

— Como é que você sabe disso? — Havia já muito tempo desde que alguém que não fosse ele lembrava-se do nome de seu pai.

— Eu também sou de New Richmond — Alexander disse. — E minha



mulher também.

— É? — Coleman perguntou. — E eu o conheci lá?

— Não creio, embora eu me lembre de tê-lo visto várias vezes. — Na vida social de New Richmond, John Alexander estava vários estágios abaixo da órbita do filho do doutor. Quando este pensamento lhe ocorreu, houve um barulho no cronômetro centrífugo. Ele parou para remover a amostra de sangue que tinha rodado e continuou: — Meu pai tinha uma fazenda de plantação de legumes. Vivíamos algumas milhas fora da cidade. O senhor talvez lembre de minha mulher. A família dela era dona da loja de ferragens. O nome é Elizabeth Johnson.

Coleman disse pensativamente:

— Sim, creio que me lembro — sua memória avivou-se. Havia qualquer coisa com ela... — Ela não esteve envolvida num acidente?

— É certo, esteve sim — disse John Alexander. — Seu pai foi morto por um trem que pegou o automóvel ao cruzar a linha. Elizabeth estava junto.

— Lembro-me de ter ouvido falar nisso — a mente de David Coleman recuou alguns anos, para o consultório médico no qual seu pai tinha curado tantos corpos, até que no fim o seu próprio lhe falhou.

Ele disse:

— Eu estava no colégio nesse tempo, mas meu pai contou-me mais tarde.

— Elizabeth quase morreu. Mas deram-lhe transfusões de sangue e ela sobreviveu. Acho que essa foi a primeira vez que estive num hospital. Quase vivi lá durante uma semana — Alexander parou. Então, ainda feliz com sua descoberta, disse: — Se o senhor estiver livre uma tarde, Dr. Coleman, tenho certeza de que minha mulher terá grande prazer em conhecê-lo. Temos um apartamento pequeno... — ele hesitou, percebendo a verdade: apesar de ambos terem vindo de New Richmond, ainda havia um abismo social entre

eles.

Coleman também percebera isso. Seu cérebro rápido enviou uma mensagem: cuidado com amizades com subordinados, mesmo um igual a este. Ele raciocinou: não é esnobismo, é simplesmente uma questão de disciplina hospitalar e bom senso. Alto, ele disse:

— Bem, vou ter que trabalhar muito por algum tempo. Vamos deixar assim e ver como correm as coisas, está bem?

Mesmo enquanto falava sentia que suas palavras soavam vazias e falsas. Ele pensou: "Você poderia ter sido mais gentil". Mentalmente acrescentou uma nota ao pé da página para si mesmo: "Você não mudou, meu amigo, você não mudou nada"

Por alguns momentos, Harry Tomaselli sentiu-se desejando que Mrs. Straughan voltasse para sua cozinha e ficasse por lá. Depois controlou-se: uma boa dietista era uma pérola a ser cultivada. E Mrs. Straughan era boa; disso o administrador tinha certeza.

Mas havia momentos em que ele imaginava se Hilda Straughan alguma vez pensava no Hospital de Três Condados como um todo unido. A maior parte das vezes que falava com ela tinha a impressão de que o coração do hospital consistia nas cozinhas de onde irradiavam outras facilidades menos importantes. Refletiu então — Harry Tomaselli era acima de tudo um homem de ideias imparciais — que essa espécie de atitude geralmente era encontrada em pessoas que levavam seu trabalho muito a sério. E, se isso fosse uma falha, era certamente preferível à negligência e indiferença. Outra coisa: uma boa chefe de departamento estava sempre querendo lutar e discutir por alguma coisa em que acreditasse, e Mrs. Straughan era em cada pedaço de seu ser uma lutadora e uma argumentadora.

Nesse momento, com corpo volumoso transbordando de uma cadeira no escritório do administrador, ela lutava ferozmente.

— Imagino que o senhor faz ideia, Mr. T., de como isso é sério —

Mrs. Straughan geralmente usava só a inicial do nome quando se dirigia a pessoa que ela conhecia; tinha o hábito de se referir a seu marido como "Mr. S."

— Creio que sim — disse Tomaselli.

— As máquinas de lavar pratos que tenho agora estão obsoletas, no mínimo há cinco anos. Todos os anos, desde que cheguei aqui, ouço: "No próximo ano lhe daremos umas novas". E, quando o próximo ano chega, onde estão elas? Vejo que foram adiadas por mais doze meses. Não pode ser, Mr. T., não pode ser.

Mrs. Straughan sempre usava o pronome "minha" quando se referia ao equipamento aos seus cuidados. Tomaselli não fazia objeção a isso. Só objetava contra a relutância de Hilda Straughan em não considerar nenhum outro problema fora do seu. Ele se preparava para cobrir mais uma vez o mesmo terreno sobre o qual já tinham estado há uma ou duas semanas atrás.

— Não há dúvida, Mrs. Straughan, de que as lavadeiras serão eventualmente substituídas. Eu sei dos problemas que a senhora tem lá na cozinha, mas essas são máquinas grandes e caras. Se a senhora se lembra, o último orçamento que tivemos foi pouco menos de onze mil dólares, incluindo as mudanças no sistema de água quente.

Mrs. Straughan debruçou-se sobre a mesa, seu busto maciço empurrando para o lado um pilha de fichas.

— E quanto mais demorarem maior será o custo.

— Infelizmente eu sei disso também — o aumento de tudo o que o hospital precisava era uma das preocupações diárias de Tomaselli. Ele acrescentou: — Mas nesse momento o dinheiro do hospital é muito curto, mesmo para despesas primordiais. A construção do aumento, é claro, é em parte responsável. É simplesmente uma questão de distribuir prioridades, e alguns equipamentos médicos teriam que vir em primeiro lugar.

— O que é que adianta ter bom equipamento médico se os seus

pacientes não têm pratos limpos para comer sua comida?

— Mrs. Straughan — disse ele com firmeza —, a situação não é tão ruim assim, e ambos sabemos disso.

— Não está muito longe de ser assim — a dietista-chefe inclinou-se para a frente, dando outro empurrão na pilha de fichas; Harry Tomaselli desejou que ela tirasse os seios de cima de sua mesa. Ela continuou: — Muitas vezes, ultimamente, uma grande quantidade de pratos, depois de passarem pela máquina, ainda estão sujos quando saem. Tentamos verificar sempre que podemos, mas na hora da correria nem sempre é possível.

— Sim — disse ele. — Posso entender isso.

— Tenho medo do perigo de infecção, Mr. T. Tem havido muito desarranjo intestinal ultimamente entre o pessoal. É claro que quando isso acontece todos põem a culpa na comida. Mas eu não ficaria surpreendida se esta fosse a causa de tudo.

— Precisamos de muito mais evidências para ter certeza disso — a paciência de Harry Tomaselli estava começando a se esgotar. Mrs. Straughan o tinha procurado numa manhã agitadíssima. Haveria reunião de conselho nessa tarde e justamente agora ele tinha vários problemas prementes a considerar. Esperando encerrar o assunto, ele perguntou:

— Quando foi o último teste de bactérias feito pela Patologia nas máquinas de lavar pratos?

Hilda Straughan refletiu:

— Não posso confirmar, mas creio que foi há seis meses atrás.

— É melhor pedir-lhes para fazer outro. Assim saberemos exatamente qual a nossa situação.

— Muito bem, Mr. T. — Mrs. Straughan conformou-se em não falar mais nada por aquele dia. — Devo falar ao Dr. Pearson?

— Não, eu falarei. — O administrador anotou. "Ao menos", pensou, "posso livrar Joe Pearson de uma sessão como esta."

— Obrigada, Mr. T. — A dietista-chefe levantou-se da cadeira. Ele esperou até que ela tivesse saído, e então, com todo o cuidado, colocou sua pilha de fichas no lugar certo.

David Coleman estava voltando para a Patologia de almoço na cantina. Andando pelos corredores e depois descendo a escada para o subsolo, ele ponderou sobre o tempo que até agora havia passado com o Dr. Joseph Pearson. Até o presente momento, decidiu, tinha sido insatisfatório e inconsistente.

Pearson tinha sido bastante cordial — no princípio não, só mais tarde. Encontrando Coleman à sua espera no escritório, sua primeira observação tinha sido:

— Você realmente estava bem-intencionado quando falou em começar em seguida.

— Não vi nenhuma vantagem em esperar — respondeu polidamente.

— Andei dando uma olhada pelos laboratórios. Espero que não se incomode.

— Isso é privilégio seu — dissera Pearson meio resmungando, como se fosse uma invasão de que não gostasse, mas que tivesse que aceitar. Então, como se desse conta de sua falta de delicadeza, acrescentou:

— Bem, creio que lhe devo dar as boas-vindas.

Depois de se apertarem as mãos ele continuou:

— A primeira coisa que tenho a fazer é despachar um pouco desse trabalho — apontou a pilha desarrumada de pastas de lâminas, rótulos e memorandos soltos na sua mesa. — Depois disso, talvez nós possamos descobrir o que você fará por aqui.

Coleman tinha sentado, não tendo mais nada para fazer a não ser ler um jornal médico, enquanto Pearson atacava vigorosamente alguns papéis. Nesse momento, uma moça veio tomar um ditado, e depois disso ele acompanhou Pearson a uma conferência grande na sala de

autópsia, no anexo. Sentado ao lado de Pearson com dois internos — Mc Neil e Seddons —, do lado oposto da mesa de dissecação, sentiu-se muito parecido a um novo interno. Não houve praticamente nada que ele pudesse contribuir, pois Pearson conduziu a conferência com Coleman como mero espectador. Nem o velho médico fez nenhuma menção à situação de Coleman de subdiretor de seu departamento.

Mais tarde, ele e Pearson foram almoçar juntos, e aí Pearson apresentou-o a algumas pessoas do corpo médico. Pouco depois o velho patologista desculpou-se e saiu da mesa dizendo que tinha que atender a alguns trabalhos urgentes. Agora Coleman estava voltando sozinho para a Patologia, pesando o problema que teria que enfrentar.

Ele havia antecipado alguma resistência do Dr. Pearson, é claro. Juntou alguns dados e informações que chegaram até ele, e ficou sabendo que o Dr. Pearson não queria um segundo patologista, mas nunca havia esperado nada assim como estava acontecendo.

Havia presumido que teria no mínimo um escritório quando chegasse, e algumas obrigações claras e definidas. Certamente David Coleman não esperava assumir muitas responsabilidades imediatamente. Ele não tinha objeção a que o patologista principal o testasse por algum tempo: na verdade, na posição de Pearson faria a mesma coisa com um recém-chegado. Mas a situação ia muito além disso. Aparentemente, a despeito de sua carta, ninguém pensara em que obrigações que Coleman deveria ter. A ideia parecia ser de que ele devia ficar sentado até que o Dr. Pearson pudesse despachar sua correspondência e várias outras coisas, para depois então arranjar um tempo para lhe dizer quais suas tarefas. Bem, se o caso era esse, alguma coisa tinha que ser pensada, e breve, para que isso mudasse.

David Coleman há muito que tinha consciência dos defeitos do seu caráter, mas também reconhecia uma porção de qualidades importantes. Entre as mais significativas estava sua própria documentação e habilidade como médico e patologista. Kent O'Donnell disse a verdade quando se referiu a Coleman como

altamente qualificado. A despeito de sua pouca idade, ele já tinha requisitos e experiência que muitos patologistas praticantes achariam difícil igualar. Certamente não havia razão para ele ficar em admiração diante de Joe Pearson, e, embora estivesse preparado para uma certa deferência diante da idade e procedência do outro, não tinha a intenção de ser, pessoalmente, tratado como um tolo e um inexperiente.

Havia uma outra força também: um sentimento que anulava todas as outras considerações, fossem de caráter, tentativas de tolerância ou qualquer outra coisa. Era uma determinação de praticar a medicina sem compromissos; limpa, honesta — exata, tanto quanto a exatidão fosse possível em assuntos médicos. Por qualquer um que fizesse menos — e em alguns anos ele mesmo vira e conhecera alguns: os transigentes, os políticos, os preguiçosos, os de qualquer maneira ambiciosos —, David Coleman só tinha raiva e repulsa.

Se lhe perguntassem de onde se originava esse sentimento, ele acharia difícil responder. Certamente não era um sentimental; nem havia abraçado a medicina por causa de uma ânsia premeditada de ajudar a humanidade, no que, David Coleman suspeitava, a influência de seu pai podia ter tido algum efeito, mas não muito. Seu pai, pensava ele agora, fora um médico normal dentro dos limites da prática geral, mas sempre houve uma notável diferença entre suas naturezas. O velho Coleman tinha sido afetuoso, sociável, cheio de amigos; seu filho era frio, difícil de conhecer, sempre distante. O pai sempre brincava com os doentes e assim fazia por eles o melhor. O filho — como interno e antes que a Patologia o separasse dos pacientes — nunca brincara, a não ser com cuidado, exatidão, e habilmente dava um pouco mais do que o máximo de muitos outros. E embora como patologista suas relações com os clientes mudassem, sua atitude não mudara.

Algumas vezes, em seus momentos de honesta autocrítica, David Coleman suspeitava de que seu modo de tratar seria o mesmo, fosse sua ocupação a medicina ou qualquer outra coisa. Basicamente, supunha, era uma qualidade de exatidão combinada com

intolerância a erro ou falha — sentimento, também, de que quem quer que seja a pessoa que tenha que ser servida, estava autorizada, por direito, ao máximo que você pudesse dar. De certa maneira, talvez esses sentimentos fossem contraditórios. Ou possivelmente eles tinham sido somados cuidadosamente por um colega de classe que um dia bebera à saúde de "David Coleman — o sujeito com um coração antisséptico".

Passando agora pelo corredor do subsolo, sua mente voltou ao presente e seu instinto avisou-o de que o conflito estava prestes a estourar.

Ele entrou na sala de Patologia para encontrar Pearson curvado sobre o microscópio, uma pasta de lâminas aberta à sua frente. O velho médico olhou para cima.

— Venha dar uma olhada nisso. Diga o que acha — disse, afastando-se do microscópio e fazendo sinal a Coleman para aproximar-se dele.

— Qual é o caso clínico? — Coleman colocou a primeira lâmina nos grampeadores e ajustou as lentes do aparelho.

— É uma paciente de Lucy Grainger. Lucy é uma das cirurgiãs aqui; você a conhecerá — Pearson consultou algumas notas. — O caso é de uma moça de dezenove anos, Vivian Loburton, uma das nossas estudantes de enfermagem. Tem um caroço embaixo do joelho esquerdo. Dores persistentes. Os raios X mostram irregularidade no ossos. Essas lâminas são da biopsia.

Havia oito lâminas, e Coleman estudou uma de cada vez. Viu logo por que Pearson havia pedido sua opinião. Esse era um caso difícilimo, um dos mais difíceis que já vira. No fim ele disse:

— Na minha opinião, é benigno.

— Eu acho que é maligno — disse Pearson calmamente. — Sarcoma osteogênico.

Sem falar, Coleman pegou a primeira lâmina novamente. Examinou-a mais uma vez, paciente e calmamente, depois repetiu o



mesmo processo com as outras sete. Da primeira vez ele havia considerado a possibilidade de um sarcoma osteogênico, agora fazia o mesmo outra vez. Estudando as manchas transparentes azuis e vermelhas que podiam revelar tanto a um treinado patologista, sua mente ia marcando os prós e os contras... Todas as lâminas mostravam uma parte grande de formação óssea — atividade osteoblástica com ilhas de cartilagem dentro dela. O trauma tinha que ser considerado. Teria o trauma causado a fratura? Era a nova formação óssea o resultado de uma regeneração, tentativa própria do corpo para se curar? Se fosse assim, o crescimento era certamente benigno... Havia ali alguma evidência de osteomielite? Sob um microscópio era fácil tomá-la pelo mais mortal sarcoma osteogênico. Mas não, não havia leucócitos polimorfonucleares, caracteristicamente encontrados nos espaços de tutano entre os ossos espículos... Não havia invasão dos vasos sanguíneos. Portanto, voltava basicamente ao exame dos osteoblastos — a nova formação óssea. Essa era a eterna pergunta que todos os patologistas tinham que enfrentar; estaria a lesão proliferando como um processo natural para encher uma falha nas defesas do organismo? Ou estaria proliferando porque era um neoplasma, e portanto maligno? Maligno ou benigno? Era tão fácil estar errado, mas tudo o que alguém podia fazer era pesar a evidência e julgar de acordo.

— Sinto muito, mas discordo do senhor — disse ele polidamente a Pearson. — Eu diria que esse tecido é benigno.

O velho patologista ficou silencioso e pensativo, claramente pensando sua própria opinião contra a do jovem.

— Mas você concorda que é caso para duvidar, eu suponho. De ambas as maneiras.

— Sim... — Coleman sabia que havia sempre lugar para dúvidas em situações como essa. Patologia não era uma ciência exata; não havia fórmulas matemáticas pelas quais você pudesse provar que sua resposta era certa ou errada. Tudo o que você podia fazer às vezes era uma estimativa considerada; alguns a chamariam de uma suposição educada. Ele podia entender a hesitação de Pearson; o

velho médico tinha a responsabilidade de tomar a decisão final. Mas decisões assim faziam parte do trabalho do patologista — algo que você tinha que enfrentar e aceitar. Agora Coleman acrescentou:

— É claro que se o senhor está certo e é um sarcoma osteogênico, quer dizer amputação.

— Eu sei disso! — Foi dito com veemência, mas sem antagonismo. Coleman percebeu que por mais relaxadas que fossem algumas coisas no laboratório, Pearson era um patologista muito experiente para objetar a uma honesta diferença de opinião. Ademais, ambos sabiam quão delicadas eram as premissas em qualquer diagnóstico. Agora, Pearson tinha atravessado a sala. Virando-se, ele disse furiosamente:

— Danem-se esses casos duvidosos! Eu os detesto cada vez que eles me aparecem! Você tem que tomar uma decisão, e no entanto sabe que pode estar errado.

Coleman disse calmamente:

— Não é isso verdade na maior parte da patologia?

— Ora, quem mais sabe disso? Essa é a questão. — A resposta era enérgica, quase apaixonada, como se o jovem tivesse tocado um nervo sensível. — O público não sabe, nada mais certo do que isso. Vê o patologista no cinema, na televisão. É o homem de ciência de avental branco. Ele fica junto ao microscópio, olha uma vez, e então diz "benigno" ou "maligno", eis tudo. O povo pensa que quando você olha aí — ele apontou para o microscópio que ambos estavam usando —, há uma espécie de armação que cai nos lugares certos como tijolos. O que ele não sabe é que algumas vezes nós não estamos nem perto da certeza.

David Coleman também muitas vezes já havia pensado a mesma coisa, embora não a expressasse tão vivamente. Ocorreu-lhe pensar que esse desabafo era algo que o velho estava controlando há muito tempo. Afinal, era um ponto de vista que só outro patologista podia realmente entender. Ele interveio suavemente:

— O senhor não diria que a maior parte das vezes nós estamos certos?

— Está bem, então estamos. — Pearson andava à volta da sala enquanto falava; agora eles estavam perto um do outro. — Mas, e as vezes em que não estamos certos? E o que dizer sobre esse caso? Se eu disser que é maligno, Lucy Grainger terá que amputar; ela não terá escolha. E se eu estiver errado uma moça de dezenove anos perderá a perna à toa. E, no entanto, se for maligno e não amputar, ela provavelmente morrerá dentro de dois anos. — Ele parou, depois acrescentou amargurado: — Talvez ela morra de qualquer maneira. A amputação nem sempre os salva.

Essa era uma faceta de Pearson de que Coleman não suspeitava — esse profundo envolvimento mental num caso particular. É claro que não havia nada de errado nisso. Em Patologia era uma boa coisa lembrar a si mesmo que a maior parte das vezes não se está lidando apenas com pedaços de tecidos, mas com a vida de pessoas que sua própria decisão poderia mudar para boa ou ruim. A lembrança desse fato servia para que você estivesse sempre alerta e fosse sempre consciencioso, desde que fosse bastante cuidadoso e não deixasse seus sentimentos afetarem seu julgamento científico. Coleman, apesar de bem mais jovem, já havia sentido algumas das dúvidas que Pearson estava expressando. Seu hábito era guardá-las para si mesmo, mas isso não queria dizer que elas o perturbassem menos. Tentando ajudar o mais velho a pensar, ele disse:

— Se é maligno, não há tempo a perder. — Eu sei. — Mais uma vez Pearson pensava profundamente.

— Posso sugerir que confirmemos alguns casos passados — Coleman disse —, casos com os mesmos sintomas?

O velho sacudiu a cabeça:

— Nada feito. Levaria muito tempo. Tentando ser discreto, Coleman insistiu: — Mas certamente podemos confirmar nos arquivos... — Ele parou.

— Não os temos. — Foi dito brandamente, e a princípio Coleman

imaginou se havia ouvido bem. Então, como que querendo antecipar a incredulidade do outro, Pearson continuou: — É algo que venho pensando em fazer há muito. Nunca, no entanto, achei tempo para realizar.

Mal acreditando no que ouvira, Coleman perguntou: — Quer dizer... que não podemos estudar nenhum caso anterior?

— Levaria uma semana para encontrá-lo. — Nesse momento não havia o menor engano quanto ao embaraço de Pearson. — Não há muitos iguais a este. E não temos tanto tempo assim.

Nada do que Pearson pudesse dizer chocaria David Coleman tanto quanto isso. Para ele e para todos os patologistas com quem treinara e trabalhara até agora, os arquivos eram um equipamento profissional essencial, eram uma fonte de referências, uma maneira de ensinar, um suplemento para o conhecimento e experiência do patologista, um detetive que podia encontrar pistas e oferecer soluções, meios de certificar e um corpo médico com o qual se podia contar nos momentos de dúvida.

Era tudo isso e mais ainda: era um indício de que o Departamento de Patologia estava fazendo seu trabalho com eficiência; isso, bem como estava dando serviço para o presente, acumulando conhecimentos para o futuro. Era uma garantia de que no hospital os pacientes de amanhã seriam beneficiados com o que se aprendia hoje. Os departamentos patológicos nos novos hospitais consideravam a organização de um arquivo um serviço de prioridade. Nos mais antigos variavam os tipos de arquivos. Alguns eram diretos e simples, outros elaborados e complexos, fornecendo a pesquisa e os dados estatísticos, bem como a informação para o trabalho do dia. Mas, simples ou elaborado, todos tinham uma coisa em comum: sua utilidade para comparar o caso presente com um passado. Para David Coleman a ausência de arquivos em Três Condados só podia ser descrita em uma palavra: criminosa.

Até esse momento, a despeito de sua primeira impressão de que o Departamento de Patologia de Três Condados precisava seriamente

de reformas, ele tentara controlar qualquer opinião pessoal sobre o Dr. Joseph Pearson. O velho médico, apesar de tudo, estava trabalhando sozinho há muito tempo, e a quantidade de trabalho que um hospital desse tamanho envolvia não era fácil para um só patologista controlar. Essa espécie de pressão podia concorrer para esses processos inadequados que Coleman já havia descoberto no laboratório, e embora a falta não fosse desculpável, ao menos era compreensível.

Era possível, também, que Pearson tivesse sido forte em outras coisas. Na opinião de David Coleman, boa administração e boa medicina geralmente andavam juntas. Mas, das duas, medicina — nesse caso patologia — era o mais importante. Ele sabia de muitos sepulcros brancos onde brilhantes cromados e eficiente burocracia vinham em primeiro lugar, com a medicina em segundo. Ele havia considerado a possibilidade de a situação aqui ser o contrário — com administração fraca e patologia boa. Por essa razão refreava sua tendência natural de julgar o velho patologista na base do que tinha sido evidente até então. Mas agora ele achou impossível pretender mais tempo para si mesmo. O Dr. Joseph Pearson era um procrastinador e um incompetente.

Tentando disfarçar o desprezo de sua voz, Coleman perguntou:

— O que propõe fazer?

— Há uma coisa que posso fazer.

Pearson havia voltado para sua mesa e pegou o telefone.

Apertou um botão escrito "comunicação interna". Depois de uma pausa:

— Diga a Bannister para vir aqui.

Desligou o telefone, e então, virando-se para Coleman:

— Há dois homens que são uma sumidade nesse campo — Chollingham, em Boston, e Earnhart, em Nova York.

Coleman concordou.

— Sim, já ouvi falar de seus trabalhos.

Bannister entrou.

— Precisa de mim? — Olhou para Coleman, depois ignorou-o abertamente. — Leve essas lâminas. — Pearson fechou a pasta e passou-a por sobre a mesa. — Mande dois conjuntos hoje à noite: mala aérea, entrega especial, e ponha uma etiqueta de urgente. Um jogo é para Dr. Chollingham, em Boston, o outro para o Dr. Earnhart, em Nova York. Ponha o invólucro batido a máquina; inclua uma cópia do histórico clínico do caso e peça a ambos que telegrafem seus resultados o mais rápido possível.

— O.K. — Com a pasta sob o braço, Bannister saiu.

Ao menos, Coleman refletiu, o velho manejou essa parte com eficiência. Pedir a opinião de dois técnicos nesse caso era uma boa ideia. Pearson disse:

— Devemos obter uma resposta dentro de dois ou três dias. Nesse meio tempo acho melhor falar com Lucy Grainger. — Ele ponderou: — Não lhe direi muito. Só que temos uma ligeira dúvida e estamos pedindo — ele olhou atentamente para Coleman — confirmação de fontes exteriores.

## XIII

Vivian estava muito quieta, confusa, sem nada compreender. Isto não podia estar acontecendo com ela; a Dra. Grainger devia estar se referindo a outra pessoa. Seu pensamento corria. Era isto! De algum modo trocaram as radiografias de dois pacientes. Já acontecera antes em hospitais. A Dra. Grainger era ocupada. Poderia confundir-se facilmente. Talvez outro paciente estivesse ouvindo agora...

Abruptamente controlou seus pensamentos, isolou-os, tentou clarear sua mente. Não havia engano. Ela o sabia clara e definitivamente, pelas expressões fisionômicas da Dra. Grainger e de Mike Seddons. Eles a olhavam agora, sentados um de cada lado da cama do hospital, onde Vivian estava, meio deitada, meio sentada, apoiada por travesseiros ajeitados às suas costas.

Ela dirigiu-se a Lucy Grainger: — Quando é que a senhora saberá... com certeza?

— Dentro de dois dias. Seja qual for o resultado, Dr. Pearson então nos dirá.

— E ele não sabe...

Lucy atalhou:

— Ainda não, Vivian. Ele não sabe. Ele ainda não sabe nada com certeza.

— Oh, Mike! — Ela procurou sua mão. Ele pegou-a gentilmente.

Então ela disse: — Desculpe... mas eu acho... que vou chorar.

Enquanto Seddons punha seus braços em volta de Vivian, Lucy levantou-se:

— Voltarei mais tarde. — Dirigindo-se a Seddons, perguntou: — Você ainda fica um pouco?

— Sim.

Lucy disse:

— Certifique-se de que Vivian tenha em mente que nada disso é definitivo. Eu só queria que ela estivesse preparada... caso precise...

Ele concordou, seu cabelo vermelho desarrumado mexendo lentamente.

— Eu compreendo.

Enquanto ia pelo corredor, Lucy pensava. "Sim, tenho certeza disso."

Ontem à tarde, quando Joe Pearson telefonara, Lucy ficara indecisa se devia contar a Vivian, nessa ocasião, quais eram as possibilidades, ou se devia esperar. Se esperasse e o resultado da Patologia fosse "benigno", tudo estaria bem e Vivian nunca saberia da sombra escura que pairara sobre ela. Mas, por outro lado, se de hoje há dois dias o resultado do patologista fosse "maligno", a amputação seria de uma urgência vital. Nesse caso, poderia Vivian preparar-se a tempo, ou o impacto psicológico seria grande demais? Um choque desses, dado subitamente a uma mocinha que de nada suspeitava, podia ser tremendo. Poderia levar muitos dias até que Vivian estivesse mentalmente preparada para aceitar uma grande operação — dias que eles não podiam se dar ao luxo de perder.

Havia algo mais que Lucy havia pesado na balança. O fato de Joe Pearson estar pedindo uma opinião de fora era bastante significativo. Se fosse um caso claro de tecido benigno, teria dito logo. O fato de não o fazer, a despeito de não querer se comprometer de nenhuma maneira quando falara, queria dizer que a malignidade era uma forte possibilidade.

Considerando tudo isso, Lucy decidiu que Vivian deveria ter conhecimento da situação agora. Se mais tarde o veredicto fosse benigno, ela, na verdade, teria sofrido desnecessariamente. Mas antes disso do que a exploração súbita de um impacto, para o qual não estava devidamente preparada.

O problema imediato fora simplificado com o aparecimento do Dr.



Seddons. Na tarde passada o jovem residente procurara Lucy e falara sobre os planos, seus e de Vivian, de se casarem. Admitiu que a princípio suas intenções eram de ficar em segundo plano, mas agora mudara de ideia. Lucy ficara satisfeita. Ao menos queria dizer que Vivian não estava mais sozinha e que havia alguém a quem podia recorrer para apoio e conforto.

Sem dúvida a menina iria precisar muito de ambos. Lucy dera a notícia de que suspeitava de um sarcoma osteogênico — com todas as suas trágicas possibilidades — da melhor forma possível. Mas realmente, fosse dito da maneira que fosse, não havia como suavizar o golpe. Agora Lucy lembrava-se da próxima coisa que tinha a fazer: pôr os pais da moça a par da situação. Olhou para baixo, para um pequeno pedaço de papel em sua mão. Continha um endereço, Salem, Oregon, do parente mais próximo de Vivian; um pouco antes copiara da ficha de admissão da jovem. Depois Lucy combinara com ela que seus pais deveriam ser informados. E agora tinha que dar a notícia, da melhor maneira possível, numa ligação interurbana.

Sua mente já antecipava o próximo acontecimento. Vivian era menor. Pelas leis do Estado, era necessário uma licença dos pais para que se pudesse fazer uma amputação. Se seus pais viessem logo de Oregon, por avião, o consentimento por escrito seria obtido quando chegassem. Em caso contrário, teria que fazer o máximo para persuadi-los a telegrafarem às autoridades, dando a Lucy o poder de usá-lo se necessário.

Lucy olhou para seu relógio. Estava cheia de compromissos nessa manhã, em seu consultório da cidade. Talvez fosse preferível fazer a chamada agora, antes de sair de Três Condados. No segundo andar, entrou na pequena sala que dividia com Gil Bartlett. Era pouco mais que um cubículo — tão pequena que eles raramente a podiam usar ao mesmo tempo. Agora estava repleta — com Bartlett e Kent O'Donnell.

Quando a viu, Kent disse:

— Desculpe, Lucy. Já vou sair. Esse lugar não foi feito para três.

— Não precisa. — Ela passou apertada entre os dois homens e sentou-se em sua pequena mesa. — Tenho algumas coisas para fazer e depois vou embora.

— Você seria sensata se ficasse. — A barba de Gil Bartlett seguia seu balanço normal. Sua voz estava bem-humorada. — Kent e eu estamos extremamente profundos essa manhã. Estamos discutindo todo o futuro da cirurgia.

— Algumas pessoas dirão que não há futuro. — O tom da voz de Lucy combinava com o de Bartlett. Ela havia aberto uma gaveta, e retirava algumas notas clínicas de que precisava para um paciente na cidade. — Dizem que todos os cirurgiões estão em vias de desaparecer, e que dentro de alguns anos estaremos tão fora de moda como os curandeiros e feiticeiros mais atrasados.

Nada agradava mais a Bartlett do que essa espécie de conversa. Disse:

— E quem, se posso perguntar, fará os cortes e encanamentos nos corpos viçosos e sangrentos?

— Não haverá nenhum corte. — Lucy tinha encontrado as notas e estendia a mão para sua pasta. — Tudo será diagnóstico. A medicina empregará as forças da natureza contra as funções erradas da própria natureza. Ficarà provado que nossa saúde mental é a raiz das doenças orgânicas. Você evitará o câncer com psiquiatria e a gota aplicando psicologia. — Ela fechou a pasta e acrescentou rapidamente: — Conforme já devem ter percebido, estou fazendo uma citação.

— Mal posso esperar que isso aconteça — Kent O'Donnell sorriu.

Como sempre, a presença de Lucy dava-lhe uma sensação de prazer. Estaria ele sendo bobo, até mesmo ridículo, em se controlar não deixando que suas relações se tornassem mais íntimas? Estaria com medo, afinal? Talvez deversem passar mais tempo juntos, e então deixar acontecer o que tivesse que ser. Mas aqui e agora — com Gil Bartlett presente —, obviamente não era hora de marcar programas.

— Duvido que algum de nós viva o bastante para ver isso. — Enquanto Lucy falava o telefone tocou baixinho na mesa. Ela levantou e atendeu, então passou o aparelho para Gil Bartlett. — É para você.

— Sim? — Bartlett disse.

— Dr. Bartlett? — Eles podiam ouvir uma voz de mulher do outro lado da linha. — Aqui é Miss Rowson, da Emergência. Tenho um recado do Dr. Clifford. — Clifford era o chefe mais graduado dos cirurgiões residentes no hospital.

— Continue.

— Ele gostaria que o senhor descesse e se preparasse, se fosse possível. Houve um acidente de tráfego na autoestrada. Temos muita gente seriamente ferida, inclusive um caso grave de lesão no peito. Para esse é que o Dr. Clifford gostaria de seu auxílio.

— Diga-lhe que já vou — Bartlett desligou o telefone. — Desculpe, Lucy. Acabaremos a conversa noutra ocasião. — Dirigiu-se para a porta e então falou: — No entanto, uma coisa eu digo: não vejo motivos para me preocupar com desemprego. Enquanto construírem carros maiores e mais velozes, sempre haverá lugar para cirurgiões.

Saiu, dando um aceno amigável para Lucy, e O'Donnell o seguiu. Sozinha, Lucy parou um momento, então mais uma vez pegou o telefone. Quando a telefonista atendeu, disse:

— Quero uma ligação interurbana, por favor — e pegando o pedaço de papel: — É uma chamada pessoal. Salem, Oregon.

Ziguezagueando pelo corredor, com a perícia da longa prática, Kent O'Donnell dirigiu-se rapidamente para seu escritório no hospital. Também tinha um dia cheio pela frente. Estava sendo esperado em menos de meia hora na sala de operações; depois haveria uma reunião do comitê executivo médico e ainda depois disso tinha várias pacientes para ver na cidade, um programa que tomaria boa

parte de sua tarde.

Enquanto andava, viu-se pensando mais uma vez em Lucy Grainger. Vê-la, estar perto dela como estivera há poucos minutos atrás fizera com que conjeturasse mais uma vez sobre Lucy e ele. Mas agora as dúvidas velhas e familiares — a impressão de que talvez seus interesses tivessem muito em comum para qualquer relação permanente — voltavam a atormentá-lo.

Admirava-se de pensar tanto em Lucy ultimamente — ou em qualquer outra mulher, afinal de contas. Talvez fosse porque o começo dos quarenta era uma época tradicionalmente conhecida como irrequieta, para os homens. Depois sorriu intimamente, ao se recordar que raramente houvera um período em que casos amorosos ocasionais, ou de qualquer espécie, não lhe acontecessem naturalmente. Hoje em dia estavam somente mais espaçados. Também, por necessidade, tinha que ser consideravelmente mais discreto do que nos seus dias de mocidade.

De Lucy, seus pensamentos passaram para Denise Quantz. Depois do convite que ela lhe fizera na noite em que se encontraram em casa de Eustace Swaine, O'Donnell confirmara que apareceria no congresso de cirurgiões em Nova York. Ocorreu-lhe que a data marcada era na próxima semana; se tinha de encontrar Mrs. Quantz, o melhor era preparar-se logo.

Quando voltou ao escritório, o relógio sobre sua mesa marcava vinte minutos para o início de sua operação. Pegou o telefone, dizendo para si mesmo que era sempre uma boa ideia fazer as coisas no momento em que eram lembradas.

Ouviu a telefonista pedindo informações sobre o número em Nova York, depois a campainha tocando e um clique. Uma voz disse: — Aqui é do apartamento de Mrs. Quantz.

— Tenho uma ligação interurbana para Mrs. Quantz — a telefonista respondeu.

— Mrs. Quantz não está aqui.

— Sabe onde pode ser encontrada? — O ritual da Companhia Telefônica funcionava.

— Mrs. Quantz está em Burlington, Pensilvânia. Quer o número de lá?

— Por favor — disse a telefonista. — O número é Hunter 6-5735.

— Obrigada, Nova York. — Houve um clique e a telefonista perguntou: — O senhor anotou o número?

— Sim, obrigado — disse O'Donnell, e desligou. Com a outra mão já tinha alcançado o catálogo telefônico. Procurou até achar Swaine, Eustace R. Conforme esperava, o número que constava ali era o mesmo que lhe haviam dado.

Levantando o fone ligou outra vez. Uma voz de homem atendeu:

— Residência de Mr. Eustace Swaine.

— Gostaria de falar com Mrs. Quantz. — Um momento, por favor. Houve uma pausa. Então:

— Aqui é Mrs. Quantz.

Até aquele momento O'Donnell havia esquecido o quanto sua voz o havia atraído antes. Tinha uma profunda suavidade, parecendo dar certa graça às palavras mais simples.

— Não sei se se lembra de mim — disse. — Sou Kent O'Donnell.

— Claro que me lembro! Muito prazer em ouvi-lo, Dr. O'Donnell!

Teve uma súbita visão dela ao lado do telefone, com o cabelo negro e macio caindo sobre os ombros. Disse:

— Acabo de lhe telefonar para Nova York. Eles me deram o número daí.

— Vim ontem à noite de avião — disse Denise Quantz. — Papai está com um pouco de bronquite, e pensei em ficar um dia ou dois aqui com ele

Ele perguntou cortesmente: — Nada sério, eu espero.

— Não, nada — ela riu. — Meu pai tem a constituição de uma mula, e a obstinação também.

Ele pensou: "Acredito nisso". Em voz alta falou:

— Queria convidá-la para jantar comigo em Nova York. Estarei lá na próxima semana.

— Ainda pode convidar-me. — A resposta foi rápida e decidida. —

Já estarei de volta nessa ocasião. Impulsivamente, ele disse:

— Quem sabe podemos antecipar. Tem alguma noite livre em Burlington?

Depois de uma pausa ela respondeu:

— Hoje seria a única.

O'Donnell calculou rápido. Seus compromissos no consultório iriam até as sete horas. Se não surgisse nada... Seus pensamentos foram interrompidos.

— Oh! Espere! — Era Denise Quantz outra vez. — Tinha-me esquecido. O Dr. Pearson vem jantar aqui com papai, e acho que devo ficar. — Acrescentou: — A não ser que queira juntar-se a nós!

Riu mentalmente. Joe Pearson ficaria bem espantado se o encontrasse lá. O instinto, porém, disse-lhe que a ideia não era boa.

Respondeu:

— Obrigado, mas acho melhor adiarmos o programa.

— Que pena! — Sua voz era de desapontamento; depois alegrou-se.

— Se quiser, posso ir depois do jantar. Papai e o Dr. Pearson com certeza vão mergulhar no jogo de xadrez, e quando isso acontece é como se mais ninguém estivesse ali.

Ele ficou encantado.

— Isto seria maravilhoso! A que horas estaria livre? — Acho que mais ou menos às nove e meia.

— Quer que eu vá buscá-la?

— Ganharíamos tempo se nos encontrássemos na cidade. Diga-me onde.

Ele pensou um momento e disse:

— No Regency Room.

— Está bem. Às nove e meia. Até mais tarde. O'Donnell desligou o telefone com um sentimento de agradável antecipação. Olhou mais uma vez para o relógio. Teria que correr para chegar a tempo à sala de operações.

O jogo de xadrez entre Eustace Swaine e o Dr. Joe Pearson se desenrolava há quarenta minutos. Os dois velhos se enfrentavam por sobre uma mesa de jogo, baixa e de pau rosa, na mesma biblioteca revestida de madeira onde semanas antes O'Donnell e Swaine tinham tido um combate verbal. Só duas lâmpadas brilhavam na sala; uma suspensa sobre a mesa, a outra saindo fracamente de um abajur rococó na porta de entrada.

Os dois rostos estavam na sombra, a luz sobre eles caía diretamente no tabuleiro de xadrez no centro da mesa. Somente quando um ou outro se inclinava para mover uma peça do jogo, suas feições se definiam, momentaneamente iluminadas pelo foco de luz.

Nesse momento ambos estavam parados, o silêncio profundo da sala pairando como um manto aberto sobre o par de cadeiras Luís XV nas quais estavam sentados. Eustace Swaine reclinou-se para trás. Segurando ligeiramente entre os dedos um copo de conhaque, em cristal vermelho, controlava o jogo que se desenvolvia.

A jogada anterior fora de Joe Pearson. Um minuto ou dois antes, pegara delicadamente a rainha branca, lindamente esculpura em marfim indiano, e mexera a peça uma casa para frente.

Então, descansando o copo de conhaque, Eustace Swaine escolheu um peão do canto direito e moveu-o duas casas à frente. Depois ríspidamente quebrou o silêncio, dizendo:

— Soube que têm havido mudanças no hospital. Por trás da luz, Joe Pearson estudava o tabuleiro.

Quando terminou, mexeu seu peão na ala esquerda uma casa para frente, cortando o avanço do outro. Só então resmungou uma palavra:

— Algumas.

Mais uma vez silêncio, paz, sensação de tempo parado. Então o velho magnata agitou-se na cadeira.

— Você aprova essas mudanças? — Inclinou-se e mexeu seu bispo na diagonal duas casas para a direita. Bem-humorado, olhou por cima da mesa, na semiescuridão. Sua expressão dizia- "Bata essa linha, se puder".

Desta vez Joe Pearson respondeu antes de jogar.

— Nem todas. — Continuou na escuridão estudando o jogo do outro, ponderando as alternativas pela frente. Então, devagar, ainda segurando a peça cuidadosamente, mexeu sua torre uma casa para a esquerda, dominando uma linha aberta.

Eustace Swaine esperou. Passou-se um minuto, dois e até três. Finalmente, sua mão pegou a torre e fez um movimento semelhante para a mesma linha aberta, aceitando o desafio de seu adversário.

Depois disse:

— Para o futuro, você tem meios de vetar, se assim o quiser.

— É? Que espécie de veto? — A pergunta era casual, mas a ação que a acompanhou foi rápida. Pearson pegou o cavalo da rainha, passou-o por sobre as peças, colocando-o na casa do centro.

Estudando o tabuleiro, e assegurando-se de sua posição, Swaine disse:

— Contei a Orden Brown e ao chefe da Cirurgia que estou pretendendo doar um quarto de milhão de dólares para criar um fundo. — Junto com a última palavra fez um movimento correspondente para Pearson, enviando o cavalo de seu rei em



frente, até a casa ao lado, defendida fortemente pelo cavalo de seu oponente.

Um longo silêncio caiu. Por fim o patologista pegou seu bispo e o arremeteu para baixo, removendo um peão adversário. Disse calmamente:

— Xeque! — E então: — Isso é um bocado de dinheiro.

— Há uma condição. — Swaine, agora na defensiva, mexeu seu rei uma casa para a direita. — Só darei o dinheiro se você tiver liberdade de dirigir seu departamento próprio no hospital, do jeito que quiser e por quanto tempo entender.

Agora Joe Pearson não se mexia. Parecia meditar, por sobre a cabeça do outro homem, olhando longe, na escuridão. Depois disse simplesmente:

— Estou-lhe grato. — Seus olhos voltaram para o tabuleiro. Então mexeu seu cavalo de tal maneira que atacasse o rei de Swaine, agora encurralado.

Eustace Swaine observara a jogada atentamente. Mas, antes de jogar, pegou a garrafa de conhaque, encheu o copo de Pearson e depois o seu. Pousando a garrafa, disse:

— É um mundo para homens jovens; suponho que tenha sido sempre assim. Mas às vezes os velhos ainda têm poder... e o bom senso para usá-lo. — Então, com os olhos lampejando, pegou o peão em frente a seu rei e com ele capturou o cavalo desordeiro.

Pensativamente Pearson coçou o queixo com o polegar e o indicador. Depois pegou sua rainha, deslocou-a seis casas para baixo na fila aberta e capturou o peão do rei preto.

— Você disse que... Orden Brown, O'Donnell... sabem disso?

— Fui bastante claro. — O magnata pegou o bispo de seu rei e capturou o bispo de seu oponente, na quinta casa do cavalo do rei.

De repente Joe Pearson riu. Nada demonstrava se essa alegria era causada pelo jogo ou pela conversa. Calmamente estendeu a mão.

Moveu sua rainha para perto do rei preto. E disse baixinho:

— Xeque-mate!

Embora derrotado, pegado de surpresa, Eustace Swaine olhava com admiração. Balançou a cabeça, como para confirmar seu próprio julgamento.

— Joe — disse —, não há dúvida nenhuma. Você está bom como sempre foi.

A música parou, os pares que estavam na pequena pista do elegante clube — um dos poucos que existiam em Burlington — começaram a voltar para suas mesas.

— Diga-me o que está pensando — Denise Quantz perguntou. Sorriu para Kent O'Donnell, por sobre a mesa de tampo preto que os separava.

— Francamente, estava pensando como seria bom fazer isso outra vez.

Muito lentamente ela ergueu o copo que estava segurando. Continha o fim de seu segundo old-fashioned.

— Há mais pensamentos como esse.

— De acordo. — Ele terminou seu uísque com soda, e fez sinal ao garçom para repetir a dose. — Vamos dançar? — A música recomeçara.

— Com todo o prazer.

Ela levantou-se e ele a seguiu para a pequena e pouco iluminada pista de dança. Ele estendeu os braços e ela aconchegou-se neles. Dançaram bem juntos. O'Donnell não era grande bailarino; a medicina deixara-lhe muito pouco tempo para se exercitar. Mas Denise Quantz ajustava-se a cada um de seus movimentos. Com o passar dos minutos ele podia sentir seu corpo, alto e sinuoso, mover-se obedientemente, antecipando a música e seus passos. Por um momento o cabelo dela roçou-lhe a face e trouxe consigo o

mesmo perfume que ele já havia notado no seu primeiro encontro.

A orquestra de cinco músicos, discreta, seus arranjos cuidadosamente feitos para combinarem com o ar íntimo do local, estava tocando uma balada que fora muito popular há alguns anos atrás:

Veja as pirâmides ao longo do Nilo,

Olhe o sol nascer numa ilha tropical;

Mas lembre-se sempre, minha querida

— Você me pertence.

Por um momento ele teve a impressão de tempo emprestado, de existir em um vácuo, isolado, longe da medicina, de Três Condados, de todas as coisas com que convivia diariamente. Então, a música mudou para um ritmo mais acelerado, ele achou graça de seu sentimentalismo. Enquanto dançavam perguntou:

— Você vem sempre a Burlington?

— Não muito — ela respondeu. — De vez em quando, para ver meu pai, e é só. Francamente, eu não gosto desta cidade. — Depois, rindo:

— Espero não estar ofendendo seu orgulho cívico.

— Não — ele falou —, não tenho ideias preconcebidas nem a favor nem contra. Mas você não nasceu aqui? — Acrescentou: — Denise, posso chamá-la assim?

— Claro. Vamos esquecer as formalidades. — Olhou diretamente para ele e deu um sorriso. Respondendo à pergunta: — Sim, eu nasci aqui — disse —, fui à escola e morei naquela casa. Nessa ocasião minha mãe ainda era viva.

— Então, por que Nova York, agora?

— Acho que sou nova-iorquina por instinto. Além do mais, meu marido mora lá, ainda mora. — Era a primeira vez que ela mencionava seu casamento. E o fazia com naturalidade, sem constrangimento. — Depois que nos separamos descobri que não queria sair de lá. Não há outra cidade igual.

— Sim, acho que é verdade. — Mais uma vez pensava em como essa mulher era bonita! Tinha uma elegância natural, que poucas mulheres mais moças conseguiam ter. Nada nela sugeria falta de feminilidade; ao contrário. Para Kent O'Donnell, que a enlaçava, seu corpo, movendo-se lentamente contra o seu, era infinitamente desejável. Achava que ela devia ser extremamente sensual.

Propositadamente mudou de pensamento. Isso era prematuro. Notou novamente, como já o fizera antes, a roupa que ela estava vestindo. O vestido sem ombros, de uma seda pura vermelho-viva, com um lindo drapejado justo no busto, e caindo abaixo das cadeiras. O efeito era ao mesmo tempo dramático, discreto e de bom gosto.

Isso lembrava-lhe algo que já lhe ocorrera nessa tarde pela primeira vez: o fato de que Denise era obviamente uma mulher rica. Tinham chegado ao Regency Room quase juntos. Ele estacionara seu carro e se dirigia para a entrada do clube, quando um brilhante Cadillac apareceu com um chofer uniformizado, que correu para abrir a porta, para Denise descer. Depois de se cumprimentarem, ela se virou para o homem que discretamente esperava:

— Obrigada, Tom. Não precisa vir me buscar. Irei para casa com o Dr. O'Donnell.

O chofer respondeu polidamente:

— Obrigado, senhora — e virando-se para o'Donnell: — Boa noite, doutor. — E foi embora.

É claro que, se pensasse nisso, O'Donnell logo veria que automaticamente a filha de Eustace Swaine era uma herdeira de grande fortuna. Não que o fato de dar-se conta disso o afetasse; sua própria renda hoje em dia era ampla para uma vida confortável, e até mais ainda. Contudo, uma mulher realmente rica, era algo novo em sua experiência pessoal. Outra vez sua mente fazia comparações entre Denise e Lucy Grainger.

A orquestra terminou o grupo de seleções que tocava. O'Donnell e Denise aplaudiram, e saíram da pista de dança. O garçom estava

esperando, segurou as cadeiras e serviu as bebidas que O'Donnell encomendara. Provando seu *old-fashioned*, Denise disse:

— Já falamos muito em mim. Fale-me de você.

Ele pôs mais soda no seu uísque; gostava dele bem diluído, um fato que a maioria dos garçons parecia detestar.

— É tudo rotina.

— Sou boa ouvinte, Kent. — Denise falava só com a metade de sua mente. A outra metade pensava: "Isto é um homem! Todo homem!" Seus olhos estudavam o conjunto, os ombros largos, o rosto viril. Imaginava se ele a beijaria aquela noite e o que aconteceria depois. Chegou à decisão de que havia possibilidades interessantes em Kent O'Donnell.

O'Donnell contou-lhe sobre Três Condados, seu trabalho lá, o que esperava fazer. Ela lhe fez perguntas sobre o passado, suas experiências, as pessoas que conhecera — admirando sempre a profunda emoção e ponderação que notava em tudo o que ele dizia.

Dançaram mais; o garçom renovou as bebidas; eles dançaram, falaram, o garçom voltou, a sequência repetiu-se. Denise falou sobre seu casamento; acontecera há dezoito anos atrás e durara dez. Seu marido era advogado de grandes companhias e tinha uma clientela que o mantinha muito ocupado em Nova York. Dois filhos gêmeos, Alex e Philippa, ficaram sob a custódia de Denise; dentro de poucas semanas fariam dezessete anos.

— Meu marido é perfeitamente normal — ela disse. — Mas nós éramos inteiramente incompatíveis, e perdemos muito tempo até chegar a essa óbvia conclusão.

— Você sempre o vê?

— Sim, às vezes. Nas festas ou na cidade. Algumas vezes almoçamos juntos. De uma certa maneira, Geoffrey é ótima companhia. Tenho certeza de que gostará dele.

Ambos falavam mais livremente agora. Sem esperar ordem, o

garçon trouxe novas bebidas. O'Donnell perguntou-lhe sobre o divórcio; haveria obstáculo quanto a isso?

— Na verdade, não há — ela respondeu francamente. — Geoffrey não se incomoda de dar o divórcio mas insiste em que eu forneça provas. No Estado de Nova York, você sabe, tem que haver adultério. Por enquanto ainda não cheguei nesse ponto.

— Seu marido nunca quis casar outra vez?

Ela pareceu espantada:

— Geoffrey? Creio que não. De qualquer maneira, ele está casado com a lei.

— Ah! Sei...

Denise rodava o pé de seu copo:

— Geoffrey sempre considerou a cama como bom lugar para ler seus mandados judiciais — disse isso baixinho, quase com intimidade.

O'Donnell notou a indireta sobre a razão por que havia falhado o casamento. Achou o pensamento excitante. O garçom estava ao lado:

— Desculpe, senhor, o bar vai fechar dentro de alguns minutos. Quer encomendar mais alguma coisa?

Surpreso, O'Donnell olhou para seu relógio. Era quase uma hora da manhã. Embora não parecesse, eles já estavam juntos há três horas e meia. Olhou para Denise, ela sacudiu negativamente a cabeça.

Disse ao garçom:

— Não, obrigado.

Pagou a conta que lhe era apresentada. Acabaram de beber e prepararam-se para sair. O garçom deu-lhes um amigável "boa noite" — a gorjeta fora generosa. O'Donnell tinha a noção do conforto e bem-estar.

No vestíbulo, esperou por Denise, enquanto um porteiro ia ao estacionamento buscar seu carro. Quando ela chegou, tomou-lhe o

braço.

— É uma pena termos de ir. Arrependo-me de não ter encomendado mais alguma coisa. — Hesitou, depois disse rápida e tentadoramente: — Poderíamos passar no meu apartamento, se você quisesse. Tenho um bar bem sortido, e é no caminho.

Por um momento achou que agira com precipitação. Com medo, percebeu certa frieza, um ar de surpresa dolorida. Depois passou. Ela disse simplesmente:

— Por que não fazemos isto?

Na porta do clube o Buick esperava, as portas abertas, o motor virando. Indo pela cidade, ele dirigia com cuidado, mais devagar que o normal, consciente de que havia bebido bastante. Ao seu lado, no banco da frente, sentiu novamente um perfume sutil. Em frente ao seu edifício, estacionou o carro na rua, e subiram pelo elevador. Depois de preparar as bebidas, deu um *old-fashioned* para Denise. Ela estava de pé, em frente à janela aberta da sala, olhando as luzes de Burlington lá embaixo. O rio que corria pela cidade evidenciava-se numa faixa escura separando as margens.

Em pé, ao seu lado, ele disse:

— Há muito tempo que não preparo um *old-fashioned*. Espero que não esteja muito doce.

Ela provou a bebida. Então, com sua voz sensual, disse: — Como tudo que vem de você, Kent, está absolutamente perfeito.

Seus olhos se encontraram; ele segurou o copo. Quando pousou sobre a mesa, ela veio naturalmente, sem esforço, para ele. Enquanto se beijavam, seus braços a apertaram mais.

Estridente e imperiosamente, no quarto ao lado, um telefone começou a tocar; não podia ser ignorado.

Gentilmente, Denise libertou-se.

— Querido, é melhor atender. — Com os lábios tocou ligeiramente a testa dele.

Enquanto atravessava a sala, ele a viu pegar a bolsa, a estola e as luvas. Era claro que a noite havia acabado. Quase zangado, pegou o telefone, respondeu laconicamente e ouviu. A raiva dissolveu-se. Era do hospital, o interno de plantão. Um dos pacientes de O'Donnell estava com sintomas que pareciam ser sérios. Fez duas perguntas rápidas e então:

— Muito bem, vou já para aí. Nesse meio tempo, chame o banco de sangue e prepare uma transfusão.

Desligou o telefone e então chamou o porteiro da noite, pedindo-lhe para arranjar um táxi para Denise.



## XIV

Quase todas as noites, durante a semana, Joseph Pearson costumava ir cedo para a cama; mas, quando ia jogar xadrez com Eustace Swaine, deitava-se mais tarde — coisa que o deixava mais cansado e mais irritado na manhã seguinte. Neste momento os efeitos da última reunião estavam-se fazendo sentir.

Examinando os pedidos de compras para material do laboratório, trabalho que detestava fazer e agora mais que nunca, resmungou e colocou uma das requisições de lado. Garatujou mais uma assinatura, parou e então pegou uma segunda requisição na pilha. Desta vez, além da carranca, ele grunhiu. Qualquer um mais íntimo reconheceria os sinais de perigo. O Dr. Pearson estava prestes a explodir.

O momento chegou quando ele esbarrou numa terceira requisição. Irritadamente, jogou um lápis no chão, agarrou a papelada toda junta num bolo, e dirigiu-se para a porta.

Entrou como um furacão no laboratório de serologia, procurando Bannister. Encontrou o técnico num canto, preparando uma cultura de fezes.

— Pare o que estiver fazendo e venha cá!

Pearson largou a pilha de papéis na mesa do centro. Alguns caíram no chão, e John Alexander abaixou-se para pegá-los. Sentiu-se intimamente aliviado por ser Bannister e não ele o objeto da raiva de Pearson.

— Qual é o caso? — Bannister aproximou-se.

Já estava tão acostumado com essas explosões que às vezes até tinham o dom de acalmá-lo.

— Já lhe digo qual é; são essas requisições. — Pearson estava mais

calmo agora, como se sua raiva estivesse esfriando em lugar de esquentar. — Às vezes você parece que pensa que está administrando a Clínica Mayo.

— Nós precisamos de suprimentos para o laboratório, não é? Ignorando a pergunta, Pearson continuou:

— Às vezes eu me pergunto se você não come o material. Além do mais, já não lhe disse para colocar uma nota, em qualquer coisa fora do comum, explicando para que é?

— Creio que me esqueci. — O tom de Bannister era resignado.

— Muito bem, então comece a lembrar-se. — Pearson pegou um formulário do alto da pilha. — Para que o óxido de carbono? Nunca usamos isso aqui.

O rosto de Bannister franziu-se num sorriso malicioso:

— O senhor pediu-me para comprar isso. Não era para seu jardim?

— O técnico se referia a um fato que ambos conheciam, mas do qual pouco falavam. Sendo da sociedade de horticultores do condado, e um dos líderes da plantação de rosas, Joe Pearson absorvia boa quantidade do material do laboratório, para melhorar a fertilidade de seu terreno.

Ele pareceu embaraçado.

— Oh... Sim... Está bem... Essa passa. — Guardou esse pedido, pegou um outro. — Que tal isso? Para que queremos soro de Coombs sem mais nem menos? Quem encomendou isso?

— Foi o Dr. Coleman. — Bannister respondeu rapidamente. Esse era um assunto que estava querendo que viesse à baila. A seu lado, John Alexander teve um pressentimento de desastre.

— Quando? — Pearson perguntou áspero.

— Ontem. O Dr. Coleman foi quem assinou a requisição. — Bannister apontou maldosamente para os comprovantes e acrescentou: — No lugar onde o senhor geralmente assina.

Pearson olhou para o formulário. Até então não tinha notado que já

estava assinado. Perguntou a Bannister:

— Para que ele quer isso? Você sabe?

O técnico relaxou. Tinha posto as rodas da desforra em movimento, e agora podia assistir à cena como mero espectador. Disse a John Alexander:

— Vamos. Conte-lhe.

Um pouco sem jeito, John Alexander disse:

— É para um teste de sensibilização de sangue, Dr. Pearson. Para minha mulher. O Dr. Dornberger pediu.

— Por que soro de Coombs?

— É para um teste, doutor.

— Diga-me, há algo de especial com sua mulher? — A voz de Pearson era um pouco sarcástica. — O que há de errado com os testes em salina e em alta proteína? Os mesmos que usamos para todo o mundo?

Alexander engoliu em seco. Houve um silêncio. Pearson disse:

— Estou esperando uma resposta.

— Bem, senhor. — Alexander hesitou, depois explodiu. — Sugeri ao Dr. Coleman, e ele concordou, que seria mais seguro se, depois de fazermos os outros testes, fizéssemos...

— Você sugeriu ao Dr. Coleman? — O tom da pergunta não deixava margem a dúvidas sobre o que iria acontecer.

Pressentindo, Alexander atrapalhou-se:

— Sim, senhor. Achamos que há anticorpos que escapam da salina e da alta proteína, e fazendo o teste adicional...

— Chega! — A palavra foi dita alto, dura e brutalmente. Enquanto falava Pearson deu um forte murro na mesa e na pilha de requisições. O laboratório estava em silêncio.

Respirando com esforço, o velho olhava para Alexander. Quando

conseguiu controlar-se, disse sombriamente:

— O seu grande problema é dar muita importância às coisas que aprendeu na escola de tecnologia.

Enquanto falava sua amargura transparecia: amargura contra os mais moços, que estavam interferindo, tentando privá-lo de sua autoridade — absoluta e inquestionável — até agora. Em outra ocasião, em outro tempo, talvez tivesse agido com mais tolerância. Mas do jeito que as coisas estavam, decidiu de uma vez por todas pôr as coisas no devido lugar, e esse assistente de laboratório também.

— Ouça e lembre-se! Já lhe disse isso antes e não pretendo repetir outra vez. — Agora era a Autoridade ralando, o chefe do departamento tornando claro a um empregado subalterno que, daí por diante, não haveria mais avisos e sim ações. Com o rosto próximo ao de Alexander, Pearson continuou: — Sou o responsável por este departamento, e se você ou qualquer outro tiver alguma dúvida, que venha perguntar-me. Entendeu?

— Sim, senhor. — A única coisa que Alexander desejava nesse momento era pôr fim nesse assunto. Sabia que fizera sua última sugestão. Se era isso o que ganhava por pensar, de agora em diante faria seu trabalho e guardaria suas ideias. Os outros que se preocupassem e que guardassem também as responsabilidades.

Mas Pearson ainda não acabara.

— Não faça coisas por trás de minhas costas — disse —, e não se aproveite do Dr. Coleman, porque ele é novo aqui.

Alexander reagiu rápido: — Eu não me aproveitei!

— Eu digo que sim! E digo também que acabe com isso! — O velho patologista gritava, os músculos do rosto movendo-se nervosos, os olhos brilhando.

Alexander parou, deprimido e silencioso.

Por um momento ou dois, Pearson ficou olhando o moço

sombriamente. Depois, como se satisfeito por ter-se feito entender, falou novamente:

— Agora vou dizer mais uma coisa. — Seu tom agora, se não era cordial, era pelo menos mais suave. — No que se refere a exames de sangue, os testes em salina e em alta proteína dão todas as informações de que precisamos. E gostaria de lembrar-lhe que acontece que sou um patologista e que sei o que estou dizendo. Compreendeu?

Desanimado, Alexander respondeu:

— Sim, senhor.

— Muito bem. Eu lhe direi o que vou fazer agora. — A voz de Pearson estava mais moderada, como se estivesse oferecendo uma trégua. — Já que você tem tanto interesse em que esse teste seja perfeito, eu mesmo vou fazê-lo, aqui e agora. Onde está a amostra do sangue?

— Na geladeira — disse Bannister.

— Traga.

Atravessando o laboratório, Bannister pensava que a cena não se passara como desejara. Era verdade que esse menino Alexander precisava levar um raspão, mas de qualquer modo o velho tinha sido muito duro com o rapaz. Bannister gostaria que um pouco dessa tempestade caísse naquele convencido doutorzinho. Mas talvez o velho estivesse reservando isso para mais tarde. Escolheu a amostra de sangue rotulada "Alexander, Mrs. E." e fechou a porta da geladeira.

Pearson pegou a amostra sanguínea da qual já tinha sido removido o coágulo. Quando o fez, Bannister reparou na ordem de requisição que causara o problema; caíra no chão. Abaixou-se e pegou-a.

Perguntou a Pearson:

— Que faço com isso?

O velho patologista pegara dois tubos limpos de teste. Agora

colocava uma porção de soro sanguíneo em cada um deles. Sem olhar, respondeu irritado:

— Isso o quê?

— A requisição de compra do soro de Coombs. — Não vamos precisar mais. Rasgue-a.

Pearson examinava o rótulo de uma garrafa contendo células Rh positivas. Preparada por uma drogaria, a solução era usada como reagente no teste de sangue Rh negativo.

Bannister hesitou. Por mais que fosse contra Coleman, sabia que isso envolvia uma questão de protocolo médico.

— O senhor devia avisar o Dr. Coleman — disse meio indeciso. — Quer que eu lhe diga?

Pearson estava atrapalhado com a rolha da garrafa. Disse, impaciente:

— Não, eu mesmo lhe direi.

Bannister encolheu os ombros; tinha deixado esse ponto bem claro; se houvesse qualquer encrenca, a responsabilidade não seria sua. Segurou a requisição, rasgou-a, deixando os pedacinhos voarem para dentro da cesta de papéis.

Roger Mc Neil, o patologista residente, suspeitava de que, por mais tempo que ficasse na medicina, nunca se acostumaria a fazer autópsias em crianças. Acabara de fazer uma, e agora, na sala de autópsias, o corpo ensanguentado do menino de quatro anos de idade jazia pateticamente aberto, diante dele. Esta visão perturbou Mc Neil, como sempre o fazia. Sabia que, como de costume, não ia ter muito sono essa noite. Essa cena manter-se-ia acesa em sua mente, particularmente quando lembrasse, como inevitavelmente o faria, quão fútil e desnecessária fora essa morte.

Levantando os olhos, viu Mike Seddons observando-o.

O residente cirúrgico disse:

— Pobre garoto! — Depois, com amargura: — Como as pessoas podem ser estúpidas!

Mc Neil perguntou:

— A polícia ainda está esperando? Seddons balançou a cabeça afirmativamente.

— Sim; e os outros também.

— É melhor chamar Pearson.

— Está bem. — Havia um telefone na sala anexa e Seddons foi até lá.

Mc Neil conjecturou se estaria sendo covarde evitando essa responsabilidade. Mas era um caso que de qualquer modo deveria ser levado ao conhecimento do velho. Então poderia tomar a decisão a respeito de quem deveria dar as notícias aos que estavam lá fora.

Seddons voltara do telefone.

— Pearson estava na Serologia — disse. — Está vindo agora para cá!

Os dois homens esperaram em silêncio. Então ouviram os passos arrastados de Pearson e o velho médico entrou. Deu uma olhada para o corpo enquanto Mc Neil recitava os detalhes do caso. Uma hora ou duas antes, a criança fora atropelada por um automóvel, na frente de sua própria casa. Quando a trouxeram para o hospital de ambulância, morreu antes de chegar. Notificado, o promotor requerera uma autópsia. Mc Neil disse a Pearson o que tinha descoberto. O velho perguntou:

— Você quer dizer que isso é tudo? — Ele parecia incrédulo.

Mc Neill respondeu:

— Foi isso que o matou. Nada mais.

Pearson andou em direção ao corpo, depois parou. Conhecia Mc Neil demais para ter certeza de que o residente não faria nenhum erro. Disse:

— Então devem ter ficado lá e... olhado. — Depois Pearson perguntou: — Que idade tinha a criança?

— Quatro anos — Mc Neil respondeu. — Um garoto muito bonitinho.

Todos olharam para a mesa de autópsia, para a imóvel pequena figura. Os olhos estavam fechados, o cabelo louro puxado de volta para o lugar depois de removido o cérebro. Pearson sacudiu a cabeça, depois dirigiu-se para a porta. Por cima do ombro, disse:

— Está bem; irei falar com eles.

As três pessoas que ocupavam a antessala do hospital olharam quando Pearson entrou. Um era um patrulheiro uniformizado da polícia da cidade, e perto dele estava um homem alto, cujos olhos estavam injetados. A terceira personagem — desprezada e sentada num longínquo canto — era um homem quieto, com um bigode caído.

Pearson apresentou-se. O patrulheiro disse:

— Sou Stevens, senhor. Quinto Distrito. — Tirou um caderno de notas e um lápis.

Pearson perguntou-lhe:

— Estava no local do acidente?

— Cheguei logo após acontecer. — Indicando o homem alto: — Este é o pai do menino. O outro cavalheiro era o motorista do carro.

O homenzinho olhou implorante e disse a Pearson:

— Ele correu direto, direto do lado da casa. Não sou um motorista descuidado. Também tenho filhos. Não estava guiando depressa. Estava quase parado quando isso aconteceu.

— E eu digo que você é um mentiroso imundo! — Era o pai, com a voz trêmula de emoção e amargura. — Você o matou, e espero que vá para a cadeia.

Pearson disse calmamente: — Um momento, por favor!

Houve um silêncio, todos atentos a ele. Fez um sinal indicando o caderno do policial:



— Vamos mandar um relatório completo para o promotor, mas posso informar-lhe agora as descobertas preliminares. — Fez uma pausa. — A autópsia revelou que não foi o carro que matou o menino. O patrulheiro olhou espantado. O pai disse: — Mas eu estava lá! Eu lhe digo...

— Gostaria de ter outra maneira de explicar-lhe isso — disse Pearson —, mas acho que não há. — Dirigiu-se para o pai. — A batida que seu filho recebeu jogou-o na rua, e houve uma leve concussão que o tornou inconsciente. Teve também uma pequena fratura no nariz, bem insignificante, mas que sangrou profundamente. — Pearson virou-se para o patrulheiro. — O menino foi deixado deitado de costas, acho eu, onde caiu.

O policial disse:

— Sim, senhor, está certo. Não quisemos movê-lo até que a ambulância chegasse.

— E quanto tempo demorou? — Eu diria cerca de dez minutos.

Pearson concordou devagar. Era mais do que tempo; cinco minutos teriam sido suficientes. Disse:

— Acho que esta foi a causa de sua morte. O sangue da ferida do nariz escorreu para a garganta do menino. Incapaz de respirar, aspirou sangue para dentro dos pulmões. Morreu de asfixia.

O rosto do pai do menino revelou horror e incredulidade. Disse:

— O senhor quer dizer... se somente o tivéssemos virado...

Pearson ergueu as mãos sem expressão:

— Quis dizer o que disse. Gostaria que houvesse outra maneira de explicar. Mas só posso relatar a verdade: os ferimentos do menino eram insignificantes.

O patrulheiro perguntou: — Então a batida do carro...?

— Não se pode ter certeza, é claro, mas minha própria opinião é que foi de raspão e bastante leve. — Pearson com um gesto indicou o homenzinho, agora de pé junto deles. — Acho que este homem está

falando a verdade quando diz que o carro estava indo devagar.

— Mãe de Deus! — Veio do pai um gemido desesperado e torturado. Soluçava com as mãos no rosto. Depois de um momento o homenzinho conduziu-o para um sofá, seu braço em volta do ombro do outro, seus próprios olhos marejados de lágrimas.

O rosto do patrulheiro estava lívido. Disse:

— Doutor, eu fiquei lá o tempo todo. Podia ter movido o menino... mas eu não sabia.

— Acho que não deve culpar-se.

O policial pareceu não ouvir. Foi andando como num pesadelo.

— Fiz um curso de primeiros socorros. Ganhei uma menção por causa disso. Todo o tempo nos ensinaram: não mova ninguém aconteça o que acontecer, não mexam neles.

— Eu sei. — Pearson tocou gentilmente no braço do patrulheiro. Disse devagar. — Infelizmente, há algumas exceções para a regra; uma delas é quando alguém está sangrando na boca.

No corredor do andar principal, a caminho para o almoço, David Coleman viu Pearson aparecer, saindo da antessala. No princípio Coleman pensou que o patologista estivesse doente. Parecia distraído, indiferente ao que lhe ia ao redor. Então divisou Coleman e dirigiu-se para ele. O jovem médico parou.

— Oh, sim... Dr. Coleman... Há algo que precisava falar-lhe.

Coleman sentiu que, por qualquer razão, Pearson estava tendo dificuldades em coordenar seus pensamentos. Distraído, ele estendeu a mão e segurou a lapela do casaco branco de laboratório de Coleman. Coleman notou que as mãos do velho estavam nervosas e trêmulas. Libertou seu casaco.

— O que era, Dr. Pearson?

— Era alguma coisa... alguma coisa sobre o laboratório. — Pearson

sacudiu a cabeça. — Bem, agora esqueci... lembrarei depois. — Quando estava quase para ir embora, outra lembrança lhe veio. — Acho que é melhor supervisionar a sala de autópsias. Comece amanhã. Observe bem as coisas. Veja que façam um bom trabalho.

— Muito bem. Ficarei feliz em fazê-lo. — David Coleman tinha ideias próprias sobre autópsias, e esta poderia ser uma oportunidade para pô-las em ação. Ocorreu-lhe que, já que estavam falando, poderia aproveitar para trazer um assunto à baila. Disse: — Estava pensando se podia falar-lhe sobre os laboratórios.

— Os laboratórios? — A mente do velho doutor ainda estava distante.

— Se o senhor se recorda, na minha carta sugeri a ideia de receber, como encargo meu, certa parte do laboratório. — Parecia um pouco estranho estar discutindo isso, aqui e agora, mas Coleman sentiu que a oportunidade poderia não surgir novamente.

— Sim... sim, lembro-me que alguma coisa assim foi dita. — Pearson parecia estar observando um grupo de três pessoas, andando pelo corredor, longe deles; um policial e um homenzinho, conduzindo entre eles um homem alto.

— Pensava começar na Serologia — Coleman disse. — Gostaria de verificar certos processos, isto é, verificar o nível do laboratório.

— Hein? O que disse?

Era aborrecido ficar repetindo as coisas. — Disse que gostaria de fazer algumas verificações. — Oh, sim... sim... está bem — Pearson respondeu distraído.

Ainda estava olhando para longe, para o corredor, quando Coleman foi embora.

Elizabeth Alexander estava se sentindo bem. Quase na hora de almoçar na cantina do Hospital de Três Condados, verificou que já estava se sentindo assim há dias, mas estava principalmente bem

nesta manhã. A criança dentro dela estava viva e mexendo; até neste momento podia sentir, levemente, seus movimentos. Tinha chegado há pouco de uma liquidação numa loja, onde, em meio a uma massa de mulheres, adquirira vitoriosamente algumas fazendas brilhantes para o apartamento, incluindo uma que seria usada no pequeno quarto do bebê. E agora encontrara John.

Era a primeira vez que faziam uma refeição juntos no hospital. O uso da cantina para as famílias dos funcionários era um privilégio que o hospital oferecia, e John só soubera disso há poucos dias. Alguns minutos antes, tinham feito fila para escolher a comida e Elizabeth quis salada, sopa, carneiro assado com batatas e repolho, torta com queijo e leite.

John perguntara de bom humor: — Tem certeza de que é o bastante? Elizabeth pegou um aipo. Mordendo-o, disse:

— Este é um bebê faminto.

John sorriu. Poucos minutos antes, a caminho para o almoço, sentira-se derrotado e deprimido, a repreensão do Dr. Pearson nessa manhã estava fresca em sua memória. Mas a contagiante alegria de Elizabeth fizera com que ele se esquecesse, pelo menos por agora. "Afim de contas", pensou, "não vão surgir mais problemas no laboratório porque, de agora em diante, pretendo manter-me no caminho certo, agindo cuidadosamente." De qualquer modo, o Dr. Pearson fizera os testes de sensibilização, ele mesmo — em salina e em alta proteína —, e declarara que os resultados dos testes eram ambos negativos.

— No que concerne ao sangue de sua mulher — dissera —, não há nada para se preocupar.

Na realidade, fora quase bondoso; pelo menos assim parecia, depois do primeiro estouro.

Outra coisa precisava ser lembrada: o Dr. Pearson era um patologista e John não era. Talvez o Dr. Pearson estivesse certo: talvez John desse muita importância às coisas que lhe tinham sido ensinadas na escola de tecnologia. Não era fato conhecido que as

escolas atulham uma porção de teorias que não terão o mínimo uso na vida prática, aqui fora? Deus sabe, pensou, quantas matérias há no ginásio e no científico, que nunca mais se verão uma vez terminados os exames finais. Não poderia isso ser a mesma coisa? Não poderia ele, John, ter levado muito a sério a teoria da escola, sobre a necessidade de um terceiro teste, enquanto o Dr. Pearson, com todo o seu conhecimento e prática, sabia ser desnecessária? O que fora que Dr. Pearson dissera enquanto fazia os testes nessa manhã?

— Se mudássemos nossos métodos de laboratório, cada vez que alguém novo chegasse, nunca haveria um fim. Na medicina há novas ideias aparecendo todos os dias. Mas num hospital, temos de nos certificar de que são aprovadas e de valor antes de começar a usá-las. Aqui cuidamos das vidas de pessoas, e não podemos facilitar.

John não compreendera como um teste sanguíneo extra prejudicaria a vida de alguém, mas de qualquer modo o Dr. Pearson tinha seu ponto de vista sobre as novas ideias. John sabia, por ter lido, que muitas existiam por aí, e nem todas boas. Naturalmente o Dr. Coleman fora bem claro sobre a necessidade de um terceiro teste de sensibilização. Mas, na realidade, ele era muito mais jovem que o Dr. Pearson, e certamente não tinha tanta experiência.

— Sua sopa está esfriando — Elizabeth cortou seus pensamentos.

— Por que está tão preocupado?

— Nada, meu amor. — Resolveu tirar tudo aquilo da cabeça. Elizabeth às vezes tinha o desconcertante hábito de adivinhar seus pensamentos. — Pretendia perguntar-lhe na semana passada — disse.

— Como vai seu peso?

— Está normal — Elizabeth respondeu animada. — Mas o Dr. Dornberger disse que preciso comer bem. — Terminara a sopa e estava atacando o carneiro assado.

Levantando a vista, John Alexander reparou no Dr. Coleman, que se aproximava. O novo patologista estava a caminho das mesas onde a equipe médica geralmente sentava. Num impulso, Alexander levantou-se da cadeira: — Dr. Coleman!

David Coleman encarou-o.

— Sim?

— Doutor, gostaria de apresentar-lhe minha mulher. — Então quando Coleman veio na direção deles. — Elizabeth, querida, este é o Dr. Coleman.

— Como vai, Mrs. Alexander? — Coleman parou, segurando a bandeja que pegara no balcão.

Um pouco sem jeito, John Alexander disse:

— Lembra-se, querida? Eu lhe disse que o doutor veio de New Richmond também.

— Sim, é claro — Elizabeth disse. Depois, diretamente a Coleman, sorrindo: — Alô, Dr. Coleman. Lembro-me muito bem do senhor. Não costumava às vezes ir à loja de meu pai?

— É verdade. — Agora recordava-se dela claramente: uma menina alegre, de pernas compridas, que costumava ficar naquela loja fora de moda e sempre cheia, procurando coisas que se perdiam na confusão. Ela não tinha mudado muito. Disse: — Acho que a senhora me vendeu alguns varaus de secar roupas.

Ela perguntou vivamente:

— Creio que me lembro. Eram bons?

Ele pareceu raciocinar:

— Já que falou nisso, acho que quebraram.

Elizabeth riu:

— Se levar de volta, tenho certeza de que minha mãe troca. Ela ainda dirige a loja. Está mais confusa do que nunca. — Seu bom humor era contagioso.

Coleman sorriu.

John Alexander puxara uma cadeira.

— Quer sentar-se conosco, doutor?

Por um momento Coleman hesitou. Depois, vendo que seria indelicado recusar:

— Muito bem — disse. Pousou sua bandeja, que continha um almoço espartano — pequena salada de frutas e um copo de leite —, e sentou-se à mesa. Olhando para Elizabeth, perguntou:

— Se não me falha a memória, a senhora não usava tranças quando a conheci?

— Sim — respondeu ela prontamente —, e aparelho nos dentes também. Livrei-me dos dois.

David Coleman surpreendeu-se gostando dessa moça. Vendo-a aqui, agora, era como virar subitamente uma página de seu passado. Ela lhe lembrava seus verdes anos; Indiana tinha sido um ótimo lugar para morar. Recordava-se dos verões, quando voltava da escola, dando voltas com seu pai, no velho e amassado Chevrolet do médico. Disse pensativo:

— Muito tempo já passou desde que morei em New Richmond. Meu pai morreu, a senhora sabe, e mamãe mudou-se para a costa oeste. Não há nada lá que me faça voltar. — Depois, afastando ideias tristes: — Diga-me — falou para Elizabeth —, que tal ser casada com um médico?

Rapidamente John interveio: — Um médico, não; só um tecnólogo.

Depois de ter dito isso perguntou a si mesmo por que o fizera. Talvez fosse uma ação reflexa do que acontecera nessa manhã. Poucos minutos atrás, quando Coleman aceitara o convite, John pensara em contar-lhe o incidente do laboratório. Mas logo desistiu. Falar livremente com o Dr. Coleman já lhe causara bastante encrenca. Resolveu deixar isso para trás.

— Não faça pouco caso da tecnologia — disse Coleman. — É muito

importante.

Elizabeth comentou:

— Ele sabe disso. Mas desejava ser médico.

Coleman virou-se para ele:

— Isto é verdade?

Alexander preferia que Elizabeth não tivesse falado nisso. Disse relutantemente:

— Tive ideias nesse sentido. Por uns tempos.

Coleman espetou a salada de frutas com seu garfo: — Por que não foi para a escola de medicina?

— A razão do costume, principalmente dinheiro. Não tinha renda e queria começar a receber.

Entre garfadas, Coleman disse:

— Você ainda poderia entrar para medicina. Quantos anos tem?

Elizabeth respondeu por ele:

— John fará vinte e três anos daqui a dois meses.

— Isto naturalmente é muita idade. — Eles riram e Coleman acrescentou: — Ainda está em tempo.

— Oh, eu sei — John Alexander falou devagar, pensativo, como se soubesse de antemão que seu argumento era pouco convincente. — A questão é que seria uma enorme despesa, logo agora que estamos começando a equilibrar o orçamento. E além disso, com um bebê para vir... — deixou a frase inacabada.

Coleman pegou o copo de leite e bebeu de uma só vez. Então falou:

— Milhões de pessoas têm cursado a escola de medicina com um bebê. E problemas financeiros!

— Exatamente o que eu digo! — Elizabeth falou com ênfase, inclinando-se por sobre a mesa. — Fico tão contente em ouvir outra



pessoa dizer a mesma coisa.

Coleman limpou a boca com um guardanapo, depois pousou-o. Olhou diretamente para Alexander. Tinha a sensação de que estava certa a primeira impressão que tivera desse jovem tecnólogo. Parecia inteligente e consciencioso; certamente estava interessado em seu trabalho — isso ficara evidente no outro dia. Coleman disse:

— Sabe o que eu acho, John? Acho que se você se sente assim e não vai para a escola de medicina enquanto tem oportunidade, pode ser que se vá arrepender para o resto de sua vida.

Alexander olhava para baixo, distraído, mexendo sua faca e garfo.

Elizabeth perguntou:

— Há ainda grande necessidade de médicos para patologia, não há?

— Oh, sim! — Coleman concordou vivamente. — Talvez mais na patologia do que em qualquer outro ramo.

— Por que isso?

— Há necessidade de pesquisas por uma razão: manter a medicina progredindo, para tapar os buracos que ficam atrás.

— Que quer dizer tapar buracos?

De repente ocorreu a Coleman que estava falando mais livremente do que de costume. Estava a ponto de expor ideias que na maioria das vezes costumava guardar em sua própria mente. Mas a companhia desses dois tinha algo de refrescante, possivelmente porque era diferente estar com alguém mais jovem depois de lidar com Dr. Pearson. Respondendo à pergunta de Elizabeth, disse:

— De um certo modo, medicina é como uma guerra. E, exatamente como numa guerra, às vezes há um avanço espetacular. Quando isso acontece, as pessoas, no caso os médicos, correm para uma nova frente. E deixam atrás uma porção de brechas de conhecimentos, para serem preenchidas.

Elizabeth perguntou:

— E é esse o trabalho do patologista: preenchê-las?

— É o trabalho de cada ramo da medicina. Mas às vezes na patologia temos mais oportunidades. — Coleman pensou um pouco, depois continuou: — Há outra coisa também. Toda pesquisa em medicina é muito semelhante à construção de um muro. Alguém adiciona um pouco de conhecimento e põe um tijolo sobre outro: outra pessoa acrescenta mais um e gradativamente o muro cresce. Finalmente aparece mais um e coloca o último tijolo no alto. — Ele sorriu. — Não é dado a muitos o dom de fazer coisas espetaculares, ser um Fleming ou um Salk. O melhor que um patologista pode fazer, geralmente, é alguma modesta contribuição para o conhecimento médico; alguma coisa dentro do seu próprio alcance, dentro do seu próprio tempo.

Pelo menos devia fazer isso.

John Alexander ouvira atentamente. Então perguntou ansioso: — O senhor vai fazer pesquisas aqui?

— Assim espero. — Sobre o quê?

Coleman hesitou. Nunca falara sobre isso antes. Mas agora já tinha dito tanta coisa que supunha que mais uma não faria diferença.

— Bem, primeiramente sobre os lipomas, que são tumores benignos de tecido gorduroso. Sabemos muito pouco sobre eles. — Inconscientemente, entrando nesse assunto, sua frieza e reserva normais tinham desaparecido. — Vocês sabiam que tem havido casos de homens morrendo de fome, e entretanto tendo tumores desenvolvendo-se dentro deles? O que desejo fazer é... — parou abruptamente: — Mrs. Alexander, há algo errado?

Elizabeth tinha gemido subitamente e posto seu rosto em suas mãos. Então afastou-as. Sacudiu a cabeça como para desanuviá-la.

— Elizabeth! O que há? — Alarmado, John Alexander deu um pulo de sua cadeira. Deu a volta na mesa.

— Está... Está tudo bem. — Elizabeth fez com que ele voltasse. Fechou os olhos por um momento, depois abriu-os. — Foi só... por

um momento, uma dor, uma tonteira. Já passou agora.

Ela bebeu um pouco de água. Sim, era verdade, já passara. Mas por um instante fora como agulhas quentes e afiadas, lá dentro onde o bebê se mexia, depois a cantina rodando, a cantina girando à volta dela.

— Isso já lhe aconteceu antes? — Coleman perguntou.

Ela sacudiu a cabeça:

— Não.

— Tem certeza, querida? — perguntava John com a voz ansiosa.

Elizabeth estendeu a mão por cima da mesa e apertou a dele.

— Não comece a ficar preocupado. É muito cedo para o bebê. Há pelo menos outros quatro meses para esperar.

— Mesmo assim — Coleman disse sério —, sugiro que chame seu obstetra e lhe conte o que aconteceu. Ele pode querer vê-la.

— Assim farei. — Ela deu um cálido sorriso. — Prometo.

Naquela hora Elizabeth tinha realmente pretendido fazer o que prometera. Mas depois, longe do hospital, pareceu-lhe tolice incomodar o Dr. Dornberger por causa de uma simples dor que tinha vindo e ido, tão rapidamente. Se acontecesse novamente, então seria o momento de procurá-lo, não agora. Ela resolveu esperar.

## XV

— Há alguma novidade?

Da cadeira de rodas Vivian olhou para a Dra. Lucy Grainger quando esta entrou no quarto do hospital. Já se tinham passado quatro dias desde a biopsia, e três desde que Pearson enviara as lâminas para Nova York e Boston.

Lucy sacudiu a cabeça:

— Eu lhe direi, Vivian, assim que souber.

— Quando... quando saberá... com certeza?

— Talvez hoje — Lucy respondeu, para não deixar de dizer qualquer coisa. Não queria revelar que também estava preocupada com a demora. Falara novamente com Joe Pearson na noite anterior: ele dissera que, se as outras opiniões não chegassem até o meio-dia de hoje, telefonaria para os dois especialistas, para apressá-los. A espera era dura para todos — incluindo os pais de Vivian, que haviam chegado a Burlington no dia anterior, vindos de Oregon.

Lucy removeu as ataduras do joelho de Vivian; a cicatriz da biopsia parecia estar fechando bem. Recolocando as gazes disse:

— É difícil fazer, eu sei, mas tente pensar em outras coisas o mais que puder.

A moça sorriu fracamente:

— Não é fácil.

Lucy agora já estava na porta. Disse:

— Talvez uma visita ajude. Aqui está uma bem matutina. — Abriu a porta e fez um gesto. Mike Seddons entrou quando Lucy saiu.

Seddons usava seu uniforme branco hospitalar. Disse: — Roubei dez

minutos. São todos seus.

Foi até a cadeira e beijou-a. Por um instante ela fechou os olhos e manteve-o agarrado a ela. Ele correu as mãos pelo cabelo dela, e, com uma voz meiga, disse ao seu ouvido:

— Tem sido difícil, não tem, essa espera?

— Oh, Mike, se ao menos eu soubesse o que vai acontecer, acho que não me importaria tanto. Mas ficar imaginando... sem saber.

Ele se afastou um pouco, olhando seu rosto.

— Vivian, minha querida, gostaria que houvesse alguma coisa, qualquer coisa que eu pudesse fazer.

— Você já fez muito — Vivian sorria agora. — Sendo você e estando aqui. Não sei o que seria sem... — Ela parou quando ele se aproximou e colocou um dedo nos seus lábios.

— Não diga isso! Eu tinha de estar aqui. Estava escrito; tudo aconteceu por coincidência cósmica. — Deu seu alegre e largo sorriso. Somente ele sabia que havia um vazio dentro dele. Mike Seddons, assim como Lucy, tinha noção da importância do esperado relatório da Patologia.

Entretanto tinha conseguido fazer Vivian sorrir.

— Mentiroso! — ela disse. — Se eu não tivesse ido àquela autópsia antiga, e se alguma outra estudante de enfermagem tivesse pegado você primeiro...

— Nada disso! — Ele sacudiu a cabeça. — Pode dar essa impressão, mas não se escapa à predestinação. Desde que nossos mais antigos ancestrais se balançavam nas árvores, coçando embaixo do braço, nossos genes já andavam juntos nas areias do Tempo, da Vida e da Sorte. — Falava para encher o tempo, usando as primeiras palavras que vinham à sua cabeça, mas estava conseguindo o efeito que queria.

Vivian disse:

- Oh, Mike! Você diz umas bobagens maravilhosas. E eu o adoro.

— Posso entender isso. — Ele a beijou novamente, meigamente. — Acho que sua mãe também gosta de mim.

Ela colocou a mão na boca.

— Você vê o que me faz! Deveria ter logo perguntado. Foi tudo bem, depois que saíram daqui na noite passada?

— Claro que foi! Voltei com eles para o hotel. Sentamo-nos e conversamos um pouco. Sua mãe não falou muito, mas eu podia sentir seu pai analisando-me dizendo para si mesmo: "Que espécie de homem é esse que pretende casar com minha bela filha?"

Vivian disse:

— Vou falar com ele hoje.

— O que vai dizer?

— Oh, não sei. — Ela pegou o rosto de Seddons e segurou-o pelas orelhas, virando sua cabeça de um lado para outro, inspecionando-o.

— Eu poderia dizer: ele tem o mais lindo cabelo vermelho, sempre desarrumado, mas quando se passa os dedos por eles vê-se o quanto são macios. — Ela combinava os gestos com as palavras.

— Bem, isto poderia ser uma grande ajuda. Nenhum casamento é completo sem os devidos requisitos. E o que mais?

— Direi: é claro que ele não é uma maravilha para se olhar duas vezes. Mas tem um coração de ouro e vai ser um brilhante cirurgião.

Seddons franziu o nariz.

— Será que não poderia dizer "excepcionalmente brilhante"?

— Poderia se...

— Se o quê?

— Se você me beijasse novamente, agora.

No segundo andar do hospital, Lucy Grainger bateu na porta do escritório do chefe da Cirurgia e entrou.

Levantando os olhos de um monte de relatórios, Kent O'Donnell disse:

— Alô, Lucy, descanse seus ossos cansados.

— Agora que falou nisso, estão mesmo um pouco cansados. — Jogou-se numa grande poltrona de couro que ficava em frente da mesa de O'Donnell.

— A primeira coisa que fiz essa manhã foi receber a visita de Mr. Loburton. — O'Donnell deu a volta à mesa e sentou-se sobre ela informalmente, no canto mais próximo de Lucy. — Cigarros? — Ofereceu-lhe uma cigareira de ouro.

— Obrigada. — Ela pegou um cigarro. — Sei; o pai de Vivian. — Lucy aceitou o isqueiro que O'Donnell oferecia e tragou profundamente; a fumaça era fresca e relaxante. Disse: — Seus pais estiveram aqui ontem. Naturalmente estão muito preocupados e não me conhecem, é claro. Sugeri então a Mr. Loburton que tivesse uma conversa com você.

— Ele veio — O'Donnell falou calmamente. — Disse-lhe que na minha opinião sua filha não poderia estar em melhores mãos, que não havia ninguém no corpo médico do hospital em quem eu tivesse mais confiança. Posso dizer que ele saiu bem tranquilizado.

— Obrigada. — Lucy ficou imensamente grata pelas palavras de O'Donnell.

O chefe da Cirurgia sorriu.

— Não me agradeça; é um elogio honesto. — Fez uma pausa. — Como vai a moça, Lucy? Qual é a história?

Em poucas palavras ela resumiu o caso, seu diagnóstico preliminar e a biopsia.

O'Donnell concordou. Fez uma pergunta:

— Há algum problema com a Patologia? Joe Pearson agiu

prontamente?

Lucy falou da demora e das razões disso. Ele pensou um pouco e disse:

— Bem, acho que isso é razoável. Creio que não podemos nos queixar. Mas fique atrás de Joe; não acho que você devia deixar ir além de hoje.

— Não vou deixar. — Lucy olhou para seu relógio. — Planejo ver Joe outra vez, depois do almoço. Ele esperava saber algo de definitivo nessa hora.

O'Donnell fez uma careta:

— Definitivo como tudo o que existe nesse mundo... — Meditou: — Pobre menina! Quantos anos você disse que ela tem?

— Dezenove.

Lucy observava o rosto de Kent O'Donnell. Na sua opinião, dele emanava inteligência, caráter e compreensão. Ela refletiu: "Ele tem grandeza e a usa com naturalidade, porque faz parte de seu ser". O que dissera, há alguns momentos atrás, sobre sua habilidade profissional pareceu-lhe mais caloroso e significativo. Então, subitamente, explosivamente, como um impacto de revelação, Lucy compreendeu o que se tinha negado a aceitar: amava esse homem — profunda e ardentemente. Tornou-se consciente, com incrível clareza, de que se havia protegido dessa realidade, talvez por um medo instintivo de ser ferida. Mas agora, acontecesse o que acontecesse, não mais se furtaria. Por um instante a descoberta enfraqueceu-a; teve medo de ter traído sua emoção no rosto. O'Donnell disse, desculpando-se:

— Vou ter de deixá-la, Lucy. Hoje é outro dia atarefado. — Sorriu. — E não são todos assim?

Com o coração batendo mais depressa, as emoções agitadas, ela se levantou e foi para a porta. Quando a abriu, O'Donnell colocou seu braço à volta dos ombros dela. Era um gesto espontâneo e amigável,



que qualquer um de seus colegas poderia ter feito. Mas nesse momento o efeito foi de choque elétrico: deixou-a confusa e sem fôlego.

O'Donnell disse:

— Lucy, avise-me se houver algum problema. Se você não se incomodar, pode ser que hoje vá visitar sua paciente.

Coordenando suas ideias, ela disse:

— Tenho certeza de que ela gostará, e eu também.

Então, quando a porta fechou por trás dela, Lucy fechou os olhos por um momento, para controlar sua mente conturbada.

A experiência de esperar pelo diagnóstico referente a Vivian fizera um profundo efeito em Mike Seddons. Por força de uma personalidade extrovertida e jovial, em tempos normais era notado por ser um dos mais alegres companheiros da equipe permanente de Três Condados, e não era incomum ele ser o líder de um grupo barulhento e turbulento, nos aposentos dos residentes. Entretanto, nos últimos dias, a maioria do tempo evitava a companhia dos outros, preocupado com o conhecimento do que poderia significar para ele e Vivian um veredicto adverso vindo da Patologia.

Seus sentimentos para com Vivian não tinham mudado; se possível, tinham-se intensificado. Esperava ter tornado claro nas horas que passara, na noite anterior, com os pais de Vivian depois do encontro inicial no hospital. No começo, como era de esperar, todos eles — Mr. e Mrs. Loburton, Vivian e ele mesmo — ficaram constrangidos, a conversa fora desajeitada, por vezes formal. Mesmo depois parecera que o encontro dos Loburton com um provável genro, que em outras circunstâncias poderia ser uma ocasião importante, passara, no conceito deles, para um segundo plano, por causa do imediato problema da saúde de Vivian. De um certo modo, Mike Seddons sentiu que fora aceito porque não era hora para outra coisa.

De volta ao hotel dos Loburton, entretanto, conversaram um pouco

sobre ele e Vivian. Henry Loburton, com o grande corpo sobrando de uma poltrona na sala de estar de sua suíte, no hotel, perguntou a Mike Seddons sobre seus planos para o futuro, mais, Seddons suspeitava, por cortesia que por real interesse. Respondera comentando sua intenção de praticar cirurgia em Filadélfia, quando seu período de residente no Três Condados findasse. Os Loburton ouviram polidamente e encerraram o assunto aí.

Na verdade, parecia que não haveria oposição ao casamento.

— Vivian sempre soube o que quis — declarara Henry Loburton a certa altura. — Foi assim mesmo quando resolveu ser enfermeira. Tínhamos dúvidas quanto a isso, mas ela já tinha decidido. Não havia muito mais para discutir.

Mike Seddons expressara sua esperança de que não julgassem Vivian muito moça para casar. Foi então que Angela Loburton sorria:

— Acho que seria muito difícil criar objeção a isso — ela dissera. — Você sabe, casei com dezessete anos. Fugi de casa para fazê-lo. — Sorriu para o marido. — Não tínhamos nenhum dinheiro, mas demos um jeito de viver.

Seddons respondera com um sorriso:

— Bem, isso nós temos em comum; pelo menos até que eu comece a praticar.

Isso acontecera na noite passada. Esta manhã, depois da visita a Vivian, sentira por qualquer razão uma sensação de alívio e desafogo. Talvez tivesse andado deprimido por um tempo anormalmente longo, e seus mais alegres espíritos procurassem uma válvula de escape. Mas, qualquer que fosse a razão, sentiu-se invadido por uma animada convicção de que tudo acabaria bem. A sensação permanecia ainda, na sala de Autópsias onde estava como assistente de Roger Mc Neil, na autópsia de uma idosa paciente, que morrera no hospital, na noite anterior. Tivera vontade de começar a contar anedotas para Mc Neil; Mike Seddons tinha um bom repertório, outra razão para sua reputação de bom companheiro.

Fazendo uma pausa no meio da última piada, perguntou a Mc Neil:  
— Tem um cigarro?

O patologista residente indicou com a cabeça. Estava secionando o coração que removera do corpo.

Seddons atravessou a sala, achou o cigarro no bolso do paletó de Mc Neil, e acendeu-o. Voltando, continuou:

— Então ela disse para o agente funerário: "Muito obrigada por fazer isso; deve ter tido um grande trabalho!" E o homem respondeu: "Oh, realmente não tive trabalho nenhum. Tudo que fiz foi mudar as cabeças".

Macabra como era a anedota naquele local, Mc Neil deu uma gargalhada. Ainda estava rindo, quando a porta da sala de autópsias se abriu e David Coleman entrou.

— Dr. Seddons, quer fazer o favor de apagar o cigarro? — A voz de Coleman soou calmamente através da sala.

Mike Seddons olhou a sua volta. Disse amavelmente:

— Oh, bom dia, Dr. Coleman! Não o tinha visto entrar!

— O cigarro, Dr. Seddons! — O tom de Coleman era gelado, seus olhos frios como o aço.

Ainda não compreendendo bem, Seddons disse:

— Oh!... Oh, sim!

Procurou um lugar para amassar o cigarro, depois, não achando nenhum, estendeu a mão em direção à mesa da autópsia onde estava o cadáver.

— Aí não! — Coleman falou abruptamente, atalhando o gesto do residente. Depois de um momento, Seddons atravessou a sala, achou um cinzeiro e ali depositou seu cigarro.

— Dr. Mc Neil!

— Sim, Dr. Coleman — Roger Mc Neil respondeu serenamente.

— Por favor... Quer cobrir o rosto?

Sem jeito, sabendo o que se passava na mente de Coleman, Mc Neil pegou numa toalha. Era uma que já usara antes; tinha diversas manchas de sangue. Ainda com a mesma suave intensidade, Coleman disse:

— Uma toalha limpa, por favor. E faça o mesmo sobre os órgãos genitais.

Mc Neil fez um sinal para Seddons, que trouxe duas toalhas limpas. O residente colocou uma cuidadosamente sobre o rosto da morta; com a outra cobriu o sexo.

Agora os dois residentes encaravam Coleman. Ambos mostravam sinais de embaraço. Ambos sentiam o que estava para vir.

— Senhores, acho que há algo que devo recordar-lhes. — David Coleman ainda falava calmamente; em nenhum momento, desde que entrara na sala, levantara a voz; mas não havia dúvidas quanto à evidente intenção e autoridade. Então disse deliberadamente: — Quando fazemos uma autópsia, é com a permissão da família da pessoa que morreu. Sem essa licença não haveria autópsia. Isto é bastante claro para os senhores, presumo?

— Bastante claro — disse Seddons. Mc Neil concordou com a cabeça.

— Muito bem. — Coleman deu um olhar para a mesa, e depois para os rapazes. — Nosso único objetivo é melhorar os conhecimentos médicos. A família do falecido, por sua parte, entrega-nos o corpo em confiança, esperando que seja tratado com cuidado, respeito e dignidade. — Quando fez uma pausa, houve um silêncio na sala. Mc Neil e Seddons estavam imóveis. — E esta é a maneira como vamos tratá-los, senhores. — Coleman punha ênfase nas palavras outra vez. — Com respeito, cuidado e dignidade. — Continuou: — Em todas as autópsias, o rosto e o sexo ficarão cobertos, e não se fumará em nenhum momento. Quanto à conduta, e, particularmente, quanto às anedotas — a estas palavras o rosto de Mike Seddons ficou vermelho —, acho que posso deixar a critério de cada um.

Devagar, Coleman olhou diretamente para um rapaz de cada vez.

Depois disse:

— Obrigado, senhores. Querem continuar, por favor? —  
Cumprimentou e saiu.

Por diversos segundos, depois que a porta se fechou, nenhum deles falou. Então, baixinho, Seddons observou:

— Parece que fomos habilmente "espinafrados".

Pesaroso, Mc Neil falou:

— Acho que com muita razão. Não acha?

Assim que pudessem com a despesa, Elizabeth Alexander resolveu que compraria um aspirador de pó. O velho limpador de tapete que agora usava tirava a poeira superficial, mas isso era tudo. Ela o empurrou para frente e para trás, por cima do tapete e inspecionou o resultado com ar crítico. Não estava bom, mas tinha de ficar assim. Precisava lembrar-se de ter uma conversa com John nessa noite. Aspiradores de pó não eram tão absurdamente caros, e mais um pagamento mensal não faria muita diferença. O problema, entretanto, era que precisavam de muitas outras coisas. Era difícil resolver o que devia vir primeiro.

De um certo modo, imaginava, John estava certo. Era muito bonito falar em fazer sacrifícios e se privar de tudo, para que ele pudesse cursar a escola de medicina. Mas encarando a verdade, era duro manter-se num orçamento reduzido, depois de acostumada com um certo padrão. Por exemplo, tomando o salário de John no hospital. Certamente que não dava para esbanjar, mas tornara a vida deles confortável e permitira certos pequenos luxos, que, alguns meses atrás, estavam bem fora de alcance. Poderiam eles abdicar dessas coisas, agora? Elizabeth assim o supunha, mas de qualquer maneira seria difícil. A escola de medicina significaria outros quatro anos de lutas, e mesmo depois disso haveria o período de interno e residente, se John resolvesse especializar-se. Valeria a pena?

Não seria melhor para eles pegar a felicidade como se apresentava, naquele momento, aceitando um papel — mesmo sendo modesto — aqui e agora?

Isso fazia sentido, não é? E entretanto, de um certo modo, Elizabeth ainda estava insegura. Deveria incentivar John a ambicionar mais e entrar na escola de medicina a qualquer custo? O Dr. Coleman obviamente pensava assim. O que foi que dissera a John? "Se você se sente assim e não vai para a escola de medicina, enquanto tem oportunidade, pode ser que vá se arrepender para o resto da vida." Naquele instante as palavras provocaram uma profunda impressão em Elizabeth, e suspeitava que em John também. Agora, recordando-as, pareciam ter maior significado. Franziu a testa; talvez tivesse uma conversa sobre esse assunto à noite. Se ficasse convencida do que John realmente desejava, poderia forçá-lo a tomar uma decisão. Não seria a primeira vez que Elizabeth conseguiria impor seus pontos de vista, em assuntos que se referiam aos dois.

Elizabeth pousou o limpador e começou a andar pelo apartamento, arrumando e tirando o pó. Então, afastando os pensamentos sérios por agora, começou a cantar enquanto trabalhava. Era uma bela manhã. O sol quente de agosto, brilhando intensamente dentro da pequena mas confortável sala de estar, mostrava que fora ótimo ter feito e pendurado as cortinas, na noite anterior. Elizabeth parou perto da mesa do centro para arrumar um vaso de flores. Tirara dois botões que estavam murchos e ia para a pequena cozinha, quando sentiu uma forte dor. Veio subitamente, sem aviso, como um fogo escaldante, incandescente; e pior, muito pior do que no dia precedente, na cantina do hospital. Prendendo a respiração, mordendo os lábios, tentando não gritar, Elizabeth atirou-se numa cadeira que estava atrás dela. Por um momento a dor passou, depois voltou, até parecia, com mais intensidade. Era como se fosse um ciclo. Então o significado despontou para ela. Involuntariamente disse:

— Não! Oh, não!

Indistintamente, dentro daquela angústia envolvente. Elizabeth sabia que tinha de agir rapidamente. O número do hospital estava num bloco perto do telefone. Subitamente o aparelho do outro lado da sala tornou-se um objetivo. Aproveitando o tempo entre cada fase da dor, agarrando a mesa como apoio, Elizabeth levantou-se e começou a andar. Quando conseguiu discar e uma voz respondeu, disse com dificuldade:

— Dr. Dornberger... é urgente. Houve uma pausa e ele entrou na linha.

— É... Mrs. Alexander — disse Elizabeth. — Comecei... a ter... meu filho.

David Coleman bateu uma vez na porta do escritório de Pearson e depois entrou. Encontrou o patologista-chefe sentado atrás de sua mesa, e Carl Bannister em pé ao lado. O rosto do técnico do laboratório tinha uma expressão dura; depois de um primeiro relance, evitou estudadamente olhar na direção de Coleman.

— Acho que o senhor queria ver-me. — Coleman saía de uma seção de congelamento, quando ouviu seu nome chamado no sistema de autofalantes.

— Sim, queria. — Os modos de Pearson eram frios e formais. — Dr. Coleman, recebi uma queixa do senhor, feita por um dos membros da equipe Carl Bannister.

— Ah, foi? — Coleman levantou as sobrancelhas. Bannister ainda olhava para a frente.

Pearson continuou:

— Creio que tiveram um desentendimento esta manhã.

— Eu não daria exatamente esse nome. — Coleman manteve sua voz calma e imperturbável.

— Qual o nome que daria então? — Não havia dúvidas quanto à aspereza do tom do velho médico.

— Francamente, não pretendia importuná-lo com esse caso. Mas desde que Mr. Bannister assim preferiu, acho melhor o senhor ouvir a história inteira.

— Se tiver certeza de que não é trabalho demais. Ignorando a ironia, Coleman disse:

— Ontem à tarde, disse aos técnicos da Serologia que planejava fazer verificações ocasionais nos trabalhos do laboratório. Esta manhã, cedo, resolvi fazer uma delas. — Coleman olhou para Bannister. — Interceptei uma amostra antes da entrega para a Serologia e dividi o espécime em dois. Então acrescentei a amostra extra à lista do papel de requisição, colocando-a sob um nome fictício. Mais tarde, quando conferi, descobri que Mr. Bannister tinha conseguido dois diferentes resultados, quando naturalmente tinham de ser idênticos. — Acrescentou: — Se o senhor desejar, pode obter os detalhes no relatório do laboratório.

Pearson sacudiu a cabeça. Levantara-se da cadeira e estava meio virado: parecia estar pensando. Coleman imaginou com curiosidade o que se passaria a seguir. Sabia que pisava terreno sólido. O processo que seguira era padrão na maioria dos laboratórios dos mais famosos hospitais. Disso provinha uma proteção para os pacientes e era uma salvaguarda contra descuidos. Técnicos conscienciosos aceitavam as verificações sem ressentimentos, como parte do trabalho. Além do mais, Coleman seguira o protocolo, avisando a Bannister e a John Alexander, no dia anterior, que as verificações seriam feitas.

Abruptamente Pearson vociferou para Bannister.

— Está bem, o que tem a dizer?

— Não gosto de ser espionado. — A resposta era cheia de ressentimento e agressividade. — Nunca trabalhei dessa maneira e não sei por que devo começar agora.

— E eu digo que você é um tolo! — Pearson gritou as palavras. — Tolo de fazer um papel idiota com um erro imbecil, e tolo ainda maior de vir aqui porque foi apanhado. — Fez uma pausa, com os



lábios apertados e a respiração pesada. Coleman sentiu que parte da raiva do médico vinha de sua frustração de não ter escolha senão apoiar o que o mais jovem patologista fizera, por mais que isso o aborrecesse. Agora, em pé, bem em frente de Bannister, grunhiu: — O que esperava que eu fizesse? Bater nas suas costas e dar uma medalha?

Os músculos do rosto de Bannister moviam-se. Pela primeira vez pareceu não ter resposta. Observando-o duramente, Pearson ia continuar, depois parou abruptamente. Virando-se um pouco, fez um gesto com a mão:

— Saia! Saia!

Sem uma palavra, de rosto erguido, não olhando nem para a direita nem para a esquerda, Bannister saiu da sala e fechou a porta atrás de si.

Então Pearson virou-se rudemente para Coleman: — Que diabo quer dizer tudo isso?

David Coleman podia ver a raiva queimando os olhos do velho. Compreendeu que o caso com Bannister fora meramente uma escaramuça preliminar. Resolvido a não perder a cabeça, respondeu calmamente:

— Que quer dizer com isso, Dr. Pearson?

— Sabe muito bem o que quero dizer! Quero saber por que fez verificações no laboratório, sem minha autorização.

Coleman disse friamente:

— Preciso realmente de sua autorização para casos de rotina com esse?

Pearson bateu com o punho na mesa. — Quando eu quiser verificações, pedirei!

— Se é de algum interesse — Coleman comentou, ainda serenamente —, acontece que eu tinha a sua autorização. Por questão de cortesia, mencionei-lhe ontem que gostaria de verificar

os padrões do laboratório de Serologia, e o senhor concordou.

Com suspeita, Pearson disse:

— Não me lembro.

— Asseguro-lhe que conversamos sobre isso. De qualquer modo, não tenho o hábito de inventar. — David Coleman sentiu sua raiva crescendo; era difícil esconder seu desprezo por esse velho idoso e incompetente. Acrescentou: — Poderia até dizer que o senhor parecia muito preocupado quando lhe falei.

Pareceu-lhe que encurralara Pearson, pelo menos em parte. Resmungando, o velho doutor disse:

— Se assim diz, eu acredito. Mas será a última vez que faz algo assim por sua conta. Compreendeu?

Coleman percebeu que era o momento crítico para Pearson e para si mesmo. Gelado, perguntou:

— O senhor se incomodaria em dizer-me que espécie de responsabilidade vou ter nesse departamento?

— O senhor fará o que eu resolver. — Sinto muito, mas não acho isso satisfatório.

— Não acha? — Pearson estava bem em frente do jovem, sua cabeça atirada para frente. — Bem, acontece que há certas coisas que também não considero satisfatórias.

— O quê, por exemplo? — David Coleman não pretendia ficar intimidado. Se o homem queria uma cena, estava pronto a dar-lhe uma, aqui e agora.

— Por exemplo, o senhor ditar leis na sala de autópsias. — O senhor pediu que eu me encarregasse disso.

— Eu disse que supervisionasse autópsias, não que estabelecesse uma série de tolas regras. Não se pode fumar. Isso pretende incluir-me?

— Acho que fica a seu critério, Dr. Pearson.

— Eu é que digo o que fica a meu critério. — A calma do outro parecia fazer Pearson ainda mais furioso. — Agora, preste atenção, e bastante atenção. O senhor pode ter qualificações bonitas e tolas, doutor, mas ainda tem muito para aprender, e eu ainda sou o chefe desse departamento. O que é mais, há boas razões para eu ficar aqui ainda por muito tempo. Portanto, esse é o momento de decidir; se o senhor não gosta da maneira como dirijo as coisas, sabe o que tem a fazer.

Antes que Coleman pudesse responder, houve uma batida na porta. Impaciente, Pearson gritou:

— Sim?

Uma mocinha entrou, olhando com curiosidade para um e outro. Ocorreu a Coleman que a voz de Pearson, pelo menos, devia ser perfeitamente audível no corredor de fora. A secretária disse:

— Desculpe-me, Dr. Pearson. Há dois telegramas para o senhor.

Acabaram de chegar.

Pearson pegou nos dois envelopes coloridos que a moça lhe estendia.

Quando ela saiu, Coleman ia replicar. Mas Pearson fê-lo parar com um gesto. Começando a rasgar o primeiro envelope, disse:

— São as respostas sobre a mocinha, a paciente de Lucy Grainger. — Seu tom era bem diferente do que usara minutos atrás. Acrescentou: — Eles demoraram bastante para responder.

Automaticamente, Coleman sentiu seu interesse crescer. Tacitamente aceitava o ponto de vista de Pearson de que a discussão poderia ser adiada; isto era mais importante. Quando Pearson tinha aberto o primeiro telegrama, o telefone soou estridente. Com uma exclamação de aborrecimento, pousou os envelopes para atender:

— Sim?

— Dr. Pearson, aqui é da Obstetrícia. — Uma voz disse-o. — O Dr. Dornberger deseja falar-lhe. Um momento, por favor.

Houve uma pausa, depois Dornberger entrou na linha. Disse rapidamente:

— Joe, o que há de errado com vocês aí na Patologia? — E sem esperar resposta: — A mulher de seu técnico, Mrs. Alexander, está em trabalho de parto, e o bebê será prematuro. Já está a caminho daqui numa ambulância, e eu não tenho o relatório de sensibilização do sangue. Mande-o para mim agora e depressa!

— Está certo, Charlie. — Pearson desligou o telefone com força, e alcançou uma pilha de formulários numa bandeja marcada "Assinar". Quando o fez, seu olhar caiu nos dois envelopes. Rapidamente passou-os para Coleman. — Abra-os. Veja o que dizem.

Pearson procurava o relatório. Da primeira vez, na pressa, não viu o que queria; da segunda, entretanto, achou. Levantou o telefone outra vez, escutou e disse bruscamente:

— Mande Bannister aqui. — Recolocando o telefone, rabiscou uma assinatura na fórmula que separara.

— O senhor chamou? — O tom e a expressão de Bannister indicavam claramente que ainda estava aborrecido, por causa da reprimenda anterior.

— Claro que chamei! — Pearson estendeu a fórmula que assinara. — Leve isso ao Dr. Dornberger, rápido. Ele está na Obstetrícia. A mulher de John Alexander está passando mal. Vai ter um prematuro.

A expressão de Bannister mudou. — O rapaz já sabe? Ele está lá embaixo...

Impaciente, Pearson atalhou: — Ande logo, vamos! Ande logo!

Velozmente, Bannister saiu com a fórmula. Confusamente, David Coleman tivera noção do que se passava à sua volta. Sua mente, todavia, não alcançara os detalhes. No momento, estava preocupado com o estranho significado dos dois telegramas que mantinha abertos na mão.

Então Pearson virou-se para ele. O velho perguntou:

— Bem, a moça perde a perna ou não? Ambos se definiram?

Coleman pensou: "Aqui é onde a patologia começa e termina; são as fronteiras onde temos de encarar a verdade de quão pouco nós sabemos; este é o limite do conhecimento, a faixa escura, as águas profundas do desconhecido". Disse calmamente:

— Sim, ambos se definiram. O Dr. Chollingham, de Boston, diz "Espécime definitivamente maligno". O Dr. Earnhart, de Nova York, diz: "O tecido é benigno. Nenhum sinal de malignidade".

Houve um silêncio. Depois Dr. Pearson disse devagar e suavemente:

— Os dois melhores médicos do país, e um vota a favor e o outro contra. — Olhou para Coleman, e quando falou havia ironia, mas não antagonismo, em sua voz. — Bem, meu jovem amigo patologista, Lucy Grainger espera uma resposta hoje. Precisa de uma solução hoje e tem que ser definitiva. — Com um sorriso amargo disse: — Gostaria de bancar Deus?

## XVI

Um patrulheiro da polícia de serviço no distrito ouviu a sirena da ambulância a seis quarteirões de distância. Ainda da calçada e com a habilidade de longa prática, começou a desimpedir o tráfego para deixar o caminho livre. Quando a sirena tornou-se mais alta e a luz de cima visível, o patrulheiro abriu caminho, encheu as bochechas e soprou dois silvos agudos. Depois, mandando parar todo o tráfego nas vias laterais com autoridade, acenou para o motorista da ambulância avançar o sinal vermelho. Os pedestres, no cruzamento, virando a cabeça com curiosidade viram, num rápido relance, o pálido rosto de uma jovem quando a ambulância passou correndo.

Lá dentro, Elizabeth estava apenas consciente do avanço pelas ruas da cidade. Sentia que iam muito depressa, mas os edifícios e as pessoas do lado de fora eram formas confusas, correndo pela janela próximo à sua cabeça. Momentaneamente, entre cada intervalo de dor, podia ver o motorista lá na frente, suas duas mãos cuidando do volante, virando-o rapidamente, primeiro para a direita, depois para a esquerda, aproveitando qualquer brecha que aparecesse.

Então a dor voltava e ela só podia pensar em gritar e aguentar.

— Segure nos meus pulsos! Segure no que quiser. — Era o assistente na ambulância inclinando-se sobre ela. Tinha um pouco de barba e uma covinha no queixo, e por um momento Elizabeth acreditou que era seu pai que tinha vindo para confortá-la. Mas seu pai estava morto: não tinha sido morto na estação? Ou talvez não; e agora estava aqui nesta ambulância a seu lado, os dois sendo levados para, algum lugar onde ambos seriam bem tratados. Então sua cabeça clareou e viu que não era seu pai, mas um estranho cujos pulsos estavam vermelhos com as marcas convexas deixadas por suas unhas.

Teve tempo de tocar nas marcas antes que a próxima dor chegasse. Era um gesto, tudo que podia fazer. O homem sacudiu a cabeça.

— Não se preocupe. Agarre em tudo que quiser. Chegaremos logo.

O velho Joe lá na frente é o melhor motorista da cidade.

Então a dor veio outra vez, pior que antes; os intervalos diminuía; tinha a sensação de que todos os seus ossos estavam sendo retorcidos, além do que podia suportar; a pior agonia estava situada nas costas, a tortura fazia girar na frente de seus olhos uma chama vermelha, amarela, roxa. Suas unhas se enterraram mais profundamente e ela gritou.

— Pode sentir o bebê vindo? — perguntou o assistente novamente: tinha esperado até que a dor passasse, depois chegou mais perto.

Ela tentou bater a cabeça e murmurou:

— Eu... eu acho que sim.

— Está bem. — Tirou suas mãos gentilmente. — Agarre nisso por um minuto. — Deu-lhe uma toalha que tinha enrolado, depois levantou o cobertor sobre a maca e começou a soltar as roupas dela. Falava suavemente enquanto trabalhava.

— Vamos fazer o melhor que pudermos, se tivermos que fazer. Não seria o primeiro a nascer aqui comigo. Sou avô, a senhora sabe, portanto conheço isso bem. — Suas últimas palavras foram abafadas pelo grito dela; mais uma vez nas suas costas, envolvendo-a, cegando-a, poderoso, o aumento da agonia, esmagando, comprimia sem tréguas.

— Por favor! — Ela agarrou os pulsos dele novamente e ele permitiu que ela segurasse, onde já leves linhas de sangue apareciam quando suas unhas entravam na carne. Virando a cabeça, dirigiu-se ao motorista:

— Como vamos indo, Joe?

— Acabei de passar pela esquina de Maincom Liberty. — As mãos grandes viravam o volante bem para a direita. — Um guarda ali abriu

o sinal. Economizou-nos um bom minuto. — Com um balanço para a esquerda, a cabeça inclinou-se para trás: — Já é padrinho?

— Ainda não, Joe. Mas desconfio que está muito perto.

Outra vez o volante rodando; uma curva fechada para a direita.

Depois:

— Estamos na pista de casa, rapaz. Tente manter a rolha um minuto mais.

Tudo que Elizabeth podia pensar no miasma que a engolfava era: "Meu bebê — vai nascer cedo demais! Vai morrer! Oh, meu Deus, não o deixe morrer! Não desta vez! Não outra vez!"

Na Obstetrícia, o Dr. Dornberger estava preparado e vestido. Saindo da sala de assepsia para o corredor cheio que separava as salas de trabalho de parto das salas de parto, olhou à sua volta. Vendo-o através da divisão de vidro de seu escritório, Mrs. Yeo, enfermeira-chefe, levantou-se e veio em sua direção segurando uma tabuleta com o boletim.

— Aqui está o relatório de sensibilização de sangue. Acabou de chegar da Patologia. — Ela estendeu a ficha para que ele pudesse ler sem tocá-la.

— Já não é sem tempo! — Coisa pouco comum nele, era quase um grunhido. Lendo a fórmula no topo do bloco, disse:

— Sensibilidade negativa, eh? Bem, desse lado não há problema. Está tudo pronto?

— Sim, doutor. — Mrs. Yeo sorriu. Era uma mulher tolerante, que sentia que todo homem, incluindo o seu próprio marido, tinha direito a estar de mau humor de vez em quando.

— E a incubadora? — Já está aqui agora.

Quando Dornberger olhou, uma enfermeira escancarou a porta de fora enquanto uma servente passou, empurrando uma incubadora



Isollette. Mantendo o tubo longe do chão, a funcionária olhou inquisitivamente para Mrs. Yeo.

— No número dois, por favor.

A servente concordou e empurrou a incubadora através de uma segunda porta de mola, exatamente na frente. Quando esta se fechou por trás dela, uma funcionária veio na direção deles, da sala das enfermeiras.

— Desculpe-me, Mrs. Yeo.

— Sim?

— Telefonaram da Emergência — virou-se para o Dr. Dornberger. — Sua paciente acabou de chegar e está a caminho daqui. Dizem que está muito adiantada nos trabalhos de parto.

Na frente da maca do hospital para onde fora transferida ao sair da ambulância, Elizabeth podia ver o jovem interno que a tinha recebido à sua chegada. Movendo-se num passo firme, mas sem pressa, estava abrindo caminho, calma e metodicamente, através dos grupos de pessoas no entupido corredor do andar principal. — Emergência... Emergência, por favor.

As palavras eram calmas, quase casuais, mas seu efeito imediato. Os passantes paravam, os grupos se afastavam para a parede, a fim de permitir que a pequena procissão — interno, maca e a enfermeira empurrando-a — passasse. No fim do corredor um cabineiro os tinha visto e estava esvaziando o elevador.

— Queiram ir no outro, por favor. Este agora vai numa emergência.

Obedientemente, os ocupantes se retiraram e a maca entrou. O estabelecido sistema de comportamento hospitalar estava funcionando sem esforço para admitir outro paciente.

Um pouco dessa calma pareceu transferir-se para Elizabeth. Embora a dor agora fosse contínua e uma nova pressão no seu útero estivesse se iniciando, sentia-se capaz de suportá-las melhor do que antes. Descobrira que mordendo seu lábio inferior e segurando a

extremidade do lençol que a cobria, era possível não gritar. Entretanto, sabia que o estágio final do nascimento tinha começado: involuntariamente, começou a curvar-se, e entre suas coxas sentiu o primeiro começo de emergência.

Agora estavam no elevador, com as portas de correr fechadas, e a enfermeira que estava atrás pegava e segurava sua mão.

— Só mais um minuto ou dois; é o que levaremos. Então as portas se abriram novamente e viu o Dr. Dornberger, vestido e esperando por ela.

Como se restassem esperanças de que houvesse lido errado antes, o Dr. Pearson pegou os dois telegramas novamente. Olhando-os ele os pousou ao mesmo tempo.

— Maligno! Benigno! E nenhuma dúvida em nenhum deles. Voltamos ao começo.

— Não exatamente — disse David Coleman com ar sossegado. — Perdemos quase três dias.

— Eu sei! Eu sei! — Joe Pearson estava batendo seu forte punho na palma da mão, sentindo a incerteza como um manto à sua volta. — Se é maligno, a perna tem que ser amputada rapidamente; de outro modo, será tarde demais. — Virou-se para olhar para Coleman diretamente. — Mas a moça tem dezenove anos. Se tivesse cinquenta eu diria maligno e não moveria uma palha. Mas dezenove! E talvez ficar sem a perna, inutilmente.

Apesar de seus sentimentos sobre Pearson, apesar de suas próprias convicções de que o tecido do qual falavam era benigno e não maligno, Coleman sentiu sua simpatia por Pearson crescer. O velho médico tinha a responsabilidade final no caso; era compreensível que estivesse preocupado; a decisão era extremamente dura. Disse, experimentando:

— Precisa-se muita coragem para fazer essa espécie de diagnóstico.

Como se tivesse tocado a chama de um fósforo, Pearson inflamou-se:

— Não me dê nenhuma das suas manchetes universitárias. Faço isso há trinta anos. — Encarou Coleman de olhos reluzentes, com o velho antagonismo novamente. Neste momento o telefone tocou.

— Sim? — Embora Pearson tivesse atendido o telefone de maneira brusca, suavizou a expressão à medida que ouvia. Então disse: — Está bem, Lucy. Acho que é melhor descer. Espero-a aqui. — Recolocando o fone no lugar, ficou olhando para baixo, para um ponto no centro de sua mesa. Depois, sem levantar a cabeça, disse para Coleman: — Lucy Grainger está vindo para cá. Você pode ficar, se desejar.

Quase como se não tivesse ouvido, Coleman disse, pensativo:

— Sabe, há outra coisa que pode funcionar, que pode nos dar uma melhor direção.

— O que é? — Pearson levantou a cabeça abruptamente.

— Aquela radiografia que foi feita. — Coleman ainda falava devagar, as palavras caminhando junto com os pensamentos. — Foi tirada há duas semanas atrás. Se há um tumor, e se ele está se desenvolvendo outra radiografia pode mostrar isso.

Sem uma palavra, Pearson estendeu a mão, e mais uma vez pegou o telefone. Houve um barulho, e então disse: — Ligue-me com Dr. Bell, na Radiologia. — Enquanto aguardava, o velho médico olhou o Dr. Coleman de um modo estranho. Depois, cobrindo o bocal do telefone, disse com invejosa admiração: — Uma coisa digo em seu favor: você pensa o tempo todo.

Na sala a que a equipe hospitalar jocosamente se referia como "caixa de conserva para pais esperando", John Alexander amassou um cigarro fumado pela metade num cinzeiro de pé. Então, levantou-se da cadeira com almofadas de couro onde estivera sentado durante a última hora e meia, olhando cada vez que a porta

abria e alguém entrava vindo do corredor de fora. Entretanto, em cada ocasião as notícias eram para outros, e agora, dos cinco homens que há noventa minutos atrás tinham ocupado a sala, só restavam ele e um outro.

Dirigindo-se para as grandes janelas que davam para o pátio fronteiro do hospital e para os outros edifícios do coração industrial de Burlington, viu que as ruas e os telhados estavam molhados. Devia ter chovido desde que chegara ali, sem que tivesse reparado. Agora a área que cercava o hospital tinha seus piores aspectos — esquálidos e depressivos, os telhados das casas e pensões esticando-se para as fábricas, e as repelentes chaminés alinhavam-se de ambas as margens do rio. Olhando para a rua que ficava na frente do hospital, viu um grupo de crianças correr de uma alameda, ativamente, pisando nas poças de água deixadas pela chuva nas calçadas quebradas. Observando-as, viu um dos meninos maiores do grupo parar e estender o pé para fazer tropeçar a criança que vinha atrás. Era uma meninazinha de uns quatro ou cinco anos, e ela caiu com o rosto dentro de uma das maiores poças, espalhando-se a água suja à volta dela. Levantou-se chorando, enxugando a lama de seu rosto e tentando pateticamente escorrer a água de seu vestido sujo e ensopado. Então, os outros pararam e fizeram uma roda, dançando, e, pelas suas expressões, cantando zombarias.

— Crianças. — A voz enojada veio do seu lado, e John percebeu que o outro ocupante da sala tinha-se reunido a ele na janela. Olhando de trás, viu que o homem era alto e magro como um lápis; faces entradas faziam-no parecer um sofredor, e precisava fazer a barba. Talvez vinte anos mais velho do que John. Usava um casaco de veludo já gasto, com um macacão sujo por baixo. Havia um impregnado cheiro da gordura e de cerveja azeda.

— Crianças! São todas iguais! — O homem saiu da janela e começou a procurar nos bolsos. Depois de um momento, retirou papel e fumo e começou a enrolar um cigarro. Olhando firmemente para John, perguntou:

— É o seu primeiro?

— Não exatamente. É o nosso segundo, mas o primeiro bebê morreu.

— Perdemos um assim também — entre o quarto e o quinto. Uma boa coisa, aliás. — O outro homem revistava seus bolsos. Perguntou: — Tem um isqueiro?

John tirou o isqueiro e ofereceu-lhe. Fez a pergunta: — Quer dizer que é seu sexto filho?

— Não, oitavo. — O homem magro fumava agora seu cigarro. — Às vezes desconfio que oito é demais. — Depois disse bruscamente: — Creio que você desejava o seu. — Você quer dizer, o bebê?

— É.

— Sim, é claro — John parecia surpreso.

— Nós nunca quisemos. Depois do primeiro, já era mais do que suficiente para mim.

— Por que teve oito, então? — John sentiu-se impelido a perguntar; a conversa tinha tomado uma feição quase hipnótica.

— Minha mulher é que podia responder-lhe melhor; é ela que tem o sangue quente. Dê-lhe umas duas cervejas, deixe que ela balance o traseiro numa dança e tem que ser ali, naquela hora, e nem pode esperar até chegar em casa. — O homem magro soltou umas baforadas de fumaça, depois continuou calmamente: — Desconfio que todos os nossos filhos foram feitos em lugares estranhos. Uma vez estávamos fazendo compras na Macy's e tivemos que entrar num armário para vassouras no subsolo. Desconfio que o nosso quarto filho foi feito lá. Subsolo do Macy's, mas não foi uma pechincha.

Por um momento John esteve para rir alto, depois lembrou-se das razões por que estava ali e parou. Entretanto, disse:

— Espero que tudo corra bem para você, dessa vez, quero dizer.

O homem esquelético disse tristemente: — Sempre corre bem; este é o nosso problema. Voltou para o outro lado da sala e pegou um

jornal.

Ficando sozinho, John olhou para o relógio novamente. Viu que já estava ali há uma hora e três quartos; certamente deveria em breve ter notícias. Gostaria de ter visto Elizabeth antes de ela entrar na sala de parto, mas tudo tinha acontecido tão rapidamente que não houvera tempo. Estava nas cozinhas do hospital quando Carl Bannister lhe dera as notícias. John tinha ido às cozinhas por ordem do Dr. Pearson. Pearson tinha-lhe dito para tirar culturas dos pratos que estivessem passando nas máquinas de lavar; John entendera que as máquinas estavam sob suspeita de serem anti-higiênicas. Mas largara o serviço assim que Bannister lhe contara sobre Elizabeth, e fora para a Emergência esperando encontrá-la ali. Mas, então, ela já tinha chegado de ambulância e tinha subido para a Obstetrícia. Foi depois disso que viera direto para ali esperar.

Então a porta do corredor abriu-se, e desta vez era o Dr. Dornberger. John tentou ler as notícias no seu rosto, mas não teve sucesso. O médico perguntou:

— Você é John Alexander?

— Sim, senhor. — Embora já tivesse visto o obstetra diversas vezes no hospital, esta era a primeira vez que se falavam.

— Sua mulher vai ficar boa. — Dornberger não gostava de perder tempo com preliminares.

A primeira impressão de John foi de total alívio. Então perguntou:

— E o bebê?

Dornberger disse calmamente:

— Você tem um menino. Foi prematuro, naturalmente, e tenho que lhe avisar, John — é muito fraquinho.

— Vai viver? — Só quando fez a pergunta é que lhe ocorreu quanto dependia dessa resposta.

Dornberger tirara seu cachimbo e começara a enchê-lo. Disse, como por acaso:

— Vamos dizer que as chances não são tão boas como seriam se fosse um bebê de nove meses.

John concordou, meio atordoado. Não parecia haver nada a dizer, nada que agora tivesse importância.

O homem mais idoso parou para guardar sua bolsa de fumo. Depois, no mesmo tom tranquilo e cuidadoso, disse:

— Tudo que lhe posso afirmar é que você tem um bebê de trinta e duas semanas; isto quer dizer que ele nasceu oito semanas antes. — Compadecido, acrescentou: — Ele não estava ainda preparado para o mundo, John; nenhum de nós o estaria tão cedo assim.

— Não, suponho que não — John mal ouvia o que falava. Sua mente estava em Elizabeth e no que esse bebê significava para ambos.

O Dr. Dornberger tinha tirado um fósforo e estava acendendo seu cachimbo. Quando estava aceso, disse:

— O peso de seu bebê era mil e quinhentos gramas. Talvez você entenda melhor se eu lhe disser que hoje em dia consideramos prematuro qualquer bebê que ao nascer tenha menos de três quilos.

— Compreendo.

— Colocamos o bebê na incubadora, é claro. Naturalmente, faremos tudo que pudermos.

John olhou diretamente para o obstetra.

— Então há esperança?

— Sempre há esperança, meu filho — disse Dornberger calmamente.

— Mesmo quando já não há mais nada, acho que sempre há esperança.

Houve uma pausa e John perguntou:

— Posso ver minha mulher, agora?

— Sim — Dornberger falou. — Vou com você até a enfermaria.

Quando saíram, John viu o homem alto e magro observando-o curiosamente.

Vivian não tinha muita certeza do que estava acontecendo. Tudo que sabia era que uma das enfermeiras da equipe tinha entrado no seu quarto e dito que iam para a Radiologia imediatamente. Com a ajuda de outra estudante de enfermagem, tinha sido colocada numa maca, e agora estava sendo levada ao longo de corredores por onde, há tão pouco tempo atrás, ela andava. Seu passeio através do hospital tinha uma semelhança com seu sonhar acordada; complementava a irrealidade de tudo o mais que tinha acontecido até agora. Momentaneamente Vivian encontrou-se abandonando o medo, como se o que quer que sucedesse não lhe importasse, no fim de contas, porque era inevitável e não poderia ser mudado. Interrogou-se se este sentimento seria uma forma de depressão, um abandono da esperança. Ela já sabia que esse era o dia que poderia trazer o veredicto, um veredicto que temia, que faria dela uma aleijada, tiraria dela a liberdade de movimento, roubaria num rápido golpe tantas coisas que ela considerava garantidas até aquele momento. Com esse último pensamento, o instante de passividade deixou-a e o medo voltou, avolumando-se. Desejou desesperadamente que Mike estivesse com ela naquele momento.

Lucy Grainger esperava a maca na entrada da Radiologia:

— Decidimos fazer outra radiografia, Vivian — disse. — Não demorará muito. — Voltou-se para um homem de casaco branco ao lado dela. — Este é o Dr. Bell.

— Olá, Vivian. — Ele sorriu para ela através de seus grossos óculos de aros de chifre, e então disse para a enfermeira:

— Posso ver a ficha, por favor?

Enquanto ele examinava, virando as páginas rapidamente, Vivian moveu a cabeça para olhar à sua volta. Estavam numa pequena sala de recepção, com um lugar para a enfermeira numa divisão de vidro. A um canto contra uma parede, outros pacientes estavam sentados



— dois homens em cadeiras de roda, usando pijama e roupão do hospital, e uma mulher e um homem em roupas comuns, o último usando gesso em volta do pulso. Os dois últimos, sabia, deveriam ter vindo dos Pacientes Externos ou da Emergência. O homem com o gesso parecia pouco à vontade, estranhando o lugar. Sua mão sã segurava uma fórmula impressa; parecia que ele a apertava como se fosse um passaporte de que precisaria, para ir e vir nesses domínios estrangeiros.

Bell terminou de ler a tabela e devolveu-a. Disse para Lucy:

— Joe Pearson me telefonou. Entendi que você gostaria de tirar outra radiografia para vermos se há alguma mudança na aparência do osso.

— Sim — concordou Lucy. — É ideia de Joe que algo — hesitou, sabendo que Vivian ouviria suas palavras — tenha-se tornado visível nesse meio tempo.

— É possível — Bell tinha-se dirigido para o lugar da enfermeira e estava subscrevendo uma requisição de radiografia. Perguntou à funcionária que estava atrás da mesa:

— Quais os técnicos que estão livres? Ela consultou uma lista: — Jane ou Mr. Firban.

— Acho que devemos chamar Firban para esta. Quer chamá-lo, por favor? — Virou-se para Lucy e, enquanto se dirigiam para a maca, disse: — Firban é um dos nossos melhores técnicos, e queremos um bom filme. — Sorriu para Vivian. — O Dr. Pearson pediu-me que tomasse um interesse pessoal nesse caso, e é o que estou fazendo.

Agora, vamos entrar naquela sala ali.

Com a ajuda de Bell, a enfermeira guiou a maca da sala de espera para uma outra maior. A maior parte do compartimento estava ocupada por uma mesa de raios X com o tubo da máquina radiográfica por cima e sustentada por Overhead Rollers. Numa seção menor adjacente, atrás de vidro grosso. Vivian podia ver um painel de controles elétricos. Quase que em seguida entrou na sala

um rapaz jovem, baixo, cabelo cortado à escovinha e usando casaco branco de laboratório. Seus movimentos eram abruptos e apressados, como se desejasse terminar tudo que estivesse fazendo rapidamente, mas com um mínimo de energia despendido. Olhou para Vivian, depois virou-se para Bell:

— Sim, Dr. Bell?

— O. K., Karl, gostaria que tomasse conta deste caso para mim. Por falar nisso, conhece a Dra. Grainger? — E para Lucy: — Este é Karl Firban.

— Ainda não tinha tido o prazer — Lucy estendeu a mão e o técnico apertou-a,

— Como está, doutora?

— E nossa paciente é Vivian Loburton — Bell sorriu para a figura na maca. — É estudante de enfermagem. Por causa disso é que estamos armando toda essa confusão com ela.

— Olá, Vivian — o cumprimento de Firban era tão tenso quanto suas outras ações. Então, mudando a posição da mesa da vertical para a horizontal, começou a conversar com brusca vivacidade:

— Para fregueses especiais damos a escolha de Vistavision ou Cinemascope — tudo num maravilhoso preto e branco. — Deu um olhar de relance para a requisição que Bell lhe havia entregue. — Joelho esquerdo? Algo de especial, doutor?

— Queremos uma boa chapa com visão lateral e oblíqua, e depois acho que uma da região mais abaixo do joelho — Bell parou e considerou. — Eu diria que umas cinco ou seis chapas e depois duplicata da extremidade oposta.

— Quer alguma chapa de catorze por dezessete para abranger a tíbia anterior e o perônio?

Bell pensou, depois concordou:

— Pode ser uma boa ideia — e disse para Lucy: — Se for osteomielite, pode haver reação periostal mais abaixo do osso.

— Está bem, doutor. Terei tudo pronto daqui a meia hora. — Era uma maneira polida de Firban dizer que preferia trabalhar sozinho, e o radiologista compreendeu.

— Vamos tomar um café e depois voltamos. — Bell sorriu na direção de Vivian. — Você está em boas mãos. — Depois, com Lucy à sua frente, saiu da sala.

— Muito bem. Vamos trabalhar. — O técnico dirigiu-se à enfermeira e ambos carregaram Vivian da maca para a mesa de raios X. Depois da relativa maciez da maca, a mesa preta de ebonite parecia dura e pouco acolhedora.

— Não é muito confortável, hein? — Firban estava cuidadosamente colocando Vivian na posição que desejava, deixando seu joelho esquerdo exposto. Quando ela sacudiu a cabeça, ele continuou: — Você se acostuma. Já dormi nessa mesa uma porção de vezes quando estava de plantão, e as coisas correm bem. — Fez um sinal para a enfermeira e a moça foi esperar atrás do compartimento envidraçado.

Com Vivian observando-o, o técnico começou a fazer os movimentos de rotina para uma série de radiografias. Ainda com o mesmo jeito rápido, pegou um rolo de filme de um armário embutido na parede, e colocou-o na bandeja acima da mesa de raios X. Depois, usando botões de controle suspensos do teto por um grosso fio elétrico, ele manobrou o pesado tubo de raios X ao longo dos enrolamentos e para baixo, até que ficasse imediatamente acima do joelho, com a flecha na escala calibradora de altura da máquina apontando para quarenta polegadas.

"Em contraste com tudo o mais do hospital", pensou Vivian, "esta sala parece extraterrena e remota." A maquinaria preta e cromada parecia monstruosa quando deslizava devagar com um murmúrio maciço. Havia nessa sala uma aura de ciência e neutralidade de certo modo tão diferente da medicina, como uma grande sala de máquinas de um navio o é da iluminada ponte de comando lá em cima. Entretanto, aqui, com essas sinistras, ponderadas máquinas, é

que o trabalho de investigação médica era feito. O pensamento por um instante atemorizou-a. Havia uma terrível impessoalidade nisso tudo, muito pouco de humano nessas máquinas. O que quer que descobrissem, revelavam e relatavam sem calor ou prazer, sem tristeza nem pena. Bom, ruim — sempre o mesmo. Por um momento imaginou o tubo de imagens suspenso por cima dela como sendo o olho do juiz, inflexível, sem paixão. Qual seu julgamento agora? Haveria esperança, ou mesmo adiamento... ou uma sentença solene da qual não pudesse haver apelação? Outra vez sentiu-se desejando Mike ali; ela o chamaria assim que voltasse para o quarto do hospital.

O técnico terminara os preparativos.

— Acho que assim está bem. — Deu um olhar final à volta. — Eu lhe direi quando deve ficar perfeitamente imóvel. Este é o único lugar do hospital, você sabe, onde podemos dizer que não se sente nada, e ser absolutamente verdade.

Então dirigiu-se para trás da tela de vidro de uma polegada de grossura, que protege o operador de raios X da radiação. Apesar de fora da periferia de sua visão. Vivian podia vê-lo movendo-se, segurando a lista de controle virando os botões.

No painel principal de controle, Firban estava pensando: "Uma bonita mocinha. Deus sabe o que está errado. Deve ser algo sério para Bell tomar esse interesse todo; geralmente o chefe não se preocupa com os pacientes até que as chapas estejam batidas". Verificou pela segunda vez os botões do painel; no seu trabalho, adquirira o hábito de não facilitar; estava tudo certo — oitenta e quatro quilovolts, duzentos miliampères, tempo de exposição mil e quinhentos por segundo. Apertou um botão que colocou o ano-dia rotativo na válvula de imagem em movimento. Então, gritando a frase familiar:

— Não se mexa! Fique imóvel! — apertou com o polegar o segundo botão e sabia que o que quer que estivesse sendo visto pelo osmótico olho dos raios X estava gravado agora para os outros

interpretarem.

Na sala de raios X da Radiologia, com as venezianas descidas para impedir a entrada da luz, os doutores Bell e Lucy Grainger esperavam. Daí a poucos minutos as chapas que Firban tirara estariam prontas para comparar com aquelas de duas semanas atrás. O técnico já tinha colocado os negativos na máquina automática de revelar, e, parecendo nesse momento um pouco com uma fornalha grande de óleo, seu interior estava chiando. Agora, um por um os filmes revelados começaram a cair dentro de uma abertura na frente da máquina.

A medida que cada chapa aparecia, Bell colocava-a presa por um clipe numa caixa com visor, iluminada por trás por tubos fluorescentes. Numa segunda caixa com visor imediatamente acima já havia posto as radiografias anteriores.

— Conseguimos boas chapas? — Havia uma ponta de orgulho na pergunta do técnico.

— Realmente ótimas. — Era uma resposta automática; Bell já estava estudando intensamente os novos negativos, depois comparando as áreas correspondentes nos dois conjuntos. Usava a ponta do lápis para ajudar seus próprios pensamentos e para que Lucy pudesse acompanhá-lo.

Depois de terem examinado inteiramente ambas as séries, Lucy perguntou:

— Você nota alguma diferença? Eu acho que não. O radiologista sacudiu a cabeça:

— Há uma pequena reação periostal aqui. — Apontou para uma leve diferença acinzentada em dois pontos. — Mas é provável que seja o resultado de sua biopsia. Não há nenhuma outra mudança conclusiva. — Bell tirou seus pesados óculos e esfregou o olho direito. Disse, quase se desculpando: — Sinto muito, Lucy, acho que tenho de chutar a bola de volta para a Patologia. Você fala com Joe

Pearson ou falo eu? — Começou a tirar os dois conjuntos de filmes.  
— Eu falarei com ele. — disse Lucy pensativa. — Vou falar com Joe agora.

## XVII

A enfermeira, Mrs. Wilding, empurrou para trás uma mecha de cabelo grisalho que parecia estar caindo debaixo de sua touca engomada e caminhou energicamente pelo corredor da Obstetrícia do quarto andar, um pouco à frente de John Alexander. Na quinta porta, pararam e olharam para dentro. Então anunciou alegremente:

— Uma visita, Mrs. Alexander — e fez John entrar no pequeno quarto semiparticular.

— Johnny querido! — Elizabeth estendeu os braços, gemendo baixinho quando mudou de posição na cama; ele se dirigiu para ela e beijou-a carinhosamente. Por uns minutos ela o manteve bem apertado. Ele sentiu seu calor e por baixo de sua mão a áspera, limpa e grosseira camisola do hospital, que ela usava. Havia um cheiro no seu cabelo, mistura de éter e suor; parecia recordar-lhe alguma coisa que não compartilhara, como se ela tivesse estado num lugar distante, de onde agora retornava com um toque estranho. Por um instante sentiu um constrangimento entre os dois, como se, depois de uma separação, houvesse a necessidade de se encontrarem e de se conhecerem outra vez. Então Elizabeth gentilmente afastou-o.

— Devo estar um horror! — Você está linda! — disse.

— Não houve tempo para trazer nada. — Ela mostrou a disforme roupa do hospital. — Nem mesmo uma camisola ou um batom. Vou fazer uma lista. Então você poderá trazer o que preciso.

Por trás Mrs. Wilding fechara o cortinado que os separava da outra cama no pequeno quarto.

— Pronto. Agora estão tão sozinhos quanto possível. — Pegou um copo que estava na mesa de cabeceira perto de Elizabeth e encheu de água gelada. — Voltarei daqui a pouco, Mr. Alexander; então

poderá ver o bebê.

— Obrigado. — Ambos sorriam agradecidos quando a enfermeira saiu. Assim que a porta se fechou, Elizabeth encarou John novamente.

Sua expressão era ansiosa, seus olhos inquisitivos:

— Johnny, querido, eu quero saber. Quais são as chances do bebê?

— Bem, meu amor... — Ele hesitou.

Ela segurou sua mão:

— Johnny, quero a verdade. As enfermeiras não vão me dizer. Tem que ser você.

Sua voz tremeu. Ele sentiu que as lágrimas não estavam muito longe. Respondeu suavemente:

— As duas coisas podem acontecer. — Continuou, escolhendo as palavras cuidadosamente: — Vi o Dr. Dornberger. Ele disse que as chances são iguais. O bebê poderá viver ou... — John parou, deixando a frase inacabada.

Elizabeth deixara a cabeça cair sobre os travesseiros. Olhando para o teto, as palavras parecendo mais murmúrios, disse:

— Na verdade, não há muita esperança, há?

John calculou o impacto do que poderia dizer a seguir. Talvez, se o bebê fosse morrer, era melhor que os dois enfrentassem a verdade agora; era melhor do que iludir Elizabeth com esperanças falsas, e depois de um dia ou dois ter de destruí-las cruelmente. Com infinita gentileza, disse:

— Ele é... terrivelmente pequeno, você compreende. Nasceu dois meses antes. Se houver qualquer infecção, mesmo a menor... Ele não tem muita força.

— Obrigada. — Elizabeth estava imóvel, sem olhar para ele, mas apertava fortemente sua mão. Havia lágrimas nas suas faces, e John sentiu seus próprios olhos se marejarem.



Tentando manter a voz firme, disse:

— Elizabeth, querida... aconteça o que acontecer... ainda somos jovens. Temos muito à nossa frente.

— Eu sei. — As palavras mal eram ouvidas, e ele a abraçou novamente. A cabeça contra a dele, ela murmurou entre soluços: — Mas dois bebês... dessa maneira.

— Ela ergueu a cabeça, com desespero nos olhos: — Não é justo!

Ele sentiu que as lágrimas desciam pelo seu rosto. Meigamente murmurou:

— É difícil aceitar... Mas ainda temos um ao outro.

Por mais um minuto ele a segurou; ela soluçava baixinho, depois afastou-se. Pediu um lenço. Tirando um de seu bolso, entregou-lhe.

— Agora estou bem. — Ela enxugava os olhos. — É que... às vezes acontece.

Ele disse gentilmente:

— Se ajudar, meu amor... chore. Quanto você quiser. Ela deu um leve sorriso e devolveu o lenço. — Acho que o sujei todo. — Depois sua voz mudou. — Johnny, deitada aqui... estive pensando.

— Sobre o quê?

— Quero que você entre para a Escola de Medicina.

Ele protestou delicadamente. — Ora, querida, já discutimos isso...

— Não. — Elizabeth atalhou. Sua voz ainda estava fraca, mas tinha um tom determinado. — Sempre quis que você a cursasse, e agora o Dr. Coleman disse que deve ir para a escola.

— Você tem ideia do que custaria? — Sim, tenho. Mas posso arranjar um emprego.

Gentilmente ele disse:

— Com um bebê?

Houve um momento de silêncio. Depois Elizabeth falou serenamente:

— Talvez não haja nenhum bebê.

A porta se abriu sem barulho e a enfermeira Wilding entrou. Viu os olhos vermelhos de Elizabeth, depois discretamente olhou para outro lado. Para John, disse:

— Se quiser, Mr. Alexander, eu o levarei para ver seu bebê agora.

Depois de ter deixado Alexander na enfermaria, o Dr. Dornberger fora para o berçário do hospital.

O berçário ficava no fim de um longo e claro corredor, decorado alegremente em tons pastéis. Era uma parte do edifício que fora remodelada há dois anos e refletia as novas tendências de espaço e luz. Aproximando-se, Dornberger podia ouvir, como sempre, o choro dos nenéns, em diversas escalas de tom e volume, desde os pulmões fortes até os gritos esganiçados e os falsetes. Mais por hábito que por vontade, parou para olhar através do grosso vidro que abrangia a área principal do berçário, de três lados. O trabalho, refletiu, notando a maioria dos berços ocupados, era borbulhante, como sempre. Seu olhar passou pelas fileiras, em ordem.

Estes, pensou, eram os animaizinhos normais e sadios que venceram, no momento, a batalha da existência, e que, dentro de poucos dias, iriam embora e para a frente no mundo que os aguardava. Seus destinos eram o lar, a escola, a luta pela vida, a competição pela fama e dinheiro. Entre esses, alguns teriam sucesso e amargariam fracassos; também, exceto alguma casualidade, aproveitariam a mocidade, aceitariam a meia-idade e ficariam velhos com tristeza. Para eles automóveis mais poderosos e brilhantes seriam desenhados, a seu serviço aeronaves voariam mais depressa e mais distante, e cada desejo seria atendido por outros de sua espécie, com mercadorias e gêneros. Haveria alguns que enfrentariam o futuro desconhecido, a maioria com apreensão, muitos bravamente, uns poucos covardemente. Alguns aqui, talvez,

atravessariam as barreiras do espaço; outros, com o dom da palavra, poderiam levar seus compatriotas para o ódio ou o desespero. A maioria, por volta dos vinte anos, teria sua maturidade física, obedecendo porém sem nunca entender à primordial necessidade de copular, que lançara sua própria semente e os trouxera choramingando e vomitando para cá. Mas, por enquanto, eram vitoriosos; nascidos e fortes. Seu primeiro e maior obstáculo fora vencido; as outras batalhas ainda estavam por vir.

Atravessando o corredor, havia outra área, com um berçário menor. Dentro dele, silenciosos e separados, cada um numa incubadora, estavam os bebês prematuros: estes eram os que tinham um começo incerto, uma existência ainda não garantida; o primeiro encontro ainda não fora ganho. Afastando-se do berçário principal, foi no menor que o Dr. Dornberger entrou.

Quando olhou para seu novo paciente, um mínimo fragmento de insegura humanidade, apertou os lábios e sacudiu a cabeça, duvidoso. Então, metodicamente, como sempre, prescreveu cuidadosas instruções do tratamento a ser seguido.

Mais tarde, quando o Dr. Dornberger saía por uma porta, a enfermeira Wilding e John entravam pela outra.

Como todos os que se aproximam de um berçário de prematuros, tinham vestido aventais esterilizados e posto máscaras no rosto, embora um vidro os separasse do interior refrigerado e com umidade controlada. Quando pararam, Mrs. Wilding inclinou-se para a frente e bateu levemente no vidro. Uma enfermeira mais jovem, lá dentro, levantou os olhos e veio na direção deles, com os olhos inquisitivos por cima da máscara.

— O bebê Alexander. — A enfermeira Wilding levantou a voz o bastante para ser ouvida pela outra, depois apontou para John. A moça lá dentro concordou e fez um sinal para que andassem. Eles a seguiram ao longo do vidro e pararam. Então ela apontou para uma incubadora, uma entre as doze que o berçário tinha, e virou-a um pouco para que pudessem olhar lá para dentro.

— Meu Deus! É só isso? — A exclamação escapou de John, assim que se formou em sua mente.

O olhar da enfermeira Wilding foi cheio de simpatia. — Não é muito grande, não é mesmo? John olhava como se não acreditasse no que via: — Nunca tinha visto nada tão... incrivelmente pequeno!

Ficou olhando para dentro do compartimento. Seria isso humano? esta pequenina, enrugada, simiesca criatura, pouco maior que suas próprias mãos?

O bebê estava perfeitamente imóvel, olhos fechados, e só um pequeno movimento regular de seu peitinho atestava sua respiração. Até na incubadora, desenhada para as crianças pequeníssimas, o pobre corpinho abandonado parecia perdido e desamparado. Parecia incrível que em tal fragilidade pudesse existir alguma vida.

A enfermeira mais jovem saíra para juntar-se a eles. Wilding perguntou:

— Qual foi o peso ao nascer?

— Um quilo e meio. O senhor entende o que se está passando, Mr. Alexander, a maneira como seu bebê está sendo cuidado?

Ele sacudiu negativamente a cabeça. Não conseguia tirar os olhos, nem por um instante, daquela criancinha. A jovem enfermeira disse de um modo profissional:

— Algumas pessoas gostam de saber. Parece que acham que ajuda.

John concordou:

— Sim, se puder dizer-me. Obrigado. A enfermeira apontou para a incubadora:

— A temperatura lá dentro é sempre de trinta e sete graus. Há oxigênio acrescentado ao ar, cerca de quarenta por cento. O oxigênio torna a respiração do bebê mais fácil. Seus pulmões são tão pequenos, o senhor sabe. Não estavam bem desenvolvidos quando nasceu.

— Sim. Compreendo. — Seus olhos voltaram para o fraco movimento de pulsação do peito. Enquanto continuasse, significaria que havia vida, que o sobrecarregado coraçãozinho estava batendo, sem ter rompido o tênue fio de sobrevivência.

A enfermeira continuou:

— Seu bebê não é bastante forte para mamar, então temos de usar entubação. Vê o pequeno tubo? — Ela apontou para uma corda plástica, oca no centro, que ia do topo da incubadora para dentro da boca da criança. — Atinge diretamente o estômago. Pelo tubo ela recebe dextrose e água, cada hora e meia.

John hesitou. Depois perguntou: — A senhora já viu muitos casos assim?

— Já. — A enfermeira concordou gravemente, como se adivinhasse a pergunta que se seguiria.

Ele reparou que ela era pequena e bonita, com um cabelo vermelho arrumado por baixo de sua touca. Era surpreendentemente jovem também; talvez vinte anos, não mais, certamente. Mas tinha um ar de competência profissional.

— Acha que ele vai viver? — Olhou outra vez através da parede de vidro.

— Nunca se sabe. — A testa da enfermeira estava franzida. Sentiu que ela tentava ser honesta, não destruindo suas esperanças, mas sem querer alimentá-las. — Alguns vivem; outros não. Algumas vezes parece que certos bebês têm vontade de viver. Lutam pela vida.

Ele perguntou:

— Esse aí está lutando?

— É ainda cedo para saber — respondeu cautelosamente. — Mas aquelas oito semanas teriam feito muita diferença. — Acrescentou baixinho: — Esta luta vai ser dura.

Novamente ele deixou seus olhos caírem na pequena figura. Pela

primeira vez o pensamento ocorreu-lhe: "Este é meu filho, meu próprio filho, uma parte de minha vida". Subitamente foi possuído por uma sensação poderosa de amor por aquela frágil coisinha, lutando sua batalha solitária, dentro da caixa pequena e aquecida. Sentiu um desejo absurdo de gritar através do vidro: "Você não está só, meu filho; estou aqui para ajudá-lo". Queria correr para a incubadora e dizer: "Estas são as minhas mãos; tome-as para fortalecer-se. Aqui estão meus pulmões; use-os e deixe-me respirar por você. Mas não desista, meu filho, não desista. Há tanta coisa pela frente, tanta coisa que poderemos fazer juntos; basta que você viva!

Escute-me e não desista. Sou seu pai e gosto de você!"

Sem se controlar, suas lágrimas corriam. Sentiu a mão da enfermeira Wilding no seu braço. Sua voz disse gentilmente:

— É melhor nós irmos agora.

Ele concordou, incapaz de falar. Então, com um último olhar para trás, afastaram-se.

Lucy Grainger bateu e entrou no escritório do patologista. Joe Pearson estava atrás de sua mesa, David Coleman, num canto afastado da sala, examinava um arquivo. Virou-se quando Lucy entrou:

— Já estou com as novas radiografias — disse Lucy —, as de Vivian Loburton.

— O que revelaram? — Pearson na mesma hora ficou interessado. Empurrou alguns papéis para o lado e levantou-se.

— Quase nada, acho eu. — Lucy fora até o visor de raios X que estava na parede do escritório e os dois homens a seguiram: depois de um segundo ou dois, as luzes fluorescentes do visor acenderam-se.

Dois de cada vez, examinaram e compararam as radiografias. Lucy

salientou, como o Dr. Bell já fizera na Radiologia, a área de reação periostal criada pela biopsia. Não havia nenhuma outra mudança, comentou.

No fim, Pearson, pensativo, esfregou o queixo com o polegar e o indicador. Olhando para Coleman, disse:

— Acho que sua ideia não deu certo.

— Aparentemente não. — Coleman conservou sua voz indiferente. Apesar de tudo, permanecia a pergunta e uma divisão de opinião.

Ficou a imaginar o que faria o outro homem.

— Valeu a pena tentar. — Pearson tinha um jeito de fazer a declaração mais comum parecer uma queixa, mas Coleman adivinhava que desta vez estava falando para ganhar tempo e para encobrir sua indecisão.

Então o velho virou-se para Lucy. Quase ironicamente disse: — Quer dizer que a Radiologia foge. Ela respondeu serenamente: — Suponho que se pode dizer assim.

— E deixa comigo, com a Patologia? — Sim, Joe — disse ela, calma, esperando.

Passaram dez segundos de silêncio antes que Pearson falasse outra vez. Então disse clara e seguramente:

— Meu diagnóstico é que sua paciente tem um tumor maligno: sarcoma osteogênico.

Lucy olhou-o nos olhos: — Isto é definitivo?

— É definitivo. — Na voz do patologista não havia um pingão de dúvida ou de hesitação. Continuou: — De qualquer modo, tive certeza desde o começo. Pensei que estas — indicou as radiografias — dessem alguma confirmação extra.

— Está bem. — Lucy aceitou. Sua mente estava agora estudando as coisas mais imediatas a fazer.

Pearson perguntou, como por acaso:

— Quando vai amputar?

— Acho que amanhã de manhã. — Juntou as radiografias e dirigiu-se para a porta. Quando seu olhar caiu em Coleman, disse: — É melhor eu ir dar a notícia. — Fez uma pequena careta. — E essa notícia é uma das piores.

Quando a porta se fechou, Pearson virou-se para Coleman. Disse com surpreendente cortesia:

— Alguém tinha de decidir. Não pedi sua opinião porque não podia deixar que todos soubessem que havia dúvidas. Se Lucy Grainger desconfiasse disso, não teria escolha senão dizer à moça e a seus pais. E assim que soubessem, iam querer adiar. As pessoas sempre agem assim; não se pode culpá-las. — Fez uma pausa, depois acrescentou: — Não preciso lhe dizer o que um atraso causa a um sarcoma osteogênico.

Coleman concordou. Não achava errado Pearson ter tomado uma decisão. Como o velho tinha dito, alguém tinha de fazê-lo. Entretanto, refletiu se a amputação a ser feita amanhã seria necessária ou não. Eventualmente, é claro, saberiam com certeza. Quando o membro cortado viesse para o laboratório, a dissecação mostraria se o diagnóstico "maligno" estava certo ou errado. Infelizmente, entretanto, um erro descoberto então seria tarde demais para fazer qualquer bem ao paciente. A cirurgia aprendera muitas maneiras de amputar membros com sucesso, mas não conhecia processo algum de recolocá-los.

O avião que fizera o voo da tarde de Burlington aterrissou no Aeroporto de La Guardia um pouco depois das quatro horas, e do aeroporto, Kent O'Donnell pegou um táxi para Manhattan. A caminho da cidade, reclinou-se e descansou pela primeira vez em muitos dias. Sempre tratava de relaxar nos táxis de Nova York, principalmente porque qualquer tentativa de observar o tráfego ou seu progresso por dentro dele geralmente deixava-o num estado de grande tensão nervosa. Há muito que tinha resolvido que a atitude



correta era adotar o fatalismo; preparar-se para um desastre; então, se nada acontecesse, congratular-se por sua imensa sorte.

Outra razão para relaxar era porque na semana passada trabalhara a toda pressão, não só no hospital como fora dele. Aumentara suas horas de consultas e programara operações extras, para tornar possível esta ausência do Três Condados por quatro dias.

Também há dois dias presidira uma reunião extraordinária da equipe médica do hospital, na qual — ajudado por uma agenda preparada por Harry Tomaselli — revelara a sugerida escala de donativos, para o fundo da construção do hospital, para os médicos permanentes e os outros. Como esperara, muitos resmungaram, mas não tinha dúvidas de que as garantias e eventualmente o dinheiro estariam por vir.

Apesar de seu alheamento mental, O'Donnell estava consciente da atividade de Nova York lá fora; a linha familiar dos arranha-céus no horizonte de Manhattan aproximava-se. Passavam sobre a ponte Queensborough; o sol quente da tarde arremessava dardos através das vigas verdes sem brilho, e, mais abaixo, podia ver Welfare Island, com seus hospitais sombriamente atarracados, no cinzento East River. Pensou que em cada vez que via Nova York sua feiúra parecia maior, sua desordem e sujeira mais evidentes. E no entanto, até para os que não eram de Nova York, depois de um certo tempo, essas coisas tornavam-se confortáveis e familiares, parecendo dar as boas-vindas aos viajantes, como se uma roupa velha e usada fosse o suficiente para receber amigos. Sorriu, depois repreendeu-se por não ter pensamentos condizentes com a medicina, da espécie que compreendia o controle do ar poluído e remoções de favelas. Sentimentalismo, refletiu, era uma ajuda e um conforto para os antiprogressistas.

Passaram a ponte, e ao longo da Rua 60 para Madison, depois lentamente um quarteirão, virando a oeste na Rua 59. Na Sétima Avenida e no Central Park, foram à esquerda do tráfego e pararam quatro quarteirões abaixo, no Park Sheraton Hotel. Ele se registrou no hotel e mais tarde, no seu quarto, tomou um banho de chuveiro e

mudou de roupa. De sua mala tirou o programa do Congresso de Cirurgias — razão ostensiva de sua presença em Nova York. Viu que havia três sessões que gostaria de ouvir; duas sobre cirurgia de coração aberto, e uma terceira sobre substituição de artérias doentes por enxertos. Mas a primeira só seria às onze horas da manhã seguinte, o que lhe dava muito tempo. Olhou para seu relógio.

Era um pouco antes das sete, mais de uma hora para seu encontro com Denise. Pegou o elevador para descer e andou devagar do saguão ao Pyramid Lounge.

Era a hora do coquetel e o lugar estava começando a se encher com os grupos de antes do cinema e teatro; a maioria desconfiava, como ele mesmo, que era de fora da cidade. Um maître-d'hotel levou-o a uma mesa e, quando para lá se dirigiam, uma atraente loura, sentada sozinha, olhou-o interessada. Não era uma experiência nova, e no passado incidentes semelhantes às vezes o tinham levado a interessantes resultados. Mas essa noite pensou: "Sinto muito, tenho outros planos". Um garçom recebeu a encomenda de uísque e soda, e quando veio bebeu-o lentamente, sua mente vagando, à vontade, sobre pensamentos indefinidos.

Momentos como esse, refletiu, eram raros demais em Burlington. Por essa razão era bom sair um pouco; aguçava seu sentido de perspectiva, fazia com que se compreendesse que coisas que parecem muito importantes no seu meio ambiente eram bem menos quando vistas a distância. Ultimamente suspeitava de que sua maior proximidade com os assuntos do hospital tinha desequilibrado alguns de seus pensamentos. Olhou à sua volta. Desde que chegara a sala se tinha enchido; os garçons se apressavam para trazer as bebidas que os três *bartenders* entregavam; um ou dois dos grupos que já se encontravam lá quando chegara estavam saindo. Quantas dessas pessoas, imaginou, o homem e a moça na mesa ao lado, o garçom perto da porta, os quatro do grupo que saía, já teriam ouvido falar do Hospital de Três Condados, e, se já o tivessem, quem se incomodaria com o que acontecia por lá? E no entanto, para ele, ainda ultimamente, os

assuntos do hospital pareciam ter-se tornado o alento da vida. Seria isso um sintoma de doença? Seria uma coisa boa, profissionalmente falando? O'Donnell sempre desconfiara de pessoas dedicadas; elas tendem a ficar obcecadas, com o julgamento prejudicado pelo entusiasmo da causa. Estaria ele ameaçado agora de tornar-se um desses?

O caso de Joe Pearson, por exemplo. Teria a proximidade de O'Donnell na cena feito com que agisse errado? Que fora necessário contratar um segundo patologista para o hospital, disto tinha certeza. Mas teria ele criticado o velho médico indevidamente, aumentando as fraquezas de sua organização — e todos os departamentos do hospital tinham umas poucas — fora da exata medida? Por uns tempos O'Donnell pensara até em pedir a Joe Pearson que se aposentasse; seria isso um sintoma de julgamento suspeito, uma apressada condenação de um homem mais velho por um homem mais jovem? Naturalmente fora antes de Eustace Swaine estabelecer claramente que seu quarto de milhão de dólares dependia de Joe Pearson permanecer à testa de seu departamento, na Patologia; Swaine, por falar nisso, não confirmara a oferta. Mas O'Donnell sabia que seu critério era superior a tais considerações, não importa quão importantes fossem. Por todas as probabilidades, Joe Pearson tinha muito a dar a Três Condados ainda; sua experiência acumulada certamente tinha valor. Era verdade, decidiu, um julgamento melhora quando se está longe, mesmo que se tenha que procurar um bar, para poder pensar com calma. Um garçom parou na mesa.

— Mais um, senhor?

O'Donnell sacudiu a cabeça.

— Não, obrigado.

O homem trouxe a conta. O'Donnell acrescentou a gorjeta e assinou.

Eram sete e trinta quando saiu do hotel. Ainda havia tempo para gastar, e ele andou pela cidade, da Rua 55 até a Quinta Avenida. Então, fazendo sinal para um táxi, disse o endereço que Denise lhe

dera. O motorista parou perto da Rua 86, na frente de um edifício de apartamentos de pedra cinza. O'Donnell pagou o táxi e entrou.

Foi cumprimentado por um porteiro uniformizado na entrada. O homem perguntou seu nome, depois consultou uma lista. Disse:

— Mrs. Quantz deixou um recado, dizendo-lhe para subir, por favor, senhor. — Dirigiu-se para o elevador; um cabineiro identicamente uniformizado ficou a seu lado.

— É na cobertura, senhor, no vigésimo. Direi a Mrs. Quantz que o senhor subiu.

No vigésimo andar as portas do elevador abriram-se silenciosamente sobre um espaçoso e atapetado hall. Ocupando a maior parte de uma parede estava uma grande tapeçaria Gobelin, representando uma caçada. No lado oposto havia duplas portas de carvalho, trabalhadas, que se abriram, e onde um empregado apareceu. Disse:

— Boa noite, senhor. Mrs. Quantz pediu que lhe indicasse a sala de estar. Ela virá num momento.

Seguiu o homem por um segundo hall e para dentro de uma sala de estar quase tão grande quanto todo o seu apartamento em Burlington. Estava decorada em tons de bege, marrom e coral, um grupo de poltronas entremeadas por mesinhas de nogueira, o rico tom escuro, simples, fazendo contraste com o felpudo tapete bege-pálido. A sala de estar dava para um terraço com piso de lajes, e ele podia ver além os últimos raios do crepúsculo.

— Posso servir-lhe alguma coisa? — perguntou o copeiro.

— Não, obrigado — respondeu. — Esperarei por Mrs. Quantz.

— Não vai precisar esperar — disse uma voz e Denise entrou.

Veio na direção dele com as mãos estendidas.

— Kent, querido, como estou contente em vê-lo.

Por um instante ele a olhou. Então disse devagar:

— Eu também. — Acrescentou sinceramente: — Até este momento não tinha pensado o quanto.

Denise sorriu e inclinou-se para beijar seu rosto, levemente. O'Donnell teve um súbito impulso de tomá-la nos braços, mas controlou-se.

Ela era bem mais bonita do que ele se lembrava, com uma alegria que o deixava sem ar. Seu vestido de noite, curto, saia rodada de renda preta sobre um forro de seda preta, a renda perto dos ombros acentuando a visão da pele muito alva por baixo. À sua cintura, uma única rosa vermelha.

Ela soltou uma de suas mãos e com a outra conduziu-o ao terraço. O copeiro os tinha precedido, carregando uma bandeja de prata com copos e um misturador de coquetéis. Então sumiu discretamente.

— Os martínis já estão prontos. — Denise olhou para O'Donnell inquisitivamente. — Se preferir outra coisa, posso mandar vir.

— Martini está ótimo.

Denise serviu dois copos e entregou-lhe um. Ela sorria, com os olhos cheios de carinho. Seus lábios disseram suavemente:

— Bem-vindo a Nova York, deseja o comitê de uma pessoa só.

Ele provou o martíni, gelado e seco. Disse alegremente:

— Por favor, agradeça ao comitê.

Por um breve momento os olhos dela encontraram os dele. Então, pegando seu braço, ela se dirigiu pelo terraço até a baixa balaustrada que marcava seu final.

O'Donnell perguntou:

— Como está seu pai, Denise?

— Está bem, obrigada. Entrincheirado como um verdadeiro "durão" que não entrega os pontos, naturalmente, mas em boa saúde. Às vezes acho que nos enterrará a todos — acrescentou. — Gosto muito dele.

Tinham parado e olhavam para baixo. Escurecia, uma quente e macia penumbra de verão, e as luzes de Nova York começavam a reluzir. Nas ruas lá embaixo a confusão do tráfego era firme e intensa, pontuada por sons estridentes dos ônibus diesel e o barulho das buzinas impacientes. Do outro lado, no horizonte esmaecido na sombra, estava Central Park, onde só esparsos postes de iluminação marcavam as alamedas. Mais além, as ruas do lado oeste confundiam-se no escuro com o rio Hudson; e sobre o rio, as pequeninas luzes das embarcações eram um elo entre a escuridão e a distante e brilhante margem de Nova Jersey. Na parte alta da cidade, O'Donnell podia ver a ponte George Washington, com seus possantes refletores formando uma corrente de contas brancas, reluzentes, e mais abaixo os faróis dos automóveis em várias filas, deslizando pela ponte, afastando-se da cidade. O'Donnell pensou: "Pessoas indo para casa"

Uma brisa quente e suave passou à volta deles e ele sentiu a proximidade de Denise. Sua voz soou delicadamente:

— É bonito, não é? Mesmo quando se sabe que por baixo das luzes há coisas odiosas e erradas, mesmo assim é belo. Adoro isso tudo, principalmente a essa hora do crepúsculo.

Ele perguntou:

— Alguma vez já pensou em voltar? Quero dizer, para Burlington? — Para morar?

— Sim.

— Não se pode voltar — disse Denise serenamente. — Foi uma das coisas que aprendi. Oh, não quero dizer só Burlington, mas tudo o mais; tempo, pessoas, lugares. Podem-se rever ou renovar conhecimentos, mas nunca mais é a mesma coisa; fica uma sensação de estar sobrando, de simples passantes; não pertencemos mais ao lugar de onde um dia saímos. — Fez uma pausa. — Agora pertença a este. Não creio que jamais possa deixar Nova York. Estou sendo irreal demais?

— Não — respondeu ele. — Está sensata demais. Sentiu a mão dela

em seu braço.

— Vamos tomar mais um coquetel — disse ela — depois pode me levar para jantar.

Mais tarde foram para a Maisonette, um night club discreto e agradavelmente decorado, na Quinta Avenida. Jantaram, dançaram e agora estavam de volta à mesa.

— Quanto tempo vai ficar em Nova York? — Tenho de voltar daqui a três dias — respondeu ele.

Ela inclinou a cabeça. — Por que tão cedo?

— Sou um trabalhador — sorriu ele. — Meus pacientes esperam que eu esteja por lá, e há um monte de assuntos do hospital para resolver.

Denise disse:

— Acho que vou sentir sua falta.

Ele pensou um momento, depois olhou para ela. Sem preliminares, disse:

— Você sabe que nunca me casei. — Sei — concordou ela, séria.

— Tenho quarenta e dois anos — disse ele. — Com essa idade, vivendo sozinho, adquirem-se hábitos e modos de viver que podem ser difíceis de mudar, ou difíceis para outra pessoa aceitar. — Fez uma pausa. — O que estou querendo dizer, suponho, é que eu posso ser desagradável para viver com alguém.

Denise cobriu a mão dele com a sua.

— Kent, querido, quer esclarecer uma coisa? — Tinha o mais doce sorriso. — Isso é por acaso um pedido de casamento?

O'Donnell ria francamente; sentia-se absurdamente, exuberantemente garoto.

— Agora que você falou nisso — disse —, acho que é.

Houve um minuto de silêncio, antes que Denise respondesse, e,

quando falou, Kent sentiu que ela estava tentando ganhar tempo.

— Fico muito envaidecida, mas você não está sendo um pouco apressado? Afinal de contas, mal nos conhecemos.

— Eu amo você, Denise — disse ele simplesmente. Sentiu que ela o olhava intensamente.

— Eu poderia amá-lo também — disse. Depois acrescentou, falando devagar e escolhendo as palavras: — Neste momento tudo em mim grita para dizer sim e agarrá-lo, meu amor, com ambas as mãos. Mas uma voz sussurra cautela. Quando se falha uma vez, sente-se a necessidade de tomar cuidado para não errar novamente.

— Sim — disse ele. — Posso entender isso.

— Nunca concordei — ela continuou — com a ideia tão em voga de perder parceiros e rapidamente esquecer, assim como se toma um comprimido para dor de cabeça. Esta é uma das razões, suponho, porque não pedi divórcio.

— O divórcio seria difícil?

— Acredito que não. Acho que poderia ir até Nevada para arranjar isto, ou outro lugar semelhante. Mas o problema é que você está em Burlington e eu em Nova York.

Ele perguntou cuidadosamente:

— Você estava realmente sendo sincera, Denise, quando falou em não querer viver em Burlington?

Ela pensou antes de responder.

— Sim. Acho que sim. Não poderia viver lá, para sempre. Não adianta fingir, Kent, eu me conheço muito bem.

Um garçom chegou com o café e encheu as xícaras.

O'Donnell disse:

— Sinto uma súbita necessidade de ficarmos sozinhos, os dois.

Denise disse suavemente: — Por que não vamos?



Ele pediu a conta, pagou e depois ajudou Denise a vestir a capa. Lá fora um porteiro chamou um táxi e O'Donnell deu o endereço do apartamento da Quinta Avenida. Quando estavam de volta, Denise disse:

— Esta é uma pergunta muito egoísta, mas você já pensou em mudar seu consultório para Nova York?

— Sim — respondeu ele. — Estava pensando nisso agora mesmo.

Ainda estava refletindo quando entraram no edifício de apartamentos e subiram no elevador. Desde que Denise fizera a pergunta, ele se examinava. "Por que não viria eu para Nova York? Há ótimos hospitais; esta é uma cidade médica." Não seria difícil entrar numa equipe. Montar um consultório seria relativamente fácil; sua ficha, assim como os amigos que tivera em Nova York, dariam as referências necessárias. Raciocinou: "O que realmente me mantém amarrado a Burlington? Então minha vida pertence àquele lugar, agora e para sempre? Não estaria na hora de uma mudança? De novas relações? Não sou casado com o Hospital de Três Condados, nem sou indispensável. Há coisas de que vou sentir falta; a sensação de criar, de construir e as pessoas com quem trabalho. Mas já fiz muito; ninguém poderá negar isto. E Nova York quer dizer Denise.

Não valeria a pena?"

No vigésimo andar, Denise usou sua própria chave para que entrassem; não havia sinal do empregado que O'Donnell vira antes.

Como se estivessem combinados, foram para o terraço. Denise perguntou:

— Kent, quer um drinque?

— Talvez mais tarde — disse ele, e foi na direção dela. Ela se encostou nele e seus lábios uniram-se. Foi um beijo demorado. Os braços dele apertavam-na, e sentiu que o corpo dela correspondia ao seu. Então, gentilmente, ela parou com o abraço.

Meio de costas, disse:

— Há tantas coisas em que pensar. — Sua voz estava apreensiva. — Há mesmo? — O tom dele era descrente.

— Muita coisa que você não sabe sobre mim — disse Denise. — Uma delas é que sou horrivelmente possessiva. Sabia disso?

Ele respondeu:

— Isso não parece ser horrível.

— Se fôssemos casados — ela continuou —, queria ter você todo, não uma parte somente. Nada posso fazer. Não gostaria de repartir você nem mesmo com o hospital.

Ele riu:

— Acho que conseguiríamos levar avante nosso compromisso. Outras pessoas conseguem.

Ela se voltou na direção dele.

— Quando você fala assim, eu quase acredito. — Denise fez uma pausa. — Vai voltar a Nova York novamente, em breve?

— Sim.

— Quando?

— Sempre que me chamar.

Como por instinto, ela se dirigiu para ele e outra vez beijaram-se, agora com crescente paixão. Então houve um barulho por trás deles e uma réstia de luz veio de uma porta aberta para a sala de estar. Denise afastou-se delicadamente e um instante depois uma figura de pijama entrou no terraço. Uma voz disse:

— Pensei que ouvira alguém conversando.

— Imaginei que estivesse dormindo — falou Denise. — Este é o Dr. O'Donnell. — Então, para O'Donnell: — Esta é minha filha Philippa.

— Acrescentou afetuosamente: — Uma metade dos meus impossíveis gêmeos.

A menina olhou para O'Donnell com franca curiosidade. — Olá —

disse. — Eu o conheço muito de nome.

O'Donnell lembrava de Denise ter dito que seus filhos tinham dezessete anos. Ela parecia pequena para a idade, seu corpo só agora começava a ganhar formas. Mas andava com uma graça e com uma classe estranhamente iguais às da mãe.

— Olá, Philippa — respondeu. — Desculpe tê-la acordado.

— Eu não consegui dormir, então fiquei lendo. — A mocinha olhou para o livro na sua mão. — É Herrick. Já o leu?

— Não creio — declarou O'Donnell. — A verdade é que não havia muito tempo para poesia na Universidade, e desde então nunca mais pude tratar disso.

Philippa pegou o livro e o abriu.

— Há uma coisa aqui para você, mamãe. — Leu os versos de maneira atraente, com grande sentimento, ritmo e leveza:

A idade jovem é a melhor; O sangue é mais ardente.

Tendo passado, sempre um pior Tempo vem, não tão clemente.  
Portanto, avante! Não se acovarde!

Podendo, vá casar,

Pois amanhã já será tarde,

Só resta lamentar.

— Entendi a deixa — disse Denise. Virando-se para O'Donnell: — Devo dizer-lhe, Kent, que meus filhos estão sempre querendo que eu case.

— Simplesmente achamos que é a melhor coisa para você — apartou Philippa, pousando seu livro.

— Eles o fazem querendo bancar os práticos — continuou Denise. — Na realidade, são revoltantemente sentimentais. — Virou-se para Philippa: — Que é que você acharia se me casasse com o Dr. O'Donnell?

— Ele a pediu? — O interesse de Philippa foi instantâneo. Sem esperar resposta, exclamou: — E é claro que vai aceitar!

— Depende, querida — disse Denise. — Há, é certo, uma coisa sem importância chamada divórcio para ser arrumada.

— Oh, aquilo! Papai sempre foi tão ilógico exigindo certas condições. Mas afinal de contas, por que têm de esperar? — Encarou O'Donnell. — Por que vocês não vivem juntos? Então já teriam a evidência arrumada e mamãe não precisaria ir para um daqueles horríveis lugares, como Reno.

— Há momentos — disse Denise — em que tenho graves dúvidas sobre o valor da educação moderna. Bem, agora chega. — Deu um leve passo em direção a Philippa. — Boa noite, querida.

— Oh, mamãe — disse a menina. — Às vezes você é tão antediluviana.

— Boa noite, querida — disse Denise firmemente. Philippa virou-se para O'Donnell: — Acho que tenho que ir.

Ele disse:

— Foi um prazer, Philippa.

A menina chegou perto dele. Disse com simplicidade:

— Se você vai ser meu padrasto, acho que está certo eu o beijar.

Ele respondeu:

— Por que não tentamos? Seja qual for o futuro.

Inclinou-se para ela e ela o beijou nos lábios. Depois afastou-se. Deu um leve sorriso e disse:

— Você é simpático. — Philippa aconselhou Denise: — Mamãe, faça o que fizer, não perca esse.

— Philippa! — Desta vez o tom de disciplina não dava margens a dúvidas.

Philippa riu e beijou sua mãe. Acenando, pegou seu livro de poesias

e saiu.

O'Donnell encostou-se na parede do terraço e deu uma gargalhada. Neste momento sua vida de solteiro em Burlington parecia incrivelmente vazia e monótona, e a perspectiva da vida com Denise em Nova York, mais interessante e atraente.

## XVIII

A amputação da perna de Vivian começou precisamente às oito e trinta da manhã. A pontualidade nas salas de operação era algo em que O'Donnell insistira quando viera para Três Condados, como chefe da Cirurgia, e a maioria dos cirurgiões cumpria o regulamento.

A operação não era complicada, e Lucy Grainger não contava com problemas, a não ser os de rotina. Já planejava amputar o membro bem acima do joelho, na parte mais alta do fêmur. No começo pensara em desarticular a perna no quadril, na crença de que isso daria maiores probabilidades de evitar o desenvolvimento maligno do tumor. Mas aí a desvantagem seria a extrema dificuldade de mais tarde adaptar uma perna artificial ao inadequado coto. Por causa disso, decidira deixar um pedaço da coxa intato.

Planejara também onde cortaria as bordas para que a carne cobrisse o coto adequadamente. Na realidade, fizera isso na noite passada, programando as incisões na sua mente, enquanto deixava Vivian acreditar que estava fazendo outro exame de rotina.

Isto acontecera depois de dar a notícia a Vivian, naturalmente; uma triste e tensa entrevista, na qual a princípio a moça estivera de olhos secos e controlada, mas depois, não aguentando mais, agarrara-se a Lucy, e seus desesperados soluços que provavam que as últimas barreiras da esperança tinham-se desmoronado. Lucy, embora acostuada pelo treino e hábito a ser impassível e sem emoção nesses momentos, sentira-se profundamente comovida.

A entrevista com os pais em seguida, e mais tarde quando o jovem Dr. Seddons a procurara, tinha sido menos pessoal, mas ainda assim desagradável. Lucy supunha que nunca isolaria inteiramente seus próprios sentimentos pelos pacientes da maneira como os outros médicos conseguiam fazer, e algumas vezes tinha de admitir que

seu aspecto imperturbável era somente uma pose, por ser muito necessária. Não havia pose, entretanto, na sua serenidade aqui, na sala de operação; era um lugar onde isso era essencial, e agora ela estava fria e sem sentimentos pessoais, examinando as imediatas necessidades cirúrgicas.

O anestesista à cabeceira da mesa de operações já dera permissão de começar. Por alguns minutos o assistente de Lucy — hoje um dos internos do hospital — segurara para cima a perna que seria removida, para permitir que o sangue parasse o mais depressa possível. Então Lucy começou a colocar na posição um torniquete pneumático, na parte superior da coxa, deixando-o solto, no momento.

Sem que pedisse, a instrumentadora entregou as tesouras por sobre a mesa e Lucy começou a cortar as ataduras, que cobriam a perna, desde que fora depilada e pintada de hexaclorofeno, na noite anterior. As ataduras caíram e a enfermeira de sala levantou-as do chão.

Lucy olhou para o relógio. A perna fora mantida alta, quase vertical, por cinco minutos, e a carne tinha uma aparência lívida.

O interno mudou de mão e ela lhe perguntou: — Os braços estão ficando cansados? Ele sorriu por baixo da máscara.

— Não gostaria de ter que fazer isso durante uma hora.

O anestesista estava ao lado do torniquete e olhava para Lucy inquisitivamente. Ela fez um sinal de aquiescência e disse:

— Sim, por favor.

O anestesista começou a bombear ar para dentro do torniquete de borracha, tirando a circulação da perna, e quando terminou o interno abaixou o membro até que descansasse horizontalmente, na mesa de operação. Juntos, o interno e a instrumentadora cobriram a paciente com um lençol verde esterilizado, até que só a parte da perna a ser operada ficasse exposta. Lucy então começou a preparação final, pintando a área cirúrgica com zéfiro alcoólico.

Hoje havia assistência na sala de operação, dois estudantes de medicina da universidade, e Lucy chamou-os mais para perto. A instrumentadora passou um bisturi e Lucy começou a arranhar a ponta do aço contra a carne exposta da coxa, falando enquanto trabalhava.

— Vocês não de reparar que marco os níveis das bordas arranhando primeiro a pele. Isto é para ter as linhas de demarcação.

Então ela começou a cortar mais profundamente, expondo a fascia logo abaixo da pele, com sua camada de tecido amarelo de gordura.

— É sempre importante deixar a borda da frente mais comprida que a de trás, para que depois a linha de sutura fique na parte posterior. Deste modo, o paciente não terá uma cicatriz bem na extremidade do coto. Se deixássemos uma cicatriz neste lugar, seria extremamente doloroso quando qualquer peso fosse colocado em cima.

Agora a carne já era cortada mais profundamente, as linhas de ambas as bordas definida pelo sangue que começara a jorrar. O efeito, na frente e atrás, era de duas fraldas de camisa, uma comprida, outra curta, que eventualmente seriam unidas e bem cosidas nas suas extremidades.

Usando o bisturi e trabalhando com movimentos curtos e firmes, Lucy começou a afastar a carne para cima, deixando aparecer a massa vermelha sanguínea do tecido interno.

— Afastador, por favor!

A instrumentadora entregou o pedido e Lucy colocou-o na posição, mantendo afastada a carne solta e cortada da camada imediatamente abaixo. Fez um sinal para o interno conservar o afastador no lugar, ele obedeceu e ela se dedicou a cortar mais profundamente através da primeira camada do músculo quadríceps.

— Dentro de um instante atingiremos as artérias principais; sim, elas aqui; primeiro o vaso femural.

Quando Lucy localizou o vaso femural, os dois estudantes de



medicina inclinaram-se atentos. Ela continuou calmamente, combinando a ação com as palavras:

— Vamos tentar livrar os vasos, tão alto quanto possível, depois puxá-los para baixo e amarrá-los para que se mantenham longe do coto.

A agulha que a instrumentadora passara dançava para dentro e para fora. Lucy amarrou os grandes vasos sanguíneos duas vezes para certificar-se de que estavam seguros e assim permaneceriam; qualquer hemorragia posterior nessa área seria catastrófica para o paciente. Então, estendendo a mão pedindo tesouras, recebeu-as e seccionou a principal artéria que fica no membro inferior. O primeiro passo irrevogável para a amputação fora dado.

O mesmo processo foi rapidamente seguido para as outras artérias e veias. Então, cortando novamente através do músculo, Lucy alcançou e expôs o nervo que corre para baixo paralelamente. Quando sua mão enluvada passou sobre ele, explorando-o, o corpo de Vivian mexeu-se subitamente na mesa e todos os olhares foram rapidamente para o anestesista, na cabeceira. Ele acalmou todos dizendo:

— A paciente está indo bem, não há problemas.

Uma de suas mãos estava contra a face de Vivian; ela estava pálida, mas sua respiração era profunda e regular. Seus olhos estavam abertos, mas sem enxergar; com a cabeça inteiramente para trás, sem estar inclinada para nenhum lado, o canto de seus olhos estava marejado de lágrimas derramadas inconscientemente.

— Seguimos o mesmo processo com o nervo, igual ao das artérias e veias; nós o puxamos para baixo, amarramos o mais alto possível, depois cortamos e deixamos que recue.

Lucy falava quase automaticamente, as palavras seguindo as mãos, pelo forte hábito de lecionar. Continuou calmamente:

— Sempre houve muita discussão entre os cirurgiões sobre a melhor maneira de tratar as pontas dos nervos, durante uma amputação. O

objetivo, naturalmente, é evitar a dor, depois, no coto.

Com decisão, deu um nó e fez sinal ao interno, que por sua vez cortou as extremidades da sutura.

— Uma porção de métodos já foram tentados; injeção de álcool, queimar a extremidade do nervo com um cauterizador elétrico; mas o método que seguimos hoje é ainda o mais simples e o mais largamente usado.

Lucy deu um olhar para o relógio na parede da sala de operação. Eram nove e quinze, quarenta e cinco minutos decorridos, desde que começaram. Desviou seus olhos, passando pelo anestesista.

— Ainda está tudo bem? O anestesista concordou.

— Não podia estar melhor, Lucy. É uma moça realmente saudável.

— Espirituosamente, perguntou: — Tem certeza de estar cortando a perna da paciente certa?

— Tenho.

Lucy nunca apreciava piadas na sala de operação, embora conhecesse cirurgiões que brincavam desde a primeira incisão até a sutura. Supunha que tudo era questão de ponto de vista. Talvez a leviandade de certas pessoas fosse um meio de encobrir sentimentos mais profundos e talvez não. De qualquer maneira, preferiu mudar de assunto. Começando a cortar os músculos da parte posterior da perna, perguntou ao anestesista:

— Como está sua família?

Lucy parou para usar um segundo afastador, para manter a carne longe de nova incisão.

— Está ótima. Vamos mudar para uma casa nova, na próxima semana.

— Oh, é mesmo! Onde? — Para o interno, disse: — Tente mantê-lo mais alto, por favor, desimpedindo o caminho.

— Somerset Heights. É um bairro novo, no lado norte. Os músculos detrás da perna estavam quase separados. Ela disse:

— Acho que já ouvi falar. Imagino como sua mulher deve estar contente.

Agora já se via o osso, o corte grande, vermelho, aberto. O anestesista respondeu:

— Ela está no sétimo céu, comprando tapetes, escolhendo cortinas e uma porção de outras coisas. Só há um problema.

Os dedos de Lucy percorreram o osso da perna, trabalhando e livrando os músculos vizinhos. Dirigindo-se aos estudantes, disse:

— Reparem que estou puxando os músculos, o mais longe possível, fora do caminho. Então poderemos cortar o osso bem em cima, para que depois fique coberto de músculos.

O interno estava tendo dificuldades em manter os músculos sobrepostos, com seus dois afastadores. Ela o ajudou a colocá-los na posição certa e ele murmurou:

— Na próxima vez que fizer isso, trarei minha terceira mão!

— Serra, por favor.

Novamente a instrumentadora estava a postos, colocando a serra de cortar osso na palma da mão que Lucy estendera. Para o anestesista, Lucy disse:

— Que problema é esse?

Colocando a lâmina do serrote o mais alto possível, Lucy começou a movimentá-lo com toques curtos e seguros. Ouviu-se o barulho monótono e penetrante do osso gemendo, à medida que os dentes do serrote mordiam suas entranhas. O anestesista respondeu:

— Estou pagando tudo.

Lucy riu:

— Temos então de mantê-lo mais ocupado; marcar várias operações.

Já havia serrado mais da metade do osso; era mais duro do que outros, mas, de um modo geral, os ossos das pessoas jovens eram sempre assim. De repente correu-lhe um pensamento: "Esse é um

momento trágico, e no entanto, aqui estamos nós, falando naturalmente, até brincando sobre assuntos variados. Em um segundo ou dois, não mais, esta perna estará cortada, e uma mocinha — pouco mais que uma criança — terá perdido para sempre uma parte de sua vida. Nunca mais poderá correr livremente, ou dançar, montar a cavalo, nadar ou amar desinibidamente. Talvez com esforço e ajuda mecânica, possa vir a fazer algumas dessas coisas; mas nunca mais será a mesma coisa; nunca tão alegre, livre e feliz como na plenitude da mocidade e com seu corpo inteiro. Este é o ponto principal da tragédia: aconteceu cedo demais".

Lucy parou. Seus dedos sensíveis diziam que o corte estava quase completo. Então, de repente, houve um barulho de rangido, seguido de um estalo; no último momento, sob o peso da coxa quase separada, o último fragmento de osso partira. O membro solto caiu sobre a mesa. Pela primeira vez, elevando a voz, Lucy disse:

— Pegue-o! Rápido!

Mas o aviso veio muito tarde. Enquanto o interno tentava pegar e não conseguia, a perna caiu da mesa de operação, batendo no chão.

— Deixe-a onde está! — gritou Lucy rapidamente, pois o interno, esquecido de que se assim fizesse perderia a esterilização, já se tinha abaixado para pegar a perna. Embaraçado, levantou-se.

A enfermeira de sala aproximou-se, pegou a perna e começou a embrulhá-la em gaze e papel. Mais tarde, junto com outros embrulhos contendo outros espécimes cirúrgicos, seria coletada por um mensageiro e enviada à Patologia.

— Segure o coto longe da mesa, por favor!

Lucy gesticulou para o interno, enquanto ele se movia à volta dela para obedecê-la. A instrumentadora tinha uma raspadeira pronta e Lucy pegou-a, procurando as pontas do osso que tinham ficado ásperas, quando ele se partira, e empregou aí a raspadeira. Mais uma vez disse aos estudantes:

— Lembrem-se sempre de deixar o fim do osso bem limpo,

certificando-se de que não fiquem pequeninos pontos; porque esses podem crescer, tornando-se muito dolorosos. — Sem levantar os olhos, perguntou: — Como estamos com o tempo?

O anestesista respondeu: — Já estamos a setenta minutos. Lucy devolveu a raspadeira.

— Muito bem — disse —, agora podemos começar a coser.

Vendo o fim chegar, começou a pensar com prazer no café que a esperava, na sala dos cirurgiões.

Mike Seddons literalmente suave, enquanto transcorria a operação de Vivian. Com os Loburton — os pais de Vivian tinham ficado em Burlington e planejavam permanecer mais algum tempo, por enquanto —, fora para uma das pequenas salas de espera, destinada aos parentes de pacientes de cirurgia.

Antes disso, de manhã cedo, quando o hospital começava a acordar, ele os encontrara na porta principal e os levara para visitar Vivian no quarto do hospital. Mas falaram pouco, Vivian, já meio tonta por causa do sedativo, que tomara, mal parecia perceber que eles estavam lá. Então, poucos minutos depois que chegaram, ela fora conduzida para o andar da cirurgia.

Agora, no interior incômodo da sala parcamente mobiliada, com suas cadeiras de couro desconfortáveis e mesinhas envernizadas, os três já tinham esgotado todos os assuntos mesmo os mais banais.

Henry Loburton, alto e forte, com seu pouco cabelo já grisalho, seu rosto enrugado, estava na janela olhando a rua, embaixo. Mike Seddons podia prever que, dentro de um minuto ou dois, o pai de Vivian sairia da janela, iria para uma das cadeiras de couro e, depois de algum tempo, levantar-se-ia e iria para a janela novamente. Era uma sequência que o velho seguia há mais de uma hora, um nervosismo que fazia com que Seddons desejasse, desesperadamente, que ele variasse um pouco, ou andasse mais depressa, ou de vez em quando mudasse o tempo de intervalo entre

as duas posições.

Em contraste, a mãe de Vivian ficara imóvel, até parecia não se ter mexido desde que chegaram ali. Escolhera uma cadeira de espaldar alto, de preferência a outras que pareciam ser mais confortáveis, e mantinha seu corpo ereto, de uma maneira tal que sugeria um hábito de autodisciplina consciente. Há algum tempo Angela Loburton olhava direto para a frente, seus olhos pareciam estar no infinito, suas mãos delicadamente cruzadas no colo. Hoje estava mais pálida que normalmente, mas como sempre sobressaíam as maçãs salientes de seu rosto, que lhe conferiam um ar de acentuada dignidade. Ao mesmo tempo, parecia frágil, porém indestrutível.

Desde seu primeiro encontro, alguns dias atrás, Mike Seddons várias vezes pensara em Mrs. Loburton. Sua emoção, seus sentimentos para com Vivian tinham sido menos aparentes que os de seu marido; no entanto, com o correr dos dias, Seddons notou que eram tão profundos quanto os dele, talvez mais ainda. Achava também que, apesar da aparente masculinidade do pai de Vivian, era sua mãe quem possuía o caráter mais forte, e que fora o rochedo no qual, durante os anos de casamento, seu marido se apoiara.

Seddons ficou imaginando como seria com ele e Vivian, nos anos que estavam para vir. No fim, qual dos dois provaria ser mais resoluto e mais resistente? Sabia que não havia duas pessoas iguais; nem em força de caráter ou de liderança, ou mesmo em capacidade de amar. Sabia, também, que a diferença de sexos pouco tinha a ver com isso, pois as mulheres geralmente são mais fortes do que os homens em mentalidade e coração, e que a masculinidade aparente, às vezes, não passa de uma falsa pose destinada a mascarar uma fraqueza interior.

Seria Vivian mais forte do que ele, seu caráter mais refinado, sua coragem mais firme? A pergunta lhe ocorrera na noite passada, e até agora persistia. Fora vê-la, quando a decisão de amputar a perna já tinha sido tomada, e Vivian já estava ciente do fato. Não a encontrara chorando, mas sim sorrindo.

— Entre, Mike, querido — dissera —, e por favor, não fique assim tão deprimido. A Dra. Grainger já me contou, e eu chorei muito. Agora, acabou, ou pelo menos estará acabado amanhã.

Ao ouvir essas palavras, ele sentiu seu amor por ela aumentar, abraçou-a, beijou-a apaixonadamente. Depois ela torceu seu cabelo afetuosamente, e, segurando seu rosto, olhou diretamente em seus olhos.

— Vou ficar só com uma perna, Mike — dissera —, para o resto de minha vida. Não serei mais a moça que você conheceu, nunca mais como conheceu e conhece agora. Se quiser desistir, eu compreendo.

Ele respondera com ênfase:

— Não fale assim!

— Por quê? — perguntou ela. — Tem medo de falar nisso?

— Não! — Era um protesto alto e firme, mas mesmo enquanto o fazia, sabia que era mentira. Tinha medo, tanto quanto desconfiava que Vivian não tinha, nem agora nem nunca mais.

Era um reflexo de Vivian, refletiu, o que podia ver agora em sua mãe; ou melhor, era ao contrário. Aquela força aí estava, inconfundível, em ambas. Poderia ele combiná-la com a sua própria? Pela primeira vez uma dúvida constrangedora o assaltou.

Mr. Loburton quebrara a rotina. Parara no meio entre a janela e a cadeira.

— Michael — disse —, já faz uma hora e meia. Será que ainda vão demorar muito?

Seddons viu que a mãe de Vivian também o olhava. Balançou a cabeça.

— Creio que não. A Dra. Grainger disse que viria aqui, em seguida.

— Parou, depois acrescentou: — Deveremos saber algo, muito breve.

## XIX

Introduzindo a mão pelas portinholas da incubadora, o Dr. Dornberger examinava o bebê Alexander. Tinham-se passado três dias e meio desde o seu nascimento, um fato que por si só teria tomado como promissor. Mas havia outros sintomas, cada vez mais aparentes, que Dornberger olhava com inquietação.

Ele demorou fazendo o exame, depois refletiu pensando as evidências, filtrando-as através de longos anos de experiência e inúmeros casos que já havia atendido. No fim, seu raciocínio confirmou o que o instinto já lhe havia dito; o prognóstico era desfavorável.

— Sabe — ele disse —, por algum tempo pensei que ele fosse resistir.

A jovem enfermeira encarregada dos bebês prematuros — a mesma que John Alexander havia visto dias antes — estava olhando ansiosa para Dornberger. Disse:

— A respiração dele estava normal até há uma hora atrás; depois foi enfraquecendo. Foi por isso que o chamei.

Uma estudante de enfermagem, do outro lado da incubadora, estava seguindo a conversa de perto, e seus olhos, por cima da máscara, iam do Dr. Dornberger para a enfermeira e vice-versa.

— Não, ele não está respirando bem — disse Dornberger lentamente. Continuou pensando alto, tentando ter certeza de que não se havia esquecido de nada: — Tem mais icterícia do que devia ter, e os pés parecem inchados. Diga-me mais uma vez como foi a contagem sanguínea.

A enfermeira consultou a tabela:

— Glóbulos vermelhos, quatro milhões e novecentos mil. Sete células vermelhas nucleadas por cem brancas.



Houve nova pausa; as duas enfermeiras olhavam Dornberger enquanto ele pensava a informação. No conjunto, havia muita anemia, embora pudesse ser uma reação exagerada de tipo normal. Alto, ele disse:

— Sabem, se não fosse aquele teste de sensibilização, eu diria que esta criança tem eritroblastose.

A enfermeira pareceu surpreendida. E disse:

— Certamente, doutor, mas... — e se controlou.

— Eu sei, isso não poderia acontecer. — Pegou a tabela. — De qualquer maneira, deixe-me ver o relatório do laboratório: o original, sobre o sangue da mãe.

Virando várias páginas, a enfermeira encontrou o formulário e tirou de lá o relatório que o Dr. Pearson havia assinado depois da discussão com David Coleman. Dornberger estudou-o meticulosamente, depois devolveu-o.

— Bem, pareceu-me bastante definitivo: sensibilização negativa.

Deveria ser definitivo, é claro; mas no fundo de sua cabeça havia uma dúvida trabalhando: estaria errado o relatório? "Impossível", disse a si mesmo, "o Departamento de Patologia nunca faria um erro desses." De qualquer maneira, decidiu que depois do serviço iria lá embaixo conversar com Joe Pearson.

Para a enfermeira, Dornberger disse:

— No momento não há mais nada a fazer. Se houver qualquer mudança avise-me, por favor.

— Sim, doutor.

Quando Dornberger saiu, a estudante perguntou:

— O que é isso que o doutor falou, eritro...? — ela não soube dizer a palavra.

— Eritroblastose é uma doença do sangue nos bebês. Acontece quando o Rh da mãe é negativo e o Rh do pai, positivo. — A jovem

enfermeira de cabelos vermelhos respondeu à pergunta cuidadosamente, mas com segurança, como fazia sempre. As estudantes gostavam de trabalhar com ela; além de ter a reputação de ser uma das mais hábeis enfermeiras, estava há pouco mais de um ano de seus dias de estudante, tendo-se graduado entre as primeiras numa classe de moças bem mais velhas. Sabendo disso, a estudante não hesitou em fazer-lhe perguntas.

— Pensei que quando isso acontecesse eles mudassem o sangue do bebê na hora do nascimento.

— Você quer dizer com transfusão?

— Sim.

— Isso acontece em alguns casos. — A enfermeira foi explicando pacientemente: — Depende do resultado do teste de sensibilização do sangue da mãe. Se é positivo, quer dizer que o menino nascerá com eritroblastose, e tem que ser feita a transfusão logo que o bebê nasce. Nesse caso, o resultado do laboratório foi negativo, portanto não houve necessidade de transfusão. — Depois acrescentou, pensativa, para si mesma: — São estranhos, no entanto, esses sintomas.

Desde a discussão que haviam tido dias atrás, o velho patologista não fazia nenhuma referência às atividades de David Coleman no laboratório de serologia. Coleman não fazia ideia do que queria dizer esse silêncio. Se ele tinha marcado um tento e ficaria diretamente responsável pela Serologia, ou se Pearson pretendia voltar ao ataque mais tarde. Nesse meio tempo, o jovem patologista habituou-se a ir regularmente ao laboratório e rever o trabalho que estava sendo feito. O resultado disso é que ele já estava formulando várias ideias para mudanças de processos, e algumas, as menores, já estavam sendo postas em prática nos últimos dois dias.

Entre ele e Carl Bannister, o velho técnico de laboratório, havia o que se pode chamar de paz armada. John Alexander, por sua vez, mostrava claramente que Coleman era bem-vindo ao laboratório, e

nos últimos dias havia feito algumas sugestões que Coleman aprovara.

Alexander tinha voltado ao trabalho no dia seguinte àquele em que sua mulher se internara no hospital, a despeito de uma sugestão mal-humorada, porém simpática, de Pearson, de que ele podia deixar de vir, se quisesse. Coleman ouviu Alexander dizer ao velho patologista:

— Eu lhe agradeço, doutor, mas se eu não trabalhar vou pensar demais, e não ajudaria muito. — Pearson concordou e disse que Alexander fizesse como quisesse, e que poderia subir para ver sua mulher e o bebê sempre que o desejasse.

Agora Coleman abriu a porta do laboratório de Serologia e entrou.

Encontrou Alexander no centro do banco, olhando por cima do microscópio, e em frente a ele uma mulher de avental branco, com seios enormes, que Coleman lembrava vagamente de já ter visto pelo hospital várias vezes desde a sua chegada.

Quando ele entrou, Alexander estava dizendo:

— Acho melhor a senhora perguntar ao Dr. Pearson ou ao Dr. Coleman. Entregarei meu relatório a eles.

— Que relatório é esse? — perguntou casualmente Coleman, e as duas cabeças se voltaram.

A mulher falou primeiro:

— Oh! doutor! — Olhou para ele, perguntando: — O senhor é o Dr. Coleman?

— Sim, sou.

— Sou Hilda Straughan. — Estendeu-lhe a mão e acrescentou: — Dietista-chefe.

— Muito prazer. — Enquanto ela lhe apertava a mão, ele notara fascinado como seus magníficos seios se mexiam com seu braço — uma ondulação, como o movimento de uma baleia. Confirmando

seus pensamentos, perguntou: — Há algum problema em que possamos ser úteis? — Sabia por experiência própria que dietista e patologistas normalmente trabalhavam juntos em questões de higiene alimentar.

— Nessas últimas semanas tem havido muitos casos de constipação intestinal — disse a dietista. — Principalmente entre o pessoal do hospital.

Coleman riu:

— Diga-me um hospital onde isso não acontece às vezes.

— Oh, eu sei! — Mrs. Straughan deu uma pequena indireta, não aprovando o tom de brincadeira. — Mas se a comida é a causa — e geralmente é —, gostaria de localizá-la, se possível. Então poderemos prevenir para que a mesma coisa não aconteça mais.

Havia um empenho no que dizia essa mulher, a quem Coleman já estava respeitando. Ele perguntou polidamente:

— A senhora tem alguma ideia?

— Sim, definitivamente. Desconfio da minha máquina de lavar pratos, Dr. C.

Por um momento Coleman espantou-se com a forma de tratamento. Então, recobrando-se, perguntou:

— Por quê? — Pelo canto do olho viu Bannister entrando na sala.

Agora ambos os técnicos estavam ouvindo a conversa.

A dietista disse:

— Meu sistema de aquecimento de água é inadequado.

Ficou tentado a sorrir da fraseologia, mas resistiu e perguntou:

— Alguém já deu parte disso?

— Claro que já dei, Dr. C. — Isso era um assunto no qual Mrs. Straughan tinha ideias formadas. Continuou: — Falei com o administrador, Mr. Tomaselli, várias vezes. Foi minha última

entrevista com Mr. T. que provocou o pedido de testes da máquina de lavar para o laboratório do Dr. Pearson.

— Ah! sei. — Coleman virou-se para John Alexander.

— Você fez alguns testes?

— Sim, doutor.

— E o que encontrou?

— A temperatura da água não é bastante alta. — Alexander consultou uma tabela que continha várias páginas anotadas. — Fiz três testes em cada máquina de lavar em horas diferentes do dia, e a temperatura variava de cinquenta a sessenta graus centígrados.

— Está vendo! — A dietista ergueu as mãos expressivamente. — Sim — disse Coleman —, é muito baixo.

— Isso não é tudo, doutor. — John Alexander tinha posto a papeleta de volta e pegado uma lâmina da mesa. — Creio haver encontrado formações de gás do grupo fecal nos pratos, depois de eles terem sido lavados na máquina de lavar.

— Deixe-me ver. — Coleman pegou a lâmina e dirigiu-se para o microscópio. Quando ajustou a lente, apareceu logo a bactéria no feitio característico de verme. Ergueu-se.

Mrs. Straughan perguntou: — O que é isso? O que quer dizer?

Coleman disse pensativo:

— A lâmina mostra claramente as bactérias. Normalmente elas seriam destruídas pela água quente, mas do jeito como estão as coisas elas passam pela máquina lavadora, contaminando os pratos limpos.

— Isso é sério?

Ele considerou cuidadosamente antes de responder:

— Sim e não. Talvez seja responsável pelos desarranjos intestinais de que a senhora falou, mas isto por si só não é muito grave. O que o tornaria grave seria no caso de termos no hospital um portador de

doença contagiosa.

— Portador de doença? Coleman continuou explicando:

— É alguém que tem germes de doenças dentro do corpo sem ter a doença clinicamente. Um portador aparentemente é normal, saudável.

Acontece com mais frequência do que se imagina.

— Sim, compreendo o que quer dizer — disse Mrs. Straughan pensativa.

Coleman virou-se para os dois técnicos. Perguntou:

— Suponho que estamos fazendo exames regulares de laboratório nas pessoas que lidam com a comida do hospital.

Cheio de importância, Bannister respondeu: — Claro! O Dr. Pearson é muito meticuloso a esse respeito.

— Estamos com os exames em dia?

— Sim. — O chefe dos técnicos pensou, depois acrescentou: — Penso que não fazemos há algum tempo.

— Quando foi o último? — perguntou Coleman casualmente, como se fosse questão de rotina.

— Um minuto. Olharei no livro. — Bannister dirigiu-se para o outro lado do laboratório.

Mentalmente David Coleman examinava os fatores em jogo. Se as máquinas de lavar eram ineficientes — e pareciam ser —, alguma coisa urgente devia ser feita, quanto a isso não podia haver dúvida. Por outro lado, enquanto se mantivesse um exame cuidadoso com os que lidavam com a comida — e segundo Bannister isso era feito —, não havia razão para alarma. Indiferença, porém, era outra coisa. Ele disse a John Alexander:

— É melhor mandar seu relatório ao Dr. Pearson o mais depressa possível.

— Sim, doutor. — Alexander voltou para suas notas.

Do outro lado da sala, Bannister ergueu os olhos de um livro pautado que tinha aberto em cima de um gabinete de arquivo. Ele falou:

— Foi a 24 de fevereiro. Surpreso, Coleman perguntou: — Você disse fevereiro?

— Sim.

— Mas são quase seis meses. — Para a dietista, ele observou: — Vocês não parecem mudar muito o pessoal de cozinha.

— Oh, sim, nós mudamos, infelizmente. — Mrs. Straughan balançou a cabeça enfaticamente. — Desde fevereiro, Dr. C, já tomamos uma porção de gente.

Ainda não entendendo, Coleman perguntou a Bannister:

— Você tem certeza da data?

— Esta é a última. — Bannister estava orgulhoso como um pavão. Era um prazer poder dizer alguma coisa a esse doutor sabe-tudo.

Acrescentou: — Olhe o senhor mesmo, se quiser ter certeza. Ignorando a sugestão, Coleman disse:

— E sobre os novos empregados, os que entraram depois?

— Não há mais nada aqui. — Bannister encolheu os ombros. — Se o Departamento de Saúde não nos manda espécimes para exame, nada podemos saber sobre os novos que lidam com comida. — Sua atitude era de completa indiferença, quase desprezo.

Uma raiva lenta ia crescendo em Coleman. Controlando-se, disse com voz calma à dietista:

— Acho que esse é um assunto que a senhora deve examinar. — Pela primeira vez ele começou a perceber que alguma coisa, em algum lugar, estava profundamente errada.

Mrs. Straughan parecia ter tido o mesmo pensamento. Ela disse: — Assim o farei, imediatamente. Obrigada, doutor.

Com seus seios balançando a cada passo, ela saiu do laboratório.

Houve um momento de silêncio. Pela primeira vez Coleman percebeu que Bannister estava constrangido. Quando seus olhos se encontraram ele perguntou, gelidamente, ao técnico:

— Não lhe ocorreu perguntar por que não vinham os espécimes para exame dos que lidam com a comida?

— Bem... — Bannister estava nervoso, sua confiança anterior havia-se evaporado. — Acho que mais cedo ou mais tarde me ocorreria...

Coleman olhou-o com desagrado. Disse zangado:

— Eu diria, mais tarde, você não? Especialmente se quisesse dizer que você teria que pensar. — Na porta, ele virou-se e disse:

— Estarei com o Dr. Pearson.

Toda a cor desapareceu do rosto do velho técnico, enquanto, imóvel, ele olhava a porta por onde Coleman havia passado. Seus lábios formavam as palavras — amargo e derrotado. — Ele sabe de tudo, não é? Tudo o que está nos livros. Tudo de cada coisa!

Nesse momento, à volta de Bannister havia uma aura de fracasso e de derrota. Seu próprio mundo — o mundo que ele julgava inviolável e que por isso nada fizera para proteger — estava desmoronando. Cabisbaixo, deslocado, ele parecia uma pobre e patética pessoa por quem o tempo estava passando.

Joe Pearson levantou os olhos da mesa quando Coleman entrou. Sem frases preliminares, o jovem patologista anunciou:

— John Alexander encontrou bactérias formadoras de gases em pratos que tinham passado pela máquina de lavar.

Pearson não demonstrou surpresa. Disse surdamente. — É por causa do sistema de água quente.

— Sei disso. — David Coleman tentou, mas não conseguiu esconder o sarcasmo de sua voz. — Alguém já tentou fazer alguma coisa para remediar?



O velho olhava-o inquisitivamente. Disse com surpreendente calma.

— Acho que você pensa que as coisas aqui estão bem mal dirigidas.

— Já que o senhor pergunta — acho. — Coleman tinha os lábios apertados. Ele pensava por quanto tempo mais os dois poderiam continuar trabalhando juntos nessa atmosfera.

Pearson tinha aberto uma gaveta debaixo de sua mesa, mexendo em algumas fichas e papéis, falando enquanto procurava. Ele parecia falar com uma estranha mistura de raiva e tristeza.

— Você é tão moço, tão inexperiente e cheio de ideias grandiosas. Você entra para aqui e acontece ser numa época de nova administração, com mais dinheiro do que há alguns anos. Então você pensa que se algo está errado é porque ninguém pensou em mudá-lo. Ninguém tentou! — Ele encontrou o que queria e jogou sobre a mesa uma pasta cheia de papéis.

— Eu não disse isso. — As palavras eram ditas bruscamente, quase na defensiva.

Pearson empurrou a pasta para ele.

— Isso é um arquivo da correspondência sobre o sistema de água quente da cozinha. Se você se der ao trabalho de ler, verá que venho pedindo um novo sistema há anos. — A voz de Pearson elevou-se. Disse desafiadoramente: — Vamos, leia, dê uma olhadela! — Abrindo a pasta, Coleman passou os olhos pelo memorando que estava em cima. Virou uma página, depois outra, depois as páginas seguintes. Imediatamente percebeu o erro que havia cometido. Os memorandos continham uma condenação da higiene da cozinha do hospital feita por Pearson em termos mais violentos do que ele mesmo teria usado. A correspondência parecia cobrir vários anos.

— Bem — Pearson estava olhando enquanto ele lia. Sem hesitar, Coleman disse: — Sinto muito e devo-lhe um pedido de desculpa, pelo menos a respeito disso.

— Não tem importância. — Pearson sacudiu a mão num gesto irritado, depois, quando percebeu o significado da frase, perguntou:

— Você quer dizer que ainda há mais alguma coisa? Coleman disse no mesmo tom de voz:

— Ao descobrir o caso das máquinas também descobri que não se faz exame com os que lidam com comida há mais de seis meses. Por quê? — A pergunta explodiu rápida. — Parece que ninguém foi mandado para fazer exame de saúde. A dietista-chefe foi verificar isso.

— Você quer dizer que ninguém inquiriu? Ninguém na Patologia perguntou por que não estavam vindo?

— Parece que não.

— O imbecil do Bannister! Isso é sério! — Pearson estava sinceramente preocupado, sua hostilidade por Coleman desaparecera.

Coleman disse calmo:

— Achei que o senhor havia de querer saber. Pearson levantara o telefone. Depois de uma pausa, ele disse:

— Chame o administrador.

A conversa que se seguiu foi rápida e direta. No fim Pearson desligara e levantara-se. Para Coleman, disse:

— Tomaselli vai descer. Vamos encontrá-lo no laboratório.

Levou uns poucos minutos para no laboratório David Coleman ver pela segunda vez o que já havia visto. Com Pearson e Harry Tomaselli ouvindo, John Alexander recauchutou suas notícias e Pearson inspecionou as lâminas. Quando ele se levantou do microscópio, a dietista-chefe entrou no laboratório. O administrador virou-se para ela:

— O que encontrou?

— É incrível, mas é verdade. — Mrs. Straughan balançou a cabeça num gesto de incredulidade. Ela dirigiu-se a Pearson: — No início desse ano o Departamento de Saúde empregou um novo empregado, Dr. P. Ninguém lhe falou sobre os exames dos que lidavam com a

comida.

Por isso, ninguém foi mandado para o exame.

Tomaselli disse:

— Então não se faz exame há quanto tempo? — Aproximadamente há seis meses.

Coleman notou Bannister em pé, com um ar sombrio, afastado do grupo mas na verdade não perdendo nada do que estava sendo dito nem do que estava acontecendo.

O administrador perguntou a Pearson:

— O que você sugere?

— Deve-se fazer o mais depressa possível um exame em todos os empregados novos. — Nesse momento o velho patologista estava decidido e incisivo. — Depois, um reexame em todos os outros. Quer dizer: exame de fezes, raios X do peito e exame geral de saúde. Isso inclui todos os que trabalham na cozinha e qualquer um que tenha alguma coisa que ver com comida.

— Mrs. Straughan cuidará disso, por favor — disse Tomaselli. — Trabalhe com o Departamento de Saúde, eles cuidarão dos detalhes.

— Sim, Mr. T., vou tratar disso já. — Ela saiu ondulando do laboratório.

— Falta ainda alguma coisa? — perguntou Tomaselli a Pearson.

— Precisamos de um novo sistema de aquecimento de água para as lavadoras de pratos, isso ou então arrancar tudo de uma vez e colocar novas. — A voz de Pearson erguia-se irritada. — Venho falando nisso a todo o mundo há anos.

— Eu sei. — Tomaselli assentiu com a cabeça. — Eu mudei as fichas de pedidos e está na nossa lista. A questão é que temos que investir em muita coisa. — Ele murmurou: — Se eu pudesse ter uma ideia do custo...

Desarrazoadamente, irritadamente, Pearson disse:

— Como é que eu posso saber? Eu não sou bombeiro.

— Conheço um pouco de instalações, talvez possa ajudar. — A essas palavras, pronunciadas suavemente, os outros viraram a cabeça. Era o Dr. Dornberger, e suas mãos, como sempre, estavam ocupadas com o cachimbo. Ele tinha entrado no laboratório silenciosamente e sem ser percebido. — Estou interrompendo alguma coisa?

Pearson disse rispidamente: — Não. Está bem. — Dornberger viu que John Alexander o olhava. Ele disse:

— Estive com seu bebê agora há pouco. Acho que ele não está passando bem.

— Ha alguma esperança, doutor? — perguntou Alexander baixinho. Os outros se viraram, suas fisionomias se abrandaram. Bannister colocou na mesa uma pipeta de vidro e aproximou-se.

— Não muita, infelizmente — disse Dornberger lentamente. Houve um silêncio, depois, como se lembrasse de alguma coisa, virou-se para Pearson. — Suponho, Joe, que não pode haver dúvidas quanto aos testes de sensibilização de sangue de Mrs. Alexander.

— Dúvida?

— Quero dizer, engano. Pearson balançou a cabeça.

— Absolutamente, nenhuma dúvida. Eu mesmo fiz o teste com todo o cuidado. — Acrescentou curiosamente: — Por que você pergunta?

— Estou só confirmando. — Dornberger tirou uma baforada do cachimbo. — Por um momento, hoje de manhã, cheguei a pensar que a criança estava com eritroblastose. Parece que meu palpite não estava certo.

— Seria altamente improvável. — Pearson foi enfático.

Dornberger disse:

— É, foi o que pensei.

Outra vez o silêncio, todos os olhos postos em Alexander. David Coleman sentiu que devia dizer qualquer coisa — qualquer coisa que

desviasse a atenção, que tornasse as coisas mais fáceis para o jovem tecnólogo. Disse a Dornberger, quase sem pensar:

— Costumava haver dúvida a respeito dos testes quando os laboratórios usavam apenas os de salina e alta proteína. Algumas vezes uns poucos casos positivos eram dados como negativos. Hoje, no entanto, com o método indireto de Coombs, o resultado é praticamente infalível. — Quando ele parou de falar, percebeu que esse laboratório só tinha mudado o critério desde a sua chegada. Ele não tinha a intenção de fazer a caveira de Pearson; nesse momento, intimamente desejava que o velho não percebesse. Já tinha havido discussões bastantes entre eles para que ele fosse aumentá-las sem necessidade.

— Mas, Dr. Coleman... — Alexander estava embasbacado, os olhos alarmados.

— Sim? O que é? — Coleman estava curioso. Nada do que ele dissera era bastante para provocar essa reação.

— Nós não fizemos o teste indireto de Coombs. — A despeito de toda a consideração que tinha por Alexander, Coleman sentiu-se irritado. Por causa de Pearson, ele queria evitar prosseguir esse assunto. Agora não tinha escolha.

— Ora, você fez — disse sem jeito. — Lembro-me bem de ter assinado a requisição de compra de soro de Coombs. — Alexander olhou para ele desesperado, os olhos implorando. Disse:

— Mas o Dr. Pearson disse que não era necessário. O teste foi feito só em salina e alta proteína.

Coleman levou alguns minutos para assimilar o que tinha sido dito: viu que Harry Tomaselli, não entendendo, observava a cena curiosamente. A atenção de Dornberger despertara subitamente.

Pearson parecia pouco à vontade. Disse a Coleman, meio constrangido:

— Pretendia contar-lhe, mas esqueci.

O raciocínio de David Coleman agora estava lúcido e gelado. Mas antes de continuar ele queria se certificar de um fato:

— Entendi bem — perguntou a Alexander —, quando você disse que não foi feito o teste de Coombs?

Enquanto Alexander concordava, Dornberger cortava abruptamente:

— Um momento! Deixe-me tornar as coisas claras. Quer dizer que Mrs. Alexander pode ter sangue sensibilizado, afinal de contas?

— Claro que pode! — Sem se incomodar, Coleman invectivou, sua voz aumentando de volume. — Os testes de salina e alta proteína são bons em alguns casos, mas não em todos. Qualquer um que esteja em dia com a Patologia deve saber disso. — Olhou para Pearson, que não se mexera. Para Dornberger, continuou: — Por isso foi que encomendei um Coombs indireto.

O administrador continuava tentando entender o significado médico.

— Esse teste do qual estão falando, se o senhor encomendou, por que não foi feito?

Coleman dirigiu-se a Bannister. Com olhos impiedosos, perguntou:

— O que aconteceu com a requisição que eu assinei — requisição para soro de Coombs? — E como o técnico hesitasse. — Diga!

Bannister tremia. Numa voz inaudível, murmurou:

— Eu rasguei.

Dornberger disse, sem acreditar no que ouvia:

— Você rasgou uma requisição de compra assinada por um médico, sem avisá-lo?

Implacável, Coleman disse:

— Com instruções de quem você rasgou? Bannister estava olhando para o chão. Disse, relutante:

— Instruções do Dr. Pearson.

Dornberger agora estava pensando depressa. Para Coleman, disse:

— Isso quer dizer que a criança pode ter eritroblastose; na verdade, tudo indica isso.

— Nesse caso, o senhor terá que fazer uma transfusão substitutiva.

Dornberger disse amargamente:

— Se fosse realmente necessário, teria de ter sido feita ao nascer, mas pode haver uma probabilidade, apesar de ser tarde. — Olhou para o jovem patologista como dando a entender que só na sua opinião podia confiar. — Mas eu preciso ter certeza. A criança não tem nenhuma reserva de forças para gastar.

— Precisamos de um teste indireto de Coombs para o sangue da criança. — A reação de Coleman foi rápida e competente. A cena agora era entre ele e o Dr. Dornberger; Pearson estava de pé, imóvel, como que ofuscado pela rapidez do que estava acontecendo.

Coleman perguntou a Bannister, seco: — Há algum soro de Coombs no hospital?

O técnico engoliu em seco:

— Não.

Isso era dentro da área do administrador. Ele perguntou concisamente:

— Onde podemos obtê-lo?

— Não há tempo. — Coleman sacudiu a cabeça. — Temos que fazer o teste noutro lugar, onde haja facilidades.

— A universidade o fará. Eles têm um laboratório maior que o nosso. — Harry Tomaselli dirigiu-se para o telefone. Disse à telefonista:

— Dê-me o University Hospital, por favor. — Perguntou aos outros:

— Quem é o encarregado de patologia, lá?

Dornberger disse:

— Dr. Franz.

— Dr. Franz, por favor. — Tomaselli perguntou: — Quem vai falar com ele?

— Eu falo. — Coleman pegou o telefone. Os outros ouviram-no dizer: — Dr. Franz? Aqui é o Dr. Coleman, patologista assistente do Três Condados. O senhor poderia colaborar numa emergência fazendo um teste de Coombs para nós? — Houve uma pausa, Coleman ouvia. Então disse: — Sim, mandaremos a amostra imediatamente Obrigado, doutor. Até logo. — Virou-se para os outros e disse: — Precisamos da amostra de sangue rapidamente.

— Eu o ajudo, doutor. — Era Bannister, com uma bandeja de equipamento na mão.

Coleman ia rejeitar o oferecimento quando viu a súplica muda nos olhos do homem. Hesitou, depois disse:

— Está bem. Venha comigo.

Quando saíram, Tomaselli gritou para eles:

— Vou pedir um motociclista da polícia. Eles podem chegar mais depressa com a amostra.

— Por favor! Gostaria de levá-la e de ir com eles. — Era John Alexander.

— Muito bem. — O administrador estava com o fone no ouvido. — Dê-me a polícia da cidade. — Disse a Alexander: — Vá com os outros, depois traga a amostra para a entrada de Emergência. O motociclista estará lá esperando.

— Sim, senhor. — Alexander saiu rápido.

— Aqui é o administrador do Hospital de Três Condados. — Tomaselli falava ao telefone outra vez. — Precisamos de um carro da polícia para entregar uma amostra de sangue com urgência. — Ele ouviu: — Sim, nosso pessoal estará esperando na entrada de emergência. Certo. — Desligando o telefone, disse: — É melhor certificar-me de que eles todos se encontraram.



Saiu, deixando Pearson e Dornberger sozinhos.

Durante esses últimos minutos, um tumulto de pensamentos fervilhava na mente do velho obstetra. Inevitavelmente, durante os longos anos de sua carreira, Charles Dornberger tivera pacientes que morreram. Algumas vezes essas mortes já pareciam quase uma predestinação. Mas ele sempre lutara por suas vidas, às vezes selvagememente e nunca se entregando até o fim. E em todas as ocasiões — sucessos bem como fracassos — ele podia dizer a si mesmo com toda a sinceridade que se tinha portado com honra, dentro dos mais altos padrões médicos, nada deixando à sorte e usando de toda habilidade de que dispunha. Havia outros médicos, ele sabia, que às vezes eram menos meticolosos. Mas nunca, até onde pudesse saber e verificar, Charles Dornberger havia falhado a um paciente por incapacidade ou negligência.

Até esse momento.

Agora, parecia que quase ao fim de sua carreira teria que compartilhar da triste e amarga colheita da incompetência de outro homem: pior ainda — um homem que era seu amigo.

— Joe — disse —, há uma coisa que eu quero que você saiba.

Pearson havia-se sentado num tamborete do laboratório, sem um pingô de cor no rosto, os olhos vagos. Lentamente olhou para cima.

— Esse bebê era prematuro, Joe; mas era normal e nós poderíamos ter feito uma transfusão substitutiva logo depois do parto. — Dornberger parou, e quando prosseguiu, a tempestade de suas emoções transparecia na sua voz. — Joe, nós somos amigos há muito tempo e algumas vezes procurei desculpas para acobertar você, e ajudei-o a lutar as suas lutas. Mas desta vez se essa criança morrer, Deus que me ajude!, levarei você ao Conselho Médico e o quebrarei ao meio!

## XX

"Meu Deus, o que estarão fazendo lá? Por que não disseram nada ainda?"

O Dr. Pearson tamborilava nervosamente com os dedos na mesa. Fazia uma hora e um quarto que a amostra de sangue do bebê Alexander tinha sido tirada e levada rapidamente para o hospital da universidade. Agora, o patologista-chefe e David Coleman estavam sozinhos no escritório.

Coleman disse calmamente:

— Já telefonei ao Dr. Franz duas vezes. Ele disse que liga para cá assim que souber o resultado.

Pearson concordou distraidamente e perguntou: — Onde está o rapaz... Alexander?

— A polícia o trouxe de volta. Agora está com a mulher.

Coleman hesitou:

— Enquanto esperamos, acha que vale a pena chamar o Departamento de Saúde para nos certificarmos se estão fazendo os exames no pessoal que lida com as comidas?

Pearson sacudiu a cabeça.

— Mais tarde, quando isso acabar. — Disse veemente: — Não posso pensar em mais nada enquanto isso não se resolver.

Pela primeira vez, desde os acontecimentos da manhã, que surgiram tão explosivamente no laboratório, David Coleman viu-se pensando sobre Pearson e o que o velho estaria sentindo. Não tinha havido discussão sobre a validade das afirmações de Coleman a respeito do teste de sensibilização, e o silêncio de Pearson a esse respeito era uma admissão tácita de que seu colega mais moço era mais bem

informado do que ele, pelo menos nessa área.

Coleman pensou: "Deve ser uma coisa amarga de encarar", e pela primeira vez sentiu nascer uma certa simpatia pelo velho.

Pearson parou de tamborilar e deu um murro na mesa.

— Meu Deus! — disse. — Por que eles não telefonam? — Não há nenhuma notícia da Patologia?

O Dr. Charles Dornberger, preparado e esperando numa pequena sala de operações ao lado da Obstetrícia, fez a pergunta à enfermeira encarregada que acabara de entrar.

A moça sacudiu a cabeça.

— Não, doutor.

— Quanto falta para estarmos prontos?

A enfermeira encheu dois sacos de água quente e colocou-os sob um cobertor na pequenina mesa de operação usada para crianças. Respondeu:

— Só faltam alguns minutos.

Um interno juntou-se ao Dr. Dornberger e perguntou-lhe:

— O senhor pretende prosseguir com a transfusão substitutiva mesmo sem ter o resultado do teste de Coombs?

— Sim — respondeu Dornberger. — Já perdemos muito tempo e não quero perder mais ainda. — Ele pensou e depois continuou: — Em todo o caso, a anemia na criança agora é suficientemente acentuada para justificar uma transfusão substitutiva, mesmo sem o teste.

A enfermeira disse:

— Doutor, o cordão umbilical do bebê foi cortado curto. Não sei se o senhor sabe disso.

— Sei, obrigado, fui eu quem cortou. — Dornberger explicou ao interno: — Quando sabemos de antemão que uma transfusão

substitutiva será necessária deixamos o cordão umbilical comprido. Faz um ponto de conexão muito conveniente. Infelizmente, nesse caso não sabíamos, e por isso foi cortado curto.

— Como o senhor fará? — perguntou o interno.

— Usarei uma anestesia local e cortarei logo abaixo da veia do umbigo. — Virando-se para a enfermeira. Dornberger perguntou: — O sangue está sendo aquecido?

Ela concordou. — Sim, doutor.

Dornberger disse ao interno:

— É importante saber se a temperatura do sangue novo é aproximadamente a do corpo. Senão aumenta o perigo do choque. — Dornberger intimamente sabia que estava falando não só em benefício do interno como para si próprio. Falar ao menos o impedia de pensar mais profundamente, pois pensar mais profundamente, no momento, era algo que Charles Dornberger queria evitar. Desde que deixara Pearson, depois da cena no laboratório, sua mente estava ocupada numa tormenta de ânsia e recriminação. O fato de que, tecnicamente, ele não era culpado pelo que acontecera parecia sem importância. Era seu paciente que estava em risco, seu paciente que poderia morrer por culpa da pior negligência médica, e a última responsabilidade era unicamente sua.

Quando ia continuar a falar, Dornberger parou para analisar-se. Alguma coisa estava errada, ele se sentia estonteado, sua cabeça latejava, a sala girava. Por um momento fechou os olhos, depois abriu-os. Estava bem; as coisas estavam novamente em foco, a tonteira tinha quase passado. Mas quando olhou para baixo, para suas mãos, viu que elas estavam tremendo. Tentou controlar os movimentos e falhou.

A incubadora com o bebê Alexander estava sendo trazida. No mesmo momento ele ouviu o interno perguntar:

— Dr. Dornberger, o senhor está bem?

Estava na ponta da língua responder: — Sim. — Sabia que se o

fizesse poderia continuar escondendo o que tinha acontecido, sem ninguém saber a não ser ele. Então, talvez, mesmo nesse momento tardio, com sua prática e bom senso poderia salvar a criança, salvando ao menos de alguma maneira sua consciência e integridade.

Mas, no mesmo momento, lembrou-se de tudo o que dizia e em que acreditava com o correr dos anos — sobre homens velhos agarrando-se ao poder tempo demais; o orgulho de que quando seu tempo chegasse ele saberia e largaria; sua convicção de que nunca manejaria um caso com sua habilidade prejudicada. Pensou nessas coisas, olhou para suas mãos trêmulas.

— Não — disse —, não estou me sentindo bem.

Parou e, consciente pela primeira vez de uma emoção profunda que tornava difícil controlar a sua voz, perguntou:

— Alguém quer fazer o favor de chamar o Dr. O'Donnell? Diga-lhe que estou impossibilitado de continuar. Gostaria que ele prosseguisse.

Nesse momento, na realidade e no coração, o Dr. Charles Dornberger retirava-se da prática da medicina.

Quando o telefone tocou, Pearson arrancou o instrumento do gancho.

— Sim? — Pausa. — Aqui é o Dr. Pearson. — Ele ouviu. — Muito bem. Obrigado.

Sem desligar, ele bateu para chamar a telefonista e pediu um outro número na extensão. Houve um clique, uma resposta e Pearson disse:

— Chame o Dr. Dornberger, é o Dr. Pearson quem está falando. Uma voz respondeu rapidamente, e então Pearson disse:

— Está bem, dê-lhe um recado: — Diga que acabaram de telefonar da universidade. O teste de sangue do bebê Alexander deu positivo.

O menino tem eritroblastose.

Pearson desligou. Então olhou para cima, para encontrar o olhar de David Coleman.

O Dr. Kent O'Donnell caminhava pelo corredor do andar principal do hospital em direção à Neurologia. Tinha marcado uma consulta lá para discutir uma paralisia parcial em um de seus pacientes.

Era o primeiro dia de O'Donnell no Hospital de Três Condados depois de sua volta de Nova York na noite anterior. Ainda sentia uma sensação de alegria e leveza de sua viagem; uma mudança de cenário, disse para si mesmo, é o que um médico precisa de vez em quando. As vezes o contato diário com a medicina e as doenças podia ser depressivo, deixando-o abatido depois de certo tempo, sem que se percebesse o que estava acontecendo. De certa maneira, também, uma mudança era revigorante e dava largueza de espírito. Acrescido a isso, desde seu encontro com Denise em Nova York, ele pensava mais e mais em terminar sua carreira em Três Condados, deixar Burlington para sempre, e cada vez os argumentos a favor de uma mudança pareciam mais convincentes. Ele sabia, é claro, que estava fortemente motivado por seus sentimentos por Denise, e que até seu último encontro a ideia de deixar Burlington nunca lhe tinha ocorrido.

Mas ele se perguntou: "Há alguma coisa de errado com um indivíduo que faz sua escolha profissional pesando a favor sua felicidade pessoal?" Não era como se estivesse abandonando a medicina, estaria simplesmente mudando a sua base de operações e dando o melhor de si mesmo noutra lugar. Afinal, a vida de um homem era uma soma de todas as suas partes; sem amor, se ele o encontrou, o resto poderia murchar e ser inútil. Com amor ele podia ser um homem melhor — zeloso e devotado —, porque sua vida era um todo. Mais uma vez pensou em Denise com uma crescente excitação e antecipação.

— Dr. O'Donnell... Dr. O'Donnell... — O som de seu próprio nome

sendo chamado pelo sistema interno do hospital trouxe-o de volta à realidade. Parou, olhando em volta à procura de um telefone para responder ao chamado. Viu um, numa sala envidraçada da contabilidade, a poucos passos de distância. Entrando, ele falou com a telefonista, e um momento depois davam-lhe o recado de Dornberger. Prontamente mudou de direção e dirigiu-se para o elevador que o levaria ao quarto andar e à Obstetrícia.

Enquanto Kent O'Donnell se preparava, Dornberger ia contando tudo o que havia acontecido e suas razões pessoais para chamar o cirurgião-chefe. Dornberger não dramatizou, nem escondeu nada; contou a cena no laboratório da Patologia e todos os acontecimentos decorrentes, acuradamente e sem emoções. Somente em duas ocasiões O'Donnell interrompeu-o para fazer perguntas precisas; o resto do tempo ouviu cuidadosamente, e seu olhar se ensombrecia cada vez mais à medida que Dornberger relatava os fatos.

Aquela sua alegria evaporara-se, destruída subitamente pelo que ouvira, pelo conhecimento de que a ignorância e a negligência pelas quais na verdade ele era o responsável podiam cortar a vida de um paciente nesse hospital. Pensou amargamente: "Eu poderia ter despedido Joe Pearson. Havia razões de sobra para isso. Mas não! Eu brinquei, procrastinei, fiz política, convencendo a mim mesmo de que estava agindo com a razão, enquanto o tempo todo eu estava vendendo a medicina". Pegou uma toalha esterilizada e enxugou as mãos, depois calçou as luvas que a enfermeira lhe dera.

— Muito bem — disse a Dornberger —, vamos começar.

Ao entrar na pequena sala de operações, O'Donnell percorreu com os olhos os equipamentos que tinham sido preparados. Estava a par da técnica de transfusão substitutiva — um fato que Dornberger conhecia ao chamar o chefe da Cirurgia —, tendo trabalhado com os chefes de Pediatria e Obstetrícia para estabelecer um critério de técnica em Três Condados, baseado na experiência de outros hospitais.

O pequeno e frágil bebê tinha sido retirado da incubadora e colocado

na mesa aquecida de operação. Agora a enfermeira-assistente, com o auxílio do interno, estava segurando a criança no lugar, usando fraldas — uma à volta de cada braço e de cada perna — enroladas em longas tiras e presas com alfinetes de segurança cobrindo a mesa. O'Donnell notou que o bebê estava muito quieto, mal reagindo ao que se estava fazendo. Numa criança tão pequena, não era bom sinal. A enfermeira-assistente desdobrou um lençol esterilizado e colocou-o sobre a criança deixando exposto somente o rosto e o umbigo; essa área ainda estava em processo de cicatrização onde o cordão umbilical havia sido cortado ao nascer. Uma anestesia local já tinha sido administrada. Agora a moça entregou os fórceps a O'Donnell, que com eles pegou a gaze e começou a preparar a área da operação. O interno pegara a tabuleta e o lápis, e O'Donnell perguntou:

— Você vai tomar nota do andamento?

— Sim, senhor.

O'Donnell notou o tom de respeito, e em outras circunstâncias teria sorrido. Internos e residentes — o corpo médico do hospital — eram notoriamente conhecidos como uma raça independente, rápidos em observar defeitos nos médicos mais antigos, e ser tratados de "senhor" por qualquer um deles era uma honra.

Poucos minutos antes, duas enfermeiras-estudantes tinham entrado na sala, e agora, segundo o hábito de ensino. O'Donnell começou a descrever o processo enquanto trabalhava.

— Uma transfusão substitutiva, como vocês sabem — O'Donnell olhou para as estudantes —, é na verdade um processo de purgação. Primeiro tiramos o sangue da criança, depois o substituímos por quantidade equivalente de sangue doado. Depois fazemos a mesma coisa e continuamos a fazê-la até que a maior parte do sangue original, doente, seja retirado.

A enfermeira-assistente estava invertendo uma garrafa com meio litro de sangue num suporte acima da mesa. O'Donnell disse:

— O banco de sangue já verificou se o sangue do paciente é



compatível com o sangue do doador. O que nós devemos fazer é ter certeza de que substituímos exatamente a mesma quantidade de sangue que retiramos. Essa é a razão para o boletim de controle. — Ele indicou a tabuleta do interno.

— Temperatura trinta e sete graus — avisou a enfermeira-assistente.

O'Donnell disse:

— Bisturi, por favor. — E estendeu a mão.

Usando o bisturi delicadamente, cortou a parte seca da veia umbilical, expondo o tecido úmido. Pôs o bisturi na mesa e disse:

— Hemostato.

O interno olhava, esticando o pescoço. O'Donnell disse:

— Isolamos a veia umbilical. Vou abri-la e retirar o coágulo. — Estendeu a mão e a enfermeira entregou-lhe o fórceps. O coágulo era minúsculo, pouco visível, e ele o retirou cuidadosa e gentilmente. Operar uma criança desse tamanho era como operar um boneco. Quais eram as probabilidades de sucesso de essa criança viver? O'Donnell pensava... Normalmente seriam regulares, mesmo boas. Mas agora, com essa operação tantos dias atrasada, a esperança de êxito tinha diminuído barbaramente. Ele olhou o rostinho da criança. Estranhamente, não era um rosto feio, como costumavam ser os das crianças prematuras: era até bonitinho, com um queixinho marcado e um sinal de força latente. Por um momento deixou seus pensamentos divagarem e pensou: "Que pena tudo isso! Nascer já com tantas coisas contra você!"

A enfermeira-assistente segurava uma sonda de plástico com uma agulha na ponta; era através dela que o sangue seria retirado e repostado. O'Donnell pegou a sonda com muito cuidado, introduziu a agulha na veia umbilical e disse:

— Verifique a pressão venosa, por favor.

Enquanto segurava a sonda na vertical, a enfermeira usou uma régua para medir a altura da coluna do sangue. Ela disse:

— Sessenta milímetros.

O interno anotou. Um tubo de plástico ia para a garrafa de sangue no suporte, um terceiro levava a uma das duas bacias de metal Monet ao pé da mesa. Juntando os três tubos, O'Donnell ligou-os a uma seringa de vinte milímetros com uma válvula tríplice numa ponta. Numa das válvulas deu uma volta de noventa graus.

— Agora — disse — começaremos a retirar o sangue.

Com seus dedos sensíveis começou a puxar o pistão da seringa delicadamente. Este era sempre um momento crítico na transfusão substitutiva: se o sangue não corresse livremente, seria necessário remover a ponta e começar tudo outra vez. Atrás dele, O'Donnell estava consciente da presença de Dornberger inclinando-se para olhar. Então, suave e facilmente, o sangue começou a correr, inundando a sonda e entrando na seringa. O'Donnell disse:

— Reparem que estou fazendo a sucção muito lentamente e com muito cuidado. Também retiraremos só um pouco de cada vez, por causa da pequenez da criança. Normalmente, com uma criança de nove meses, tiraríamos vinte milímetros de uma só vez, mas nesse caso tirarei só dez para evitar muita flutuação venosa.

Na tabela o interno escreveu: "Saída dez milímetros". Mais uma vez O'Donnell apertou uma das válvulas da seringa e apertou o pistão. Ao fazer isso o sangue retirado da criança foi expelido em uma das bacias metálicas. Girando a válvula outra vez puxou o sangue doado na seringa, e então, muito suavemente, muito devagar foi injetando-o na criança. Na tabela o interno escreveu: "Entrada dez milímetros".

Penosamente, O'Donnell continuou. Cada retirada e cada reposição gradual e cuidadosamente completadas levava cinco minutos inteiros. Havia uma tentação de correr, principalmente num caso crítico como esse, mas O'Donnell estava consciente de que a pressa devia ser evitada. O pequeno corpo na mesa já tinha pouca resistência; qualquer efeito de choque imediato poderia ser fatal.

Então, vinte e cinco minutos depois que eles começaram, o bebê

mexeu-se e chorou. Era um gritinho fino, quebradiço e fraco, um débil protesto, que acabou mal começou. Mas era um sinal de vida; e acima das máscaras dos que estavam na sala, olhos sorriram, e de certo modo a esperança parecia mais próxima.

O'Donnell sabia que não devia fazer deduções apressadas. Apesar disso, disse a Dornberger:

— Parece que ele está zangado comigo. Pode ser bom sinal.

Dornberger também reagira. Inclinou-se para a tabela do interno. Então, consciente de que não era o encarregado, disse:

— Que acha de um pouco de cálcio glicosado?

— Sim. — O'Donnell desatarraxou uma seringa da válvula tríplice e substituiu-a por uma de dez centímetros cúbicos de cálcio glicosado que a enfermeira lhe tinha dado. Injetou um centímetro cúbico e tirou-a. A enfermeira devolveu-lhe a seringa original, que nesse meio tempo ela havia lavado na bacia de metal.

O'Donnell sentiu que a pressão na sala diminuía. Começou a imaginar se depois de tudo a criança se salvaria. Já vira coisas estranhas e aprendera, havia muito tempo, que nada era impossível, que na medicina o inesperado tanto podia estar a favor como contra você.

— Muito bem — disse ele —, vamos continuar.

Retirou dez milímetros e os substituiu, retirou mais dez e os substituiu. Mais dez para fora e para dentro. E mais outros. Então, cinquenta minutos depois, a enfermeira disse calmamente:

— A temperatura do paciente está caindo, já está em trinta e quatro e meio.

Ele disse rápido:

— Confira a pressão venosa. Era trinta e cinco — muito baixa. — Não está respirando bem — disse o interno.

— A cor não está boa.

O'Donnell disse:

— Confira o pulso. Disse à enfermeira: — O oxigênio.

Ela pegou uma máscara de borracha e colocou-a sobre o rosto da criança. Um momento depois ouvia-se o sibilar do oxigênio.

— Pulso muito lento — disse o interno. — A temperatura desceu para trinta e três — falou a enfermeira.

O interno auscultava com um estetoscópio. Olhou para cima:

— A respiração está falhando. — E logo depois: — Parou de respirar.

O'Donnell tomou o estetoscópio e escutou. Podia-se ouvir o coração batendo, mas muito fracamente. Disse rápido:

— Coramina, um centímetro cúbico. — No momento em que o interno se afastou da mesa, ele arrancou o lençol e começou a fazer respiração artificial.

Num momento o interno estava de volta. Não tinha perdido tempo; na sua mão havia uma seringa hipodérmica.

— Direto no coração — O'Donnell disse. — É a nossa única possibilidade.

Na sala de Patologia o Dr. David Coleman estava ficando cada vez mais impaciente. Ele ficara esperando com Joe Pearson, desde o telefonema anunciando o resultado do exame de sangue.

Tinha tentado resolver alguns relatórios cirúrgicos atrasados, mas o trabalho era vagaroso e ambos sabiam que seus pensamentos estavam longe. Mais de uma hora se tinha passado e eles continuavam sem notícia. Há quinze minutos atrás Coleman se havia levantado e dito:

— Vou ver se há alguma coisa no laboratório. — O velho olhou para ele, e seus olhos imploravam. Depois pediu:

— O senhor se incomoda de ficar? Surpreso, Coleman respondeu:

— Não, se o senhor quiser. — E depois disso voltara ao seu trabalho para passar o tempo. Para David Coleman a espera também era árdua. Sabia que estava tão tenso quanto Pearson, embora neste momento o velho mostrasse mais ansiedade. Pela primeira vez Coleman compreendeu o quanto estava mentalmente envolvido nesse caso. Não experimentava satisfação pelo fato de ele ter estado certo e Pearson errado no caso do exame de sangue. Tudo o que ele queria, desesperadamente agora, para a felicidade dos Alexander, era que o filho deles vivesse. A força de seus sentimentos espantou-o, era raro alguma coisa o afetar tão profundamente. Lembrou-se de que tinha gostado de John Alexander desde o começo em Três Condados; mais tarde, conhecendo sua mulher, sabendo que eles três vinham da mesma cidadezinha, teve uma sensação de solidariedade, não falada, mas real.

O tempo passava devagar, cada minuto de espera parecia maior do que o anterior. Tentou pensar num problema para ocupar sua mente: isso sempre ajudava quando precisava matar o tempo. Decidiu concentrar-se em alguns aspectos do caso do bebê Alexander. Ponto um, pensou ele: o fato de o teste Coombs do sangue do bebê ser positivo queria dizer que a mãe também tinha sangue Rh sensibilizado.

Imaginava como isso poderia ter acontecido.

A mãe, Elizabeth Alexander, poderia, é claro, ter ficado sensibilizada durante a primeira gravidez. David Coleman pensou: isso poderia não ter afetado o primeiro filho, esse era o que tinha morrido de... o que foi que ele lhe dissera? Sim, de bronquite. Era muito mais comum encontrar os efeitos da sensibilização de Rh do sangue na segunda gravidez.

Outra possibilidade, sem dúvida, é que Elizabeth poderia ter recebido uma transfusão de sangue Rh positivo, numa ocasião qualquer. Ele parou, no fundo de sua cabeça um pensamento informe, importuno, uma sensação desconfortável de que ele estava perto de alguma coisa sem conseguir pegá-la. Concentrou-se, franzindo o rosto. Repentinamente as peças caíram em seus lugares

e o que ele procurava aí estava: nítido e em loco. Sua mente registrou: transfusão! O acidente de New Richmond! O cruzamento da estrada de ferro no qual o pai de Elizabeth falecera e do qual ela saíra ferida mas sobrevivera.

Mais uma vez Coleman concentrou-se. Estava tentando lembrar-se do que John Alexander lhe contara sobre Elizabeth naquele dia. As palavras lhe ocorreram: "Elizabeth quase morreu. Mas deram-lhe uma transfusão de sangue e ela se salvou. Acho que essa foi a primeira vez que estive num hospital. Quase morei lá durante uma semana".

Nunca ficaria provado, depois de tanto tempo; mas ele estava disposto a apostar tudo o que tinha como foi assim que aconteceu. A existência do fator Rh só viera a ser conhecida na década de 40. Depois disso decorreram mais dez anos antes de ser adotado o exame de Rh pelos médicos e hospitais. No intervalo, em muitos lugares se fazia transfusão sem se fazer o exame de Rh: New Richmond era um provavelmente. O tempo se ajustava. O acidente com Elizabeth devia ter sido em 1949, ele se lembrava de seu pai comentando depois.

Seu pai! Um novo pensamento lhe ocorreu: fora seu próprio pai — Dr. Byron Coleman — que cuidara da família Alexander, quem mandara fazer as transfusões em Elizabeth Alexander. Se ele fizera várias transfusões, elas foram de doadores diferentes; a possibilidade de ao menos um deles ter Rh positivo era quase inevitável. Essa, então, fora a ocasião em que Elizabeth ficou sensibilizada; ele agora tinha certeza disso. Naquela ocasião, certamente, não haveria efeitos aparentes. Nenhum, quer dizer, exceto que o seu próprio sangue estaria criando anticorpos que ficariam escondidos, insuspeitados até que, nove anos mais tarde, eles se levantariam raivosos, virulentos e fortes para destruir seu filho. Naturalmente, o pai de David Coleman não poderia ser culpado, mesmo se a hipótese fosse verdadeira. Ele teria medicado em boa fé, seguindo os padrões daquele tempo. É verdade que naquela ocasião o fator Rh era conhecido e em alguns lugares o

controle já era feito. Mas não se poderia esperar que um clínico geral da roça, muito ocupado, estivesse em dia com todas as novidades. Ou se poderia? Alguns médicos — incluindo os da roça — sabiam que novos horizontes se abriam para modernos grupos de sangue. Eles tinham agido prontamente para impor os últimos padrões. Mas, possivelmente, David Coleman raciocinou, esses eram homens moços. Seu pai nessa ocasião já se estava tornando velho; ele trabalhava muito, durante muitas horas, e não sobrava tempo para leituras. Seria essa uma desculpa adequada? Seria uma desculpa que ele mesmo, David Coleman, aceitaria de outros, ou teria normas duplas, uma lei mais leniente para julgar parentes, até um pai que já morreu? O pensamento o incomodou. Sentiu-se desconfortável ao compreender que um sentimento de lealdade pessoal estava obstruindo alguns de seus mais preciosos pontos de vista. David Coleman desejou não ter pensado nisso. Dava-lhe uma sensação desagradável de dúvida, de não estar completamente certo... de nada afinal.

Pearson o estava olhando. Perguntou:

— Quanto tempo já faz? — Coleman olhou seu relógio e respondeu:

— Pouco mais de uma hora.

— Vou telefonar-lhes. — Impetuosamente Pearson dirigiu-se para o telefone. Depois hesitou e retirou a mão.

— Não — disse —, acho melhor não.

No laboratório de serologia John Alexander também estava consciente do tempo. Uma hora atrás voltava de uma visita a Elizabeth, e desde então tinha feito várias tentativas de trabalhar, mas era óbvio que sua mente estava muito longe do que estava fazendo, e desistira para não cometer enganos. Agora, pegando um tubo de ensaio, preparou-se para recomeçar, mas Bannister se aproximou e tomou-o de suas mãos.

Olhando a ficha de requisição, o velho técnico disse gentilmente:

— Eu faço isso.

Contestou meio a contragosto, mas Bannister insistiu:

— Deixe, rapaz. Deixe comigo. Por que não vai ficar com sua mulher?

— Obrigado de qualquer maneira, mas acho que vou ficar aqui. O Dr. Coleman disse que assim que soubesse de alguma coisa viria aqui contar.

Os olhos de Alexander voltaram-se de novo para o relógio. Disse com a voz tensa:

— Não podem demorar muito agora.

Bannister afastou-se.

— Não — disse lentamente. — Creio que não.

Elizabeth Alexander estava sozinha no seu quarto de hospital. Estava deitada, imóvel, a cabeça nos travesseiros, os olhos abertos, quando a enfermeira Wilding entrou. Elizabeth perguntou:

— Não há notícias? — A enfermeira idosa, de cabelos grisalhos, balançou a cabeça:

— Digo-lhe assim que souber de alguma coisa. — Deixando um copo de suco de laranja que havia trazido, disse: — Posso ficar aqui alguns minutos, se a senhora quiser.

— Sim, por favor. — Elizabeth sorriu levemente e a enfermeira empurrou a cadeira para perto da cama e sentou-se. Wilding estava aliviada por descansar os pés; ultimamente eles lhe estavam doendo, e ela achava que iam acabar forçando-a a deixar a enfermagem breve, quisesse ou não. Bem, ela tinha a sensação de que estava perto de chegar a hora de partir. Wilding desejava poder fazer alguma coisa por essa gente. Tinha gostado deles desde o princípio; para ela, os dois — marido e mulher — pareciam quase crianças. De certa maneira, cuidando dessa moça, que, ao que tudo indicava agora, parecia que ia perder o bebê, era como cuidar da



filha que há muitos anos atrás ela desejara, mas não tinha tido. Não era bobagem isso agora? Ela, com todos esses anos de enfermagem, ficando sentimental. Perguntou a Elizabeth:

— Em que estava você pensando quando eu entrei?

— Estava pensando em crianças, gordas, rechonchudas, rolando no gramado, ao sol da tarde.

A voz de Elizabeth era sonhadora: — Era assim em Indiana, quando eu era pequena. No verão, já naquele tempo, eu pensava que um dia teria filhos e que eu sentaria por perto, enquanto eles rolariam no gramado ao sol da tarde, exatamente como eu havia feito.

— É engraçado isso sobre crianças — disse Wilding. — Às vezes as coisas são tão diferentes do que a gente pensa. Eu tenho um filho, sabe? Ele agora já é um homem.

— Não — Elizabeth respondeu —, eu não sabia.

— Não me interprete mal — continuou Wilding. — Ele é um ótimo homem. Oficial da Marinha. Casou-se há um ou dois meses; recebi uma carta dele me contando.

Elizabeth ficou pensando como seria ter um filho e então receber uma carta, contando que se casara.

— Sempre achei que nós não chegamos a nos conhecer bem um ao outro — Wilding estava dizendo. — Acho que de um certo modo foi minha culpa, divorciando-me e nunca lhe dando realmente um lar.

— Mas você algumas vezes vai vê-lo? — Elizabeth prosseguiu: — Depois virão os netos, eu espero.

— Eu penso um bocado nisso — Wilding disse. — Costumava pensar que seria engraçado. Você sabe, ter netos, morar nalgum lugar perto, e de noite bancar a ama-seca e todo o resto.

Elizabeth perguntou: — E você não vai agora? Wilding sacudiu a cabeça:

— Tenho o pressentimento de que, quando eu for, será como se estivesse visitando estranhos. E também não será muito seguido.

Sabe, meu filho foi designado para o Havaí; partiram na semana passada. — E acrescentou com ar de lealdade: — Ele vinha me visitar e trazer a esposa. Mas à última hora aconteceu um imprevisto e eles não puderam vir. — Houve um silêncio e depois Wilding disse: — Bem, tenho que ir agora. — Levantou-se, e, da porta, falou: — Tome seu suco, Mrs. Alexander. Eu venho contar-lhe assim que souber de alguma coisa.

Kent O'Donnell estava suando, e a enfermeira-assistente inclinou-se para enxugar-lhe a testa. Cinco minutos tinham-se passado desde que a respiração artificial começara, e ainda não havia reação do corpinho em suas mãos. Seus polegares estavam na cavidade do peito e seus outros dedos cruzados em volta das costas. A criança era tão pequena que as duas mãos de O'Donnell a cobriram; ele tinha que usá-las cuidadosamente, consciente de que com muita pressão os ossinhos frágeis se partiriam como galhos. Gentilmente, mais uma vez, ele apertou e relaxou, o oxigênio sibilando, tentando forçar a respiração, obrigar os pequenos pulmões cansados a voltarem à vida e ao seu movimento próprio.

O'Donnell queria que essa criança vivesse. Sabia que, se ela morresse, isso significaria que Três Condados, seu hospital, tinha falhado abjetamente em sua função mais fundamental: dar o cuidado adequado aos doentes e fracos. Essa criança não tinha recebido o cuidado adequado, tinha recebido o pior quando precisava do melhor, e a negligência tinha anulado a habilidade. Ele percebeu que estava tentando comunicar, transmitir seu fervor ardente através da ponta de seus dedos ao trôpego coração sob eles. Você precisou de nós e nós falhamos: você devassou nossa fraqueza e nos encontrou deficientes. Há ignorância e estupidez nesse mundo, e preconceitos e cegueira — nós já lhe mostramos isso. Mas há outras coisas também; boas e doces coisas pelas quais vale a pena viver. Portanto, respire! É uma coisa tão simples, mas tão importante. As mãos de O'Donnell se moviam para frente e para trás, comprimindo... relaxando... comprimindo... relaxando...

comprimindo...

Mais cinco minutos se passaram, o interno estava usando o estetoscópio, ouvindo cuidadosamente. Agora ergueu-se. Encarou O'Donnell e sacudiu a cabeça. O'Donnell parou; sabia que era inútil continuar. Voltou-se para Dornberger e disse quietamente:

— Acho que se foi. — Seus olhos se encontraram e os dois homens sabiam que seus sentimentos eram os mesmos. O'Donnell sentiu-se tomado por uma raiva súbita e furiosa. Ferozmente arrancou a máscara e o gorro, rasgou as luvas de borracha e atirou-as selvagememente no chão.

Sentia todos os olhares sobre si. Com os lábios apertados numa linha fina e amarga, disse a Dornberger:

— Muito bem. Vamos.

E, asperamente, para o interno:

— Se alguém me procurar, estarei com o Dr. Pearson.

## XXI

No escritório da Patologia o telefone tocou estridente e Pearson estendeu a mão para pegá-lo. Depois, o rosto pálido, o nervosismo aparente, ele parou. Disse para Coleman:

— Atenda você.

Quando David Coleman atravessou a sala, a campainha tocou uma segunda vez. Um minuto depois ele estava dizendo:

— Dr. Coleman falando. — Ele ouviu sem mudar de expressão. — Obrigado — e desligou.

Seus olhos encontraram os de Pearson. Baixinho, ele disse:

— O bebê morreu.

O outro não disse nada. Abaixou os olhos. Prostrado na cadeira, o rosto enrugado meio na sombra; seu corpo sem movimento, envelhecido e derrotado. Coleman disse suavemente:

— Vou ao laboratório. Alguém tem que falar com John.

Não houve resposta. Quando Coleman deixou a sala da Patologia, Pearson ainda estava sentado, quieto, imóvel, e seus olhos não viam nada e seus pensamentos apenas eram conhecidos por ele mesmo.

Carl Bannister tinha saído do laboratório quando David Coleman entrou. John Alexander estava lá sozinho sentado num banco, diante de uma das prateleiras da parede, o relógio do laboratório logo acima de sua cabeça. Não fez nenhum movimento para se virar quando Coleman aproximou-se, com passos leves e o couro dos sapatos rangendo enquanto atravessava a sala.

Houve um silêncio e então, ainda sem se virar, Alexander perguntou serenamente:

— Já... terminou?

Sem responder, Coleman estendeu sua mão. Deixou-a descansar sobre o ombro do outro.

Com a voz baixa, Alexander disse: — Ele morreu... não foi?

— Sim, John — respondeu Coleman gentilmente. — Ele morreu. Sinto muito.

Retirou a mão quando Alexander se virou lentamente. O rosto do jovem estava tenso, as lágrimas correndo. Disse suave mas intensamente:

— Por quê, Dr. Coleman? Por quê? Procurando as palavras, tentou responder.

— Seu bebê era prematuro, John. As probabilidades não eram boas... mesmo se... a outra coisa não acontecesse.

Olhando-o diretamente nos olhos, Alexander disse:

— Mas podia ter vivido.

John Alexander levantara-se. Seu rosto estava perto do de Coleman, e seus olhos eram implorantes, inquisitivos:

— Como pode isso acontecer... um hospital, com médicos?

— John — disse Coleman —, neste momento não tenho resposta para você. — Acrescentou baixinho: — Neste momento não tenho resposta nem para mim mesmo.

Alexander concordou tristemente. Tirou um lenço e enxugou os olhos. Então disse tranquilamente:

— Obrigado por ter vindo avisar-me. Acho que agora vou ver Elizabeth.

Kent O'Donnell não falara durante o percurso através do hospital com o Dr. Dornberger; a raiva intensa, a frustração que o tinha inundado como uma onda, quando olhara para a criança morta,

mantivera-o de lábios apertados e calado. Quando se dirigiram pelos corredores desceram as escadas evitando os vagarosos elevadores, mais uma vez O'Donnell recriminava-se amargamente por sua inércia contra Joe Pearson e o Departamento Patológico de Três Condados. Deus sabia, pensara, quantos sinais de perigo houvera: Rufus e Reubens tinham-no avisado e ele mesmo tivera a evidência diante de seus próprios olhos, para dizer-lhe que Joe Pearson estava falhando, devido à sua idade, suas responsabilidades no repleto e enorme hospital. Mas não! Ele, Kent O'Donnell, cheio de títulos (M.D., F.R.C.S., F.A.C.S.), chefe da Cirurgia, presidente do Conselho Médico — tirem seus chapéus para um grande e inteligente homem! Mandem-no vitorioso, feliz e glorioso para reinar por longo tempo sobre nós. Deus salve O'Donnell! —, tinha estado por demais preocupado para mexer-se, para usar a firmeza requerida por seu cargo, para enfrentar o que de desagradável se seguiria à ação. Então, em lugar disso, tinha olhado para o outro lado, fingindo que tudo estava bem, quando a experiência e o instinto lhe diziam lá no fundo que ele é que desejava que assim fosse. E onde estivera esse tempo todo — ele o grande homem da medicina? Chafurdando-se na política do hospital; jantando com Orden Brown; adulando Eustace Swaine, esperando que, por inércia, permitindo um *status quo*, deixando em paz o amigo de Swaine, Joe Pearson, o velho magnata viria graciosamente entregar seu dinheiro para as belas e novas construções do hospital. O sonho de um império de O'Donnell, ele, sagrado rei. Bem, o hospital poderia agora receber o dinheiro, e também poderia não receber. Mas, quer o fizesse quer não, pelo menos um preço já tinha sido pago. Pensou: "Acharão o recibo lá em cima — um pequeno corpo sem vida numa sala de operações no quarto andar" Então, quando chegaram a porta de Joe Pearson, sentiu sua raiva diminuir e a tristeza tomar seu lugar. Bateu, entrou, e Dornberger seguiu-o. Joe Pearson ainda estava sentado, exatamente como Coleman o havia deixado. Olhou para cima, mas não tentou levantar-se.

Dornberger falou primeiro. Calmamente, sem antagonismo, como se quisesse preparar a atmosfera desse encontro, como um serviço

prestado a um velho amigo. Disse:

— O bebê morreu, Joe. Acho que já soube.

Pearson respondeu devagar:

— Sim, eu soube.

— Conte ao Dr. O'Donnell tudo o que aconteceu. — A voz de Dornberger estava insegura. — Sinto muito, Joe. Não havia nada que eu pudesse fazer.

Pearson fez um pequeno gesto impotente com suas mãos. Não havia nenhum traço de sua antiga agressividade. Disse sem expressão:

— Está tudo bem.

Usando o mesmo tom de Dornberger. O'Donnell perguntou: — Há mais alguma coisa que queira dizer, Joe? Devagar, por duas vezes, Pearson sacudiu a cabeça.

— Joe, se ao menos houvesse uma coisa... — O'Donnell viu-se buscando as palavras certas, sabendo que elas não existiam. — Nós todos cometemos erros. Talvez eu pudesse... — Não era isso que ele tencionava dizer. Procurou firmar a voz, e então continuou, mais seguro. — Mas a lista seria longa, Joe, se eu tivesse que dar parte disso ao Conselho Médico; acho que você sabe o que pensarão. Você tornaria menos doloroso para si mesmo e para nós, se seu pedido de demissão estivesse no escritório do administrador, amanhã, às dez da manhã.

Pearson olhou para O'Donnell. — Às dez horas — disse — você o terá. Houve uma pausa. O'Donnell ia embora, mas voltou.

— Joe — disse — sinto muito. Mas acho que sabe que eu não tenho escolha.

— Sei. — A palavra foi um murmúrio, ao mesmo tempo que Pearson concordava sombriamente.

— Naturalmente você terá direito a uma pensão. É mais do que justo, depois de trinta e dois anos.

O'Donnell sentiu, quando falara, que as palavras soavam ocas.

Pela primeira vez desde que entraram a expressão de Pearson mudou. Olhou para O'Donnell com um leve e sarcástico sorriso:

— Obrigado.

Trinta e dois anos!, pensou O'Donnell. Meu Deus! Era a maior parte de uma vida ativa de qualquer pessoa! E vê-la terminar dessa maneira! Queria dizer mais alguma coisa: tentar tornar um pouco mais fácil para todos, achar frases nas quais falasse das boas coisas que Joe Pearson fizera — deveria haver muitas delas. Ainda estava debatendo isso quando Harry Tomaselli entrou.

O administrador entrara apressadamente, sem bater. Olhou primeiro para Pearson, depois seu olhar caiu em Dornberger e O'Donnell.

— Kent — disse rapidamente — que bom que você está aqui.

Antes que O'Donnell pudesse falar. Tomaselli já se voltara para Pearson.

— Joe — disse —, pode vir até meu escritório imediatamente? Vai haver uma reunião de emergência com a equipe dentro de uma hora.

Gostaria de falar com você antes. O'Donnell disse asperamente: — Uma reunião de emergência? Para quê?

Tomaselli virou-se. Sua expressão era séria e seus olhos denotavam preocupação.

— Foram descobertos casos de tifo no hospital — anunciou. — O Dr. Chandler declarou dois casos definidos, e há mais sob suspeita. Temos uma epidemia em nossas mãos, e precisamos descobrir a fonte.

Quando Elizabeth levantou o olhar, a porta se abriu e John entrou. Ele fechou a porta, depois ficou por um momento em pé encostado



nela.

Não havia nada para dizer. Só seus olhos exprimiam dor, compreensão e um irresistível amor. Ela estendeu os braços e ele abraçou-a.

— Johnny! Johnny, querido! — foi tudo o que ela pôde murmurar antes de começar a chorar baixinho.

Depois de um certo tempo, durante o qual manteve-a bem apertada, ele se afastou, enxugou-lhe as lágrimas com o mesmo lenço que usara para enxugar as suas. Mais tarde ainda, disse:

— Elizabeth, minha querida, se você ainda o desejar, há algo que eu gostaria de fazer.

— O que quer que seja — ela respondeu — a resposta é sim.

— Acho que você sempre quis isso — disse — e agora eu também quero. Escreverei amanhã pedindo os papéis. Vou tentar entrar para a escola de medicina.

Mike Seddons levantou-se da cadeira e começou a andar em volta do pequeno quarto do hospital.

— Mas é ridículo — disse com calor. — É um absurdo; não é necessário e não o farei.

— Por mim, meu amor. Por favor! — De sua cama Vivian fez um movimento de maneira que seu rosto ficasse na direção dele.

— Mas não é para seu bem, Vivian. É só uma tola e estúpida ideia que você deve ter tirado de uma novela sentimental de quarta classe.

— Mike, querido, gosto tanto quando você se zanga! Combina com seu maravilhoso cabelo. — Ela sorriu para ele, apaixonada, como se pela primeira vez sua mente se libertasse das coisas imediatas. — Prometa-me uma coisa.

— O quê? — Ele ainda estava zangado, a resposta era monossilábica.

— Prometa-me que depois de casados você algumas vezes ficará zangado, para podermos brigar e depois termos o prazer de fazer as pazes.

Ele disse com indignação:

— É uma sugestão tão tola quanto a outra. E além do mais, por que falar em casamento quando você quer que eu fique longe de você?

— Só por uma semana, Mike querido. Só uma semana, é tudo.

— Não!

— Escute-me, meu amor — ela insistiu. — Por favor, venha aqui e sente-se. E preste atenção. Por favor!

Ele hesitou, depois relutantemente voltou para a cadeira ao lado da cama. Vivian repousou a cabeça nos travesseiros, com o rosto virado para o lado na direção dele. Ela sorriu e estendeu sua mão. Ele segurou-a gentilmente e sua raiva se dissolveu. Somente uma vaga sensação inquietante, de dúvida, permanecia.

Era o quarto dia desde que Vivian voltara da operação, e nesse meio tempo sua melhora fora boa. O coto de sua coxa estava cicatrizando bem, ainda havia uma certa dor local e a inevitável tristeza, mas a grande e assoberbante agonia dos primeiros dois dias de recuperação tinha diminuído, e ontem a Dra. Grainger, com o conhecimento e consentimento de Vivian, tinha suspenso a ordem de injeções de demerol que ajudaram a aliviar a dor durante o pior período, agora já passado. Só havia uma coisa que Vivian achou penosa — uma surpreendente coisa com que não contara. O pé de sua perna amputada — um pé que não estava mais lá — coçava frequentemente, era um constante e malicioso tormento; era angustiante não poder coçá-lo. No começo, quando a vontade veio, ela tinha dirigido o pé remanescente para a sola do outro. Então, por um momento, estonteada, começara a acreditar que afinal de contas não houvera nenhuma amputação. Só quando a Dra. Grainger lhe assegurara que a sensação era inteiramente normal, e era experimentada pela maioria das pessoas que tinha qualquer membro removido, foi que compreendeu que sua esperança fora

ilusória. Entretanto, era uma sensação incomum, que Vivian esperava logo desaparecesse.

Psicologicamente, também, sua melhora parecia ser boa. Desde o momento em que, no dia antes da operação, Vivian tinha aceitado o inevitável, com aquela coragem simples que tanto tinha impressionado Mike Seddons, sua boa disposição continuava, e ela a sustentava. Ainda havia momentos negros de desespero; vinham quando estava sozinha, e por duas vezes, acordando de noite com o hospital silencioso e lúgubre à sua volta, tinha chorado baixinho por aquilo que perdera. Mas na maior parte das vezes baniu a tristeza, usando sua força inata para sobrepujá-la.

Lucy Grainger sabia disso e estava agradecida; tornava mais fácil seu trabalho de supervisionar o processo de recuperação. No entanto, Lucy sabia que para Vivian a prova real de suas emoções e espírito ainda estava um pouco mais além. A prova viria depois que o choque inicial passasse, quando o verdadeiro significado dos acontecimentos tivesse tempo de se desenvolver na mente de Vivian, quando as implicações para o futuro estivessem mais próximas e mais reais. Talvez esse momento não chegasse antes de seis meses, ou mesmo um ano; mas chegaria mais cedo ou mais tarde, e Lucy entendia que só então Vivian passaria da profundeza negra do desespero para outro estado de espírito mais durável, qualquer que pudesse ser. Mas isso era para o futuro; no presente e a curto prazo o prognóstico parecia ser razoavelmente brilhante.

Lucy naturalmente sabia — e estava certa de que Vivian sabia também — que permanecia a possibilidade de que o sarcoma osteogénico que o Dr. Pearson diagnosticara poderia ter-se disseminado por metástase antes da amputação, espalhando sua progressiva malignidade noutra parte do corpo de Vivian. Neste caso, haveria pouco mais que Três Condados ou a medicina em geral pudesse fazer por Vivian, além de um alívio paliativo e temporário. Mas mais tarde haveria tempo suficiente para se saber se isso era verdade. Para o bem da paciente, o melhor e mais sensato neste momento era presumir que o futuro para Vivian se estendia

indefinidamente em frente, e ajudá-la a adaptar-se rapidamente.

Hoje, também, o começo da recuperação de Vivian refletia-se em sua aparência... Pela primeira vez desde a sua volta da sala de operações tinha-se pintado, pondo ruge no rosto. Horas antes, sua mãe tinha vindo para ajudá-la a arrumar o cabelo, e agora, usando a mesma camisola que, numa ocasião anterior tinha quase levado Mike a cometer uma imprudência, muito do seu jovem encanto estava visivelmente de volta. Quando Mike segurou sua mão, ela disse:

— Não compreende, querido? Eu quero estar segura, segura, para meu próprio bem, tanto quanto para o seu.

— Mas segura de quê? — Nas faces de Mike Seddons havia duas manchas de cor forte. Ela disse francamente:

— Certa de que você realmente me ama!

— Claro que eu amo você. — Ele perguntou, com veemência: — Não é o que tenho repetido na última meia hora? Já não disse que quero que nos casemos como tínhamos combinado antes — ele hesitou — antes de isso acontecer? Até sua mãe e seu pai estão a favor. Já me aceitaram. Por que não faz o mesmo?

— Oh, mas eu o aceito, Mike. Agradecida e feliz. O que quer que aconteça entre nós, não acredito que jamais poderá existir alguma coisa igual outra vez; pelo menos — por um instante sua voz falseou —, não para mim.

— Então por quê...?

Ela implorou:

— Por favor, Mike. Escute-me. Você disse que o faria.

Impaciente, ele disse:

— Continue.

— Diga você o que quiser, Mike, não sou a mesma moça que você conheceu na primeira vez em que nos vimos. Nunca mais poderei ser. — Ela prosseguiu suavemente. — É por isso que preciso estar

segura, certa de que você me ama pelo que sou e não pelo que eu era. Não entende, meu amor, que se vamos passar juntos o resto de nossas vidas eu não poderia suportar o pensamento, nem mais tarde, nem nunca, de que você casou comigo por piedade? Não, não me interrompa, só escute. Sei que está pensando que não é verdade, e talvez não seja mesmo; desejo que não seja, com todo o meu coração. Mas Mike, você é bondoso e caridoso, e é possível que esteja fazendo isso por aquela razão, sem admitir nem para si mesmo.

Ele replicou de volta:

— Está sugerindo que não conheço meus próprios motivos?

Vivian respondeu suavemente: — E algum de nós realmente conhece?

— Eu conheço os meus. — Ele segurou-lhe as mãos gentilmente, seus rostos colados. — Sei que amo você — inteira ou não, ontem, hoje ou amanhã. E sei que quero casar-me com você — sem dúvida, sem piedade, sem esperar nem um dia a mais do que for necessário.

— Então faça só isso por mim porque me ama. Saia de junto de mim, e, mesmo estando no hospital, não venha me ver durante uma semana: sete dias inteiros. — Vivian olhou-o com franqueza. Continuou tranquilamente: — Durante esse tempo, pense em tudo, em mim, no que nossa vida seria juntos, como seria para você viver com uma aleijada; as coisas que não poderíamos compartilhar e aquelas que poderíamos; nossos filhos, como isso poderia afetá-los, e, através deles, você; tudo Mike, tudo que existe. Então, depois de ter feito isso, volte e diga-me, e, se ainda estiver seguro, prometo que nunca mais lhe farei perguntas. São só sete dias, querido, sete dias de nossas duas vidas. Não é muito.

— Diabos! — disse ele. — Você é obstinada.

— Eu sei. — Ela sorriu. — Então você o fará?

— Farei, mas só por quatro dias... nada mais.

Vivian sacudiu a cabeça: — Seis, nada menos.

— Vamos deixar por cinco — ele disse —, e é negócio feito.

Ela hesitou e Mike disse:

— É positivamente a minha melhor oferta. Vivian riu-se; era a primeira vez que o fazia.

— Está bem. Cinco dias a partir deste momento.

— Pois sim, que é a partir deste momento! — disse Mike. — Talvez dez minutos a partir de agora. Primeiro tenho que armazenar algo. Para um sujeito jovem, de sangue quente, cinco dias é um longo tempo.

Ele aproximou a cadeira para mais perto da cama e abraçou-a.

Foi um beijo demorado, alternativamente apaixonado e carinhoso.

No fim Vivian fez uma careta e afastou-se. Deu um suspiro e mudou sua posição na cama.

Mike perguntou ansioso:

— Há algo errado?

Vivian sacudiu a cabeça:

— Não exatamente. — Depois ela lhe perguntou: — Mike, onde guardaram minha perna, quero dizer, a que levaram?

Ele pareceu espantado, depois respondeu: — Está na Patologia, num congelador, acho eu. Vivian prendeu a respiração, depois soltou-a lentamente.

— Mike, querido — disse —, por favor, desça e coce o pé.

A sala do Conselho do hospital estava repleta. A notícia de reunião de emergência tinha corrido rapidamente pelo hospital, e os médicos ausentes de Três Condados naquele dia tinham sido notificados nos seus consultórios na cidade ou em casa. Os rumores da queda de Joe Pearson e sua iminente partida também voaram com igual rapidez, e tinha sido o assunto de um zunzum de

discussões que se aquietaram quando Pearson entrou, e com ele o administrador e David Coleman.

Kent O'Donnell já estava na cabeceira da longa mesa de nogueira. Olhando à sua volta, podia ver a maioria dos rostos familiares. Gil Bartlett, com a barba oscilando rapidamente, estava conversando com Roger Hilton, o jovem cirurgião que se tinha juntado à equipe de Três Condados um mês ou dois atrás. John Mc Ewan, o especialista de nariz e garganta, estava no que parecia ser uma acalorada discussão com Ding Dong Bell e o gordo Lewis Toynbee, o médico de doenças internas. Bill Rufus, com uma gravata verde brilhante e amarela, sobressaía do grupo, e foi sentar-se na segunda fileira de cadeiras. Exatamente na frente, examinando umas páginas de anotações escritas a mão, estava o Dr. Harvey Chandler, chefe da Medicina. Havia diversos membros da equipe da casa, e entre eles O'Donnell divisou Mc Neil, o patologista residente. Ao lado do administrador, assistindo à reunião por convite especial, estava Mrs. Straughan, a dietista-chefe. Perto achava-se Ernie Reubens, que parecia estar intricadamente avaliando os balouçantes e voluptuosos seios da dietista. Ausente da reunião estava a figura familiar de Charles Dornberger, que já tornara conhecida a sua intenção de se aposentar.

Olhando para a porta, O'Donnell viu Lucy Grainger entrar; ela encontrou seu olhar e sorriu levemente. Vendo Lucy, recordou-se de sua decisão pessoal sobre seu próprio futuro, que quando tudo isso estivesse resolvido ele ainda teria de enfrentar. Então, subitamente, percebeu que desde essa manhã nem uma só vez pensara em Denise. A atividade no hospital tinha retirado a presença dela de sua mente, e ele sabia que nos próximos dois dias de qualquer maneira haveria outras ocasiões em que a mesma coisa aconteceria. O'Donnell imaginou como Denise reagiria tendo o segundo lugar, depois dos assuntos médicos. Seria compreensiva? Digamos, tão compreensiva quanto Lucy? Embora o pensamento fosse efêmero, fez com que se sentisse mal, como se, por essa comparação mental, tivesse sido desleal. No momento ele preferia pensar em coisas presentes. Agora, decidiu, era tempo de a reunião começar.

O'Donnell pediu silêncio, depois esperou até que a conversa morresse e que aqueles que estavam de pé se dirigissem para seus assentos. Ele começou tranquilamente:

— Senhoras e senhores, acho que todos nós sabemos que epidemias em hospitais não são raras, e na realidade bem mais frequentes do que a maioria do público suspeita. De um certo modo, suponho que se possa dizer que as epidemias são os riscos de nossa existência. Quando se considera quantas doenças abrigamos dentro dessas paredes, é surpreendente realmente que não sejam mais numerosas.

Todos os olhos da sala estavam fitos nele. Fez uma pausa por um momento, depois continuou:

— Não tenho intenção de diminuir o que aconteceu, mas quero que conservemos o sentido de proporção. Dr. Chandler, talvez o senhor nos faça o favor de prosseguir.

Quando O'Donnell se sentou, o chefe da Medicina ficou de pé.

— Para começar, vamos resumir — Harvey Chandler segurava suas anotações e seu olhar passeou de um modo teatral pela sala. Harvey está apreciando isso, pensou O'Donnell; ele sempre gostara de atenção. O chefe da Medicina continuou:

— O quadro até agora é o seguinte: temos dois casos claros de tifo e quatro suspeitos. Todos os casos são de empregados do hospital, e podemos considerar-nos afortunados de que os pacientes não tenham sido afetados ainda. Por causa do número de casos, estou certo de que é evidente para os senhores, como o é para mim, que temos em algum lugar do hospital um portador de tifo. Agora devo dizer quão escandalizado fiquei, como todos devem ter ficado, ao saber que os exames nos que lidam com a comida não têm sido feitos há...

Quando ele mencionou os que lidavam com a comida O'Donnell teve um sobressalto. Então, atalhou, tranquilamente, tão cortesmente quanto possível:



— Desculpe-me, doutor.

— Sim? — O tom de Chandler tornava claro que a interrupção não fora apreciada.

Educadamente, O'Donnell disse:

— Harvey, nós vamos tratar desse outro caso dentro em breve. Gostaria que no momento você se restringisse a salientar os aspectos médicos.

Ele pôde sentir o ressentimento do outro homem. Harvey Chandler, que era virtualmente igual a O'Donnell na hierarquia do hospital, não gostava absolutamente daquilo. Além do mais, o Dr. Chandler gostava de se estender nos assuntos; tinha a reputação de nunca usar uma só palavra quando fosse possível usar duas ou três.

Então ele resmungou:

— Bem, se é assim que quer... Mas... Suave, porém firmemente, O'Donnell disse:

— Muito obrigado.

Chandler fuzilou-o com um olhar que dizia: "Mais tarde vamos discutir isso em particular". Então, depois de uma mal percebida pausa, continuou:

— Para o benefício daqueles que não estão familiarizados com o tifo — e acho que deve haver alguns, porque hoje em dia já não é coisa muito comum —, vou salientar os principais sintomas iniciais. Geralmente falando há uma febre crescente, calafrios e pulso lento. Há também baixa contagem de glóbulos, e naturalmente as características manchas rosadas. Além do mais, o paciente provavelmente se queixará de uma dor de cabeça persistente, nenhum apetite e dores pelo corpo. Alguns poderão dizer que se sentem tontos durante o dia e que não encontram repouso de noite. Outra coisa para se ter cuidado é a bronquite; é muito comum com o tifo, e podem-se encontrar também narizes que sangram. E, naturalmente, o baço sensível e intumescido.

O chefe da Medicina sentou-se.

O'Donnell indagou: — Alguma pergunta? Lucy Grainger falou:

— Será que as vacinas contra tifo já foram providenciadas?

— Sim — respondeu Chandler. — Para todos os empregados, para a equipe e também para os pacientes que estejam em boas condições para tomá-la.

— E as providências quanto à cozinha? — A pergunta era de Bill Rufus.

O'Donnell respondeu:

— Se não se importa, trataremos disso mais tarde. No presente momento há algo mais de ordem médica? — Olhou à sua volta: as cabeças sacudiram negativamente. — Muito bem, então. Vamos ouvir a opinião da Patologia. — Anunciou calmamente: — Dr. Pearson.

Até esse momento tinha havido um certo barulho na sala. Agitação, movimento de cadeiras, murmúrios de conversa fora da discussão principal. Mas agora houve um silêncio, enquanto os olhos se voltaram curiosamente para o meio da longa mesa onde Joe Pearson estava sentado. Desde que entrara, não dissera uma palavra, mas tinha-se conservado quieto, imóvel, com os olhos fixos diretamente para a frente. Pela primeira vez não acendera um charuto, e o efeito era da falta de uma familiar marca registrada. Mesmo quando seu nome foi mencionado, não fez nenhum movimento.

O'Donnell esperou. Já ia repetir o chamado quando Joe Pearson mexeu-se. Empurrando para trás sua cadeira, o velho patologista levantou-se.

Lentamente seus olhos percorreram a sala da diretoria. Passaram por todo o comprimento da mesa e voltaram para a cabeceira. Olhando diretamente para O'Donnell, Pearson disse:

— Essa epidemia não deveria ter acontecido. Nem aconteceria se a

Patologia tivesse estado alerta para qualquer falha nas precauções higiênicas. É responsabilidade de meu departamento, e portanto minha própria, a ocorrência dessa negligência.

Um silêncio permanecia. Era como se fosse um momento histórico. Nesta mesma sala, tantas vezes Joe Pearson condenara outros por erros e enganos. Agora ali estava ele — acusador e acusado.

O'Donnell pensou se devia interromper. Depois decidiu que não.

Novamente Pearson olhou à sua volta. Então disse lentamente:

— Tendo assumido parte da culpa, devemos agora evitar que a epidemia vá mais longe. — Olhou para Harry Tomaselli, do outro lado da mesa. — O administrador, os chefes de departamentos e eu formulamos certas medidas que devem ser tomadas imediatamente. Vou lhes dizer quais são.

Pearson fez uma pausa, e quando recomeçou sua voz tinha um tom mais forte. Era quase, refletiu O'Donnell, como se nesse único momento o velho médico se tivesse libertado de sua idade, como se fosse um lampejo do que tinha sido há muito tempo atrás, quando era mais jovem — dedicado, ativo e competente. O antigo jeito sarcástico, o ar de desprezo duvidoso, que todos naquela sala tão bem conheciam, tinham desaparecido. No lugar ficara autoridade e conhecimento, e a honesta franqueza de alguém que aceita sem discussão o fato de estar falando com pessoas iguais.

— O problema imediato — disse Pearson — é localizar a fonte de infecção. Por causa da falha em examinar propriamente os que lidam com a comida há quase seis meses, é lógico que suspeitamos da comida como meio de contaminação, e devemos começar daí. Por esta razão, deve haver uma inspeção médica em todos os que lidam na cozinha, antes que a próxima refeição seja servida no hospital. — De seu paletó puído, de lã, tirou um relógio e colocou-o sobre a mesa. — São duas e quinze da tarde agora. Isso nos dá duas horas e três quartos. Durante esse período, todo empregado que tenha qualquer parte na preparação da comida hospitalar deve ser inteiramente submetido a exame. Maiores facilidades estão sendo

preparadas na clínica de pacientes de fora. Acho que todos os médicos de doenças internas e toda a equipe da casa já foram notificados antes dessa reunião. — Olhou ao redor e houve um assentimento geral. — Muito bem. Assim que acabarmos, o Dr. Coleman — Pearson olhou para David Coleman ao seu lado — lhes dará a indicação para uma sala específica.

Fazendo um gesto na direção da dietista-chefe, Pearson disse:

— Mrs. Straughan está encarregada de reunir todas as pessoas envolvidas, e elas se apresentarão na clínica em grupos de doze. Isto quer dizer que dentro desse tempo serão examinadas noventa e cinco pessoas. Quando fizerem esses exames, por falar nisso, lembrem-se de que o portador do tifo, presumindo que haja um portador, provavelmente não terá nenhum dos sintomas descritos pelo Dr. Chandler. O que devem procurar especialmente é qualquer falta de asseio. E suspendam do trabalho, por enquanto, qualquer um que suscite dúvidas.

Pearson parou, como se pensasse. Até então não consultara quaisquer anotações. Então continuou novamente:

— Naturalmente, sabemos que os exames físicos não nos darão toda a história. Podemos ter sorte e achar o indivíduo que procuramos desta maneira, mas as probabilidades são de que não o acharemos. É praticamente certo que o trabalho principal será nos laboratórios, assim que os exames médicos estiverem prontos. Todas as pessoas examinadas devem ser avisadas de que também será necessário o exame de fezes, e que as amostras de fezes devem estar no hospital amanhã de manhã. — Fez um arremedo de sorriso. — Constipação não será aceita como desculpa; e se alguém pode entregar a amostra hoje, aceitaremos, naturalmente, agradecidos. Os laboratórios estão sendo preparados para enfrentar todas as culturas que deveremos examinar. É claro que demoraremos alguns dias — dois ou três pelo menos — para lidar com todas essas amostras de fezes.

Uma voz — O'Donnell achou que era de Gil Bartiett — disse tranquilamente:

— Noventa e cinco, pessoal! É muita merda! Uma onda de riso correu pela mesa. Pearson virou-se:

— Sim — disse —, é muita. Mas faremos o melhor que pudermos. — Dizendo isso, sentou-se.

Lucy levantou a mão e O'Donnell acenou para que falasse. Ela perguntou:

— Se a fonte de infecção não for encontrada imediatamente, vamos continuar a usar as cozinhas do hospital, para servir a comida daqui?

O administrador acrescentou:

— Meu escritório está verificando agora se há algum fornecedor de fora que possa suprir a comida, se assim for necessário. Duvido, entretanto, que haja alguém na cidade com tais facilidades — em tão curto tempo assim — para fazê-lo.

Bill Rufus perguntou:

— Qual o critério a seguir para o internamento?

— Sinto muito — respondeu O'Donnell. — Devia ter falado nisso. Suspendemos internamentos por enquanto. O departamento de admissão já foi avisado, mas, naturalmente, esperamos que a Patologia descubra a fonte da infecção rapidamente, e então recomeçaremos a internar novamente. Mais alguma pergunta?

Não havia mais nenhuma. Olhando para a mesa, O'Donnell perguntou:

— Dr. Coleman, tem mais alguma coisa a acrescentar?

David Coleman sacudiu a cabeça.

— Não.

O'Donnell fechou a pasta que estava aberta à sua frente.

— Muito bem, senhoras e senhores, sugiro que comecemos. — Então, quando as cadeiras foram afastadas e a conversa começou, ele perguntou a Pearson:

— Joe, posso dar-lhe uma palavrinha?

Juntos, dirigiram-se a uma janela longe dos outros que saíam em fila pela porta. O'Donnell falou tranquilamente, assegurando-se de que sua voz não se projetasse:

— Joe, naturalmente você vai continuar encarregado da Patologia durante esse surto de epidemia. Mas acho que devo deixar bem claro que, concernente a outras coisas, nada mudou.

Pearson concordou lentamente. — Sim — disse —, já tinha pensado nisso.

## XXII

Como um general que avalia suas forças antes da batalha, o Dr.

Joseph Pearson inspecionou o laboratório de patologia.

Com ele, estavam David Coleman, o patologista residente Dr. Mc Neil, Carl Bannister e John Alexander. Pearson, Coleman e Mc Neil tinham vindo diretamente da reunião de emergência da equipe, na sala de diretoria. Os outros dois, já trabalhando por instruções prévias, tinham esvaziado todo o laboratório, exceto o que fosse de auxílio essencial e imediato.

Quando Pearson terminou sua inspeção, dirigiu-se aos outros quatro.

— Nosso problema — comentou — é de detetives. Num campo de aproximadamente noventa e seis pessoas, os que lidam com a comida, é de nosso dever descobrir um único indivíduo que acreditamos esteja espalhando germes de tifo dentro deste hospital. É também um problema de rapidez; quanto mais tempo levamos pior será o surto. Nossos meios de descobrir serão as amostras de fezes, que devem começar a chegar hoje, com o maior volume entrando amanhã.

Dirigiu-se a Roger Mc Neil.

— Dr. Mc Neil, seu trabalho nos próximos dias será manter o laboratório livre de tudo que não seja essencial para o trabalho. Verifique todas as requisições de rotina que entrarem e decida quantas deverão ter prioridade e quais as que podem ser adiadas pelo menos por um dia ou dois. Os itens de laboratório que na sua opinião forem urgentes devem ser manipulados por Carl Bannister. Trabalhe com ele tanto quanto possa, mas não o sobrecarregue com coisa alguma que não seja essencial; o resto do tempo ele trabalhará no nosso principal projeto — continuou Pearson depois que Mc Neil

concordou. — O senhor ficará encarregado de todos os relatórios. Trate dos que forem urgentes e acumule tudo que possa esperar. Se houver algum diagnóstico sobre o qual não esteja seguro, chame o Dr. Coleman ou eu mesmo.

— Certo. Vou para o escritório agora. Mc Neil saiu.

Para os outros Pearson disse:

— Usaremos uma lâmina separada para cada cultura de fezes. Não quero correr o risco de colocar diversas culturas juntas, depois uma cobrir as outras; isto significaria perder tempo e ter de recomeçar tudo novamente.

Perguntou a Alexander:

— Temos o agente Mac Conkey pronto em quantidade suficiente para ser usado em cerca de cem culturas?

John Alexander estava pálido e de olhos vermelhos. Tinha voltado do quarto de Elizabeth, havia somente meia hora. Entretanto, respondeu prontamente:

— Não — disse —, duvido que tenhamos mais do que duas dúzias. Normalmente é o suprimento para diversos dias.

Depois de ter falado, vendo que sua reação a uma pergunta sobre o laboratório surgia do costume, John Alexander imaginou quais eram seus próprios sentimentos em relação a Dr. Pearson. Descobriu que não os podia definir. Supunha que deveria odiar esse velho cuja negligência fora a causa da morte de seu filho, e talvez mais tarde o fizesse. Mas, por enquanto, havia somente uma surda e profunda dor e uma sensação de melancolia. Talvez fosse ótimo que no momento aparecesse tanto trabalho para ser enfrentado. Pelo menos poderia tentar absorver-se nele.

— Compreendo — disse Pearson. — Bem, então quer trabalhar na preparação de agentes e continuar até que todas as lâminas estejam prontas para o uso? Devemos tê-las todas prontas até o fim deste dia.



— Vou começar. — Alexander seguiu Mc Neil, que saía. Agora Pearson pensava em voz alta.

— Vamos ter noventa e cinco culturas, digamos cem. Presumindo que cinquenta por cento serão lactose positiva, deixaremos os outros cinquenta por cento para serem investigados depois; não deverão ser mais que isso. — Olhou para Coleman como se pedisse confirmação.

— Eu concordo — disse Coleman.

— Está certo, então; vamos precisar de dez tubos de açúcar para uma cultura. Cinquenta culturas significam quinhentas subculturas. — Virando-se para Bannister, Pearson perguntou: — Quantos tubos de açúcar estão prontos, limpos e esterilizados?

Bannister considerou: — Provavelmente duzentos.

— Tem certeza? — Pearson olhou-o penetrantemente. Bannister enrubesceu. Depois respondeu:

— Uns cento e cinquenta, em todo o caso.

— Então encomende mais trezentos e cinquenta. Ligue para o fornecedor e diga que queremos que sejam entregues hoje e sem falta. Diga-lhe que trataremos dos papéis depois — Pearson continuou: — Depois de ter feito isso comece a preparar os tubos em grupos de dez. Use os que estão à mão primeiro, depois os outros; quando chegarem, verifique os suprimentos de açúcar, também. Lembre-se de que vai precisar de glucose, lactose, dulcitol, sacarose, manitol, maltose, xilose, arabinose, ramnose e um tubo para produção de indol.

Pearson tinha desfiado os nomes sem hesitação. Com um arremedo de sorriso, disse a Bannister: — Achará a lista e a tabela de reações para o tipo Salmonella na página sessenta e seis do livro de normas do laboratório. Está bem, vamos andando.

Apressadamente, Bannister correu ao telefone. Virando-se para David Coleman. Pearson perguntou:

— Lembra-se de alguma coisa que eu tenha esquecido?

Coleman sacudiu negativamente a cabeça. O domínio da situação pelo velho, assim como sua rapidez e esmero, tinham-no surpreendido e impressionado.

— Não — respondeu — não lembro de nada. Por um momento Pearson observou o jovem. Depois disse:

— Nesse caso, vamos tomar café. Pode ser a nossa última oportunidade nos próximos dias.

Agora que Mike Seddons partira, ocorreu a Vivian que grande vácuo sua ausência causaria e como pareceriam arrastados os próximos dias sem ele. Pensava, entretanto, estar certa quando pedira a Mike Seddons para se afastar por uns dias. Isto daria a ambos condições de adaptação e tempo suficiente para pensar serenamente sobre o futuro. Não que Vivian precisasse de tempo para pensar; tinha certeza de seus sentimentos, mas dessa maneira era mais justo para Mike. Pela primeira vez ocorreu-lhe que agindo como agira estava pedindo a Mike que provasse seu amor por ela, enquanto o dela era aceito sem discussão.

Mas não fora essa sua intenção. Vivian imaginava, pouco à vontade entretanto, se Mike teria entendido daquela maneira — se ela lhe parecera desconfiada, e incapaz de aceitar seu amor de coração aberto. Ele não dera essa impressão, é verdade, mas talvez depois de pensar bem no que acontecera ele poderia entender mal. Raciocinou se devia chamá-lo ou enviar um bilhete explicando sua verdadeira intenção — isto é, se ela estivesse segura disso. Entretanto, estaria ela segura — agora mesmo? Às vezes era tão difícil pensar com clareza: começa-se fazendo o que se pensaria estar certo, depois imagina-se se alguém mais interpretou mal, se achou significações ocultas que na realidade nunca lhe passaram pela cabeça. Como poder ter a certeza de qual a melhor coisa a fazer sobre qualquer assunto... em qualquer lugar... jamais?

Houve uma leve batida na porta e Mrs. Loburton entrou. Vendo-a,

de repente Vivian esqueceu que já tinha dezenove anos, que era adulta, capaz de resolver sozinha seus problemas. Estendeu os braços.

— Oh, mamãe — disse. — Estou terrivelmente confusa!

Os exames físicos nos que lidavam com comida estavam-se processando rapidamente. Numa pequena sala de consultas — a primeira de uma série de salas iguais do departamento dos pacientes de fora — o Dr. Harvey Chandler estava terminando seu exame num dos cozinheiros.

— Está bem — disse —, pode vestir-se.

No começo o chefe da Medicina não estava muito certo se seria ou não digno dele tratar pessoalmente dos exames. Mas eventualmente resolvera favoravelmente, sendo sua atitude a de um oficial comandante que se sente moralmente compelido a se colocar à frente de suas tropas durante um ataque a uma cabeça de ponte.

Realmente, o Dr. Chandler estava meio ressentido pelo domínio da situação por O'Donnell e Pearson. O'Donnell era, naturalmente, o presidente do Conselho Médico e encarregado de prover o bem-estar do hospital. Mesmo assim, refletiu Chandler — era simplesmente um cirurgião, e tifo era essencialmente um assunto de medicina interna.

De um certo modo o chefe da Medicina sentia-se privado do papel principal na presente crise. Em alguns de seus mais íntimos pensamentos, o Dr. Chandler por vezes se imaginava um homem predestinado, mas as oportunidades de provar isso eram raras demais. Agora, com uma oportunidade à mão, fora relegado se não para um pequeno papel, pelo menos para um secundário. Tinha de admitir, todavia, que as providências tomadas por O'Donnell e Pearson estavam funcionando bem, e pelo menos todos tinham a mesma meta de pôr fim a esse deplorável surto de tifo. Franzindo ligeiramente a testa, disse ao cozinheiro que se vestia:

— Lembre-se de ser muito cuidadoso com a higiene. E quando estiver trabalhando na cozinha mantenha a mais absoluta limpeza.

— Sim, doutor.

Quando o homem saiu, Kent O'Donnell entrou. — Olá — disse. — Como vai indo tudo?

A primeira tendência de Chandler foi responder com raiva. Depois resolveu que talvez não houvesse realmente razão para se aborrecer. E afora o defeito de O'Donnell ser — na opinião de Chandler — um pouco democrático demais, era um bom homem para estar à testa do Conselho e certamente uma grande melhora sobre seu predecessor. Portanto, bastante amigavelmente, respondeu:

— Perdi a noção do tempo. Acho que estamos indo bem. Mas não apareceu nada até agora.

— Como vão os pacientes com tifo? — perguntou O'Donnell. — E os quatro casos suspeitos?

— Pode agora considerar quatro definitivos — disse Chandler —, e riscar dois dos suspeitos.

— Alguém está em perigo?

— Acho que não. Deus seja abençoado pelos antibióticos. Há quinze anos atrás estaríamos com muito mais problemas do que agora.

— Sim, creio que é verdade. — O'Donnell sabia que era inútil perguntar sobre a precaução de isolamento. Apesar de sua pretensão no falar, podia-se confiar que Chandler só faria o que fosse medicamente certo.

— Duas das pacientes são enfermeiras — disse Chandler. — Uma da Psiquiatria, a outra da Urologia. Os outros dois são homens: um trabalhador da sala dos geradores e um funcionário do escritório.

— Todos de partes bem separadas do hospital — comentou O'Donnell pensativo.

— Exatamente! Não há um denominador comum, exceto a comida do hospital. Todos os quatro fazem suas refeições na cantina do

hospital. Acho que não existe dúvidas de que estamos na pista certa.

— Então não vou prendê-lo — disse O'Donnell. — Você tem mais dois esperando lá fora, mas alguns dos outros médicos têm mais, e nós os estamos substituindo.

— Muito bem — disse Chandler. — Eu continuarei até que tudo esteja bem; nada deve parar-nos, não importa quanto tempo leve.

Ele sentou-se mais ereto na sua cadeira. Tinha a sensação de que havia um toque de intrepidez e uma auréola nas suas palavras francas.

— Você está certo — falou O'Donnell. — Deixo isso a seu encargo.

Um pouco melindrado pela reação tão casual, o chefe da Medicina disse formalmente:

— Poderia pedir à enfermeira que faça entrar o próximo, por favor?

— Claro.

O'Donnell saiu e um instante após, uma servente de cozinha entrou segurando um cartão. Chandler dizia:

— Eu fico com isso. Sente-se, por favor. — Colocou o cartão à sua frente e pegou uma folha em branco.

— Sim, senhor — respondeu a menina.

— Bem, primeiro quero sua história médica, sua e de sua família, tão longe quanto possamos ir. Começemos por seus pais.

Com a moça respondendo às suas cuidadosas perguntas, as anotações de Chandler começaram a encher o papel à sua frente. Como sempre, quando terminasse, o resultado seria um modelo de um bem relatado caso histórico, apropriado para ser incluído em qualquer livro de textos médicos. Uma das razões por que o Dr. Chandler era chefe da Medicina de Três Condados era por ser um clínico preciso e consciencioso.

Saindo das salas do Departamento de Pacientes Externos, Kent

O'Donnell permitiu-se pensar pela primeira vez com um certo grau de perspectiva em alguns dos acontecimentos ocorridos nesse dia. Já estava no meio da tarde e desde a manhã tanta coisa acontecera que fora impossível alcançar as conseqüências de tudo.

Numa rápida e inesperada sucessão tinha vindo o incidente da criança mal diagnosticada e pouco depois sua morte. Depois tinham-se seguido: a demissão de Pearson, a aposentadoria de Dornberger, a descoberta de que uma elemental precaução de higiene fora negligenciada no hospital por mais de seis meses, e agora o aparecimento de tifo, com a ameaça de uma epidemia mais grave, pairando sobre Três Condados como uma espada vingativa.

Tanta coisa parecia ter desabado de vez. Por quê? Como tinha acontecido? Seria um súbito sintoma de mal-estar que, despercebido até agora, tinha, dominado o hospital? Haveria mais coisa para vir, talvez? Seria isso o sinal de uma desintegração geral que se seguiria? Teriam todos eles sido culpados no sentido de complacência — do qual ele, O'Donnell, tivesse sido o instigador?

Pensou: "Estávamos todos tão certos, tão seguros de que este regime era melhor que o do passado. Trabalhamos para erigi-lo. Acreditamos que estávamos criando e progredindo, construindo um templo de cura, um lugar onde a boa medicina fosse aprendida e praticada. Mas então falhamos — ignominiosa e cegamente —, apesar da sinceridade de nossas próprias intenções? Fomos estúpidos e cegos — de olhos postos nos altos das nuvens, erguidos para o brilho do ideal, porém ignorando o claro aviso terreno dos acontecimentos diários? O que construímos aqui?" O'Donnell rebuscou na sua mente. "Será na realidade um lugar de cura? Ou erigimos, loucamente, um sepulcro caiado — um sacrário vazio e antisséptico?"

Preocupado, com os pensamentos queimando, intensos. O'Donnell tinha passado pelo hospital instintivamente, inconsciente do que o cercava. Agora, chegara a seu escritório e entrara.

Foi até a janela e ficou olhando para baixo, para o pátio do hospital.

Como sempre, havia movimento de pessoas entrando e saindo. Viu um homem mancando, com uma mulher segurando seu braço; passaram embaixo, fora de vista.

Um carro parou, um homem saltou e ajudou uma mulher a entrar. Uma enfermeira apareceu entregando um bebê à mulher. As portas bateram; o carro se foi — um menino de muletas apareceu à vista: andava rapidamente, balançando o corpo com a facilidade da prática. Foi parado por um senhor de capa de borracha; o velho parecia indeciso quanto à direção. O menino apontou. Andaram juntos para as portas do hospital.

O'Donnell pensou: "Vieram a nós suplicantes, cheios de fé. Somos nós dignos dela? Nossos sucessos compensam nossos fracassos?"

Podemos nós, a tempo, por dedicação, reparar nossos erros? Saberemos isso algum dia?"

Mais calmamente, raciocinou: "Depois de hoje deve haver muitas mudanças. Devemos cobrir as brechas, não somente aquelas já expostas, mas outras que descobriremos por meio de uma busca diligente. Devemos investigar as fraquezas entre nós mesmos e na estrutura do hospital. Deve haver maior autocrítica, mais autoexame. Que o dia de hoje", pensou, "fique como um farol brilhante e iluminado, uma cruz de arrependimento, um sinal para um novo começo".

Havia muito para ser feito, muito trabalho pela frente. Começariam com a Patologia — o ponto fraco onde o problema começara. Depois deveria haver reorganização em outros lugares — havia diversos departamentos que ele suspeitava estarem necessitados. Era definitivo agora que o trabalho no novo edifício começaria na primavera, e os dois programas podiam incorporar-se. O'Donnell começou a planejar, e seu cérebro funcionava celeremente.

O telefone soou estridente. A telefonista anunciou: — Dr. O'Donnell, interurbano para o senhor.

Era Denise. Sua voz tinha a mesma suave rouquidão que o atraía antes. Depois de trocarem saudações, ela disse:

— Kent, querido, quero que venha a Nova York no próximo fim de semana. Convidei umas pessoas para sexta-feira à noite e pretendo lhas apresentar.

Ele só hesitou um momento. Depois disse:

— Sinto muito, Denise, não vou poder ir.

— Mas deve vir — sua voz era insistente. — Já enviei os convites e não é possível cancelá-los.

— Acho que não compreendeu — sentiu que lutava desajeitadamente para descobrir as palavras certas. — Temos uma epidemia aqui. Tenho de ficar até terminar, depois por um certo tempo, pelo menos, vai ser preciso fazer outras coisas.

— Mas você disse que viria, meu amor, sempre que eu chamasse.

Havia um leve traço de petulância. Ele viu-se desejando estar com Denise. Estava certo de que então poderia fazer com que ela entendesse. Será que poderia mesmo? Respondeu.

— Infelizmente, não sabia que isto iria acontecer.

— Mas você é o diretor do hospital. Certamente que só por um dia ou dois pode deixar outra pessoa responsável. — Era óbvio que Denise não tinha intenção de compreender.

Ele disse tranquilamente. — Sinto muito, mas não posso.

Houve um silêncio do outro lado da linha. Então Denise disse levemente.

— Eu avisei, Kent, sou uma pessoa possessiva. Começou a dizer:

— Denise querida, por favor... — Depois parou.

— É essa realmente sua resposta final? — A voz no telefone era ainda suave, quase acariciadora.

— Tem de ser — ele respondeu —, sinto muito. — Acrescentou: — Eu liguei o telefone, Denise; assim que eu puder sair. — Sim — ela disse —, faça isso, Kent. Adeus. — Adeus — respondeu. Depois, pensativo, repôs o fone no gancho.



Estava no meio da manhã do segundo dia do surto de tifo.

Como o Dr. Pearson predissera, enquanto poucas amostras de fezes tinham chegado ao laboratório ontem, uma grande quantidade começara nas últimas horas.

As amostras, colocadas dentro de caixas de papelão com tampas, estavam dispostas em fileiras na mesa central do laboratório de Patologia. Cada uma estava identificada quanto à origem, e Pearson, sentado numa cadeira de madeira numa das extremidades da mesa, adicionava um número de série do laboratório e preparava papéis dos relatórios, nos quais os resultados das culturas seriam anotados mais tarde.

Quando Pearson completava o trabalho preliminar, passava cada espécie para trás dele, onde David Coleman e John Alexander, trabalhando lado a lado, preparavam as lâminas de cultura.

Bannister, sozinho numa mesa lateral, estava manipulando outros pedidos do laboratório que Mc Neil, agora reinando no escritório de Patologia, decidira que não poderiam ser adiados.

O laboratório cheirava mal.

Com exceção de David Coleman, todos na sala fumavam. Pearson expelia grandes nuvens de fumaça de seu charuto para combater o odor quando as tampas eram retiradas das caixas dos espécimes de fezes.

Antes Pearson tinha silenciosamente oferecido um charuto a Coleman, e o mais jovem patologista o acendera por certo tempo. Mas tinha achado o charuto quase tão desagradável quanto o ar poluído, e o jogara fora.

O jovem mensageiro do hospital, que era inimigo declarado de Bannister, experimentava uma grande satisfação em trazer os espécimes, e, a cada nova leva, sempre tinha uma nova piada para acompanhá-la. Na sua primeira viagem ele olhara para Bannister e anunciara:

— Eles certamente acharam o lugar certo para enviar este material.

Mais tarde ele dissera a Coleman:

— Consegui seis aromas novos para o senhor, doutor. — Então, colocando uma série de caixas em frente a Pearson, perguntara: — Gostaria de creme e açúcar no seu, senhor? — Pearson grunhia e continuava a escrever.

John Alexander trabalhava metodicamente, com a mente concentrada no que estava na sua mão. Com a mesma fluidez de movimentos que David Coleman notara no primeiro encontro, pegou uma caixa do espécime e removeu a tampa de papelão. Puxou um recipiente especial na direção dele e, usando um lápis, copiou o número da tampa em cima do recipiente. Então pegou uma pequena pinça de platina fixa na extremidade de um cabo de madeira e esterilizou-a na chama de um bico de gás. A seguir passou a pinça através de uma amostra de fezes, transferindo uma pequena porção para um tubo de salina estéril. Repetiu o processo e, então, usando a pinça de platina novamente, plantou um pouco da solução na lâmina da cultura, movendo a pinça em batidas firmes e constantes.

Depois ele rotulou o tubo de salina e colocou-o numa prateleira. Levou o recipiente com sua lâmina de cultura através do laboratório para uma incubadora. Lá permaneceria até o dia seguinte, quando subculturas, se necessário, poderiam ser começadas. O processo era do tipo que não podia ser apressado.

Virou-se e encontrou David Coleman perto, por trás dele. Num impulso, disse tranquilamente, sentindo a presença de Pearson do outro lado da sala:

— Doutor, há algo que queria dizer-lhe.

— O que é? — Coleman acrescentou um recipiente também à incubadora e fechou a porta.

— Eu... isto é, nós... decidimos aceitar seu conselho. Vou matricular-me na escola de medicina.

— Fico muito satisfeito — disse Coleman com sinceridade. — Tenho

certeza de que vai dar muito certo.

— O que vai dar certo? — perguntou Pearson, de cabeça erguida, observando.

Coleman voltou para sua posição de trabalho, sentou-se e abriu uma nova amostra. Disse casualmente:

— John acabou de me dizer que decidiu entrar para a escola de medicina. Aconselhei-o há algum tempo atrás a fazer isso.

— Oh! — Pearson olhou firmemente para Alexander. Perguntou: — Como você vai custear isso?

— Em primeiro lugar, minha mulher pode trabalhar, doutor. E depois eu pensei que poderia conseguir trabalhos de laboratório fora das horas de aulas; uma porção de estudantes faz isso — Alexander fez uma pausa, olhou para Coleman e acrescentou: — Não acho que vá ser fácil. Mas achamos que vale a pena.

— Compreendo. — Pearson tinha expelido a fumaça; então pousou seu charuto. Esteve prestes a dizer alguma coisa, depois hesitou.

Finalmente perguntou: — Como está sua mulher? Tranquilamente, Alexander respondeu: — Ela vai ficar bem. Obrigado.

Por um certo tempo houve um silêncio. Depois Pearson disse lentamente:

— Desejava que houvesse algo que eu pudesse dizer-lhe — fez uma pausa. — Mas suponho que palavras não vão adiantar muito.

Alexander encontrou os olhos do velho médico. — Não, Dr. Pearson — disse —, não creio que adiantem.

Sozinha no seu quarto de hospital, Vivian tentava ler uma novela que sua mãe tinha trazido, mas sua cabeça não registrava as palavras. Dando um suspiro, pousou o livro. Neste momento desejava desesperadamente não ter forçado Mike a prometer ficar longe. Imaginou: deveria mandar chamá-lo? Seus olhos foram para o telefone; se ela o chamasse, ele viria provavelmente dentro de

minutos. Seria tão importante esta ideia tola de uns poucos dias de separação para ambos examinarem as coisas? Afinal de contas, estavam apaixonados: não era isso o bastante? Deveria chamá-lo? Sua mão hesitava. Estava a ponto de pegar o receptor quando seu senso de decisão venceu. Não! Ela esperaria. Este já era o segundo dia. Os outros três passariam velozmente, e ela teria Mike para si — então e para sempre.

Na sala de estar da equipe, fora de serviço por meia hora, Mike Seddons recostou-se numa das grandes poltronas de couro. Estava fazendo exatamente o que Vivian lhe dissera — pensando no que seria viver com uma esposa que só tinha uma perna.

## XXIII

A tarde começava. Quatro dias tinham-se passado desde que os casos iniciais de tifo no Hospital de Três Condados foram descobertos.

Agora, no escritório do administrador, rostos sérios e silenciosos, Orden Brown, o presidente do Conselho, e Kent O'Donnell estavam ouvindo Harry Tomaselli falar ao telefone.

— Sim — dizia o administrador. — Eu compreendo. — Fez uma pausa, depois continuou: — Se isso se tornar necessário, estaremos com todas as providências tomadas. Então, às cinco horas. Até logo. — Repôs o fone no lugar.

— E daí? — perguntou Orden Brown com impaciência.

— O Serviço de Saúde Pública deu um prazo, até hoje à tarde — respondeu Tomaselli tranquilamente. — Se não conseguirmos localizar o portador de tifo até essa hora, então seremos obrigados a fechar as cozinhas.

— Mas será que eles sabem o que isso significa? — O'Donnell levantou-se, com a voz muito agitada. — Será que não compreendem que será praticamente a mesma coisa que fechar o hospital? Você não lhes explicou que não podemos obter serviço de fora a não ser para umas poucas pessoas?

Ainda tranquilo, Tomaselli disse:

— Disse, mas não parece fazer nenhuma diferença. O problema é que o pessoal da Saúde Pública tem medo de uma epidemia na cidade.

Orden Brown perguntou:

— Há qualquer novidade da Patologia?

– Não — O'Donnell sacudiu a cabeça. — Ainda estão trabalhando.

Estive lá há meia hora.

— Não posso entender. — O presidente do Conselho estava preocupado como nunca O'Donnell o tinha visto. — Quatro dias e dez casos de tifo bem aqui no hospital. Quatro deles pacientes, e ainda não descobrimos a origem.

– Não há dúvida de que é um enorme trabalho para o laboratório — disse O'Donnell — e estou certo de que não perderam tempo.

— Ninguém está culpando ninguém — replicou Orden Brown —, em todo caso não agora. Mas temos que ver os resultados.

— Joe Pearson disse que eles esperam terminar todas as culturas amanhã no meio da manhã. Se o portador de tifo está entre os que lidam com a comida, até essa hora deverão encontrá-lo. — O'Donnell pediu a Tomaselli: — Será que você não pode persuadir o pessoal da Saúde Pública a esperar pelo menos até amanhã ao meio-dia?

O administrador sacudiu a cabeça negativamente.

– Eu já tentei. Mas já nos deram quatro dias; não esperam mais tempo. O fiscal da Saúde Pública esteve aqui esta manhã e vai voltar às cinco horas. Se não tivermos descoberto até então, acho que temos que aceitar suas imposições.

– E nesse meio tempo — perguntou Orden Brown. — O que propõe?

— Meu departamento já está a postos. — A voz de Harry Tomaselli continha um tom de descrença e que contagiou a todos. — Estamos agindo no pressuposto de que vamos ter de fechar.

Houve um silêncio, depois o administrador perguntou:

— Kent, poderia voltar às cinco, para receber o fiscal da Saúde Pública comigo?

– Sim — respondeu O'Donnell sombriamente —, acho que poderei vir.

A tensão no laboratório era igualada pelo cansaço dos três homens que lá trabalhavam.

O Dr. Joseph Pearson estava tonto, seus olhos vermelhos e o cansaço estampado na lentidão de seus movimentos. Durante os últimos quatro dias e três noites tinha permanecido no hospital, cochilando somente umas poucas horas numa cama de vento que fizera trazer para o escritório de Patologia. Há dois dias que não se barbeava, suas roupas estavam amarrotadas e seu cabelo desgrenhado. Saíra da Patologia somente durante um período de diversas horas no segundo dia, ninguém sabia aonde tinha ido, e Coleman fora incapaz de localizá-lo, apesar de diversas vezes procurado pelo administrador e Kent O'Donnell. Depois Pearson reaparecera, sem dar explicações de sua ausência, e tinha continuado sua supervisão das culturas e subculturas que ainda o ocupavam.

Pearson então perguntou: — Quantos já fizemos?

O Dr. Coleman consultou uma lista:

— Oitenta e nove — disse. — Isso sem contar mais cinco na incubação, que já teremos amanhã de manhã.

David Coleman, embora parecendo mais descansado do que o patologista-chefe e sem nenhum dos sinais externos de negligência pessoal que Pearson exibia, sentia um cansaço opressivo que o fazia imaginar se sua resistência duraria tanto quanto a do ancião. Diferentemente de Pearson, Coleman dormira no seu próprio apartamento todas as três noites, indo para lá bem depois de meia-noite e voltando para o hospital por volta das seis da manhã seguinte.

Embora chegasse cedo, somente numa ocasião tinha precedido John Alexander, e mesmo assim por poucos minutos. Das outras vezes o jovem tecnólogo já estava ocupado numa das mesas do laboratório, trabalhando — como tinha feito desde o começo — como uma

precisa máquina de engrenagem, com seus movimentos exatos e econômicos, seu relatório de cada teste escrito infatigável em caligrafia limpa e legível. Nem tinha sido necessário — depois da partida inicial — dar-lhe mais instruções. Alexander era tão obviamente competente e cômico do que fazia que o Dr. Pearson, após inspecionar brevemente seu trabalho, tinha balançado a cabeça aprovando, e desse momento em diante deixara-o inteiramente sozinho.

Virando-se de Coleman para Alexander, Pearson então perguntou: — Quais os seus números nas subculturas?

Lendo suas anotações, Alexander respondeu:

— Nas oitenta e nove lâminas examinadas, quarenta e duas separaram-se para subcultura, e duzentas e oitenta subculturas surgiram.

Pearson calculou mentalmente. Quase para si mesmo, disse:

— Isto quer dizer outras cento e dez subculturas ainda para examinar, incluindo o grupo de amanhã.

Observando John Alexander, David Coleman começou a imaginar o que estaria o jovem sentindo nesse momento, e se o fato de atirar-se tão intensamente nessa tarefa não seria uma válvula de escape pelo menos para um pouco de sua dor. Já se tinham passado quatro dias desde a morte do bebê. No momento, o primeiro sentimento de choque e de desolação que o jovem tecnólogo sofrera tinha desaparecido, pelo menos superficialmente, suspeitava Coleman; mas as emoções de John Alexander não estavam ainda muito longe da superfície, e sentia de certo modo a presença delas, na anunciada intenção de Alexander de entrar para a escola de medicina. Era um assunto que David Coleman até então não comentara, mas tinha resolvido que assim que terminasse a presente crise teria uma longa conversa com Alexander. Havia muitos conselhos e orientações que Coleman podia dar ao jovem, baseados na sua própria experiência. Certamente, como Alexander dissera, não seria fácil para ele — principalmente financeiramente — desistir de um trabalho



remunerado e voltar a ser um estudante outra vez, mas havia certos caminhos que Coleman poderia apontar e certas ciladas que poderia ajudar Alexander a evitar.

O quarto membro da equipe do laboratório, Carl Bannister, estava temporariamente dispensado. O técnico-chefe tinha trabalhado por três dias e a maior parte das noites, lidando sozinho com o trabalho rotineiro do laboratório, ajudando os outros sempre que podia. Nesta manhã, entretanto, seu modo de falar tinha sido tão ininteligível e estava tão obviamente perto da exaustão que David Coleman, sem consultar Pearson, mandara-o para casa. Bannister partira agradecido e sem discussão.

O trabalho preparatório das amostras de fezes que chegavam ao laboratório continuava sem parar. Por volta do segundo dia, entretanto, aquelas amostras que haviam sido preparadas em primeiro lugar já tinham estado na incubação tempo suficiente para investigação. Novamente o Dr. Pearson tinha dividido suas forças para poder conservar o trabalho contínuo, e John Alexander e ele lidavam com o novo estágio, enquanto David Coleman continuava a trabalhar nas amostras de fezes que ainda chegavam.

Removidas da incubadora, a superfície rósea dos recipientes preparados mostrava pequenas e úmidas colônias de bactérias onde as porções de fezes humanas tinham sido acrescentadas no dia anterior. Para cada amostra individual contendo milhões de bactérias, a tarefa seguinte seria separar as colônias que fossem obviamente inofensivas das que precisassem ser investigadas mais tarde.

As colônias tintas de rosa eram logo eliminadas como não contendo tifoide. Das colônias pálidas, onde o bacilo tifoide pudesse possivelmente germinar, tiravam amostras para subculturas em tubos de açúcar para cada cultura original, contendo cada tubo um reagente diferente. Eram esses reagentes que depois de mais incubação mostrariam finalmente que amostra de fezes, se existisse alguma, continha os germes tifóides, perigosos e infecciosos.

Agora, no quarto dia, todas as amostras de fezes já tinham chegado. Tinham sido pedidas de todos aqueles que, na equipe do hospital, estivessem envolvidos de qualquer maneira com o recebimento, preparação ou distribuição da comida, e o trabalho de examiná-los continuaria até o dia seguinte. Nesse momento, as duzentas e oitenta subculturas a que John se referira estavam distribuídas em prateleiras à volta do laboratório e nas incubadoras. Mas, embora em muitas delas os exames finais estivessem completos, nenhuma até agora revelara o indivíduo — o suposto portador do tifo — que, ansiosa e diligentemente, tinham procurado dia e noite.

A campainha do telefone tocou e Pearson, que estava mais perto do aparelho na parede do laboratório, atendeu:

— Sim? — Ouviu depois disso. — Não, ainda nada. Já lhe disse, chamarei assim que descobrir alguma coisa. — Desligou o aparelho.

John Alexander sucumbiu a um súbito cansaço, completou uma anotação num boletim e depois caiu numa cadeira do laboratório. Momentaneamente fechou os olhos, sentindo alívio no seu súbito descanso.

A seu lado, David Coleman disse:

— Por que não tira uma hora ou duas para descansar, John? Suba e fique um pouco com sua mulher.

Alexander levantou-se novamente. Sabia que se permanecesse sentado muito tempo poderia facilmente adormecer.

— Vou fazer mais uma série — disse —, depois acho que irei.

Pegando um engradado de subculturas da incubadora, apanhou um novo boletim e começou a pôr em fila os dez tubos de açúcar que ia examinar. Olhando para o relógio do laboratório, notou com surpresa que mais um dia se passava. Eram dez minutos para as cinco.

Kent O'Donnell recolocou o fone. Respondendo à pergunta não

formulada por Harry Tomaselli, falou:

— Joe Pearson disse que não há nada de novo.

No escritório de lambris do administrador houve um silêncio; os dois homens estavam desoladamente conscientes das consequências desta falta de notícias. Ambos sabiam também que, ao redor deles, fora do conjunto de salas do administrador, o trabalho do hospital tendia a uma paralisação total.

Desde cedo nessa mesma tarde o plano de contratar serviço de refeição para os pacientes, elaborado por Harry Tomaselli há diversos dias atrás e agora tornado necessário pelo iminente fechamento das cozinhas do hospital, tinha sido firmemente executado. Começando com o café da manhã do dia seguinte, cem refeições para pacientes numa dieta regular seriam preparadas por dois restaurantes locais, unindo as forças para a ocasião, e seriam entregues no hospital para os pacientes seriamente doentes, que não podiam mover-se. Os pacientes restantes, tantos quanto possível estavam tendo altas, indo para suas casas, enquanto outros, para os quais os cuidados hospitalares ainda eram essenciais, estavam sendo transferidos para outras instituições, dentro e nos arredores de Burlington, agora mobilizando suas próprias possibilidades para enfrentar o influxo de emergência vindo de Três Condados.

Uma hora atrás, sabendo que o processo de transferência teria de continuar noite adentro, Harry Tomaselli tinha dado a ordem de começar a retirada. Agora uma fila de ambulâncias, chamadas pelo telefone de todos os pontos disponíveis, tinha começado a se reunir lá fora, na entrada de emergência. Nesse meio tempo, nas enfermarias e no pavilhão particular, enfermeiras e médicos trabalhavam rapidamente, tirando pacientes das camas para as macas e cadeiras de rodas, aprontando-os para a inesperada jornada. Pela primeira vez em seus quarenta anos de história o Hospital de Três Condados estava expulsando de suas portas os doentes e feridos.

Houve uma leve batida e Orden Brown entrou no escritório do administrador. Ouviu atentamente, enquanto Harry Tomaselli relatava o que fizera desde seu último encontro, quatro horas mais cedo. No fim, o presidente do Conselho perguntou:

— As autoridades de Saúde Pública já voltaram aqui outra vez?

— Ainda não — respondeu Tomaselli. — Nós as estamos esperando agora.

Orden Brown disse tranquilamente: — Então, se não se importa, esperarei com vocês.

Depois de uma pausa, o presidente do Conselho virou-se para O'Donnell:

— Kent, isto agora não é importante, mas vou lhe dizer enquanto me lembro. Tive um chamado de Eustace Swaine. Quando tudo isso terminar, ele gostaria de que você fosse vê-lo.

Por um instante a afronta do pedido deixou O'Donnell sem fala. Era óbvio por que Eustace Swaine queria conversar com ele; só podia haver uma única razão: apesar de tudo, o velho pretendia usar seu dinheiro e influência numa tentativa de interceder por seu amigo, o Dr. Joseph Pearson. Depois de tudo o que acontecera nos últimos dias, parecia inacreditável que pudesse existir tal cegueira e presunção. Uma intensa fúria ferveu em O'Donnell. Disse explosivamente:

— Que vá para o inferno Eustace Swaine com todo o seu dinheiro!

— Devo lembrar-lhe — disse Orden Brown com voz gelada — que você está falando de um membro do Conselho do Hospital. Quaisquer que sejam suas desavenças, ele pelo menos tem direito a ser tratado com cortesia.

O'Donnell encarou Orden Brown, com os olhos relampejando. "Muito bem", pensou, "se está na hora de pôr as coisas em pratos limpos, eu estou pronto. Pus um ponto final na política do hospital para sempre, a começar de agora."

No mesmo momento, uma campainha soou na mesa do administrador.

— Sr. Tomaselli — uma voz de moça disse no sistema de intercomunicação —, os fiscais da Saúde Pública acabaram de chegar. Eram três minutos para as cinco.

Assim como tinha feito seis semanas antes — no dia em que, lembrava-se agora, Kent O'Donnell recebera o primeiro aviso da iminente dilaceração do hospital —, o carrilhão da Igreja do Redentor anunciou a hora, quando o pequeno grupo seguiu seu caminho pelos corredores de Três Condados. Dirigido por O'Donnell, incluía Orden Brown, Harry Tomaselli e o Dr. Norbert Ford, inspetor da Saúde Pública de Burlington. Atrás deles estavam Mrs. Straughan, a dietista-chefe, que chegara ao escritório do administrador quando eles saíam, e um jovem assistente da Saúde Pública cujo nome O'Donnell não entendera, na confusão das apresentações.

Agora que passara a raiva inicial, o chefe da Cirurgia estava satisfeito de que a interrupção de alguns minutos impedisse o que poderia ter-se tornado numa séria briga entre ele e Orden Brown. Concluiu que todos, inclusive ele mesmo, tinham-se tornado anormalmente tensos nos últimos dias, e o presidente do Conselho nada mais tinha feito do que dar um recado. A verdadeira briga de O'Donnell era com Eustace Swaine, e já se tinha resolvido a enfrentar o velho magnata de homem para homem tão logo o atual assunto estivesse findo. Então, qualquer que fosse a entrada que Swaine escolhesse, O'Donnell planejava responder com palavras claras, ferinas, sem se importar com as consequências.

Tinha sido sugestão de O'Donnell que o grupo visitasse o Departamento de Patologia. Dissera ao fiscal da Saúde Pública:

— Pelo menos o senhor verá que estamos fazendo todo o possível para descobrir a fonte da infecção.

O Dr. Ford no começo hesitara:

— Não houve nenhuma alusão nossa de que não estivessem, e eu duvido que possa ajudar em alguma coisa mais do que seus patologistas estão fazendo — dissera. Mas, diante da insistência de O'Donnell, concordara, e agora estavam a caminho do laboratório de Patologia, no subsolo.

John Alexander levantou os olhos quando o grupo entrou, depois continuou com o teste de açúcar que estava fazendo. Pearson, vendo O'Donnell e Orden Brown, adiantou-se para encontrá-los, enxugando ambas as mãos no seu já sujo casaco de laboratório. A um sinal de Harry Tomaselli, David Coleman seguiu-o.

O'Donnell fez as apresentações. Enquanto Pearson e o Dr. Ford apertavam as mãos, o inspetor de saúde perguntou:

— Conseguiram achar alguma coisa?

— Ainda não — Pearson mostrou o laboratório. — Como pode ver, ainda estamos trabalhando.

O'Donnell disse:

— Joe, acho que devia saber. O Dr. Ford ordenou o fechamento de nossas cozinhas.

— Hoje? — Havia descrença na voz de Pearson.

O fiscal da Saúde Pública concordou gravemente.

— Infelizmente, sim.

— Mas o senhor não pode fazer isso. É ridículo! — Era o antigo Joe agressivo, sua voz beligerante, os olhos relampejando por trás da máscara de cansaço. Explodiu: — Ora, homem de Deus, vamos trabalhar a noite toda e terminaremos todas as subculturas por volta do meio-dia de amanhã. Se há realmente um portador, todos saberemos quem é.

— Sinto muito. — O inspetor da Saúde Pública sacudiu a cabeça. — Não podemos arriscar.

— Mas fechar as cozinhas quer dizer fechar o hospital — Pearson enfureceu-se. — Certamente que o senhor pode esperar até amanhã

cedo, pelo menos.

— Acho que não — Dr. Ford falava calmamente, porém, firme. — De qualquer modo, a decisão não é inteiramente minha. Simplesmente a cidade não pode arriscar a possibilidade de uma epidemia maior. Por enquanto, o surto está entre essas paredes, mas a qualquer momento pode espalhar-se lá fora. É nisso que estamos pensando.

Harry Tomaselli adiantou:

— Vamos servir a refeição da noite, Joe, e esta será a última. Estamos mandando para casa todos os pacientes que possam ir, e transferindo a maioria dos outros.

Houve um silêncio. Os músculos do rosto de Pearson mexiam-se. Seus olhos injetados, meio fechados, pareciam prestes a se encherem de lágrimas. Com a voz semelhante a um murmúrio, disse:

— Nunca imaginei que veria o dia...

Quando o grupo começou a sair, O'Donnell acrescentou baixinho:

— Para dizer a verdade, Joe, nem eu. Já estavam na porta quando John Alexander anunciou:

— Achei!

Como um todo, o grupo virou-se, e Pearson perguntou duramente:

— Achou o quê?

— Um tifóide, claro — Alexander apontou para a fileira dos tubos de açúcar com a qual trabalhava.

— Deixe-me ver! — Quase correndo, Pearson atravessou o laboratório. Os outros entraram de volta na sala.

Pearson olhou para a fila dos tubos. Nervosamente, sua língua molhou seus lábios. Se Alexander estivesse certo, esse era o momento pelo qual tanto haviam trabalhado.

— Verifique a lista — disse.

John Alexander abriu um livro de textos numa página dobrada. Era

um mapa tabulado de reações bioquímicas de bactérias em tubos de açúcar. Pondo o indicador na coluna intitulada "Tifo Salmonella", preparou-se para ler.

Pearson pegou o primeiro dos dez tubos. Falou alto:

— Glucose.

Examinando a lista, Alexander respondeu:

— Formação de ácidos, mas nenhum gás.

Pearson concordou.

Recolocou o tubo e pegou um segundo.

— Lactose.

— Nenhum ácido, nenhum gás — Alexander disse. — Certo. — Uma pausa. — Dulcitol.

Novamente Alexander leu: — Nenhum ácido, nenhum gás. — Sacarose.

— Nenhum ácido, nenhum gás.

Mais uma vez a reação correta para o bacilo do tifo. A tensão na sala crescia.

Pearson tomou outro tubo.

— Manitol.

— Formação de ácido, mas nenhum gás. — Correto. — Outro. — Maltose. — Ácido, mas nenhum gás.

Pearson concordou. Seis vistos, faltavam quatro. Então disse:

— Xilose.

Mais uma vez Alexander leu: — Ácido, mas nenhum gás.

Sete.

— Arabinose.

John Alexander disse:



— Ou ácido sem gás ou nenhuma reação.

Pearson anunciou: — Nenhuma reação. Oito. Ainda dois. — Ramnose?

— Nenhuma reação.

Pearson olhou para o tubo. Disse baixinho: — Nenhuma reação. Só mais um. Do último tubo Pearson leu:

— Formação de indol.

— Negativa — disse Alexander, e guardou o livro. Pearson virou-se para os outros. Disse: — Não há discussão. Este é o portador do tifo. — Quem é? — O administrador foi o primeiro a perguntar. Pearson olhou a tampa do recipiente. Leu:

— Número setenta e dois

David Coleman já pegara um livro. Havia uma lista com as inscrições, na sua própria letra. Anunciou:

— Charlotte Burgess.

— Eu a conheço — disse rapidamente Mrs. Straughan. — Ela trabalha no balcão do refeitório.

Como por instinto, todos os olhos se dirigiram para o relógio. Eram cinco horas e sete minutos. Mrs. Straughan disse apressadamente:

— O jantar! Estão começando a servir o jantar!

— Vamos rapidamente para a cantina. Enquanto falava, Harry Tomaselli já chegara à porta.

No segundo andar do hospital, a enfermeira supervisora entrou no quarto de Vivian com um ar cansado, olhando para o número da porta na hora de entrar.

— Oh! sim, é Miss Loburton.

Ela consultou um bloco e fez uma anotação a lápis: — A senhorita será transferida para a Clínica West Burlington.

Vivian perguntou:

— Quando será, por favor? — Já soubera mais cedo nessa mesma tarde da iminente remoção e a razão dela.

— As ambulâncias estão ocupadas agora — a supervisora respondeu.

— Acho que será daqui a muitas horas, provavelmente por volta das nove horas da noite. Sua enfermeira estará aqui a tempo para ajudá-la com sua mala.

— Muito obrigada — disse Vivian.

Já pensando em outra coisa, a supervisora assentiu e saiu.

Era a hora, resolveu Vivian, de chamar Mike. Seus cinco dias de separação só terminariam amanhã, mas nenhum deles previra nada igual a isso. Além do mais, ela já se arrependera de toda a ideia desse período de separação; encarava isso agora como um estúpido e desnecessário projeto que desejava que nunca lhe tivesse ocorrido.

Sua mão procurou o telefone na cabeceira, e desta vez não houve hesitação. Quando a telefonista atendeu, Vivian disse:

— Dr. Michael Seddons, por favor.

— Um momento.

Houve uma espera de vários minutos, depois a telefonista entrou na linha:

— O Dr. Seddons está fora do hospital, numa das ambulâncias de transferência. Outra pessoa adiantaria?

— Não, obrigada — disse Vivian. — Mas gostaria de deixar um recado.

A telefonista perguntou: — É assunto médico?

Ela hesitou.

— Bem, não exatamente.

— Nós só podemos tomar recados médicos de urgência. Por favor, chame mais tarde. — Ouviu-se um clic quando a linha foi cortada.

Lentamente Vivian recolocou o fone.

Lá fora, no corredor, podia ouvir uma balbúrdia e altas vozes. Ela sentiu uma atmosfera de excitação; houve uma ordem dada firmemente, depois um barulho, como se um objeto caísse no chão, e alguém riu. Tudo parecia comum, e entretanto, nesse momento, sua mente ansiava em compartilhar daquilo, ser parte do que quer que estivesse acontecendo. Então seus olhos caíram no lençol onde o cobertor abaixava no ponto em que terminava sua perna esquerda. Subitamente, pela primeira vez, Vivian teve medo, e sentiu-se desesperadamente só.

— Oh, Mike! — sussurrou. — Mike, meu amor, onde quer que você esteja, por favor, venha logo para mim!

A enfermeira Penfield ia entrar na cantina quando viu o grupo vindo em sua direção. Reconheceu o administrador e o chefe da Cirurgia. Por trás deles, com os grandes seios balançando no esforço de acompanhar os outros, estava Mrs. Straughan, a dietista-chefe.

Atravessando a porta da cantina, Harry Tomaselli diminuiu o passo. Disse a Mrs. Straughan:

— Quero que tudo seja feito rápido e discretamente.

A dietista concordou, e juntos entraram na cozinha, por uma porta de serviço.

O'Donnell fez um sinal para a enfermeira Penfield: — Venha comigo, por favor. Gostaria de que nos ajudasse.

O que aconteceu a seguir foi feito com rapidez e precisão. Num momento, uma senhora de meia-idade estava servindo no balcão da cantina. No momento seguinte, Mrs. Straughan segurara seu braço e conduziu-a para o escritório dietético, nos fundos. O'Donnell disse à mulher espantada:

— Um instante, por favor — e pediu à enfermeira Penfield que permanecesse com ela. — Pegue a comida que ela estava servindo e

queime-a — instruiu a Mrs. Straughan. — Tente, se possível, trazer de volta todas as que já foram servidas. Remova todos os pratos que ela possa ter tocado, e ferva-os.

A dietista-chefe dirigiu-se para o balcão. Em poucos minutos as instruções de O'Donnell foram seguidas e a fila na cantina estava movendo-se novamente. Só poucas pessoas próximo à cena tinham-se dado conta do que sucedera.

No escritório dos fundos O'Donnell disse à empregada da cozinha:

— Mrs. Burgess, devo pedir-lhe que se considere uma paciente do hospital — acrescentou com bondade. — Não fique alarmada; tudo lhe vai ser explicado.

Disse à enfermeira Penfield:

— Leve a paciente para a enfermaria de isolamento. Ela não pode ter contato com ninguém. Chamarei o Dr. Chandler, que lhe dará as instruções.

Gentilmente, Elaine Penfield conduziu a assustada mulher para fora.

Mais tarde Mrs. Straughan perguntou com curiosidade:

— O que vai acontecer com ela agora, Dr. O'Donnell?

— Ela será bem tratada — O'Donnell disse. — Ficará no isolamento e os médicos de doenças internas vão estudá-la durante algum tempo. Algumas vezes, sabe, um portador de tifo pode ter a vesícula biliar infetada, e, se este for o caso, será provavelmente operada. — acrescentou: — Vou fazer exames, naturalmente, em todas as outras pessoas que foram afetadas. Harvey Chandler se encarregará disso.

No telefone do escritório dietético, Harry Tomaselli dizia para um assistente:

— Foi o que eu disse: cancele tudo; transferências, altas fora do normal, refeições encomendadas fora, e tudo o mais. E depois de ter feito isso, chame o escritório de internamento. — O administrador

sorriu para O'Donnell por sobre a mesa. — Diga-lhes que o Hospital de Três Condados está de novo em ação.

Tomaselli desligou o telefone e aceitou a xícara de café que a dietista-chefe lhe servira, de sua máquina de café particular.

— Por falar nisso, Mrs. Straughan — disse —, não tive tempo de dizer-lhe antes, mas a senhora vai receber suas novas máquinas de lavar pratos. O Conselho aprovou a despesa e o contrato foi assinado. Acho que instalarão na próxima semana.

A dietista assentiu; obviamente, já contava com essa informação. Agora sua mente se movimentava para outras coisas.

— Há algo mais que gostaria que visse enquanto está aqui, Mr. Tomaselli. Preciso que aumentem minha refrigeração. — Olhou para o administrador duramente. — Espero que desta vez não seja preciso uma epidemia para provar meu ponto de vista.

O administrador suspirou e levantou-se. Perguntou a O'Donnell: — E você, tem mais problemas para hoje?

— Hoje, não — respondeu O'Donnell. — Mas amanhã há um certo assunto que pretendo resolver pessoalmente.

Estava pensando em Eustace Swaine.

## XXIV

David Coleman não dormira bem. Durante a noite seus pensamentos levaram-no de volta a Três Condados, ao Departamento de Patologia e ao Dr. Joseph Pearson.

Nenhum dos acontecimentos dos últimos dias nem por um milímetro atenuara a culpabilidade do Dr. Pearson, na morte do bebê Alexander. A responsabilidade que tivera há uma semana atrás ainda permanecera a mesma. Nem Coleman recuara na sua opinião de que a Patologia no Três Condados era uma bagunça administrativa, atolada por conceitos atrasados e prejudicada por métodos e equipamentos antiquados, que deveriam ter sido jogados fora há tempos. E, entretanto, constrangidamente nesses últimos quatro dias, David Coleman descobrira seus sentimentos por Pearson mudando e moderando-se. Por quê? Há uma semana atrás considerava Pearson um incompetente semi-senil, agarrando-se ao poder já fora de seu tempo. Até então, nada de tangível acontecera para modificar essa convicção. Que razão havia para seu íntimo constrangimento sobre isso agora?

Era verdade, naturalmente, que o velho doutor enfrentara o surto de tifo e sua consequência com uma decisão e competência que fora talvez bem melhor do que Coleman mesmo jamais faria. Mas o que havia aí de surpreendente? Afinal de contas, a experiência contava para alguma coisa; e, sendo a situação a que era, era compreensível que Pearson tivesse de enfrentá-la à altura.

Mas sua opinião geral sobre Pearson é que se tornara menos definida, menos firme. Há uma semana atrás classificara o velho patologista — apesar de seus feitos no passado — entre os "joõesninguém" intelectuais. Agora David Coleman não tinha tanta certeza. Suspeitava de que no futuro ficaria inseguro sobre muito mais coisas.

A insônia o trouxera cedo ao hospital, e passava um pouco das oito da manhã quando entrou no escritório de Patologia. Roger Mc Neil, o residente, estava à mesa de Pearson.

— Bom dia — disse Mc Neil. — O senhor é o primeiro. Acho que os outros estão dormindo.

David Coleman perguntou:

— Nós nos atrasamos demais com o outro trabalho?

— Não está muito ruim — respondeu Mc Neil —, havia muita coisa que não era urgente, e mantive em dia o resto. — Acrescentou: — Seddons ajudou muito. Disse-lhe que devia juntar-se à Patologia em lugar de voltar para a Cirurgia.

Outro pensamento preocupava Coleman. Perguntou ao residente:

— Aquela estudante de enfermagem — a que sofreu a amputação. A perna já foi dissecada?

Lembrara-se de que este fora um diagnóstico no qual Pearson e ele tinham divergido.

— Não — Mc Neil escolheu uma pasta dentre muitas sobre a mesa.

— Vivian Loburton — leu alto —, este é o nome da moça. Não era urgente, por isso deixei-o. A perna ainda está no refrigerador. Quer o senhor mesmo fazer?

— Sim — Coleman disse. — Acho que farei. Pegou a pasta e foi para o anexo da sala de autópsia.

Tirou a perna do refrigerador do necrotério, e começou a remover as ataduras de gaze. A carne exposta era fria e branca, o sangue estava coagulado onde o membro fora seccionado no alto da coxa. Ele procurou a área do tumor e encontrou-a logo — uma massa pesada, dura no lado mediano, logo abaixo do joelho. Pegando um bisturi, deu um corte profundo, e seu interesse crescia com o que via.

O mordomo segurou o sobretudo e o chapéu de Kent O'Donnell,

pendurou-os num armário do hall sombrio e grandioso. Olhando à sua volta, O'Donnell conjecturou por que uma pessoa — rica ou não — escolheria viver em tal ambiente. Depois refletiu que talvez, para alguém como Eustace Swaine, a lúgubre amplitude, a resplandecente e revestida opulência, as paredes frias de pedra cinzelada transmitiam um ar de poder feudal, que o unia através da história a dias e lugares mais antigos. O'Donnell imaginou o que aconteceria a essa casa quando o velho morresse. O mais certo é que se tornaria um museu, ou uma galeria de artes, ou talvez ficasse vazia e decaísse, como tantos outros lugares. A ideia de que mais alguém faria daquilo um lar parecia inconcebível. Isto era um lugar que, a lógica ditava, deveria fechar suas portas às cinco, até a manhã seguinte. Então lembrou-se de que dentro dessas austeras paredes Denise devia ter passado sua infância. Teria ela sido feliz aqui?

— O Sr. Swaine está um pouco cansado hoje, senhor — o mordomo disse. — Ele pergunta se o senhor se incomodaria se ele o recebesse no seu quarto.

— Não me incomodo — disse O'Donnell. Ocorreu-lhe que talvez o quarto de dormir fosse um lugar apropriado para o que tinha a dizer. Se Eustace Swaine tivesse apoplexia como resultado, pelo menos estaria num lugar conveniente para deitá-lo. Seguiu o empregado para cima pela escadaria grande e curva, depois por um corredor, e eram seus passos silenciados pelo tapete felpudo. O homem bateu numa porta pesada e trabalhada e ergueu o trinco de ferro batido. Ele introduziu O'Donnell num quarto espaçoso.

No início, O'Donnell não conseguiu ver Eustace Swaine. Seus olhos foram atraídos por uma enorme lareira emoldurando um fogo onde os toros rugiam. O calor do fogo era como um impacto, e o quarto estava quase insuportavelmente quente, nessa manhã já bem amena de fim de agosto. Então viu Swaine apoiado por travesseiros, numa enorme cama de quatro colunas e com um robe com monograma posto à volta dos ombros. Ao aproximar-se, O'Donnell reparou assustado quão frágil o velho se tornara desde seu último encontro: a noite do jantar com Orden Brown e Denise.



— Muito obrigado por ter vindo — disse Swaine. Sua voz também estava mais fraca do que antes. Fez um gesto para seu visitante, indicando uma cadeira. Quando se sentou, O'Donnell disse:

— Soube que o senhor queria ver-me.

Na sua mente já estava revisando algumas das francas afirmativas que antes planejava dizer. Nada mudaria sua posição, é claro, no que concerne a Joe Pearson, mas pelo menos poderia ser gentil. O'Donnell agora não tinha nenhuma vontade de discutir com esse homem velho e enfermo; qualquer luta entre eles seria desigual demais.

— Joe Pearson veio ver-me — disse Swaine —, creio que há três dias atrás.

Então fora lá que Pearson tinha estado naquelas horas em que sumira e todos haviam tentado localizá-lo.

— Sim — disse O'Donnell —, calculei que ele viria. — Ele me disse que vai deixar o hospital.

A voz do homem soava fracamente: não havia nenhum sinal até agora da denúncia de O'Donnell que o chefe da Cirurgia esperara.

Curioso sobre o que viria a seguir, ele respondeu:

— Sim, é verdade.

O velho ficou em silêncio. Depois disse:

— Suponho que há certas coisas que ninguém pode controlar. — Agora havia um traço de amargura. Ou seria resignação? Era difícil de se saber.

— Acho que sim — respondeu O'Donnell gentilmente.

— Quando Joe Pearson veio me ver — disse Eustace Swaine —, fez dois pedidos. O primeiro foi que eu não estipulasse condições para meu donativo ao fundo da construção do hospital. Eu concordei.

Houve uma pausa, e O'Donnell emudeceu, sucumbido ante o significado das palavras. O velho continuou:

— O segundo pedido foi pessoal. Vocês têm um funcionário no hospital; acho que seu nome é John Alexander.

— Sim — disse O'Donnell sem compreender. — John Alexander; ele é um técnico de laboratório.

— Eles perderam a criança?

O'Donnell assentiu.

— Joe Pearson pediu-me para pagar os estudos do rapaz na faculdade de medicina. Posso fazê-lo, é claro, facilmente. O dinheiro pelo menos ainda tem alguma utilidade — Swaine pegou um grosso envelope de cânhamo que estava sobre o acolchoado. — Já dei instruções aos meus advogados. Haverá um fundo, o bastante para cobrir os pagamentos e para ele e sua mulher viverem confortavelmente. Depois, se ele quiser se especializar, haverá dinheiro para isso também. — O velho fez uma pausa, como se estivesse cansado de falar. Depois continuou: — O que eu tenho em mente agora é algo mais duradouro. Mais tarde haverá outros, suponho, igualmente merecedores. Gostaria que o fundo continuasse e fosse administrado pelo Conselho Médico de Três Condados. Só insisto numa condição.

Eustace Swaine olhou diretamente para O'Donnell. Disse desafiadoramente:

— O fundo chamar-se-á Dotação Médica Joseph Pearson. Alguma objeção?

Comovido e envergonhado, O'Donnell respondeu:

— Senhor, longe de objetar, na minha opinião será uma das melhores coisas que já fez na vida.

— Por favor, diga-me a verdade, Mike — disse Vivian. — Quero saber.

Um olhava para o outro; Vivian na cama do hospital, e Mike Seddons em pé, apreensivo, ao lado dela.

Era o primeiro encontro após a separação. Na noite passada, depois do cancelamento da ordem de transferência de Vivian, ela tentara alcançar Mike uma segunda vez por telefone, mas não tivera sucesso. Esta manhã, ele viera, sem ser chamado, como tinham combinado seis dias atrás. Agora os olhos dela examinavam seu rosto, o medo inundando-a, o instinto lhe revelando o que a mente se recusava a compreender.

— Vivian — disse Mike, e ela podia vê-lo tremer —, preciso falar com você.

Não houve resposta, só os olhos esgazeados de Vivian fixos nos dele. Os lábios dele estavam secos; ele os molhou com a língua. Sabia que seu rosto estava vermelho, e sentia seu coração pulsando fortemente. Seu instinto lhe dizia para virar-se e correr. Mas continuou de pé, hesitando, procurando palavras que se recusavam a vir:

— Acho que sei o que quer dizer, Mike — a voz de Vivian estava apática; parecia destituída de emoção. — Você não quer casar comigo. Eu seria uma carga para você, agora, assim.

— Oh, Vivian querida...

— Não, Mike! — ela disse. — Por favor, não! Ele disse insistentemente, implorando:

— Por favor, escute-me, Vivian, ouça até o fim! Não é assim tão simples... — Novamente tropeçava nas palavras.

Por três dias procurara as palavras e frases certas para enfrentar esse momento, embora soubesse que, qualquer que fosse a forma, o efeito seria o mesmo. No intervalo entre seu último encontro, Mike Seddons investigara os profundos abismos de sua alma e consciência. O que lá encontrara deixara-o enojado e com desprezo por si mesmo, mas emergira com a verdade. Sabia com segurança que um casamento entre ele e Vivian nunca daria certo; não por causa da incapacidade dela, mas pela dele.

Nos momentos de intenso autoexame, ele se forçara a considerar

situações que os dois poderiam ter de enfrentar. Na sua imaginação, como um refletor, vira os dois entrando numa sala cheia; ele, jovem, viril, sem par; mas Vivian, por seu braço, movendo-se lentamente, desajeitadamente, talvez com uma bengala e só como permitisse um membro artificial. Vira-se mergulhando nas ondas do mar, ou deitado na praia seminu, ao sol, mas com Vivian revestida decorosamente, não compartilhando nada, porque uma prótese era feia quando exposta, e se removida ela se tornaria um aleijão grotesco, imóvel; um objeto para piedade ou algo do qual se desviariam os olhos.

E mais do que isso. Vencendo toda relutância e instintiva decência, pôs-se a considerar a questão sexo. Imaginara a cena à noite antes de deitar. Despregaria Vivian sua perna sozinha ou ele a ajudaria? Poderia haver a intimidade do despir-se sabendo o que estava por baixo? E como fariam amor; com a perna ou sem ela? Se com ela, como seria: plástico, duro, inflexível, pressionando contra seu corpo ansioso? Sem ela, como ficaria o coto por baixo dele? Haveria satisfação — no contato com um corpo que não era mais inteiro?

Mike Seddons suave. Mergulhara nas profundezas e descobrira seu reflexo.

Vivian disse:

— Não precisa explicar, Mike. — Desta vez sua voz estava engasgada.

— Mas eu quero! Preciso! Há tantas coisas que precisamos pensar juntos.

Agora as palavras vinham rapidamente, atropeladas num esforço ingente de fazer Vivian compreender, saber a agonia mental que sofrera antes de vir. Até nesse momento necessitava de sua compreensão.

Começou a dizer:

— Olhe, Vivian. Pensei sobre isso e será melhor para você...

Encontrou os olhos dela, que o observavam. Nunca tinha reparado antes quão diretos e firmes eles eram.

— Por favor, não minta, Mike — ela disse. — É melhor você ir embora.

Ele viu que não adiantava. Tudo que queria agora era fugir dali, para não ter de enfrentar os olhos de Vivian. Mas ainda hesitava. Perguntou:

— Que vai fazer?

— Na realidade, não sei. Para lhe dizer a verdade, não pensei muito, sobre isso — a voz de Vivian estava firme, mas traía o esforço que estava fazendo. — Talvez continue com a enfermagem, se me aceitarem. Naturalmente, não sei se realmente estou curada, e, se não estou, quanto tempo me resta. É assim, não é, Mike?

Ele abaixou seus olhos.

Chegando à porta, olhou para trás pela última vez.

— Adeus, Vivian — disse.

Ela tentou responder, mas seu autocontrole tinha já durado demais.

Do segundo andar, Mike Seddons usou a escadaria para ir à Patologia. Entrou na sala de autópsia e na anexa encontrou David Coleman dissecando uma perna. Seddons olhou para o membro, e o viu branco e sem vida, o sangue negro escorrendo dos cortes do bisturi de Coleman. Num instante de horror, imaginou-a coberta de nylon e com uma sandália de salto alto no pé. Então, numa horrenda obsessão, atravessou a sala e leu o nome na pasta aberta.

Depois de ter feito isso, Mike Seddons saiu para o corredor e vomitou contra a parede.

— Oh, Dr. Coleman! Entre, por favor.

Kent levantou-se cortesmente da mesa de seu escritório quando o jovem patologista entrou na sala. David Coleman estava se limpando, depois da dissecação, quando o recado do chefe da Cirurgia o alcançara.

— Sente-se. — O'Donnell estendeu uma cigarreira gravada a ouro. — Quer um cigarro?

— Obrigado — Coleman tirou um cigarro e aceitou o isqueiro que O'Donnell oferecia. Recostou-se e descansou numa das poltronas de couro. Um instinto lhe avisou que o que se seguiria seria um ponto importante na sua vida.

O'Donnell saiu de trás da mesa e dirigiu-se à janela do escritório. Ficou de costas para ela, o sol da manhã por trás dele.

— Creio que já soube — disse — que o Dr. Pearson pediu demissão.

— Sim, soube — respondeu Coleman tranquilamente, e, para sua própria surpresa, ouviu-se dizer: — O senhor sabe, nos últimos dias não se poupou. Tem estado aqui dia e noite.

— Sim, eu sei. — O'Donnell olhava para a ponta acesa de seu cigarro. — Mas isso não muda nada. O senhor compreende isso?

Coleman sabia que o chefe da Cirurgia estava certo. — Não — disse —, não suponho que mude.

— Joe expressou o desejo de sair imediatamente — continuou O'Donnell. — Isto quer dizer que haverá uma vaga aberta para um diretor de patologia. O senhor aceita?

Por um segundo, David Coleman hesitou. Isto era o que ambicionava — um departamento seu; liberdade para reorganizar, para mobilizar as novas descobertas da ciência, para praticar boa medicina e para fazer a patologia valer o que sabia verdadeiramente valia. Era a taça que desejava. Kent O'Donnell levaria-a aos seus lábios.

Então o medo o acometeu. Subitamente ficou apavorado pela tremenda responsabilidade que teria de carregar. Ocorreu-lhe que não haveria nenhum chefe para aliviá-lo das decisões; a última escolha; o diagnóstico final seria só seu. Poderia enfrentá-la? Estaria ele pronto? Era ainda jovem; se quisesse, poderia continuar como segundo no comando, por diversos anos mais. Depois disso haveria outras vagas; muito tempo para progredir. Depois viu que

não tinha saída, que esse momento viera na direção dele desde sua chegada ao Hospital de Três Condados.

— Sim — disse. — Se me for oferecido, aceito.

— Posso lhe dizer que será oferecido. — O'Donnell sorriu. Perguntou: — Pode dizer-me uma coisa?

— Se puder.

O chefe da Cirurgia fez uma pausa. Mentalmente escolhia as frases certas para a pergunta que queria fazer. Sentia que o que estava para ser dito seria importante para ambos. Finalmente perguntou:

— Pode dizer-me qual é a sua atitude para com a medicina e para com este hospital?

— É difícil de responder por palavras.

— Quer tentar?

David Coleman considerou. Era verdade que havia coisas em que ele acreditava, mas, até para ele mesmo, raramente as expressava. Agora, talvez tivesse chegado a hora da definição.

— Acho que a coisa real — disse lentamente — é que todos nós, médicos, o hospital, a tecnologia de medicina, existimos somente por uma razão: para os pacientes, para a cura dos doentes. Creio que esquecemos isso às vezes. Suponho que ficamos absorvidos na medicina, na ciência, nos melhores hospitais, e esquecemos que todas essas coisas só tem uma razão de existir: gente. Gente que precisa de nós, que procura a medicina como ajuda. — Parou. — Acho que me expliquei tolamente.

— Não — disse O'Donnell. — Explicou muito bem. — Ele teve uma sensação de triunfo e esperança. O instinto não o enganara; escolhera bem. Anteviu que eles dois, como chefe da Cirurgia e diretor da Patologia, se dariam bem juntos. Continuariam a construir, e, com eles, Três Condados progrediria. Nem tudo o que forjassem, seria perfeito; nunca era. Haveria vitórias e fracassos, mas pelo menos suas metas eram as mesmas, compartilhavam os

mesmos sentimentos. Tinham de permanecer unidos; Coleman era mais moço que ele, e havia áreas nas quais a maior experiência de O'Donnell seria de grande ajuda. Nesses últimos dias, o chefe da Cirurgia tinha aprendido muito. Aprendera que o zelo pode levar à complacência tão certamente quanto a indiferença e o desastre poderia ser atingido por muitos caminhos. Mas de agora em diante lutaria contra a complacência em todas as frentes, e a Patologia, com o jovem Dr.

Coleman encabeçando-a, poderia ser um destemido braço direito. Um pensamento ocorreu-lhe. Perguntou:

— Mais uma coisa. Qual sua opinião sobre Joe Pearson e sobre a maneira pela qual pediu demissão?

— Não estou certo — disse David Coleman. — Desejava poder saber.

— Não é ruim não ter certeza algumas vezes. Evita fiquemos rígidos demais nos nossos critérios. — O'Donnell sorriu. — Há certas coisas, entretanto, que acho que deveria saber. Estive conversando com alguns dos mais antigos médicos da equipe; eles me contaram incidentes — coisas de que eu não tinha conhecimento. — Fez uma pausa. — Joe Pearson fez muito por este hospital em trinta e dois anos; coisas cuja maioria está agora esquecida, ou que pessoas como o senhor e eu nem sempre chegamos a saber. Ele começou o banco de sangue. É estranho pensar nisso, mas naquele tempo houve muita oposição. Depois trabalhou para formação do comitê de tecidos; soube que uma boa parte dos médicos combateram-no ferozmente por causa disso, mas conseguiu o comitê e isso ajudou muito a elevar o nível de cirurgia daqui. Joe fez também trabalhos de pesquisa sobre a causa e incidência do câncer de tiróide. Muito do que fez hoje é universalmente aceito, mas poucas pessoas se lembram que veio de Joe Pearson.

— Eu não sabia — disse Coleman. — Obrigado por me informar.

— Bem, essas coisas caem no esquecimento. Joe fez também muitas inovações no laboratório; novos testes, novos equipamentos. Infelizmente, veio o tempo em que não fez mais nenhuma coisa



nova. Deixou-se vegetar e cair na rotina. Algumas vezes isso acontece.

Subitamente Coleman lembrou de seu pai e de sua forte suspeita de que o sangue sensibilizado que matara o bebê Alexander provinha de uma transfusão feita por seu pai, anos atrás; dada sem verificar o Rh, embora os perigos já fossem conhecidos na medicina.

— Sim — comentou —, acho que sim.

Os dois homens tinham-se levantado e caminharam para a porta.

Quando saíram, O'Donnell disse serenamente:

— É uma boa coisa que tenhamos compaixão. Nunca se sabe se algum dia precisaremos dela para nós mesmos.

Lucy Grainger disse:

— Kent, você parece cansado.

Ia a tarde no seu começo, e O'Donnell parara no corredor do andar principal. Sem ser notada, ela parara ao lado dele.

"Querida Lucy", pensou ele, "imutável, carinhosa e doce, um porto seguro num mar de incertezas." Fora realmente há menos de uma semana que pensara em deixar Burlington e casar com Denise? Tudo isso parecia tão longe, um interlúdio nostálgico que agora nada mais era. Era a este lugar que ele pertencia; seu destino o prendia a este lugar para o bem ou para o mal.

Ele tomou seu braço.

— Lucy — disse —, vamos marcar um encontro para breve. Há muita coisa que precisamos conversar.

— Está bem — ela sorriu afetuosamente. — Pode me levar para jantar amanhã.

Lado a lado, dirigiram-se para o vestibulo, e era confortador senti-la a seu lado. Ele olhou para seu perfil, viu-se invadido pela sensação de segurança de que para ambos ainda havia muita coisa boa à

frente. Talvez levasse um pouco de tempo na adaptação, mas, no fim, sabia que teriam um belo futuro juntos.

Lucy pensava: "Os sonhos tornam-se realidade; talvez aconteça isso com o meu — em breve".

A penumbra caía cedo na Patologia. Era o preço que pagavam por trabalhar no subsolo do hospital. Acendendo as luzes, David Coleman resolveu que um dos seus primeiros projetos seria mudar o departamento para um local melhor. O tempo em que os patologistas eram automaticamente relegados para os fundos do hospital estava terminado; luz e ar eram requisitos de que precisavam tanto quanto qualquer outro ramo da medicina.

Entrou no escritório de Patologia e encontrou Pearson sentado à sua mesa. O velho médico esvaziava as gavetas. Levantou os olhos quando Coleman entrou.

— É uma coisa engraçada — disse —, quanta porcaria se pode acumular em trinta e dois anos.

Por um momento Coleman observou-o. Depois disse:

— Sinto muito.

— Não há nada para sentir — respondeu Pearson grosseiramente. Fechou a última gaveta e colocou os papéis numa pasta. — Soube que conseguiu um novo emprego. Parabéns.

Coleman disse com sinceridade. — Gostaria que fosse de uma outra maneira.

— Muito tarde para se preocupar. — Fechou a pasta e olhou à sua volta. — Bem, acho que é tudo. Se achar mais alguma coisa, pode mandar-me, junto com o cheque de aposentadoria.

— Há uma coisa que quero dizer-lhe — falou Coleman.

Coleman falou cuidadosamente:

— A estudante de enfermagem, aquela que teve sua perna

amputada. Dissequei o membro esta manhã. O senhor estava certo. Eu estava errado. Era maligno. Sarcoma osteogênico, sem nenhuma dúvida.

O velho fez uma pausa. Dava a impressão de que seus pensamentos estavam longe.

— Fico feliz em não ter cometido um erro — disse lentamente —, nisso pelo menos.

Pegou seu sobretudo e dirigiu-se para a porta. Parecia que ia sair, mas virou-se. Quase timidamente, perguntou:

— Você se incomodaria se eu lhe desse um conselho?

Coleman sacudiu a cabeça.

— Seria um favor.

— Você é jovem — disse Pearson. — Cheio de pimenta e vinagre, e isso é bom. Você conhece seu ofício, também. Está atualizado; sabe coisas que eu nunca soube, e que agora nunca saberei. Ouça meu conselho e trate de conservar-se assim. Será duro conseguir; não tenha ilusões sobre isso. — Fez um gesto para a mesa que tinha esvaziado. — Você se sentará naquela cadeira e o telefone tocará, e será o administrador falando sobre orçamentos. No minuto seguinte alguém da equipe do laboratório vai querer se despedir; você terá de dar um jeito. E os médicos vão entrar e querer uma informação sobre isso e aquilo. — O velho sorriu levemente. — Então você atenderá um vendedor — um homem que tem um tubo de teste inquebrável e um bico de gás que não se apaga. E, quando acabar com ele, haverá outro e outro e mais outro. Até que, no fim do dia, você se perguntará o que aconteceu com o tempo e o que fez, o que realizou.

Pearson parou e Coleman esperou. Sentia que nas suas palavras o velho patologista estava revivendo uma parte de seu passado. E continuou:

— E assim se passará o dia seguinte e o outro, e o outro depois desse. Até que se dará conta de que um ano se foi, mais um, e mais

outro. E enquanto você estiver fazendo tudo isso mandará outras pessoas seguirem cursos para aprenderem o que há de novo na medicina — porque você não pode arrumar tempo para fazê-lo. E abandonará os estudos e as pesquisas; e porque trabalha demais durante o dia, estará tão cansado à noite que não terá coragem de ler seus livros de medicina. E então, de repente, um dia descobre que tudo que sabia está obsoleto. Quando é tarde demais para mudar.

A voz carregada de emoção vacilou. Pearson colocou a mão sobre o braço de Coleman. Disse, implorante:

— Ouça um velho que passou por isso e que fez o erro de ficar para trás. Não deixe que isso lhe aconteça. Se for necessário, tranque-se num armário! Fuja do telefone, dos arquivos e papéis, e leia e estude e escute e mantenha-se em dia. Assim nunca o atingirão, nunca dirão: "Está acabado, não vale mais nada; pertence ao passado!" Por que você saberá tanto quanto eles e até mais. Porque terá a experiência junto...

A voz sumiu e Pearson virou-se para sair.

— Tentarei lembrar-me — disse Coleman. Acrescentou gentilmente:

— Vou com o senhor até a porta.

Subiram as escadas da Patologia e no andar principal do hospital o alvoroço da atividade noturna estava começando. Uma enfermeira passou por eles apressadamente, levava uma bandeja de dieta, com o uniforme engomado fazendo ruge-ruge. Eles se afastaram para o lado para deixar passar uma cadeira de rodas; nela estava um senhor de meia-idade, com uma perna gessada e segurando um par de muletas como remos puxados para dentro de uma canoa. Um trio de enfermeiras passou — um empregado das Assistentes Femininas empurrava um carro com revistas. Um homem segurando um ramo de flores dirigia-se para os elevadores. Em algum lugar não-visível uma criança chorava. Era o mundo do hospital; um organismo vivo, um espelho de um mundo maior lá fora.

Pearson olhava a seu redor. Coleman pensou: "Trinta e dois anos, e está vendo tudo talvez pela última vez". Imaginou: "Como será

quando a minha própria vez chegar? Lembrar-me-ei deste momento daqui a trinta anos? Será que o compreenderei melhor?"

No sistema de alto-falantes, uma voz anunciou:

— Dr. David Coleman. Dr. Coleman, dirija-se ao andar da Cirurgia.

— Já começou — disse Pearson. — É para uma seção de congelamento; é melhor ir logo. — Estendeu a mão. — Boa sorte.

Coleman achou difícil falar. — Muito obrigado — disse. O velho cumprimentou e partiu.

— Boa noite, Dr. Pearson. Era uma das enfermeiras-chefes.

— Boa noite — respondeu Pearson.

Então, na saída, parou sob um letreiro "É proibido fumar" e acendeu um charuto.